

Jens Christian Grøndahl



*SILÊNCIO
EM OUTUBRO*

*Traduzido do dinamarquês por
Jorge Braga*

Forlaget Ørby

*SILÊNCIO
EM OUTUBRO*

JENS CHRISTAN GRØNDAHL

A presente edição deste romance, que em parte decorre em Portugal, é especialmente dedicada à colónia portuguesa na Dinamarca, como contributo para um melhor entendimento da cultura e literatura deste país.

Traduzido originalmente em 1999 segundo a primeira edição de „Tavsbed i Oktober“ (Rosinante 1996), revista com o autor em 1998. Editado pelas Edições ASA no Porto, Portugal, em Fevereiro do ano 2000. Tradução que sem prévia autorização do tradutor foi vendida pela ASA à Companhia das Letras no Brasil, que em 2004 a vandalizou publicando-a em brasileiro, tendo a ASA seguidamente retirado este original do mercado.

Tradução e layout: Jorge Braga.

Correcção de provas: António Sabler

Capa e contracapa : Antonio Sabler

EAN 978-87-89797-57-1

© Jens Christian Grøndahl 2016

© Forlaget Ørby 2016

© Antonio Sabler 2016

oerby.dk

Forlaget Ørby, Ringergården 9 1.tv. DK 2400 København NV

SILÊNCIO
EM OUTUBRO
JENS CHRISTIAN GRØNDAHL

NOTAS

- ¹ *Skærgaard* Arquipélago costeiro
- ² *Rådhuspladsen* Praça do Município
- ³ *Flyvebådene* Hidrofoils entre Copenhaga e Malmø
- ⁴ *Glyptotek* Museu da Fundação Carlsberg, no centro de Cph.
- ⁵ *Hammershøj, V.* Pintor dinamarquês (1864-1916)
- ⁶ *Søerne* Lagos entre Vesterbro e Østerbro
- ⁷ *Retsina* Vinho branco grego, afinado com resina
- ⁸ *Whisky belt* Zona chique a norte da cidade
- ⁹ *Tivoli* Famoso parque de diversões em Copenhaga
- ¹⁰ *Strøget* Artéria pedestre no centro da cidade
- ¹¹ *Runas* Caracteres do alfabeto teutónico
- ¹² *Kongens Have* Jardim público no bairro de Frederikstad
- ¹³ *Kongens Fald* “A Queda do Rei”, de Johannes V. Jensen
prémio Nobel da Literatura em 1944
- ¹⁴ *Ikast* Zona industrial na Jutlândia
- ¹⁵ *Nora e Helmer* personagens de “Casa de Bonecas”
peça de teatro de Henrik Ibsen

1

A Astrid na amurada, de costas para a cidade. O vento levanta-lhe o cabelo castanho como uma bandeira esfiapada. Está de óculos escuros e sorri. Há uma afinidade perfeita entre a cidade e o branco dos dentes dela nesta fotografia que tirei há sete anos, pela tarde, num dos pequenos cacilheiros do Tejo. Só à distância se percebe por que se chama “cidade branca” a Lisboa, quando as cores se misturam e as fachadas de azulejo se fundem em reflexos de sol; a luz baixa incide horizontalmente nas casas ao longe, que se erguem atrás umas das outras sobre o Terreiro do Paço, nas colinas do Bairro Alto e de Alfama, no outro lado do rio. Há um mês que partiu. Ainda não tive notícias dela. A única pista é o extracto do banco, que acusa os movimentos da nossa conta comum. Alugou um carro em Paris e usou o MasterCard na rota de Bordeaux, San Sebastian, Santiago de Compostela, Porto e Coimbra. A mesma rota que seguimos naquele Outono. Levantou uma grande soma em Lisboa a dezassete de Outubro, e deixou de usar o cartão. Não sei por onde pára. Nem posso saber. Tenho quarenta e quatro anos, e nunca soube tão pouco. Quanto mais velho fico, menos sei. Quando era novo julgava que a sabedoria cresceria com o tempo, dilatando-se constantemente como o universo, e que a parte crescente de certezas rejeitaria o correspondente montante reduzido das incertezas. Era de facto muito optimista. O tempo fez-me admitir que sei aproximadamente o mesmo, ou menos ainda do que sabia, sem as mesmas certezas de então. A minha dita experiência não é sinónima de qualquer sabedoria. É mais, como direi, uma espécie de caixa de ressonância, dentro da qual o pouco que sei soa oco e a pouco. Um crescente vazio à volta do meu pouco saber, quais sementes secas dentro de uma cabaça. A minha experiência é uma experiência de ignorância e do seu poço sem fundo; nunca saberei quanto me falta saber e quanto apenas se deve ao que acreditei.

Numa manhã de princípios de Outubro a Astrid disse-me que ia partir de viagem. Pintava os lábios debruçada sobre a sua imagem no espelho do lavatório. Já estava vestida, elegante como sempre, e de azul-marinho, como quase sempre. A sua elegância tem algo de comedido e discreto, preto, branco e azul marinho são as suas cores preferidas, sapatos sem tacão, de que não precisa. Depois olhou para mim pelo espelho, a ver o efeito. Ainda é bonita, e mais bonita ainda cada vez que reconheço não poder adivinhar o que pensa. Sempre me fascinou a simetria da cara dela. A simetria de um rosto não é um dado adquirido. A maioria é um pouco assimétrica, seja por causa do nariz, ou devido a um sinal de nascença, uma cicatriz ou pela curva divergente de uma ruga, que faz um lado diferente do outro. Cada face do rosto da Astrid é a imagem rebatida da outra face, para lá de um nariz rigorosamente vertical, cujo perfil descreve um arco perfeito e suave. O nariz tem algo de voluptuoso e arrogante. Os olhos verdes e entreabertos são afastados, mais do que na maior parte das pessoas. As maçãs do rosto e o queixo largo, salientes. Os lábios, carnudos e quase da mesma cor da pele, crispam-se quando sorri numa cumplicidade divertida, e umas rugas ainda jovens fazem leque aos cantos da boca e dos olhos. Sorri muito, mesmo quando aparentemente não há razão para isso. Quando a Astrid sorri é impossível distinguir a inteligência da espontaneidade com que à flor da pele reage às circunstâncias, à temperatura do ar, ao calor da luz e à frescura de uma sombra, como se nunca preferisse outro ao lugar àquele onde se encontra. Os anos começam discretamente a marcar-lhe o corpo, mas continua a mover-se com a mesma agilidade e leveza como quando nos vimos pela primeira vez, delgada e esbelta, não obstante haver dado à luz o segundo filho há mais de dezoito anos.

Eu já teria alertado a polícia se não tivesse recebido o extracto do banco, com a pista dos movimentos dela, mas a Astrid não quer ser procurada, pelo menos disso tenho a certeza. Não a devo

procurar. Perguntei-lhe para onde ia. Respondeu-me que ainda não sabia. Ficou parada frente ao espelho, como à espera de uma reacção. Como eu não disse nada, saiu. Ouvia-a falar ao telefone na sala, sem perceber o que dizia. Há algo de indolente e recostado na sua voz, que de vez em quando se quebra, como estivesse sempre um pouco rouca. Pouco depois ouvi-a bater a porta. Enquanto tomava um chuveiro vi um avião interceptar o sol matinal numa figura luminosa, que passou sobre os telhados das traseiras. Tive de limpar o espelho, que se embaciava, para não desaparecer no nevoeiro do outro lado, enquanto ensaboava a barba. É sempre o mesmo olhar desconfiado que encontro ali, parecendo querer dizer-me não ser quem eu julgo, aquele homem com a cara cheia de espuma. Tem um ar de Pai Natal triste e cansado, enquadrado nos azulejos portugueses que formam uma moldura florida em volta do espelho. Encontrou-os numa aldeia nebulosa perto de Sintra, aonde tínhamos chegado pelos túneis de árvores da estrada sinuosa, rogando eu pragas à lama que se me colara aos sapatos, enquanto ela, exigente e irresoluta, inspeccionava os motivos dos azulejos como se fossem muito diferentes uns dos outros e eu provava o vinho áspero que um lavrador com a camisola suja de palha me oferecera, tirado da pipa que levava na carroça puxada por um burro. À noite fizemos amor num hotel azul cujo papel de parede com barcos à vela, pássaros e folhas azuis, deram aos seus gemidos sufocados uma ressonância misteriosa que a fazia ao mesmo tempo próxima e distante. Quando saí da casa de banho ela já partira. A Rosa mudara mais ou menos para casa do seu novo namorado, e o Simon, esse andava de mota algures na Sardenha. Não devia tardar muito que ficássemos completamente sós, eu e a Astrid. Ainda não falámos muito sobre isso, talvez porque nenhum de nós se imagina bem como será. Era uma quietude diferente, e os nossos movimentos tinham uma cautela inédita. Dantes gozávamos a liberdade quando os miúdos, por uma ou outra razão, não estavam

em casa. As dependências da casa abriam-se agora como distâncias que se venciam, ou cresciam entre nós.

Todo um mundo de sons emudecera. Sons que os outros faziam e sons em que eu mesmo participava, e que durante anos me tinham envolto com os seus temas principais e secundários, variações de passos, de vozes, de risos, de choros e de gritos. Uma espécie de música sem fim, que nunca era bem a mesma, mas que não se modificara com o tempo, porque era a música, e não os seus instrumentos, o que eu ouvia. A música da nossa vida toda junta, não das palavras e dos movimentos isolados que a compunham. A nossa vida, que se repetia todos os dias e se transformava de ano para ano. Uma vida de noites em branco e fraldas mal cheirosas, triciclos, histórias para adormecer os meninos, urgências nos hospitais, festas de anos e vôos “charter”, árvores de natal e fatos de banho molhados, cartas de amor, desafios de futebol, tédio, zangas e reconciliações. Este mundo polifônico, atarefado e caótico continuou crescendo durante os primeiros anos, até que encheu tudo. Alastrou-se entre nós com todos os seus compromissos, planos e rotinas. Tínhamos ficado cada qual no seu lado deste nosso novo mundo, e havia períodos em que só conseguíamos acenar e gesticular no meio dessa confusa barulheira. À noite, depois de feitos todos os deveres, caíamos estafados diante do televisor, entregues ao telejornal, aos concursos e telenovelas, se bem que nenhum de nós jamais ousasse dizê-lo em voz alta, estou certo que ela também de vez em quando se punha a questão, até que ponto todas estas circunstâncias e precauções, todos os penosos e fúteis afazeres do quotidiano não estariam a ensombrar o que realmente seria o sentido de tudo isso. Só esporadicamente e muito mais tarde me ocorrera que talvez não se pudesse encontrar esse sentido nos momentos escolhidos que havia fotografado e colado no volumoso álbum de família, que o sentido de toda a nossa vida estava exactamente ligado à soma de repetidas trivial-

idades, à repetição em si mesma, ao próprio padrão dessas repetições. Entretanto apenas me apercebera dessa coesão pela repentina e passageira leveza que me enchia quando, estourado de cansaço, me detinha absorto com mais um prato na mão, entre a banca da cozinha e a máquina de lavar, ouvindo o riso dos miúdos algures no apartamento. Instantes casuais e isolados, em que me ocorria ser exactamente nesses momentos, a meio caminho de palavras e movimentos repetidos dos dias e das noites, que me encontrava no centro do que se tornara a minha vida, e que nunca chegaria mais perto desse centro.

Foi nesta quietude, no vazio em que o Simon e a Rosa nos iam deixando, que percebi. Os sons do apartamento tinham deixado de ser aquela música em que os instrumentos se fundiam na sua variável sonoridade. Agora destacavam-se em contraste com este silêncio de fundo, como sinais hesitantes, como quando me barbeava e deixava a água quente correr no lavatório da casa de banho e ouvia a Astrid responder-me da cozinha com o lamento prolongado da batedeira de sumos ou o bafo da máquina de café. Agora que finalmente nos podíamos ouvir um ao outro, não sabíamos bem o que dizer. Quando acordava ao lado dela e a observava adormecida, com a cara em repouso voltada para mim, os seus traços esquivavam-se às expressões e à mímica de humores que eu conhecia tão bem, podia quase ser outra, essa cara que tive à minha frente durante tantos anos. Eu conhecia-a tal como a vira milhares de dias e noites passados juntos; mas como seria ela, pelo seu lado, só para ela? Dantes brigávamos por tudo e por nada, quem devia fazer ou ter feito isto ou aquilo. Agora tínhamo-nos de repente tornado atenciosos, quase discretos um com o outro. Até na cama nos aproximávamos cuidadosamente, com uma ternura precavida. Já não era o mesmo intercâmbio sonâmbulo, cansado ou preguiçosamente íntimo, a mesma alternância de irrupções espontâneas e de paixão obstinada, com gemidos

abafados, não fôra acordar os miúdos. Quase como encontrarmos de novo pela primeira vez, como surpresos por ainda sermos nós. Já vivemos juntos há mais de dezoito anos, o Simon tinha seis na altura. Nunca estivemos a sós um com o outro mais do que um par de dias, uma semana no máximo, com excepção desse Outubro, há sete anos, quando atravessámos as Landes, as Astúrias, a Galiza e Trás-os-Montes.

A Astrid partiu no dia seguinte. Se ela ainda não tivesse saído quando eu finalmente deixei a casa de banho, talvez lhe tivesse perguntado porquê. Mas ao fim da tarde, quando finalmente chegou a casa e nos sentámos na cozinha a jantar como quando os miúdos não estavam em casa, já era tarde demais. Há perguntas que só se podem fazer em certas alturas, e, por vezes, só se tem uma única oportunidade. Se a pergunta não for a tempo, passa a oportunidade. Quando servi a comida e lhe enchi o copo de vinho já a viagem era um facto consumado, se bem que ela não tivesse sequer feito a mala e talvez nem mesmo soubesse ainda para onde iria. Só o pensar que ela ia partir suscitara-me durante o dia tantas e novas dúvidas, que o porquê da sua partida se tornara numa questão desproporcionada e demasiado drástica. Eu não lhe poderia fazer fosse que pergunta fosse sem que todas as outras questões viessem ao de cima do silêncio contido. Por uma ou outra razão, estava certo de que a cozinha ficaria em silêncio, se lhe fizesse perguntas. Eu não queria dar a entender que a frase dela pela manhã, ao recolher o *bâton* e inspeccionar rapidamente o rosto no espelho, que essa frase casual me impedira de escrever o artigo sobre Cézanne que já devia ter começado há uma semana, um artigo que eu julgava ter praticamente pronto. Não queria ficar ali como um puto de coração aos saltos, que timidamente dá largas à paranóia da sua ciuemeira. Nós éramos adultos, como se diz. Talvez durante o dia tivesse exagerado o meu desassossego, enquanto tentava concentrar-me na escrita. No fundo não havia nada de extraordinário

no facto de ela ter vontade de estar um pouco sozinha e mudar de ares, agora que o peso das obrigações não só aliviara como desaparecera mesmo, deixando-nos livres e a sós, um com o outro.

A Astrid telefonara ao fim da tarde da sala de montagem, dizendo que estava atrasada. Ouvia-se ao fundo a tagarelice vertiginosa de uma cena que ela passava rapidamente na mesa de montagem, como de um desenho animado. Depois de desligar recapitulei a nossa curta conversa palavra por palavra, repetidamente, em busca da mínima alteração na sua maneira de falar, mas tudo soara perfeitamente normal e inocente, nem mais formal nem menos meigo que de costume. Nem sequer quando nos sentámos na cozinha acontecera algo entre nós que fizesse aquela noite diferente de outra qualquer. Eu esperava que ela própria dissesse alguma coisa sobre os seus planos de viagem, mas era como se tivesse esquecido tudo a este respeito. Se é que não esperava que eu a interrompesse. Falava do filme que acabara de montar, e contava, com o seu habitual esboço de sorriso, como o jovem realizador, muito aplicado e nervoso, reagira ao ver os seus melhores *takes* desaparecerem na bobine dos rejeitados. O trabalho dela era de certo modo invisível. Tratava-se de tirar uma história coerente dos *takes* desarticulados que o realizador lhe trazia, o que só conseguia cortando a maior parte. Assim é com todas as histórias, com a minha também. Não posso guardar tudo, tenho que escolher entre as imagens que me restam e decidir-me por uma cronologia, o que tornará a minha história diferente da que a Astrid poderia contar, mesmo que pretendesse ser a mesma. Enquanto ela falava, eu estava alerta à mínima expressão. Era a mesma cara de sempre. Com grandes intervalos, ao longo dos anos, eu reparava numa branca que não vira dantes ou numa ruga que se tornara mais nítida; mas eram não obstante os mesmos olhos que encontravam os meus através de tudo o que se passara entre nós, a mesma boca que me dizia algo através de tudo o que fôra dito entre nós, e

depois esquecido ou recordado. Mais tarde deitei-me sem sono, tentando recapitular as últimas semanas e meses, à procura de uma expressão, de um gesto ou de um aparte que pudesse explicar o que talvez não fosse mistério nenhum. Mas não acontecera mesmo nada, ou eu não reparara nisso. Estarei a ficar assim tão distraído? Acho que sim. Esqueço-me, os dias parecem não se distinguir bem uns dos outros, misturam-se, transformam-se no mesmo poço de tempo em que o céu cada dia se espelha de novo. Passava-se o mesmo quase todos os dias. Ela saía de manhã, eu sentava-me à minha secretária e olhava ao longo dos lagos para a fila de árvores cujo renque verde e sussurrante dia a dia se transformava imperceptivelmente numa grade retorcida de ramos nus e restos de folhagem seca ao longo da água calma e brilhante dos *Søerne*. Ela chegava a casa, deitava-se no sofá enquanto eu fazia o jantar, comíamos, víamos televisão ou líamos, e íamos para a cama. A única diferença era o silêncio, depois de o Simon se ter ido embora e as visitas da Rosa serem cada vez mais raras. E a consciência de quebrarmos esse silêncio ao dizer algo um ao outro, de não contribuímos simplesmente para a continuação da mesma história, como dantes. Por mais de uma vez detive-me no trajecto entre dois quartos para por uma porta entreaberta a ver sentada no sofá lendo o jornal, com as pernas recolhidas, arranhando o estofado com a unha, ou de pé, à janela, olhando para as fachadas do outro lado do lago, como se tivesse reparado em qualquer coisa ou esperasse que algo acontecesse. Quando a observava assim, sem ela saber, aparentemente mergulhada numa visão ou absorta num pensamento, ela podia de repente desviar os olhos do horizonte ou levantá-los do jornal para encontrar os meus, como se o tivesse sentido na cara como uma carícia leve, e apressava-me logo a dizer algo de casual e prático, abafando assim as mudas interrogações do momento.

Deitado, sentia a calma respiração dela e o ruído do trânsito,

ao longe. Julgava que ela já adormecera, quando ouvi a sua voz no escuro. Talvez se admirasse de eu não lhe ter feito perguntas, na cozinha. Talvez esperasse que eu tentasse impedi-la de partir. Continuou deitada de costas para mim, a sua voz era calma e neutra. Podia levar uns tempos. Quanto tempo? Não sabia. Pousei-lhe a mão na anca, sob o edredão, ela não reagiu. Ao acariciar-lhe a nádega, pensei que a minha pergunta soara como se eu soubesse do que se tratava. Perguntei-lhe se ia sozinha, mas não respondeu. Talvez já dormisse. Quando acordei vi-a à porta do quarto, de casaco. Continuou a olhar-me como se lesse na minha cara uma mensagem que me era desconhecida. E levantou a mala. Segui-a até às escadas, mas não se voltou. Eu não entendia a minha própria atitude, deixando-a partir assim, sem mais nem menos. É claro que as minhas apreensões não me davam direito a qualquer explicação. Os direitos que tínhamos sobre o outro haviam-se diluído gradualmente, à medida que os miúdos deixavam de precisar de nós. Mas podia ter perguntado, e ter-lhe dado a possibilidade de responder o que quisesse. Ela lançara a sua decisão de partir tão inopinada e trivialmente, frente ao espelho da casa de banho, como se tratasse de ir ao cinema ou de visitar uma amiga; e eu deixara-me seduzir pela autenticidade do seu tom de voz. Mais tarde, na cama, quando julguei que já dormia, surgira uma distância na sua voz, como se já tivesse partido e me telefonasse de uma cidade do outro lado do mundo. Como se o tom notificador fosse para me dizer que a deixasse em paz. Por outro lado, a resposta dela, no escuro, podia ter sido uma abertura que só agora, demasiado tarde, eu me apercebia se haver gorado. Acontecia frequentemente ter de lhe arrancar as palavras uma a uma, com grandes pausas, quando o seu silêncio e olhar distante me alarmavam, revelando estar triste ou sentida. Era um luxo a que a habituara, um ritual certo em que eu tinha o meu papel, a santa paciência do humilde inquiridor, um tom e mímica que eu conhecia de cor, no rebordo da cadeira ou

debruçado sobre as costas que ela me virava, murmurando-lhe as minhas preces de indulgência. À porta do nosso quarto, esperando que eu acordasse, no longo instante em que estivemos face a face, ela de casaco, eu em pijama, talvez me tivesse dado uma última hipótese de protesto, de a reter, de a confrontar com a minha aflição e ciúmes latentes. Mas eu ficara paralizado pela imobilidade do seu olhar, enquanto pairou sobre o meu. Não sabia porquê, mas o seu ar meditativo que me parecia chegar de um lugar distante, desconhecido e inatingível, dizia-me que não havia nada a fazer.

Enquanto tomava o meu café à janela da cozinha, como de costume contemplando absorto os pormenores da alvenaria defronte, abordei de leve o pensamento que cautelosamente evitara durante as últimas vinte e quatro horas. Enquanto ela provavelmente seguia sentada num avião ou num comboio, e eu uma vez mais observava a alternância das juntas dos tijolos da parede do vizinho, assim como o seu matiz vermelho acastanhado, tive de pôr a questão se ela ia sozinha nessa cabina de avião ou nessa carruagem de comboio. Ou se na realidade ela seguia no carro de alguém, ao lado de um motorista desconhecido, algures na auto-estrada a sul de Copenhaga. Tranquelizei-me pensando que ela mo teria dito, se tivesse um amante. Só que a palavra nos faria sorrir a ambos. E nesse caso, ela teria decerto procurado inventar um motivo para a viagem. Tanto quanto sabia, nunca me fôra infiel. Tanto quanto sabia. Eu pelo menos nunca tivera ciúmes, o que não é garantia de coisa nenhuma, à parte a minha presunção. Se de facto ela tinha tido aventuras durante os dezoito anos que partilhámos, então era uma impostora muito mais requintada e fingida do que eu podia imaginar. Calava-se enigmaticamente quando eu tentava saber o que a preocupava, mas não conseguia esconder os seus humores. A ideia de que ela poderia ter uma vida secreta, paralela à nossa, era tão ameaçadora como insidiosa, pois toldava tudo o que eu durante anos julguei claro e bem definido.

Eu costumava ausentar-me umas vezes por ano, em viagens de trabalho, e ela pudera de facto ter tido bastantes oportunidades de se lançar numa ou noutra aventura. Quando eu regressava e fazíamos amor impetuosamente como nos primeiros anos, talvez que a sua exuberante alegria mais que uma vez tivesse sido uma compensação, talvez o seu desejo reaceso tivesse tido tanto de disfarce como de má consciência. Tentei imaginá-la na cama com outro homem, de cara afogueada, virando-se de um lado para o outro, o corpo estranho de um homem debruçado sobre o dela, preso entre os seus joelhos, e até vi esse quarto desconhecido. Há muitos anos, após termos começado a viver juntos, disse-me que se algum dia lhe fosse infiel, o não fizesse na nossa cama; e estava certo de que, pela sua parte, respeitaria esse código. Imaginava-a deitada num quarto desconhecido, para o qual inventei os móveis, os quadros na parede e a vista para a rua, algures na cidade, através dos estores descidos, mas não conseguia enxergar os traços do estranho e apercebi-me então que este exercício de ciúmes era um beco sem saída, uma armadilha. Pensando bem, a nossa vida em comum era de tão longa data, que uma aventura fortuita não deveria constituir ameaça alguma, nem a Astrid devia jamais ter seriamente considerado deitar-se com mais ninguém do que comigo. A ideia parecia-me absurda, e se de facto tivera uma aventura, era com ela, não me dizia respeito se nada alterasse entre nós. Só que era exactamente isso o que na véspera me preocupara na casa de banho, esse mal-estar, que depois aumentara no escuro do nosso quarto, assim como há umas horas, enquanto ela me observava em silêncio no limiar da porta, antes de pegar na mala e sair: a sensação cada vez mais nítida de que a sua repentina e misteriosa partida — amante secreto, ou não — abalava toda a nossa vida. Pus a chávena na máquina de lavar a louça e fui para o meu quarto de trabalho. Tinha de conciliar as minhas dúvidas, para já pelo menos, de aprender a viver na incerteza, sem tentar remendar os buracos do

meu bom-senso com fantasias coloridas. Isto ia levar uns tempos. E era tudo o que eu sabia, tudo o que ela me dissera. Como as semanas passaram sem notícias, já não interpreto o que me disse como uma ameaça, antes como uma tentativa de me sossegar. Devia saber o que fazia, ao dizer isso, e talvez mo dissesse exactamente para que eu não perdesse a cabeça e a procurasse recorrendo à polícia. Qual será o seu propósito? Como poderei imaginar a extensão do que desconheço? Folheei ao acaso os meus apontamentos e segui a esteira em V dos patos na superfície luminosa da água, assim como os vultos que corriam e desapareciam entre os troncos escuros das árvores ao longo da margem. Achei de repente que não tinha nada a acrescentar sobre Cézanne. De facto, já estava dito o que havia a dizer sobre ele, sem a minha ajuda. Eu contara acabar o artigo e enviá-lo antes de partir para Nova York, mas já faltava menos de uma semana, e nem sequer metade tinha escrito. A viagem fôra marcada há umas semanas. Nestes últimos anos tenho escrito uns estudos sobre pintores americanos, e havia especialmente uma retrospectiva de Edward Hopper no Museu Whitney que não queria perder. Agora nem sequer sabia, se havia de ir ou não. A partida inesperada de Astrid tinha-me paralisado. Não conseguia pensar noutra coisa senão na sua decisão misteriosa, tão misteriosa como a expressão decidida com que, de pé, à porta do quarto, me olhara antes de partir. Senti-me desmascarado, ali, ensonado e mudo, no meu pijama amarrotado, sem a mínima ideia do que ela teria visto com aquele seu olhar penetrante, por sua vez impenetrável e recôndito. Senti como os seus olhos tinham acertado num fundo muito cá dentro, iluminando durante alguns segundos um sítio em mim que nem eu conhecia, ou porque tivesse permanecido no escuro e bem esquecido demasiado tempo, ou porque ela nesse instante me tivesse conhecido melhor que ninguém. Ainda não encontrei palavras que me possam abrir esse olhar, um olhar do outro lado das palavras, e

quando ela descia as escadas e eu ficara ouvindo os seus passos, já nessa altura tivera a consciência de que aqueles segundos em que ficámos calados frente um ao outro, à porta do quarto onde dormimos juntos durante tantos anos, esses segundos iriam sempre voltar. Mas também sabia que ela não se apressaria a regressar só por eu ficar em casa velando a sua ausência. Que eu andasse às voltas no apartamento, aqui ou em Manhattan, ia dar no mesmo, aquele olhar à porta seguir-me-ia por toda a parte.

Tentei recompor-me e concentrar-me sobre Cézanne. As minhas notas dispersas e improvisadas pareciam-me agora pretensiosas e fúteis. Uma delas tratava de uma observação que eu fizera há uns anos. Nunca soubera que fazer dela, pois introduzia um elemento psicológico inquietante na simples meditação estética sobre o método do pintor. A observação tinha a ver com um dos seus quadros representando umas banhistas, que de facto nem sequer tomam banho, mas vêm do rio e estão de pé ou deitadas na relva, nuas, exuberantes e em calma absoluta, jazendo em toda a sua sensualidade, moldando-se ao movimento do olhar entre os seus corpos, ramos entrelaçados e folhagem em primeiro plano, até ao rio e à outra margem ao longe. E ali, no meio do quadro, do outro lado do rio, Cézanne colocou duas pequenas figuras indistintas, quase invisíveis na abstracção do colorido vago, um homem de pé, na margem, e um cão sentado a seu lado. Ele está a distância tal que não tem rosto, mas não há a mínima dúvida de que olha para a margem oposta, face a face ao observador do quadro vencendo o espaço criado pela imagem, e são naturalmente as mulheres que lhe chamam a atenção, a imperturbável nudez delas que ele espia na companhia do cão. O pequeno e indistinto indivíduo imita o olhar do observador, que se reflecte na superfície do quadro, de forma que, no silêncio do museu, se tem por um instante uma inexplicável e vaga sensação de embaraço, como se o olhar, sem distinguir entre corpos e vegetação se deixasse levar

pela fragmentação abstracta da cor, como se este passivo e prosaico olhar fosse um toque de mão disfarçado e anónimo, ao de leve, nos peitos e coxas das mulheres, que de nada se apercebem.

Quando ouvi o telefone pensei que fosse a Astrid, mas era a Rosa, perguntando a que horas deviam vir. Esquecera-me por completo de que na semana anterior os havíamos convidado para jantar, a ela e ao namorado. Pareceu-me muito solícita, como um autêntico convidado, e não como a exigente e impaciente miúda a quem eu invariavelmente tinha servido papas de aveia, salsichas, ou extravagantes receitas indonésias. Tentei escrever umas páginas sobre o *voyeur* discreto de Cézanne, e pensava nas entrelinhas como explicar a ausência da Astrid. Mas previra aparentemente a situação, pois durante o primeiro prato, franzindo os olhos mordazmente, a Rosa dizia que a Astrid nesse momento devia estar na *Skærgaard* com a Gunilla desmembrando-me tão aplicadamente como aos dez quilos de marisco que certamente teriam para jantar. Os olhos da Rosa são já de si estreitos e gaiteiros como os da mãe, e os cantos da boca franzem-se como os da Astrid, de uma maneira muito sensual, às vezes quase maliciosa, ao sorrir como então, perante a minha expressão embatucada. Desculpei-me por não ter servido uma entrada de lagostins, o que a divertiu a ponto de me fazer uma festa indulgente na cara, à laia de conforto. A Gunilla é psiquiatra de crianças em Estocolmo, lésbica, cabelo tingido de ruivo, ou quase, e nunca simpatizei com ela, nem com os seus enormes vestidos com motivos estampados, nem com a sua ilha holística na *Skærgaard* sueca, com latrina, lâmpadas a petróleo e bocados de âmbar tão grandes como pedras de calçada, não obstante conhecer a Astrid desde o tempo do pai do Simon, ou talvez exactamente por isso. Depois da Rosa e do namorado se irem embora encontrei o número de telefone da Gunilla em Estocolmo; talvez a Astrid tivesse de facto ido ter com a sua velha amiga, e, sabendo que eu não podia com ela, por isso mesmo não

me tivesse dito para onde ia. Não conseguia decidir até que ponto essa hipótese me daria sossego, e fiquei de facto tão aliviado quanto a Gunilla ficou admirada com o meu telefonema. Acho mesmo que registei uma ponta de sarcasmo na sua voz. Era nítido que ela nem sequer sabia que a Astrid partira, não obstante se telefonarem duas vezes por semana, no mínimo, e nunca por menos de uma hora.

O novo namorado da Rosa era pelo menos cinco anos mais velho do que ela. Ficara muito calado durante todo o jantar. E se bem que até essa altura só nos tivéssemos encontrado uma única vez, eu não tinha a certeza que o seu silêncio e as bruscas frases mínimas que o mobilavam apenas fossem sintomas de acanhamento, e não de profundo desprezo. Ele era um destes jovens de cabelo cortado à escovinha que, tal equipa de funcionários da limpeza, se prontificam a acelerar a queda do império, para que se expurquem todos os velhos trastes civilizados. A aversão cultural tinha-se nele alastrado a tudo, talvez exceptuando a Rosa, cuja nuca ele de vez em quando acariciava com um gesto que mais parecia de estrangulamento, pregando em mim os seus olhinhos de fuinha. Além da minha filha, notava-se pelo sorver que o meu gaspacho também lhe caíra no gotto. A Rosa mostrara-lhe a casa antes do jantar, até o meu quarto de trabalho, com aquele cândido à-vontade pelas fronteiras territoriais típico de uma filha educada com amor; mas a minha série de gravuras de Giacometti e as monografias de Cézanne sobre a mesa só lhe haviam merecido um sorriso desdenhoso. A Rosa dissera-me que ele era artista, e eu não soube se devia ficar contente, se preocupado, com o entusiasmo patente nos olhos dela. Ao que eu sabia, fazia sobretudo “instalações” e estava associado a uma exposição que fizera furor, pelos fetos humanos conservados em âmbar artificial azul magenta, flanqueados por uma parede de monitores de vídeo onde passava um filme pornográfico alemão protagonizado por uma menor

tailandesa, em câmara lenta. Enquanto me ajudava a encher a máquina de lavar a louça, a Rosa queixava-se de eu não ter sido mais conversador, e disse-me num tom de voz ressentido que ele até lera o meu estudo sobre Jackson Pollock e gostaria de o discutir comigo. O telefone tocou antes que me pudesse defender, e ela foi ter com o artista, que entretanto se instalara na sala de estar. Eu ouvia-os beijarem-se lá dentro, e o corredor até é comprido. Mas foram abafados pelo tagarelar atroador da minha mãe.

A minha mãe é o que se chama uma mulher opípara. Tudo nela é opíparo, quase tropical. Perguntou se podia falar com a minha encantadora mulher. Diz sempre assim, não se cansa de o dizer, já vai para dezoito anos. Respondi que a Astrid fôra ver a amiga sueca em Estocolmo. Perguntou se as lanternas estavam às avessas. Está sempre a usar estas expressões, e pergunto-me a mim mesmo se teriam soado menos afectadas quando ela era nova. Após tantos anos de convívio, não só me surpreende com o seu excepcional faro para “o caldo entornado”, como ela diz, mas também com a sua assustadora falta de pudor ao trespassar todos os meus limites territoriais, fazendo cú-cú ao meter o bico na minha vida privada. Tenho a certeza de que se a convidasse a acampar aos pés da nossa cama poria a sua curiosidade à prova. Ao contrário do que se poderia supor, a Astrid gosta dela, e continua a achar piada à torrente de postais e cartas que a sua incansável sogra nos manda quando sai em digressão pela província. A sua urgência em comunicar é insaciável, e só pára quando já não há mais papel de carta no hotel. As cartas tratam sempre dela, naturalmente, assim como do seu estado de espírito, que precisamente nessa altura se encontra numa evolução arrebatadora, como um desabamento de terras, onde ela vê tudo a uma nova luz. Isso acontece quase todos os meses. É actriz de teatro, e não obstante distar uma geração de uma Ofélia ou de uma Menina Júlia, fez sempre o papel da gatinha travessa que de facto foi. Telefonava para nos lembrar a estreia para que

já nos convidara sete vezes, uma peça que um jovem dramaturgo escrevera especialmente para ela. Esperava ver-nos aos dois. O seu tom de voz não deixava a mínima dúvida de que tinha percebido tudo, e surpreendi-me desejando que me dissesse o que pensava, mas já se lançara numa longa história sobre o seu “bom amigo”, como ela chamava a um realizador de ópera quase decrépito, com problemas de próstata e lenço de seda ao pescoço. Sempre me admirei por a Astrid a suportar e aceitar ser a minha “encantadora mulher”; mas limita-se a sorrir, condescendentemente, como se não fosse com ela. A Astrid é de facto muito condescendente, as asneiras não lhe pegam, derrapam no seu sorriso amável, enquanto fala com os seus botões.

A minha orelha ficara quente e corada como de costume, quando pousei o auscultador. A Rosa e o seu artista instalador saíram logo a seguir. Gostaria de ter falado um pouco mais com ela, pois havia muito que tal não acontecia. Mas à medida que a jovem e graciosa mulher se revelava e libertava da enérgica falta de jeito infantil, ela afastava-se às arrecuas da nossa velha intimidade. Dantes fazia-me perguntas sobre tudo, para que eu sempre tinha respostas. Eu falara, e falara muito, antes de ela saber dizer fosse o que fosse, ou mesmo perceber o que eu lhe dizia, mas desde os dez anos ela tomara a palavra e, sem se deixar interromper, contava-me obstinadamente o mundo tal como o via e aprendia, como se tivesse continuamente de repetir o seu crescente saber, para nada esquecer. Ainda dava para nos sentarmos a um canto e segredarmos, mas eu sentia as minhas perguntas ficarem no ar, no limiar de um espaço novo e desconhecido a que não tinha acesso, e lembrava-me então da minha mãe, das suas inquirições sem escrúpulos, e calava-me. Se eu tentava instruí-la sobre os perigos da vida adulta, limitava-se a sorrir pacientemente, escutando-me até ao fim. Tinha de me contentar em observá-la à distância, secretamente comovido, entre alegre e triste à vista da sua beleza temerária e vulnerável,

que ninguém ainda tivera ensejo de estragar. Por vezes quase não a reconhecia, quando a via sentada num círculo de jovens da mesma idade, falando e rindo, desconhecendo que a observava; e se de repente se voltava e me sorria com uns olhos e uma boca que eram tanto da Astrid como dela própria, então tinha de admitir que sabia cada vez menos o que se passava por detrás dos seus olhos verdes. Trazia-me à ideia o que um dos meus amigos de idade me dissera, quando os seus filhos saíram de casa. Que os filhos conhecem melhor os pais do que os pais conhecem os filhos.

Quando fiquei de novo sozinho pus-me às voltas pelo apartamento. Não sabia se me parecia maior ou menor do que de costume. Levantei a mesa, arrumei as coisas, não demorou muito. Ficara tudo quieto outra vez, mas não era o nosso silêncio normal, o meu e o da Astrid, que qualquer de nós poderia quebrar de um momento para o outro. Era um silêncio hermético, que se fechava sobre mim após qualquer dos meus ruídos, após cada carro que passava lá em baixo, na marginal, ao longo dos *Søerne*. Pensei em ler, mas ficou pela intenção. Em lugar disso pus um disco, um dos meus antigos Coltrane, dos que a Astrid não suporta, mas nem a cascata de tons do trompetista nem os acordes estridentes de McCoy Tyner produzem mais do que eco mecânico, vazio e crepitante, de uma tarde num estúdio de Manhattan, há muitos anos atrás. Não sabia que fazer de mim, nesta primeira noite sem a Astrid. Andei para trás e para a frente ouvindo o ruído dos meus passos e o ranger do soalho. A certa altura dei comigo na entrada, já de sobretudo, ia dar uma volta e tomar talvez um copo num sítio qualquer, para escapar ao silêncio da casa e à sensação de estar preso dentro de mim mesmo. Mas esquecera-me dos cigarros e, ao atravessar o corredor a caminho da cozinha, lembrei-me de que a Astrid podia telefonar. E não fui a parte nenhuma. Sentei-me no sofá e fiz a montagem do meu próprio filme absurdo, fazendo desfilar canais da televisão entre *talk-shows*, torneios de golfe,

perseguições de automóvel e fauna tropical. Deixei o televisor aceso enquanto ia e vinha, talvez para não ser o único em acção e a produzir ruídos no meio da inerte quietude das coisas e da mobília. Era a primeira vez em dezoito anos que não sabia mais ou menos quando ela chegaria a casa, ou mesmo se jamais voltaria. Tivemos naturalmente zangas, como toda a gente, mas nunca grande coisa, e de pouca dura. Nunca nos deitámos sem nos havermos reconciliado primeiro, e rido de nós próprios. A nossa casa nunca fôra palco de nenhuma dessas cenas conjugais em que um se põe à janela, de costas para o outro, sentado na ribalta, a fazer de conta que lê um jornal. Durante todo o tempo que fomos uma família, e agora que os miúdos começavam a retirar-se da arena às arrecuas, tínhamo-nos movimentado numa coreografia ora febril, ora calma, mas sempre flexível, em que nos encontrávamos, nos separávamos e nos encontrávamos de novo no decorrer dos dias. Todas as agitadas manhãs, ao mandarmos os miúdos para a escola, e todos os fins de tarde, ao fazermos o jantar, foram repetições mais ou menos elegantes e infimamente variadas do mesmo bailado, em que andávamos à volta uns dos outros com a sensação intuitiva dos movimentos de cada um. Mesmo quando ficámos mais sós continuávamos a antecipar os movimentos do outro, compensando mutuamente esquecimentos ou acessos de distração — quer fosse mudar uma lâmpada fundida, ou apanhar no ar uma chávena em queda livre, antes de se estilhaçar no chão. Os nossos corpos conheciam-se de cor e sabiam sincronizar-se ao mesmo ritmo, na rua como na cama, até quando nos virávamos para dormir e ajustávamos joelhos e cotovelos.

Olhei em volta para as coisas e para a mobília da sala. A maior parte escolhida e comprada por ela, segundo o seu gosto resoluto e imprevisível. Surpreendeu-me muitas vezes, chegando a casa com um candeeiro, um bule ou um vaso que nunca imaginara serem do seu agrado, mas mesmo os seus mais excêntricos achados

ganhavam rapidamente lugar próprio como complementos lógicos no universo doméstico dos objectos familiares. Os pormenores da decoração não eram apenas ornamentos na moldura da nossa vida conjugal, mas também vestígios dos repentes e manias tão característicos da sua personalidade, como a sua voz arrastada e rouca, ou o seu andar de penalta ainda um pouco adolescente. Tudo na sala tinha o seu sítio certo, mas tal como eu agora via as coisas, tudo recusava a intimidade do meu olhar. O tapete vermelho escuro que compráramos em Istambul tornara-se de repente num tapete qualquer; as gravuras japonesas com o Fujiama no horizonte de um oceano azul esverdeado já não eram a familiar paisagem dos meus sonhos, mas imagens fúteis de um mundo estranho e adverso; a escrivaninha cor-de-mel que a Astrid herdara da tia parecia-me agora monstruosa, embora a sua forma e os veios da madeira envernizada continuassem gravados na minha memória tão nítidos como a boca e os olhos da Astrid. Nada na sala obstava a que ela abrisse a porta de um momento para o outro, indo direita ao sofá com o seu jornal, e eu sabia exactamente em que canto se sentaria de pernas recolhidas, muito erecta, com a cabeça um pouco de lado, lendo e passando pensativamente a palma da mão pela garganta. Fiquei de pé à porta do nosso quarto, no mesmo sítio que ela pela manhã. O meu edredão estava como uma trouxa mal amanhada, ao lado do dela, dobrado ao comprido, fofo e liso. O meu travesseiro estava amachucado contra a parede, o dela arqueava-se sem uma prega, sem a cavidade que a sua cabeça costumava deixar. Ela dera-se ao trabalho de arrumar o seu lado da cama, como se tivesse querido apagar a sua pista antes de se vestir e pôr-se à porta observando a minha cara adormecida, que de nada suspeitava. Mas esquecera-se de fechar a porta do armário. Não devia ter levado muito consigo, pois quase toda a sua roupa continuava pendurada nas cruzetas, e à vista dos seus vestidos e casacos inanimados fui como atingido por um golpe inesperado,

como se ela tivesse morrido e agora só restassem as roupas e as suas coisas. As escovas no pequeno toucador com alguns cabelos castanhos, longos e enredados. A caixinha chinesa decorada com garças reais e juncos dourados, onde guardava as suas jóias. As fileiras de sapatos, cujos mais antigos têm a marca escura do seu calcanhar. Muito embora a sua roupa e outras coisas sejam o testemunho do seu gosto muito pessoal, com todos os seus caprichos, pareciam estranhamente anónimas, agora que ela as deixara entregues a si mesmas, neste quarto silencioso. Quanto mais fui sabendo sobre ela, melhor fui julgando conhecê-la, apesar de o contrário poder muito bem acontecer. Porque quanto mais sabia, mais me faltava saber. Uma ideia sem fundo. Não me lembrava de quando deixara de me interrogar sobre o seu lado secreto, quando me habituara a ela tal como era com os miúdos e comigo. Não podia saber se ela de facto escondia algo de mim, se alguma vez o fizera, ou se também escondia algo de si própria. Talvez também se tivesse habituado a ser aquela que eu julgava que fosse.

Pela primeira vez desde há muito sentei-me com o volumoso álbum em que durante anos colara fotografias, as imagens da nossa vida. As mais antigas desbotaram entretanto. A Astrid com as maçãs do rosto jovens e rechonchudas a dar o peito à Rosa. O corpo roliço e bamboleante da Rosa na praia, no Verão. Simon a fazer de pescador, a braços com um bacalhau mais ou menos do tamanho dele. A Astrid com um gorro de pele posando com os miúdos e um boneco de neve meio torto e de aspecto melancólico. A Astrid nesse Outono de há sete anos, em Trás-os-Montes frente a um vale dourado; ao sol da tarde no meio do Tejo, à amurada do cacilheiro, com os seus dentes brancos, o cabelo ao vento e de óculos escuros cintilantes, em frente às casas que se erguem umas atrás das outras nas colinas do Bairro Alto e de Alfama. Eu apareço raramente nas fotografias, a maior parte fui eu que tirei, e pensei às

vezes que de certo modo era a minha própria ausência que fotografava, como quando a bordo num avião, de novo a caminho de um sítio qualquer, me imaginava o que eles fariam lá em casa. A Rosa no relvado frente ao mar, nua, ao sol, de barriga empinada, olhos esbugalhados, um dedo no orifício da mangueira, cuja água refracta a luz à volta dela num arco íris radioso, como a cauda de um pavão. O Simon de rosto colado ao soalho e um olhar que se perde no cosmos microscópico do trânsito automóvel, como um meigo e solitário Gulliver a sonhar que houvesse lugar para ele nos pequenos assentos vazios da sua fantasia. Passou tudo de repente, os miúdos haviam crescido num ápice, e nem as fotografias conseguem parar o tempo. Pelo contrário, revelam há quantos anos o Simon brincara com os seus carrinhos e a Rosa brincara com a água. Mas ainda bem que as tirei, se bem que por vezes me tivesse sentido acanhado ao pôr-me de cócoras de máquina em punho. Como se invadisse e lhes estragasse a concentração ou alegria espontânea onde se esqueciam de si próprios, e que eu queria reter. Nem sei que fotografias me põem mais melancólico, se quando os miúdos não se apercebem do fotógrafo, julgando-se sós, se aquelas em que estão absolutamente presentes, riem e olham para a máquina, encontrando o meu olhar. Nas primeiras, é como se eu não existisse, nas outras não é para mim que riem, mas para a maquina atrás da qual me escondia. Penso que às vezes se fotografa em lugar de olhar, que no ardor de parar o tempo e guardar o que se viu nos esquecemos de ver. Fica-se ausente nas fotografias que se tira, não só porque somos nós próprios a tirá-las, mas também por traímos os instantes que queríamos salvar do esquecimento. Antes de focarmos já se tornou outra imagem, um momento diferente. A Astrid quase nunca tirava fotografias, deixava isso ao meu cuidado, e eu depois tinha sempre a sensação de ter ficado de fora. Nas fotografias, fica sempre em completa harmonia com o momento que escolhi entre todos os outros do tempo

avassalador, e que pus no álbum volumoso, como as flores que a Rosa secava entre folhas de papel e colava numa sebenta. Pedacos murchos da nossa vida, em que a Astrid soterra a Rosa na areia só lhe deixando a cabeça de fora, ou pinta a cara de Simon nesse Carnaval em que ele foi índio, enquanto eu os espio pela objectiva, à distância, como um detective enamorado.

Uma das fotografias mostra a Astrid à varanda, a parede da fachada ainda na sombra, numa manhãzinha de Verão. Está só, de pé, encostada à parede de tijolo que no ponto de fuga da perspectiva se encontra com a fileira das árvores em baixo. Olha para qualquer coisa fora de campo, não sei o quê, como que surpreendida entre dois segundos, entre um pensamento e o próximo. Uma surpresa retida, admirada talvez pelos anos que tão depressa renderam os outros, talvez pela forma que a sua vida tomou, como se tudo tivesse acontecido numa distração, como agora, ocupada em seguir o voo de um pássaro que desaparecia, a transformação de uma nuvem, o encrespado ligeiro de uma brisa na superfície luminosa e palpitante do lago, ou as folhas das árvores que ora viravam o lado brilhante escuro, ora as costas baças, claras, ao vento e à luz. Se estava desapontada, não saberia certamente dizer por quê, mas a felicidade tem talvez para ela um vago sabor a traição, de uma maneira ou doutra. Mesmo se não sabe, nem ainda procurou saber, se foi a vida que a traiu, ou vice versa. A vida. Mas será que se pode falar assim da vida? De uma vida que seja exclusivamente dela? De uma vida que se possa dissociar das outras, da do rapaz, da rapariga, do homem? Tão pouco como nem ela nem os outros, com os anos, se poderão imaginar de maneira diversa da que os anos lhes permitem ver os outros ou a si próprios, ao espelho, a sós. Eles são a vida dela, e ela é a deles. Foi o acaso, ou o destino, que a formou assim? Quando é que um rendeu o outro? Quando é que ela deixou de ver a diferença? Quando é que passou a ser ao mesmo tempo demasiado fácil e demasiado difícil, de importância absoluta e no

fundo sem sentido nenhum perguntar-se a si própria se de facto amava ou não este homem que a observa pelo pequeno buraco da objectiva? Como quando o mais pequeno pergunta aonde é que acaba o céu.

Sentei-me à janela que dá para os lagos sem acender a luz da escrivaninha. A copa das árvores, o espelho de água e a fila de casas na outra margem fundiam-se no escuro, apenas as janelas iluminadas se distinguiam entre as árvores como um mosaico amarelo extenso e desalinhado. Faltava aqui e ali uma pedra no mosaico, noutros sítios as pedras pareciam rachadas quando os ramos escuros em primeiro plano interceptavam o quadrado de luz distante. As janelas acesas espelhavam-se vagamente no negrume da água, cuja superfície arrepiada fazia tremer os reflexos. Tal como eu via do meu posto as filas de janelas iluminadas do outro lado do lago, parecia-me de repente inconcebível que atrás das fachadas escuras dessas casas de bonecas vivessem desconhecidos, cada qual a sua vida, lado a lado, fileiras de lares desconhecidos. Uns onde passava o mesmo filme na televisão, outros onde se erguiam chávenas de café ao mesmo tempo, talvez que em vários estivesse alguém lavando os pratos na cozinha, vendo neste momento a espuma violeta do detergente brilhar num copo à luz da banca, tudo isto numa sincronia desalinhada de movimentos triviais e quotidianos. Mas a quantos ocorreria que os seus pequenos universos feitos de repetições, variações, trivialidades, tragédias e golpes de sorte repentinos, apenas eram uma peça do grande mosaico? Haveria alguém sentado atrás de uma janela do outro lado do lago, olhando para aqui, pensando o mesmo que eu? Estaríamos os dois a pensar em todas as janelas, todas as vistas, todas as portas, todas as possibilidades que se abrem e fecham entre si? Há muitos anos, acabava eu de mudar para a cidade, jovem e novo no mundo, dava umas voltas de bicicleta ao fim da tarde, ao longo dos lagos por exemplo, e pensava que de facto não faltavam

portas por onde entrar. Passara defronte de uma série delas, de bicicleta, sob as árvores da marginal, desejado ardentemente encontrar aquela porta absolutamente única que se me abriria para algo de que nem fazia ideia.

Alugou um carro em Paris, algures na Avenue Foch. Foi para o sul. Tenho o extracto do banco, com os movimentos da nossa conta, e sei onde usou o cartão de crédito. Chegou a Bordeaux ao fim da tarde e instalou-se num hotel. Deve ter seguido o rio, na corrente do trânsito tardio, ao longo das fachadas negras de fuligem. Enquanto eu jantara com a Rosa e o seu namorado, estive sentada num restaurante em Bordeaux, observando os outros clientes e ouvindo distraída as conversas, uma mulher só, em viagem. Seguiu a nossa rota para sul através das Landes, dos pinhais intermináveis sob uma chuva miudinha, a caminho da fronteira espanhola. As horas fundiram-se num túnel comprido de luz cinzenta e enevoada, e ela seguira imóvel ao volante, se bem que em movimento, num carro entre outros carros no ramificado delta rodoviário. Talvez lhe tenha ocorrido que deixava uma pista atrás de si cada vez que passava o cartão de crédito no terminal electrónico de uma estação de serviço e nos restaurantes da auto-estrada. Uma pista de nomes que certamente sabia eu iria reconhecer, tão certo como a cronologia deles. Era o mesmo percurso, a mesma estação do ano em que a Europa fenece ao longo das estradas numa escala de tons amarelos, vermelho acastanhado e verde baço, em que os subúrbios, as fábricas, as centrais térmicas e os nós das auto-estradas se esbatem no nevoeiro por entre os feixes luminosos dos faróis dos automóveis em movimento. Talvez fosse precisamente uma mensagem retardada, a que assim me enviava numa lista computadorizada dos sítios, um pré-aviso de algo que ela me queria fazer lembrar. Em San Sebastian estive num bar perto de La Concha. San Sebastian é para mim a morrinha, as arcadas de hotéis face à pequena enseada de água verde e a areia trigueira, arrastões

vogando ao longe, quase transparentes, no nevoeiro do golfo da Biscaia. Imagino que deve ter tomado o seu café pingado num bar barulhento, olhando alternadamente para os guarda-chuvas que passavam na alameda frente ao mar e para as imagens tremidas e como que enferrujadas do televisor que transmitia uma guerra distante e incompreensível, entre militares barbudos de uniformes em farrapos, movidos por um ódio cego, uma vontade absurda de degolar alguém ou de serem degolados num lamaçal do Cáucaso. As mesmas imagens que eu vi nessas noites de Outono em casa, sozinho, sentado diante do televisor, e mais tarde no quarto de hotel em Lexington Avenue, a sós com o sentimento localmente anestesiado de que o tempo num único movimento se afasta de nós separando-nos uns dos outros, ignorando a sua própria imagem, devorando os seus próprios filhos.

Fomos por entre as colunas da pérgola marginal até à areia molhada da praia. Nesta altura do ano, ainda havia quem tomasse banho. Esses corpos friorentos e cintilantes pareciam restos de Verão que se tivessem enganado no caminho, correndo na areia curvados e de braços cruzados. A Astrid saltava quando as línguas de espuma se atiravam a ela na borda de água, e ria eufórica, após tantas horas de automóvel. O cabelo crispava-se-lhe no ar húmido e as maçãs do rosto ficavam frescas e curtidas de sal. Disse-lhe que concha tanto podia significar vulva como búzio, e ela riu-se outra vez, deu-me um empurrão, e eu molhei os sapatos na espuma das ondas. Não era, como se diz, que nos sentíssemos jovens de novo, não era uma reposição da nossa impetuosa galhofa de então. Éramos os mesmos de sempre, enquanto tudo se passava connosco a uma velocidade doida. A Rosa tinha onze anos, o Simon dezasseis, e era, como já foi dito, a primeira vez que nos ausentávamos mais que uma semana sem eles. Éramos aparentemente os mesmos, não obstante contemplarmo-nos um ao outro em relances curiosos, perscrutadores e mesmo um pouco ansiosos. Éramos jovens ainda,

mas sabíamos que isso não ia durar muito. Fazíamos amor à tarde nos quartos de hotel, o que há anos não acontecia. Estávamos continuamente a caminho de um sítio para outro, e por cada cidade onde passámos a noite rumo ao sul ficávamos um pouco mais juntos, a sós, entregues um ao outro. Deitado com a cabeça no seu colo, que sentia arfar ao ritmo da respiração, escutava a chuva bater nas janelas que davam para La Concha, quando ela me apertou docemente a cabeça entre as coxas e me perguntou se eu ouvia o mar. Havia outras coisas que podia ter querido saber, mas não perguntou. Eu tivera a ideia desta viagem duas semanas antes de partirmos, ao chegar de Nova York, e disse-lhe logo no carro, quando me foi buscar ao aeroporto. Ela sorriu surpreendida, enquanto considerava a proposta. Era a primeira vez que os miúdos, elementos condutores do nosso amor, não estavam de permeio, e era quase como se flutuássemos na súbita e sossegada proximidade um do outro. Sondávamos o terreno, eu pelo menos, nos hotéis, pelo caminho, verificando até que ponto ainda éramos aqueles que esperávamos ser. Prosseguimos ao longo da Biscaia, entre o mar e as montanhas, sem demoras, quase como se estivéssemos atrasados. Só parámos para comer e dormir; Bilbao e Santander foram apenas nomes na chuva.

2

Eu trabalhava à noite como motorista de táxi, enquanto acabava os estudos. Fiz vinte e sete anos nesse Inverno. Atravessava a cidade em todas as direcções, ora num, ora noutra sentido, onde as pessoas queriam ir ou onde a voz um pouco reservada da menina da central mandara que eu fosse. Para os clientes, a estadia no carro era apenas o intervalo necessário ao percurso entre o ponto de partida e o objectivo de numa noite na vida deles. Para mim, os percursos eram uma trama aleatória de rotas cruzando a cidade, levando um ou outro passageiro ao seu destino. Incongruentes e insignificantes cenas de transporte, de cujos enredos e consequências apenas me apercebia momentaneamente, quando escutava as conversas no assento de trás ou me deitava a adivinhar se era um passador de droga que tinha a bordo, se um casal em bodas de prata ou um homem de negócios a caminho do *rendez-vous* habitual com a sua domadora em couro e latex. Passava assim as noites num vai-vem entre histórias desconhecidas e sempre novas, continuamente em movimento, mas imóvel atrás do volante, de um lado para outro da cidade. Numa noite de Janeiro fui chamado a um endereço fora de portas, a norte. Esperei um bocado, até uma mulher alta e esbelta sair da casa com um catraio pela mão e uma mala de viagem na outra. Devia ter mais ou menos a minha idade, quase trinta. Mesmo ao entrarem para o carro veio um homem a correr atrás deles, em mangas de camisa. Repetia constantemente que ela não podia ir embora, que ela não ia a parte nenhuma, não obstante ser exactamente o que ela estava a fazer. Ele tinha cabelo comprido e grisalho, parecia pelo menos vinte e cinco anos mais velho do que ela e seria certamente o que se chama um homem bonito, se não fizesse esgares tão ameaçadores e miseráveis como naquele momento. Tentou agarrá-la pelo braço, mas ela fê-lo recuar dois passos, com um arremesso. Ela bateu com a porta e gritou-me que arrancasse. O catraio começou a chorar,

e não parava; eu via-o no retrovisor encolhido ao canto com um grande urso de peluche, chorando aos soluços enquanto ela lhe falava em surdina, calmamente. Deu-me uma direcção no centro da cidade, começou a cantar-lhe a meia-voz, e ele acalmou-se pelo caminho. Continuou a trautear a mesma melodia, e eu via-a de relance, no retrovisor, debruçada sobre o catraio, quando a luz da rua lhe banhava as maçãs do rosto pálido e os olhos franzidos e hesitantes.

Quando chegámos e parei o contador, já estava o homem grisalho no passeio, à nossa espera, ainda em mangas de camisa e com o mesmo ar patético e assustador. Irritava-me não saber que atalho teria usado para chegar antes de nós, eu que julgava conhecer a cidade como os meus bolsos. Mas devia ter vindo a acelerar, disso não havia dúvida. Ele tentou abrir a porta, mas ela trancara-a por dentro, e ele, agora mais calmo, teve de se contentar em falar com ela através do vidro da janela, quase com ternura, cravando nela um olhar húmido e sombrio. Ele voltou-se de repente, quando uma mulher jovem assomou à porta da rua. Esta envergava apenas camisola interior e cruzava os braços por causa do frio, enquanto presenciava o homem que lhe apontava para a cara e lhe gritava algo que eu não percebi. O miúdo pôs-se de novo a chorar. A minha passageira desceu o vidro da janela, disse à mulher que lhe telefonava mais tarde, e pediu-me para continuar. A mulher no passeio deu um passo em direcção a nós, mas o homem segurou-a pelo braço e eu pus-me em marcha. Ficaram completamente imóveis a olhar para nós, e ele largou-a à medida que desapareciam no retrovisor. Perguntei para onde íamos. Não respondeu, concentrada em acalmar o rapaz. Após termos passado uns quarteirões, perguntei outra vez. Respondeu irritada, que fosse andando. E fui seguindo o trânsito, improvisando como quando não tinha clientes, escutando a sua lenga-lenga segredada e calmante. Ocorreu-me que — se ela em breve não tivesse uma

ideia — passaríamos o resto da noite em órbita do centro, e olhei de relance para o palpitar digital do taxímetro, que já ia em quinhentas coroas. Ao passarmos pela quarta vez na Rådhuspladsen², o miúdo adormecera.

Continuei ao longo do porto e parei o contador um pouco antes do terminal de ferry-boats para a Suécia. Estacionei, e virei-me para ela. Tinha algum plano? Estava com a cabeça do miúdo adormecido no regaço, olhando para o porto. Não sabia. A voz era frouxa e cansada. Voltei-me para a frente, contemplando os passageiros que saíam dos Flyvebaadene³ dispersando-se pelo passeio. Quando o último desapareceu e a sala de espera ficou vazia à luz crua do néon virei-me outra vez para ela e perguntei se não tinha nenhum sítio para onde ir. Como estava debruçada, o cabelo castanho escondia-lhe a cara. Ao levantar a cabeça o rosto estava marejado de lágrimas, mas não disse nada. Encontrei o rolo de papel com que de costume enxugava as borrachas dos limpapábrabisas e enquanto ela se assoava propus-lhe um hotel que conhecia, barato mas aceitável. Amassou o papel e sorriu, quase com desdém. Nem sequer tinha com que pagar o táxi. E para casa da sua amiga? Ele há muito que se devia ter ido embora. Admirava-me com que naturalidade dizia “amiga” e “ele”, como se estivesse completamente a par da situação. Respondeu que ele estava pronto a ficar toda a noite à porta, se fosse preciso. Mas não havia mais ninguém, em casa de quem pudesse ficar? Ofereci-lhe um cigarro e tirei um para mim. Não, não havia. Observei-lhe o perfil pelo retrovisor, enquanto ela aspirava absorta o fumo contra o vidro da janela, deixando o olhar perder-se nos reflexos da água negra do estuário. Parecia que esquecera onde estava. Perguntei-lhe se era o marido dela. Olhou-me com frieza pelo espelho. Que tinha eu a ver com isso? Encolhi os ombros, desviando o olhar. Não sei se tive a ideia por simplesmente não ver como continuar ali sentado toda a noite, num cais do porto, com uma desconhecida e o filho.

Primeiro olhou para mim como se lhe tivesse proposto algo de perverso, e eu sorri-lhe tão normal e sinceramente quanto possível, explicando que trabalhava toda a noite, regressando a casa só de manhã. No dia seguinte ela teria certamente encontrado uma saída, e repousara entretanto. Franziu ainda mais os olhos, e fixou-me longamente, sem pestanejar, surpresa e desconfiada. Era como se me visse agora pela primeira vez, medindo-me para fazer uma ideia de quem poderia ser este estranho motorista de táxi que à viva força a queria safar do sarilho em que se metera. Por fim esboçou um sorriso tímido, se bem que não exageradamente agradecido. Evitei encontrar o seu olhar durante mais essa travessia da cidade. Levei o miúdo para cima, deitei-o sem o acordar na minha cama; resmungou um bocadinho antes de se encolher de novo e continuar a dormir. Só havia dois quartos no meu apartamento; ela ficou no outro, a ver os livros na minha estante. Encontrei um segundo molho de chaves e disse-lhe que podia metê-las na caixa do correio quando saíssem. Fiquei de repente com pressa, talvez um pouco assustado pela minha própria ideia. Tal como a via ali, se não estivesse tão chorosa e pálida, era certamente bonita. Sorri pela segunda vez e perguntou-me como me chamava. Foi assim que encontrei a Astrid.

Trabalhei toda a noite, até as pausas entre bandeiradas deixarem de o justificar, continuando mesmo assim durante mais uma hora, irritado comigo mesmo por ter entregue a minha cama a uma mulher com o filho. Quando cheguei a casa deitei-me no sofá, e adormeci imediatamente. Acordei com a claridade do céu por detrás dos telhados em frente. Não sabia bem se me devia levantar, se continuar deitado. Durante alguns minutos senti-me hóspede na minha própria casa, até que me levantei e fui pé ante pé entreabrir a porta do meu quarto. A cama estava vazia. Despi-me, e dormi a manhã inteira, como de costume. Se alguém nessa altura me tivesse dito que haveria de viver com ela, com essa

desconhecida que na véspera tirara de uma situação embaraçosa, eu teria sorrido complacente e um pouco divertido, como se sorrisse num bar das ideias mais extravagantes e levianas dos nossos amigos, apagando o cigarro num cinzeiro repleto, entre copos com restos de cerveja. Mas quem havia de dizer? O futuro estava ainda muito longe e vago, algo de que só se falaria excepcionalmente, como de onde passar férias no Verão. Ao acordar, quase não me lembrava como ela era. Eu já tinha idade para saber até que ponto é casual quem se encontra, mas ainda era demasiado novo para ter percebido que o número de encontros é limitado. Quando uma mulher bonita e desconhecida responde ao meu olhar na rua, ainda me ocorre que as oportunidades da vida parecem ramificações de uma árvore, caminhos por onde poderíamos ter ido, mas é só uma ideia. Porque eu sei, como se diz por aqui, que as árvores não crescem no céu, que não se pode optar por um ramo sem excluir uma boa parte dos outros.

Quando encontrei a Astrid era ainda tão novo que nem sequer tinha história. Ainda ficava estonteado à ideia da cornucópia de caras bonitas e esboços de futuros possíveis, mas essa vertigem não era uma embriaguez feliz, agoniava-me. O casino de luzes ao acaso e tentadoras provocava em mim um sentimento de nostalgia e aversão. Já cansado de flutuar à noite entre corpos quentes e embriagados, no barulho das luzes palpitantes, onde não tinha a mínima importância quem eu fosse. Farto de estar entre uma música e a seguinte, debruçado algures na cidade sobre mais uma rapariga desconhecida que com voz cava me confiava ousados planos de viagem e mundanas perspectivas de futuro, até que a música nos separava de novo em golpes e sacões, tais marionetas à mercê de uma criança impertinente. Se ela acordasse na minha cama tornava-se tudo de repente mais um fugaz arrojo nocturno, e nem me lembrava das miragens que o meu desejo projectara nos seus traços jovens e em branco. Olhava à sua volta ensonada e surpresa, sem

que eu pudesse adivinhar o que ela via, muito menos na minha cara, que, se ela estivesse para isso, talvez avaliasse na base do pouco que eu lhe confiara. Ela mesma parecia-me tão insólita, cingindo-a convencionalmente contra mim já que ali estava, quente de sono, que me admirava até que ponto podemos estar juntos sem a mínima proximidade. Eu olhava para o seu corpo nu e esquecia-me mesmo se era bonita, atento às singularidades dele, à forma dos seios, cicatrizes e sinais de nascença. Um corpo tal qual o resultado das características hereditárias que um vidraceiro ou contabilista dos arredores e sua mulher tinham proporcionado à preciosa princesa dessa noite. Afastava o cabelo do rosto desconhecido, observava os seus traços sem grande empenho, e ela encolhia-se a meu lado acariciando-me distraidamente. Um contacto oco, como uma língua cujas palavras nada significam, apenas mais um pequeno diluir doce e descuidado, no vazio.

Acordei a meio do dia com uma sensação fria e húmida nas costas. O catraio, aterrorizado pelo drama conjugal da véspera, mijara na minha cama. E neste momento segue com certeza a cavalo na sua Kawasaki, se calhar sem capacete, passando revista às falésias, aos corticeiros e às ovelhas da Sardenha, sem sequer se lembrar de ligar para casa, esse Simon que há muito me habituei a chamar de meu filho. A nódoa escura no lençol era o único vestígio aparente que ele e a mãe tinham deixado, mas parecia que ela ficara com as chaves. Saquei os lençóis da cama, que ao levá-los para a casa de banho me cheiraram a xixi de puto e ao perfume dela. Tivera o cuidado de se arranjar antes de deixar o grisalho. Se de facto à noite, ao entregar-lhe as chaves com uma certa timidez, houve um instante em que pensei nela como uma rapariga que me tivesse feito voltar na rua, foi mesmo só por um instante. Estava ainda demasiado ocupado pela minha própria mágoa. Ao por o colchão ao alto deparei entre as traves da cama com o desenho a carvão que costumava estar pendurado à cabeceira. Devia ter caído

ao chão na noite anterior, esse esboço rápido de uma cabeça de pássaro, que a Inês me oferecera muito antes de eu a ter seguido da janela pela última vez, até desaparecer no passeio entre os flocos de neve que o vento fazia subir em espirais caóticas. Voltei a vê-la há dois anos, numa noite em que saía do cinema com a Astrid. Acenámos com um gesto de cabeça, sorrimo-nos à distância na multidão, a Astrid perguntou quem era, e respondi que era uma rapariga que eu conhecera antes dela. De facto, rigorosamente verdade. Falara-lhe dela, naturalmente, quando não tínhamos ainda acabado de contar as nossas histórias um ao outro, mas não lhe disse que a mulher no átrio do cinema era a Inês de quem me tinha ouvido falar sumariamente e com um certo desapego, como se fala das mulheres que precederam aquela que escuta o nosso relato. No fundo, não sei porquê. Talvez receasse que ela ainda estivesse escondida algures em mim, que após este encontro casual a imagem da Inês de novo viesse ao de cima e me fizesse sofrer e sonhar em segredo. Era ainda bela, dramática e levantina, mas ao virar-me para responder à pergunta da Astrid, curiosa mas absolutamente natural, não senti nada no sítio onde me doera tanto. Era apenas uma mulher que eu tinha amado, e eu sonhara outros sonhos e curara outras feridas entretanto.

Apanhei o esboço do chão e procurei algo para o pendurar. A Inês nem sequer o protegera com fixador, o meu polegar deixara uma marca num dos traços que definiam sumariamente o contorno do crânio. Esfreguei com os dedos até desaparecer o pó cinzento do carvão. Ano e meio antes fôra à Glyptotek⁴, mais para me abrigar do calor do que por qualquer outro motivo. Julgava-me o único visitante do museu, até que dei com ela numa das pequenas salas escuras com bustos romanos. Estava de costas para mim, imóvel, com o cabelo preto apanhado num puxo um pouco solto sobre a sua nuca delgada. Primeiro foi apenas uma silhueta no contra-luz de uma porta aberta, na última das salas de enfiada, um desenho

belo e negro que se espelhava no chão de granito polido. Era muito pálida, apesar de ter feito sol todos os dias há mais de três meses. Parei; aparentemente não dera por mim. Vestido preto comprido, pés nus nuns sapatos pretos de tacão largo e correias estreitas em torno do tornozelo, sapatos fora de moda e um pouco sinistros, que me sugeriram um tango lânguido num bordel em Buenos Aires, antes da Guerra. Até mesmo na sua palidez havia uma tez de mel, que logo tive a urgente vontade de tocar, de sentir com as minhas mãos e os meus lábios, essa pele pálida mas estranhamente viva e perfeitamente homogénea. Estava frente a um imperador romano, ou ao que restava dele, um rosto sisudo e desiludido, maltratado pelo tempo, encimando uma barra de ferro incrustada na pedra, como um decapitado. Os seus traços haviam-se esvaído, os veios e os poros do mármore sobressaíam na superfície da fractura correspondente ao nariz e aos lábios. O rosto era como uma imagem que no decorrer de milhares de anos lentamente tivesse murchado e desaparecido na anónima eternidade do bloco de mármore. Foi o que lhe disse, ou coisa parecida, e ela voltou-se para mim encarando-me com os seus olhos negros, perfeitamente calma, com ar de me reconhecer de um sítio qualquer, se bem que nunca nos tivéssemos visto.

O seu rosto ainda me é visível no fosso dos anos, através dos reflexos, rodopios e ondulações ligeiras de tudo o que se passou desde então. Brilha no fundo do verde escuro como a face de uma medalha que deixei cair, rara mas suprível. Às vezes não a consigo ver, outras vezes vejo-a de relance entre as miragens instáveis dos dias, dos outros rostos que um a um tive entre mãos por uns tempos, como se me pudessem responder a uma pergunta. O olhar dela perdeu entretanto a sua atracção enorme, oxidado e gasto pelas correntes, mas por vezes, à distância, ainda me lança um olhar indagador, uma pergunta cada vez mais vaga e incompreensível, cuja réplica a cada ano que passa se torna mais impossível e irrele-

vante. Saímos do museu juntos. À luz do poente, lado a lado, com longas sombras entre as fachadas aquecidas pelo sol, atravessámos praças de calçada incandescente falando do que nos vinha à ideia, sem pausas, como se não houvesse limites para o que se pudesse dizer, contar e responder. Seguimos ao longo do porto, atravessámos os parques, continuando como se não pudéssemos parar, enquanto os últimos reflexos do sol desapareciam nos vidros das janelas mais altas e o crepúsculo se alastrava no empedrado, na relva e nas estrias calmas da água. Chegámos a casa dela por sendas sonâmbulas, numa transversal frente ao cemitério judaico. Prorrogámos o que ambos sabíamos ser só uma questão de tempo, falando agora mais calmos, com grandes pausas em que apenas nos olhávamos tão longamente quanto possível, adiando o momento em que teríamos de nos tocar, ali no seu quarto com vista para as campas a monte e lápides caídas com símbolos misteriosos

Havia nela algo fora de moda, a sua maneira de falar por exemplo, e não era só o sotaque. Parecia alguém que tivesse chegado de outro tempo, desembarcado de um grande vapor de chaminés altas, há muito naufragado ou na sucata. O pai era diplomata francês, a mãe persa, e ela tinha ficado em Copenhaga quando os pais seguiram para Teerão, Nova Delhi e Caracas. Disse-me que desenhava, mas nunca descobri se era uma coisa que fazia apenas por não saber bem que fazer. Aparte isso, e não obstante lho ter perguntado algumas vezes, nunca percebi muito bem de que se ocupava, não parecendo jamais ter preocupações de dinheiro. O seu apartamento era tão austero como uma cela de convento e aparentemente só comprava comida congelada; mas gastava uma fortuna em táxis e nunca conheci mulher que comprasse tantos sapatos. Sapatos caros, extravagantes, maluquices que só usava uma ou duas vezes antes de os remeter para o fundo de um armário. Mostrou-me os seus esboços de crânios e ossadas. Eu não sabia

que pensar sobre esta obsessão pelos restos carcomidos da morte, registados em traços gravitatórios de uma insistência maníaca, impetuosa e voláteis. Os seus olhos negros e os desenhos a carvão pareciam abrir-se para trevas desconhecidas, que desisti de penetrar. Tremia e olhava-me de súbito assustada, como se lhe tivesse feito medo com um barulho ou um tom de voz inesperado, e dava então a sensação de se desintegrar. Foi assim, num desses momentos, que finalmente nos rendemos ao que se acumulara em nós durante a travessia da cidade. O seu corpo era longo e quase desengonçado, os seios pequenos, e os pés grandes e esguios, com ossos aparentes através da pele finíssima, como asas de pássaro. Não havia nela nada de sumptuoso ou indolente, a sua figura emanava uma fome insaciável, que se propagava no sobressalto ávido das mãos e da boca. Fazer amor com a Inês era uma batalha que não queria ter desfecho, uma fúria indómita e inexorável, como se quisesse arrastar-me para um abismo e lançar-se no vazio com o seu corpo preso ao meu, numa queda vertiginosa e sem fim. Não nos separámos antes de há muito ser dia e ela me ter pedido para me ir embora. Durou pouco mais de um ano. Quando voltou a nevar a história tinha acabado, essa série de abraços convulsivos, ataques de raiva, divagações filosóficas e momentos raros de silêncio e ternura compassada. Quando não fazíamos amor falávamos de arte, sobretudo dos velhos artistas, Rembrandt, El Greco, Goya, e dos esquisos de Leonardo, cujos estudos anatómicos de uma precisão intrépida e inexorável naturalmente a fascinavam. Dentre os artistas do século XX só Giacometti e Francis Bacon conseguiam merecer-lhe um ar aprovador. A arte moderna interessava-lhe tão pouco como os Negócios Estrangeiros, de que aparentemente nada sabia, o que me admirava, tendo em conta a sua paternidade. Certa vez ficou a olhar para mim sinceramente admirada por eu lhe ter mencionado De Gaule no pretérito passado, pois ela ignorava que ele já morrera. Nunca a vi ler um jornal, e não tinha televisão nem

rádio, apenas um velho gira-discos e uma pequena coleção ecléctica que ia de Orlando di Lasso e Gabriel Fauré a Serge Gainsbourg e Astor Piazzolla. Mas, não obstante as enormes lacunas na sua visão do mundo, impressionava-me a sua agudeza de espírito e conhecimento em pormenor do que verdadeiramente lhe interessava, quer se tratasse de arqueologia indiana, sufismo persa, ou da teoria das cores segundo Goethe. Se jamais consegui escrever sobre um pintor qualquer coisa de jeito, que não tivesse já sido dito melhor por outros, deve-se às conversas na cama com a Inês, fumando ainda ofegantes e molhados de suor, enquanto ela levava um raciocínio ao extremo de uma conclusão imprevista, com o equilíbrio exímio entre a candura e o cepticismo que caracteriza o pensador original. Uma das pessoas mais cultas que conheci, uma cultura que não se encontra entre quem estuda, mas é típica de quem indaga por pura curiosidade e sem qualquer objectivo, nos alfarrabistas, nas bibliotecas e nos museus, avidamente e sem preocupações dogmáticas.

A única coisa que ela não tinha vontade de analisar e dissecar éramos nós, o que acontecia connosco e em que direcção íamos. Tal seria segundo ela o cúmulo da estupidez, e quando num momento de ternura e exaustão de coito lhe segredei algo sobre ter filhos, riu-se rouca do meu corar, desarrolhando a garrafa de cognac que tinha sempre no chão à beira da cama. E continuou a rir-se, bebendo pela garrafa, de tal modo que por fim tive de lhe bater nas costas, entre as espáduas salientes, para que não se engasgasse. Quando se punha em mim, de costas voltadas para melhor gozar a imagem do seu delírio no espelho frente à cama, as suas espáduas faziam-me pensar nas asas recolhidas de um grande pássaro. Encontrávamo-nos em minha casa, ou na rua à beira do cemitério, mas exigia nesse caso que lhe telefonasse primeiro. Podia-lhe telefonar a qualquer hora, mas não abria se lhe batesse à porta sem aviso, mesmo tendo as luzes acesas. Por seu lado, aparecia

inadvertidamente e quando lhe apetecia, de dia e de noite, tremendo sempre de fúria refreada que logo descarregava, por vezes mesmo na entrada. Íamos raramente juntos a qualquer lado, excepto à noite, a um ou outro bar das redondezas, mas nunca ao centro da cidade, onde corríamos o risco de encontrar alguém que nos conhecesse. Era a Inês que queria que assim fosse. Ela queria que nós fôssemos um segredo para o mundo. Em breve percebi que eu não era o único homem na sua vida. Não me dizia nada sobre os outros, mas, quando lhe perguntei, não me escondeu que existiam. No princípio achava graça aos meus ciúmes, e estudava-os com um interesse académico, como um antropólogo observa o comportamento insólito dos indígenas. Sabia que eu sofria, e deixava-me sofrer, aparentemente sem a mínima noção de ser a única a poder pôr termo ao meu sofrimento. Depois cansou-se das minhas perguntas e do meu silêncio amuado.

Eu ainda pensava nela, na manhã seguinte à Astrid e o Simon terem dormido em minha casa. Os meus dias eram desertos e ociosos, e ela vinha-me constantemente à ideia quando não tinha mais que fazer nem em que pensar. O seu rosto e o seu corpo apareciam-me nos intervalos da noite, e estava sempre com receio de a encontrar. A sensação de vivermos na mesma cidade transformava-a numa zona perigosa, onde tanto a sua ausência como o perigo de a encontrar de repente podia provocar ataques repentinos de dor física, como se uma mão invisível me apertasse os pulmões e o estômago. Também nessa manhã levantei o auscultador mais que uma vez, e estive quase a telefonar-lhe. Fiquei deitado no sofá umas horas a fumar e ouvir música, até a luz cinzenta do Inverno descair para o azul. Saí para apanhar ar, andei ao acaso pelas ruas entre pessoas que iam para casa com as suas pastas, sacos de compras e as crianças, e quando de novo me encontrei à minha porta ouvi lá dentro a vozita do Simon. Ele calou-se e encolheu-se contra a Astrid no sofá, como se eu fosse

um estranho a invadir o que ele no espaço de um dia se habituara a considerar território seu. Ela ergueu o olhar da história aos quadradinhos com um sorriso inquiridor e pouco seguro. Poderiam ficar mais uma noite? Pois podiam, fôra eu a convidá-los, e no fundo não me importava nada de me distrair um pouco da minha melancolia lúgubre. Pedi desculpa pelo colchão molhado, e apouquei dizendo que também eu mijara na cama até à idade do liceu. Riu com decoro, embora o que eu dissera não tivesse grande piada. Reconheci o seu perfume. Estava agora com um ar diferente, apanhara o cabelo em rabo de cavalo e reparei nos olhos realçados a preto, como se quisesse dar boa impressão. Não era certamente por minha causa, mas apenas o adorno guerreiro atrás do qual as mulheres se barricadam quando tudo desaba na vida delas. O preto em volta dos olhos dava-lhe uma expressão dura e provocadora, em contraste total com a maneira sorrateira como de repente franzia os lábios num sorriso, mesmo quando aparentemente não havia razão para tal. Talvez sorrisse por timidez, talvez para me envolver na confiança de um espanto satisfeito por se encontrar ali com o seu filho, no apartamento de um homem perfeitamente estranho, sem casa e abandonada à minha inesperada hospitalidade

Fôra fazer compras para o jantar, de que logo se ocupou, e eu sentei-me a ler em voz alta para o miúdo, mais por não saber que fazer de mim próprio. Ele observava-me desconfiado enquanto eu lia o que estava na história dos pequenos seres azuis de capuchinho branco que viviam numa aldeia de cogumelos, mas foi-se pouco a pouco encostando a mim, deixando-me pôr-lhe o braço sobre os ombros arqueados. A Astrid sorriu da cozinha ao ver-nos assim e eu refugiei-me logo timidamente nos homens azuis, não querendo assumir o quadro decerto tocante do motorista de táxi lendo alto para o pobre filho do casal desavindo. Estava tudo em marcha, até já cheirava a alho e a temperos, era quase como brincar aos pais e aos filhos, comigo no papel do colérico homem

grisalho, de quem fugíramos. Havia muito que não cozinhava, normalmente comia fora à noite, ao passar por um *grill*. Olhei-a de relance, ela ali fazendo como se estivesse em casa, tal como eu lhe tinha dito para fazer, um pouco acanhada com este lugar comum. Pensando bem, só dizemos banalidades em alturas que mais tarde se revelam decisivas. Mas eu ainda não estava bem a par disso, apenas a observava entre as legendas dos quadradinhos, explicando uma ou outra palavra que o miúdo não percebera. Era tão alta como a Inês, mas mais cheia de ancas, e a barriga da perna traçava uma curva mais suave nas meias pretas que pusera com a saia curta, como se tencionasse sair. Mas saíra de facto. Tudo nela era diferente da mulher que moldara o meu desejo ao ponto de só reagir às formas dela. Eu, que desde o encontro com a Inês nem olhava para outras, espreitava agora à socapa, contra vontade, apenas por ela estar ali, de costas, preparando uma salada na minha cozinha. Os seus movimentos eram mais vagarosos e calmos, até mesmo a voz tinha algo de arrastado, exactamente o contrário do impaciente e sincopado ardor da minha amante perdida. Parecia que a Astrid tinha não só oceanos de tempo, como se entregava mesmo à sequência e ao ritmo natural dos movimentos, sem omitir absolutamente nada. Não persistia, havia como que uma certeza sonâmbula no seu tratamento das coisas, deleite sobretudo, como ao deixar o gume da faca cortar a pele tensa do tomate sem forçar, até parecia que o tomate com a sua polpa rijá, as suas cavidades suculentas, as suas sementes verdes se abria por si.

Enquanto comemos não pensei na Inês. Falámos do que fazíamos, como estranhos, e evitámos, como por tácito acordo, tocar nos acontecimentos da véspera. Fiz-lhe perguntas sobre o cinema, decerto as mesmas que toda a gente lhe fazia, e ela falou de realizadores do seu apreço, Truffault, Rohmer e Cassavetes. Eu falei do expressionismo abstracto, De Kooning e Jackson Pollock, enquanto Simon nos fazia rir com a perspicácia das suas saídas em

curto-circuito típicas das crianças. Passou-se tudo muito à-vontade, ninguém diria que ela acabara de abandonar o seu marido ou que eu acabara justamente de ser abandonado. Ao sentar-me no carro a caminho do aeroporto, onde costumava começar a noite, apercebi-me quase contrito de que pela primeira vez desde há muito me sentia leve e despreocupado. Já passara a baixa e atravessara a ponte para Amager, quando me dei conta de excepcionalmente não ter feito um desvio por Moellegade, ao longo do muro do cemitério, a passo e quase sem respirar. Houvera noites em que não fizera um tostão por não conseguir sair do bairro dela, voltando regularmente, sempre à espera de a ver. À medida que as minhas perguntas inquisitórias nos iam envenenando as horas, a Inês teve a certa altura um ataque de complacência e confortou-me dizendo que além de mim não andava com ninguém em especial, que entre os seus amantes não tinha preferências. Segundo ela, a quantidade devia em si mesma ser uma circunstância atenuante do meu sofrimento, uma prova de que os meus ciúmes eram inúteis e descabidos. Sendo tantos assim, devia cada um de nós sentir que justamente conosco ela traía os outros todos. Imaginava como ela se entregava a um após outro em quartos diferentes ou no quarto que eu conhecia tão bem, frente ao cemitério. Não aceitava a ideia de ser um homem qualquer na série dos que ela visitava ou a quem ela abria a porta, e não ajudava absolutamente nada o facto de ela me confiar que a fascinava justamente as diferenças entre nós, os nossos corpos, rostos e histórias diferentes. Seria ela a mesma ou diferente, com cada um de nós? Eu não sabia qual alternativa seria a mais cruel. Quando se atirava a mim no chão, ainda de casaco, a sua fúria era sempre a mesma, e se passivamente me deixava possuí-la na cama, o seu olhar sempre distante. Nas noites em que me proibia de a ver, ou em que não atendia o telefone, eu circulava à volta da sua rua ou estacionava à esquina, paralizado, de olhos fixos na sua entrada. Sabia que isso era ridículo e

humilhante, mas sabia também não ser capaz de resistir à tentação de me humilhar ainda mais.

Fôra decisivo, absolutamente decisivo, quando nos vimos pela primeira vez na sala fresca e meio escura, no meio das cabeças romanas estropiadas, ela ter-se virado e olhado directamente para mim, sem pestanejar. Evocando a cena mentalmente, já não estava certo de ter sido ela a responder ao meu olhar, ou eu a responder ao dela, sem conhecer bem a pergunta a que os meus olhos respondiam. Eu sabia como é fácil apercebermo-nos de alguém, tão fácil como perdemo-nos de vista, e talvez fosse uma revolta contra o turbilhão casual dos encontros o que me levou a amar Inês. Talvez tivesse sido mesmo uma decisão minha, e não como eu queria acreditar que fosse, o estranho olhar dela, que me arrancara ao repetido orbitar de todos os dias. Talvez ela no fundo não tivesse visto grande coisa em mim, talvez nem sequer houvesse nada a ver, talvez eu apenas fosse como os outros, uma miragem mutável e constantemente distorcida no agitado redemoinho dos olhares. Ao fixar o seu rosto, eu tentava reencontrar o olhar que outrora se abria para mim como uma fresta, por onde me vi a mim mesmo, finalmente liberto, mas os seus olhos mantinham-me agora à distância, em xeque, impertinentes, desdenhosos ou distraídos. Ela escapava-me quando a tentava segurar, escorregava-me das mãos, ou apertava-me com tal força contra si que não a podia ver nitidamente. Nada do que fazíamos deixava qualquer vestígio durável, todas as minhas palavras, apenas pronunciadas, diluíam-se logo em silêncio. Era todas as tardes, todas as noites, como se repetíssemos o mesmo encontro, o mesmo abraço, as mesmas palavras. Estávamos sempre em movimento, sem sair do sítio. Nada disso tinha futuro, era como uma pista falsa, uma pista errando ao lado do tempo que se despistara, desenfreado.

Mas havia também alturas em que ela aparentemente se rendia, momentos raros em que me fazia sentir não ser apenas mais

um na série de homens que lhe passavam na vida. Às vezes ficava em minha casa por uns dias. Eu fazia-lhe de comer enquanto ela se sentava a desenhar, e, pela madrugada, ao regressar do trabalho, ela ainda lá estava. Quando nos cansávamos de fazer amor ela aninhava-se nos meus braços e contava-me trechos esporádicos da sua infância nómada, imagens soltas e desencontradas de Londres, Varsóvia e do Cairo. Um dia, no princípio da Primavera, aliás a única que tivemos, ficámos deitados a folhear uma monografia sobre Vermeer enquanto chovia lá fora. Escutávamos a chuva e meditávamos sobre a quietude dos quartos em cuja luz clara e macia as mulheres de Vermeer liam sentadas uma carta, ou vertiam de pé o leite de uma vasilha de barro. Disse que nunca estivera em Amesterdão, sorriu de repente à socapa, e levantou-se. Eu ouvia-a falar ao telefone no quarto ao lado e voltou pouco depois para me tirar o edredão de cima. Havia um comboio dali a uma hora e ela marcara bilhetes. Riu-se do meu pasmo prolongado, dizendo que era por conta dela. Foi nessa altura que me apercebi que a Inês trazia sempre o passaporte consigo. Nem precisava sequer de ir a casa primeiro, tínhamos só de passar por um banco antes de tomar um táxi a estação central. A sua única bagagem era um saco de plástico com umas pequenas compras que fez no átrio das partidas antes de nos metermos no comboio, eufóricos como crianças de uma colónia de férias. Sei muito bem que não é assim, mas os canais, tal como me lembro, não descrevem círculos concêntricos, mas uma espiral que a Inês e eu percorremos embrenhados numa das nossas habituais escapadas filosóficas, pontuada pelo riso dela entre as fachadas de tijoleira e janelas altas pintadas de branco. Creio que fomos ambos felizes, nesse fim de semana chuvoso em Amesterdão. Parecia mais nova, o que a bem dizer é um disparate, indo ela ainda na casa dos vinte, mas dera-me desde o princípio a impressão de ser mais velha. A razão pela qual tudo aqui era diferente entre nós eram naturalmente os homens,

todos os seus homens, porque em Amesterdão tinha-a só para mim, era mesmo como se ela tivesse esquecido todos, menos eu. Como se estivesse a tirar um feriado da sua vida de anjo negro do amor adúltero, de anjo perdido que punha os homens de gatas a miar à lua. Até me deixou pôr-lhe o braço no ombro, caminhando juntos, impensável em Copenhaga, onde nunca me permitira tal coisa.

Em Amesterdão não havia cortinas nas janelas. Via-se tudo para dentro das casas, como se ninguém tivesse nada a esconder, ou não quisesse ter nada que os outros não pudessem ver. Notei que excepcionalmente se passava o mesmo connosco. Ela chegava-se a mim e até parava de repente para me beijar ali, no meio do passeio, ao longo dos canais, à vista de toda a gente. Sentámo-nos em bares sombrios a beber cerveja e fumar cigarros, que são vinte e cinco nos pacotes holandeses, e não parávamos de discutir se tal seria sinal de bom senso ou de prodigalidade. Falávamos e ríamos em espirais de fumo azul e de águas paradas verde-escuras, mas andávamos na realidade só em círculos. Estava tudo ocupado nos hotéis que procurávamos, acabando por arranjar quarto num vapor antigo. À noite deitámo-nos muito quietos na cama estreita do nosso beliche, completamente exaustos de andar às voltas todo o dia, e imaginei-nos no meio do mar, entre dois continentes. Disse-lhe isso e ela sorriu-me meiga e condescendente, quase como a uma criança, fazendo-me carícias devagarinho, com uma ternura melancólica que eu não lhe conhecia, e que me punha alegre e triste ao mesmo tempo.

Isto era apenas uma pausa a caminho do fim, e eu precipitava-me cada vez mais nesse sentido, à medida que nos aproximávamos. E lá estava ela de novo a responder por rodeios ou contrariada, quando lhe perguntava onde estivera ou aonde ia, e quanto menos ela me respondia mais eu lhe perguntava. E lá estava eu outra vez às voltas ao seu quarteirão, à noite, quando não me respondia ao

telefone, porque tanto esperava como temia um relance da sua vida secreta. Uma noite vi-a de facto sair para a rua e segui-a à distância, no táxi, sem que ela se apercebesse. Era como se eu estivesse sentado a meu lado e me observasse a espiá-la, abanando a cabeça cheio de vergonha, mas não havia outra saída. Era óbvio que eu tinha de me rebaixar totalmente, para poder chegar ao outro lado. Entrou numa loja de conveniência e saiu pouco depois com um litro de leite e um pacote de café. E voltou à sua rua, cabisbaixa, a pensar com os seus botões. Eu espiara a sua porta da rua desde que a deixara ao fim da tarde, e, excepcionalmente, sabia de facto que estava só. Não obstante, estacionei à distância, o suficiente para que o carro não pudesse ser visto da sua janela. Não sei há quanto tempo estava ali a fazer de detective privado, olhando fixamente para a entrada do prédio, quando de repente vi um homem parar em frente. Não podia ver-lhe a cara, mas parecia-me bem mais velho do que eu. Usava um sobretudo de lã de camelo e sapatos pretos brilhantes. Eu não o tinha visto chegar, se bem que não tivesse tirado os olhos da rua transversal. A concentração pusera-me numa espécie de transe, e ele deve ter atravessado o meu campo de visão enquanto eu pensava nos pequenos rectângulos luminosos do intercomunicador da entrada ou na exposição de lavatórios, torneiras e aquecedores a gás na montra da loja da cave. A porta da rua abriu-se ao sobretudo de lã de camelo e eu quase não tive tempo de sair do carro e chegar à porta antes desta se fechar de novo. Cuidei que fosse um homem de negócios rico, de visita à Inês enquanto a mulher esquiava na Suíça, e já o via meter discretamente um punhado de notas frescas de mil coroas debaixo do travesseiro, enquanto a Inês tomava banho. Ouvia os passos dele pela escada acima; parou, e uma porta bateu logo a seguir. Subi os degraus dois a dois, talvez para não ter tempo de me arrepender, e agora já lhe tinha tocado à porta, não havia recuo possível.

Ouvia-se música lá dentro, o bandoneon melancólico de

Astor Piazzolla, a nossa música preferida depois do amor, fumando e devaneando em sonhos acordados ao som da alternância abrupta entre a doce perdição e a paixão assassina do tango. Ainda toquei mais uma vez à campainha antes dela finalmente abrir a porta, corada de sono e com o cabelo solto por cima do roupão que apertava com os braços cruzados. Que queria eu? Nem eu sabia. Passei-lhe à frente e fui pela sala fora direito ao quarto. Não havia ninguém em parte nenhuma. Voltei-me, e ela estava de braços cruzados atrás de mim, cabeça ao lado, e um olhar cheio de desprezo. Então, de repente, tudo se precipitou. Agarrei nela e empurrei-a para cima da cama, onde se deixou cair frouxa com os braços abertos, abrindo o roupão ao seu corpo nu. Ficou deitada como caíra, olhando-me calmamente como uma espectadora à espera do desenrolar dos acontecimentos. Deixou-me fazer como eu quis, absolutamente passiva, entregue à minha cólera vã, enquanto eu me observava fora de mim num relance impassível, sem contacto com o meu corpo cego e desesperado. Éramos ambos testemunhas da minha total abjecção, de joelhos ali entre as suas pernas, fitado pelos seus olhos negros. Doeu-lhe, mas fez de conta, quando a penetrei com uma fúria como se a quisesse virar do avesso, como se a quisesse castigar pelo meu próprio desatino. Ela deixou-se ficar deitada a olhar para o tecto, sem se cobrir, completamente inerte, enquanto eu abotoei as calças e saí para a sala. Sentei-me à janela a olhar para o muro do cemitério no reflexo violeta da luz do lampião que balouçava ao vento na rua deserta. Havia talvez um quarto de hora que estava assim sentado, quando ela apareceu num vestido de gala que nunca lhe vira. Caiara-se com pó de arroz, carregara os lábios de *bâton* e apanhara o cabelo num penteado engenhoso. Estava de uma beleza deslumbrante, aniquilante. Tinha o casaco no braço, pronta para sair, e ofereci-me para a levar. Encolheu os ombros. Nenhum de nós disse mais nada durante o trajecto, enquanto ela olhava para fora, sentada atrás como um

passageiro qualquer. Levei-a a uma direcção no bairro das embaixadas e vi-a subir por uma entrada grandiosa em mármore e mogno. Uns dias mais tarde veio devolver-me um livro com gravuras de Dürer que eu lhe tinha emprestado. Nem tirou o casaco. Disse-lhe à laia de desculpa que tinha pena do que acontecera, mas ela não respondeu. Quando saiu começara a nevar. E fiquei à janela vendo-a desaparecer entre os rodopios reluzentes dos flocos de neve.

Dois meses mais tarde encontrei a Astrid, mas no dia seguinte, após termos comido juntos pela primeira vez e eu de novo andar no táxi às ordens dos clientes que me mandavam por ruas e ruelas cidade fora, ainda não dera conta de que uma mudança radical estava em marcha. Não tinha encontros marcados com ninguém em sítio nenhum, mas a cidade estava cheia de inversões de marcha e encontros súbitos que me pareciam absurdos na sua geometria imprevisível como o movimento das bolas no bilhar do café onde às vezes passava uma hora ou duas quando me cansava de andar sentado ao volante. Bolas maciças e brilhantes que batiam umas nas outras com um pequeno baque e se lançavam em novas direcções através do deserto verde de feltro, ora num ora noutra sentido, até desaparecerem uma a uma nos buracos, fora de jogo. Eu podia ser e encontrar fosse quem fosse. Um encontro podia muito bem ser tão importante como outro, e nem o enigma de um belo rosto nem a minha própria vontade de o decifrar seriam decisivos. Mas talvez esteja a viciar os acontecimentos ou a minha versão deles. Eu continuava a achar que a minha história com a Inês era muito especial e diferente de todas as outras, ou não teria doído tanto e eu já teria esquecido todos os meandros deste caso perdido e deprimente. E continuava agarrado aos meus sonhos frustrados, ao volante do táxi, desenfreado daqui para ali entre os arredores e o centro da cidade, passivo e brilhante como uma bola de bilhar. Ela continuava a ser o meu grande amor naufragado, o

mundo em que estivera com ela era um mundo mais nítido, mais lancinante. Houvera instantes de transparência total, em que senti não haver mais nada escondido em mim, em que tudo fôra visível e contido no seu olhar. Mas se isso apenas se devera às minhas miragens delirantes, nada mais lógico do que ter sido eu próprio a estragar tudo, perseguindo-as avidamente. Se a Inês que eu amara era apenas a imagem por mim posta em lugar do seu rosto desconhecido, a minha profanação deste ícone do meu amor não fôra mais do que uma cruel ironia do destino.

Não comia nem dormia, evitava as pessoas como um leproso, sentado no carro ou deitado no meu sofá ruminando pensamentos tenebrosos, vendo o fumo dos cigarros curvar-se em espirais fugazes diante do triste panorama da minha janela. Dava-me jeito trabalhar à noite, nas ruas desertas, entre fachadas com janelas iluminadas. Antes disso do que ficar em casa entre as minhas quatro paredes; e também não me apetecia ir a parte nenhuma, correndo o risco de ter de falar com alguém que encontrasse na cidade. Era preferível ficar em movimento, em órbita, fora do mundo dos outros, de tudo. Nesta minha solidão patética estava certo de nunca mais amar ninguém como amara a Inês, e vim a ter mais razão nisso do que imaginara. Com a Astrid foi um amor diferente, nem tão cego nem tão exaltado, mas mais terno, mais vagaroso, e demorei mais tempo a dar-me conta dele. A Astrid libertou-me do melodrama histórico que me roera por dentro até me transformar na carcaça vazia e idiota de um amor infeliz, levando-me a trair o meu próprio coração enfático e auto-destrutivo sem ela sequer se dar conta disso. Acho que não vi as coisas assim desde o princípio. Mas, para principiar, nem pensava coisa nenhuma, eu que quase perdera a cabeça cismando na minha voluntária solidão mortificada. Com a Astrid era tudo muito fácil e fluente, como se as coisas acontecessem por si mesmas, numa cadência própria. Será que à minha porta, ao dizermos adeus naquela tarde, já pensara nela como

se vivêssemos juntos? Como uma abertura possível, uma inesperada promessa de graça? Ou fôra ela apenas uma mulher bonita e certamente muito simpática, em fuga com o seu filho, ao cuidado de um motorista de táxi com problemas sentimentais e trabalho noturno? E lembrava-me Inês desaparecendo entre os flocos de neve, no seu olhar sombrio e distante enquanto eu a violava, cheio de vergonha e desprezo por mim próprio. Também nessa noite regresssei àquela tarde de Verão entre cegos de mármore, que haviam perdido a cabeça aos poucos. E vejo-me dezoito anos mais novo, atravessando a noite sem saber bem para onde, mas os pequenos interregnos, os desfazamentos imperceptíveis que levam de um rosto ao outro, de uma história à outra, escapam-me.

Não consigo distinguir bem o que pensava então do que penso agora, ao pensar de novo na Inês, porque penso no meu encontro com a Astrid. As histórias estão enredadas uma na outra, transformaram-se à medida que os acontecimentos as foram tecendo atrás de mim num padrão que tento descobrir para encontrar o sítio, o nó a partir do qual a ausência de Astrid se explique, mas não sei se consigo. Sigo a trama às arrecuas para encontrar a lógica do motivo, mas os nós desfazem-se-me entre os dedos, e fico por fim apenas com uma porção de pontas soltas. E reato hesitante tudo de novo, pois sei que só sairá uma única história dentre todas as que poderia contar com as mesmas linhas. Mas como saber se uma é mais autêntica do que a outra? Talvez não faça diferença nenhuma qual delas contar, talvez todas fiquem um pouco lassas no enredo, mal amanhadas e por demais imprecisas para serem verdade. Eu bem sei, mas tento, apesar de tudo, e quanto mais tento mais me apercebo que nada sei, que mal me lembro. Não resulta, só vai dar em conjecturas de silêncios e omissões, esquissos mais ou menos parecidos, mas não há outra saída. Tenho de inventar tudo de novo, sabendo bem que corro o risco de encobrir o pouco que entretanto talvez pudesse ter posto a

descoberto. Mas ao enredar isto tudo apercebo-me de quanto na vida permanece mudo e na sombra. Como é que se forma? Quando é que tomou a sua orientação decisiva? Como poderia ter tido outro rumo e ter-se tornado numa história bem diferente? Prego o olhar no escuro, mas este cerra-se em torno dos meus olhos, vejo só uns relances breves, relances que me encandeiam e logo se apagam, deixando apenas negativos de imagens na retina. Já não há mais nada, tudo isso se passou há muito tempo. Mas continuo certo de que a verdade fica nas pausas, no intervalo mudo das palavras. Ao fim e ao cabo, a minha narrativa é apenas uma tentativa de definir o espaço onde passou o tempo, e de manter esse espaço aberto, seja por intermédio de perguntas sem resposta possível, ou de respostas cautelosas a perguntas que ainda ninguém fez.

Não havia muito movimento, e voltei a casa mais cedo do que costume. Tirei os sapatos na entrada e avancei pé ante pé. Ela encontrara um lençol lavado e fizera uma cama no sofá aonde pusera o meu edredão, sinal de que achava ser a sua vez de dormir com o cobertor de lã. Fiquei mesmo comovido. Ao lavar os dentes ouvi o soalho ranger na sala, e pouco depois ela apareceu no espelho. Ficou à porta da casa de banho, sorrindo numa desculpa. Não conseguia dormir. Eu também não estava especialmente cansado. Mas ridículo pela certa, com a boca cheia de pasta dos dentes. Nunca gostei que olhassem para mim quando lavo os dentes, mas ela não estava a par. Bochechei e enxuguei a boca. Tinha um ar meigo, encostada ao umbral da porta com uma camisola de lã por cima da camisa de noite, sem maquilhagem, o cabelo desalinhado, olhos franzidos e cansados. A maior parte das mulheres fica melhor sem maquilhagem, mas não acreditam. Também não sabem que são mais belas quando estão cansadas. Talvez por estarem cansadas demais para se preocuparem com o seu aspecto, ou com o parecer dos outros. Sempre tive um fraco pelas mulheres cansadas. O rosto delas repousa nos seus próprios traços, descaram

ser presenciadas sem tomar as precauções necessárias, um véu de ternura turva-lhes o olhar como se os olhos se quedassem sobre outra coisa qualquer, algo dentro delas ou muito longe, num sítio diferente. A Astrid estava assim, à espera que eu acabasse o meu ritual, absorta não sei por quê. Ocorreu-me pela primeira vez que ela não era apenas bonita. Propus que déssemos cabo da meia garrafa de vinho que sobrara do jantar. Sentámo-nos na sala sem acender a luz, ficando a fumar na penumbra, à meia-luz do candeeiro da entrada, e lembro-me de ter reparado como o vinho sabe mal depois de se lavar os dentes. Ela falava em surdina com a sua voz arrastada e rouca, quase íntima, como se já nos conhecêssemos bem. Disse que ninguém sabia onde ela estava. Que há muitos anos não tinha essa sensação de estar à margem de tudo, escondida num sítio secreto, o que lhe dava muito jeito, como eu devia perceber. Disse-lhe que podia ficar uns dias, se quisesse. E o que diria a minha namorada? Espantou-me que partisse do princípio que eu tivesse namorada, até me lembrar do pacote de pensos higiénicos que a Inês um dia deixara na casa de banho, e que a minha hóspede logo localizara. Eu guardara-o como um pequeno feitiço nostálgico. Deve ter sentido o passo que dera em falso pela expressão da minha cara no crepúsculo, continuando sem esperar resposta. Estava admirado com a sua franqueza. Olhava à sua volta ao falar, com os seus olhos cansados e velados, encontrando por vezes os meus para ver o resultado do que dizia. Não como um apelo à minha simpatia, mas para me observar simplesmente, como se ao ver-me escutar a sua história me fosse conhecendo melhor.

Tinha vinte e um anos quando encontrara o homem grisalho que eu vira aos berros no frio da noite. No princípio fôra sua amante. Estava só. Perdera os pais ainda criança, e uma tia idosa era a sua única família. Ele era casado, e tinha uma filha da idade dela. Era um realizador de cinema muito falado, mas ali à beira do

táxi, em mangas de camisa, eu não o reconhecera. Ela fôra assistente de montagem num dos seus filmes, e tudo começara com beijos furtivos e tumultos febris, no laboratório e em quartos de hotel. Disse-me ter sido seu olhar perseverante, a sua firmeza, a sua voz calma e grave que lhe haviam enchido as medidas. Fascinara-a a sua volúpia de meia-idade, assim como o facto de ser uma jovem mulher desejada por esse homem famoso. Com ele era tudo diferente, diferente dos outros homens e rapazes com quem brincara aos namorados, fugindo-lhes de seguida, e admirava-se. Ali sentada, a contar-me tudo isso, não percebia como podia ter tido um filho com ele, e acreditado que viveriam juntos. Mas também nessa altura se admirara, lembrava-se agora, tanto por ele como por ela própria. Certa vez ele levava-a consigo a Estocolmo, onde ia encontrar-se com um produtor. Ela ficara toda a tarde deitada à espera dele, no Grand Hotel, pasmada com o que fazia ali. Lembrava-se dos pássaros emoldurados nas paredes, chapins azulados, pintarroxos e outros de cabecitas confiantes, olhando-a de esquelha na cama. Ela quase se revoltara com tanta candura. A amante de um homem casado. No fundo, divertia-a encarar as coisas assim. Um segredo medonho e precioso entregue ali à passada. Estudara os seios no espelho, e eram de facto espevitados, firmes como biqueiras de socos holandeses, mas resgatavam o quê? Disse que a certa altura o vira com a mulher na estreia de um filme, e de facto não via nela defeito nenhum que justificasse uma troca. Desejo. A palavra fê-la sorrir, e imagino que sorrisse da mesma maneira a bordo de um dos pequenos ferry-boats que cruzam o arquipélago de Estocolmo, encostada à amurada, deixando-se ofuscar pelos reflexos da água. Quando ele ia para reuniões, ela embarcava. Quando voltava das reuniões ele abandonava-se ao seu desejo grisalho, garanhão, como um homem, e ela rendia-se também, pasmada consigo mesma. Depois deixava-o falar do futuro, até ele se perder nele e ficar entregue aos passarinhos do Grand

Hotel, fitando-a tão baralhado como se esperasse que ela fosse à sua procura nos meandros dos seus projectos. Ficou deveras admirada quando um dia o viu à sua porta com duas malas na mão, pois tinha “cortado as amarras”. Pelos vistos, ele fôra sincero, e ela rendeu-se de novo. Esqueceu depressa o seu pasmo e não perdeu pela demora em ficar grávida. Começava já a acreditar num futuro que não só de palavras, à medida que o miúdo crescia, e quanto maior ele ficava mais acreditava nisso, até à noite em que nos encontrámos, tendo por acaso descoberto que o desejo do realizador de cinema se virara para uma nova atracção secreta, jovem e com futuro.

Quando acordei, ela já saíra com o Simon. Tinha ido à padaria e posto a mesa do pequeno almoço com uma garrafa-termos de café. Havia um *croissant* à espera num prato, e um guardanapo dobrado sob a faca, como nos hotéis. De facto, eu nunca comia *croissants*. Contrariamente ao dia anterior, havia rastros deles por todo o lado: os cavaleiros andantes do Simon em fila no parapeito da janela, prontos para a luta, entre um monte de *paperbacks* e listas telefónicas, a roupa dobrada numa cadeira do meu quarto, até mesmo um vestido pendurado entre as minhas camisas, e uma fila de bisnagas e frascos de toilette feminina na prateleira do espelho da casa da banho. Tudo dava ares de ela se ter instalado. Continuei a passar os dias e as noites sozinho, vendo-os apenas ao fim da tarde, quando voltavam a casa antes de eu me ir embora. Fazíamos a comida à vez, aquartelando-nos um pouco no pequeno apartamento, flexíveis e atenciosos, e se por acaso o nosso olhar se encontrava sorriamos desta inesperada e improvisada vida conjugal. Eu admirava-me pela facilidade de tudo isso. Até o silêncio era fácil, quase que isento da lei da gravidade, quando nos sentávamos frente um ao outro como os dois estranhos que éramos, não sabendo bem que dizer. Ela era a primeira com quem me podia calar sem me sentir acanhado. Admirava-me com que naturalidade

mantinha o equilíbrio no apartamento de um estranho, com que naturalidade se calava após ter dito o que tinha a dizer, sem se sentir obrigada pelo silêncio entre nós. Mas no fundo também não tínhamos muito de que falar nem planos de futuro, ela era apenas uma estranha acampando por uns tempos no meu território. Mas o cochichar do Simon e o sorriso enigmático da Astrid distraíam-me continuamente das minhas tristes meditações. De vez em quando sentia que ela me observava, se eu me punha a arranjar um brinquedo do Simon ou a ler-lhe em voz alta um dos livros que lhe trouxera da biblioteca uma tarde em que não soubera bem que fazer. Não me dava por achado ao sentir o seu olhar perscrutador, concentrando-me nos joviais homenzinhos de plástico ou nas histórias de animais vestidos a preceito. Parecia que o miúdo se habituara a mim, portando-se como se nos conhecêssemos há muito. No domingo fomos ao Jardim Zoológico, e foi ela que perguntou se queria ir com eles. Já lá não ia há anos, eram as mesmas focas e os mesmos ursos sujos de quando tinha a idade do Simon, que ficou muito chateado por não serem mais brancos. O tempo estava encoberto, e no meio das jaulas e grutas de animais apáticos e melancólicos, era a primeira vez que não conseguia reter mentalmente a imagem da Inês. Reparei com que facilidade a Astrid fazia rir o Simon, admirando-me a rapidez com que conseguira criar uma atmosfera de normalidade à volta dele. Com que simplicidade ela pacificara o pavor do rapaz pelo que acontecera, dependurando uns desenhos dele na parede ou andando no apartamento de um lado para o outro com o meu abafador do bule na cabeça, assobiando como uma chaleira. Depois, ao dar comigo, corava, ainda com o abafador na cabeça. Por dentro devia estar numa balbúrdia, mas não dava sinal de fracasso, e talvez encontrasse alívio e consolo distraindo o Simon com as suas palhaçadas, numa certa leveza quotidiana. Mas quando ele desatava a chorar, inconsolável, então era nítido que o desânimo patente nos olhos dela não tinha

só a ver com ele, mas com ela também, o que me fez lembrar o seu andar afoito avançando pelo jardim em direcção à rua, de criança na mão e com o homem atrás dela, do nervo da sua voz ao sentar-se no meu táxi e bradar-me que avançasse, que seguisse em frente.

Uma tarde disse-me que encontrara o realizador de cinema frente ao infantário do Simon quando ela o fôra buscar, consternado e arrasado de remorsos. Perguntei-lhe se tencionava voltar para casa. Respondeu que era melhor eu dizer, se estava cansado de os ter comigo. Não, não era isso, disse-lhe eu sacudindo a cabeça. Olhou para o Simon sentado no sofá, hipnotizado por um desenho animado. Não, tinha decidido. Levantou a mesa como que para acabar a conversa, e pôs-se a lavar a louça. Fiquei sentado, seguindo distraído as malvadas emboscadas que os bichos animados faziam uns aos outros, acompanhados por uma música desvairada como espasmos de um carrossel desenfreado. O Simon deitara-se no sofá, já cheio de sono. Desliguei o aparelho e pus-lhe um cobertor por cima. Quedei-me um pouco a olhar para ele, e fui para a cozinha, onde ainda podia secar a louça. Ela estava parada de pé frente à banca, como se perscrutasse algo lá fora, no escuro. Fui ter com ela, e ela virou-se. Se bem me lembro, ficámos assim longamente, frente um ao outro na pequena cozinha, enquanto ela franzia os olhos ainda mais e me observava através das frestas estreitas, à espera, se bem me lembro, mas foram no máximo alguns segundos.

Esperara apenas que me decidisse? Ter-se-ia o movimento desencadeado em mim, nela, ou simplesmente por si próprio, para além de nós, nessa pausa inesperada, nessa inesperada proximidade no vazio em que o nosso olhar se encontrou? Não acreditara que tal me acontecesse, nem sequer posso dizer que o tivesse esperado. Não posso explicar o impulso súbito, a imperceptível mas decisiva mudança que me fez levantar a mão e acariciar-lhe a cara com as costas dos dedos. Pôs lentamente a cabeça de lado e aconchegou a maçã do rosto à minha mão. Eu fechei-a em volta da sua nuca, por

baixo do rabo de cavalo macio, e ela pousou a testa no meu ombro. A pele era seca e quente, e acariciei-lhe a penugem da nuca, tentando em vão imaginar como ela sentiria a minha mão nas suas vértebras cervicais, e o que pensava ao senti-la aí. Eu não tocara em ninguém desde aquela tarde há uns meses, quando a Inês me desapareceu na neve. A nuca da Astrid e a palma da minha mão, a sua testa e o meu ombro, um encontro irrefletido e estranho, longe de tudo o que podia imaginar. Era algo que nos acontecia sem ingerência da nossa parte, a minha mão na pele dela, os meus lábios contra o seu couro cabeludo, o cabelo dela que me fazia cócegas no nariz, o odor estranho do cabelo. Mundos desconhecidos e separados, de súbito com fronteiras comuns. Senti as mãos dela nas minhas ancas, ela levantou a cabeça e olhou para mim de novo, e eu sem saber o que ela via. Fechou os olhos, talvez por tudo ser demasiado estranho, e beijámo-nos com cuidado, como se de novo tivéssemos de aprender o que sabíamos de cor. Ao beijar a Astrid pela primeira vez não pude deixar de pensar na Inês, vê-la ficar pequenina e desaparecer ao fundo entre os flocos de neve, pensar que já me encontrava num outro tempo, que o tempo passara e começara de novo. A boca de Astrid era diferente, e eu próprio, também já não era o mesmo, sem por outro lado saber bem em que consistia a diferença. A gente beija-se por não saber fazer outra coisa. Só temos os nossos pobres lábios, as nossas pobres mãos, que continuam corajosamente falando a língua deles, mesmo quando o mundo já é outro. O Simon ainda estava no sofá quando voltámos lá dentro. Nessa noite deixámo-lo dormir ali.

Ninguém soube onde ela estava durante a primeira semana no meu apartamento, e nem eu sabia grande coisa a seu respeito. Nem agora sei aonde pára, se continua em Lisboa ou se prossegue a viagem. Desapareceu como apareceu em tempos, sem pré-aviso, do nada de uma noite fria. Penso que está só, outra vez só, como quando se sentou no banco traseiro do meu táxi com o seu miúdo,

deixando tudo o que tinha. Imagino que esteja sentada à janela de uma rua estranha, onde as crianças gritam numa língua que não percebe, e onde os eléctricos descem de escantilhão razando fachadas de azulejos enquanto ela pensa no tempo em que se refugiou em casa de um fulano que nunca vira mais gordo, e se admira de ter vivido tantos anos com ele. Eu tento imaginá-la como outrora o grisalho realizador de cinema certamente o fez, a sós na sua vivenda, vendo que ela lhe escapara, supondo-a algures na cidade, num sítio desconhecido e inatingível. Talvez atravessasse neste momento o Rossio, ao fim da tarde, entre autocarros, táxis e vendedores de castanhas assadas fumegantes, na multidão de pessoas que vêm do trabalho, deambulando no meio delas, pensando talvez como é fácil mudar de direcção, como basta tão pouco para isso. Talvez passeie à beira-rio e veja os pequenos cacilheiros tornarem-se pontos negros por entre os reflexos do sol poente nas águas do estuário, para além dos cabos finos da ponte que parecem carcomidos pelo fogo, ela própria apenas uma silhueta entre silhuetas de gente que passeia ao longo do cais.

3

Fui para Nova York cinco dias após a Astrid ter partido. Não fazia ideia que ela nesse momento se encontrava no Porto. Desaparecera simplesmente, estava fora de campo. Estive quase para não ir, e arrependi-me mal o avião levantou voo. Não adiantava dizer para comigo que ela conhecia os meus planos de viagem, sabendo quando eu estaria de volta. Já sentado no avião, percebi: o que me paralisara nos dias que se seguiram a tê-la perdido de vista, ouvindo os seus passos afastarem-se no patamar da escada, não era apenas a minha inquietude e as questões que punha a mim próprio, cujas respostas ficavam no ar. Tinha saudades dela, era só isso, saudades cada vez mais violentas e esmagadoras, à medida que os dias passavam sem notícias. Quando ela se ausentava por uns dias dizíamos em tom de mofa que era bom darmos-nos uma folga um ao outro. Eu até gostava de ter a casa inteira por minha conta, à noite, depois do Simon e da Rosa se deitarem, se bem que manter as rotinas domésticas sem a Astrid já desse que fazer. Gostava de ficar só com as crianças, de gozar a intimidade delas quando me ficavam entregues, de ajudá-las a fazer os deveres da escola ou de comermos fora, pois não estava para compras nem cozinhados. Nessas alturas não tinha sequer tempo de me preocupar com o faria a Astrid entretanto. Agora até tinha tempo demais para isso. Não conseguia perceber porquê, não tinha nenhum motivo concreto para tal, mas nos dias seguintes à sua partida fiquei com a crescente sensação de que estava a perdê-la. Antes, isso só me ocorrera como um risco remoto de lhe acontecer qualquer coisa, ou de ela se apaixonar por alguém, mas fôra fácil afastar essas ideias. A presença da Astrid tinha-as diluído, e eu rira delas como se ri dos conselhos sensatos dos agentes de seguros quando nos pregam o sermão dos perigos da vida. Tal como nunca se admite que nos aconteça algo de grave, também não via bem o que pudesse acontecer, nem a ela, nem ao facto quase banal e evi-

dente de vivermos juntos. Ela fôra até esse ponto uma parte integrante da imagem que eu tinha de mim próprio. Era como se me tivessem acordado de um sonho e agora tentasse orientar-me num mundo que só aparentemente se parecia com o meu. Quando pela manhã acordava e deparava com o seu edredão liso a meu lado, parecia que o meu mundo se tornara estranho, ou melhor, que não existia agora nenhuma fronteira nítida entre a nossa casa e o resto do mundo. E ao entrar na quietude vazia da casa em que vivêramos tantos anos, era com a sensação de visitar um sítio onde outrora morámos. A consciência de ser só por pouco tempo que nos habituámos a chamar casa exactamente a esse lugar, e a mais nenhum. Há sete anos que não ia a Nova York, mas quando o táxi atravessou Queensboro Bridge a cidade parecia como de costume ter-se erguido cinzenta e vertical na outra margem de East River. Lá estava de novo, na estranha sombra translúcida do fosso das ruas, confuso de cansaço e leve como uma pena, na torrente agitada e ininterrupta de carros e de rostos, a mesma de sempre. Quando subi para o quarto deitei-me logo, mas não conseguia adormecer. Fiquei deitado a olhar pela janela, vendo o céu escurecer na fachada de vidro do outro lado da rua. Passei pelas brasas, e ao olhar de novo já o reflexo monótono do céu azul escuro fôra perfurado por quadrados acesos, onde homens em camisas brancas se debruçavam sobre monitores azulados ou erravam de uns para os outros nos respectivos andares, como fantasmas de gravata numa luz irreal e sem sombras. Na Europa, já era noite.

Recapitulei os dias vazios e ociosos que se seguiram à partida da Astrid. Cada vez que o telefone tocava preparava-me para que fosse ela, ao levantar o auscultador, anunciando o meu nome. Um dos nossos amigos telefonou a convidar-nos para jantar, e fiz os possíveis por parecer plausível e descontraído, dizendo-lhe que a Astrid fôra de visita a uma amiga em Estocolmo. Não tinha a mínima vontade de estar com ninguém, mas dei-me conta que

pareceria mais estranho se eu declinasse o convite do que se fosse só. A ter que dar uma boa desculpa para não ir, devia ter começado exactamente por aí, em lugar de explicar a ausência da minha mulher. Disse que teria muito prazer, e fiquei irritado comigo mesmo para o resto do dia. Admirava-me que não houvesse mais telefonemas para ela. Normalmente o telefone estava sempre a tocar, mais para ela do que para mim. Devia ter tomado as providências necessárias, usando com todos a história de Estocolmo, como aparentemente o fizera com a Rosa. Se era o caso, então preparara de facto a viagem com antecedência. Mas devia saber que a história de Estocolmo se esgotaria numa semana. Não é todos os dias que se visita amigas por tempo indefinido, e a naturalidade da sua ausência daria em breve lugar a perguntas curiosas e preocupadas. De modo que a intenção da sua mentira inocente fôra apenas dar-lhe a possibilidade de desaparecer tão elegante e discretamente quanto possível. A partir da altura em que partisse, a mentira deixava de ter importância. O facto de não me ter impingido a mesma história era bem compreensível, pois podia muito bem ocorrer-me telefonar-lhe para casa da Gunilla, o que de facto sucedera. Não queria certamente que eu ficasse inquieto, mas deve também ter imaginado em que estado a sua misteriosa partida me deixava. Talvez se tivesse admirado por eu não insistir que me desse uma explicação, e por não ter tentado detê-la. Talvez a minha atitude tivesse sido um alívio para ela, e por isso mesmo me respeitasse, talvez a tivesse confirmado nos seus secretos motivos de partir. Perdi-me assim nas minhas conjecturas, sentado no meu quarto de trabalho, olhando sem ver os meus apontamentos sobre Cézanne. Depois de ter passado o dia a escrever e reescrever o mesmo parágrafo, foi um desafogo tomar um táxi para um bairro do norte, na expectativa de uma noite bem passada com vinho italiano e conversa bem temperada sobre tudo um pouco.

Era um destes jantares a que fomos tantas vezes, com as mesmas pessoas, durante anos. Há de vez em quando um casal que se separa; um deles desaparece de vista, e o outro apresenta passado algum tempo, uma cara nova, mas é à parte isso um grupo mais ou menos coeso, de gente que se vem seguindo à distância ou de muito perto. Conheço alguns desde a minha mocidade, entre eles o nosso anfitrião, um arquitecto de renome e a sua mulher, que foi minha namorada por pouco tempo e muito antes de o ter encontrado, muito antes da Inês e da Astrid. Ela tem uma loja pseudo-humanista de artesanato da Índia e do Bali, e, quando falamos, põe sempre a mão familiarmente no meu joelho como uma pequena lembrança indolor do Verão distante em que fomos jovens juntos. Com a Astrid, teríamos sido oito, mas felizmente não houve ninguém que se admirasse por ela não vir, e após ter repetido a história de Estocolmo aos últimos a chegar, só falaram dela ocasionalmente. E ali estava eu sentado com o meu “dry martini” tal marido de folga, de costas voltadas para o crepúsculo, no jardim dos meus amigos, tentando parecer descontraído. Observei a rigorosa decoração interior, constituída por móveis modernos razoavelmente caros, suficientemente usados para não parecerem presunçosos, colocados tão harmónicamente uns em relação aos outros, que davam à sala um ar simples e quase puritano. Eu ter-me-ia instalado mais ou menos da mesma maneira, se a Astrid não tivesse um fraco por antiguidades sisudas e *kitsch* excêntrico à mistura. Pela primeira vez senti-me estranho ali, como um membro recém-chegado. Apenas participava na conversa quando me faziam alguma pergunta, e não prestava grande atenção ao que diziam. Falava-se do costume. Ocorreu-me que mesmo havendo novos assuntos de conversa cada vez que nos víamos, era sempre a conversa do costume. Não só porque normalmente previa o que um ou outro pensava disto ou daquilo, mas sobretudo porque o tom da conversa igualava a diversidade dos temas. Tudo se tratava

com a mesma ironia subentendida, o mesmo desempenho requintado, como se, sentados à lareira na densa atmosfera da casa à meia-luz, pertencêssemos a uma elite exclusiva que com uma ligeira inclinação de cabeça considera e comenta subtilmente a estupidez do mundo.

Olhei em volta pelo grupo de caras bem conhecidas. Cada um de nós é ponto de referência no horizonte do outro, somos testemunhas mútuas da nossa vida, e por já nos conhecermos há tanto, não nos apercebemos que o tempo passa. Temos mais ou menos a mesma idade, a nossa vida já tomou mais ou menos forma estável, mas ainda não chegámos à idade em que o futuro deixa de parecer amplo e até distante, como quando se anda de barco e o horizonte parece não sair do sítio. A maior parte já tem filhos, uns tiveram-nos cedo, outros tarde, a maior parte já faz o que faz há tanto que não é coisa a provar seja a quem for, mas ao atingir um objectivo estamos já fazendo novos planos. Não vemos bem como as coisas poderiam ter sido muito diferentes, e ainda não atribuímos qualquer relevância ao facto de a nossa história já estar a ficar maior do que o nosso futuro. Não obstante há muito termos tomado o lugar de outros. Ainda se vê aqui ou além um ou outro elefante branco empurrando com a tromba, mas, à parte isso, quem manda agora somos nós. Só ainda não nos apercebemos de que não vamos poder continuar a dar-nos ao luxo de sorrir amável e condescendentemente dos jovens que estão na fila de espera, em pulgas. Ainda não estamos bem a ver que a fome destes jovens, a solenidade das suas alegações, se transformará um dia em conversas bem regadas e discussões consensuais, quando se sentarem no nosso lugar. Não temos todavia resposta para tudo, ainda pomos algumas questões. E não queremos acreditar que um dia ficaremos tão empolados e afogueados de maduro tinto e de méritos acumulados, como os velhos idiotas que em tempos rendemos. Ainda rimos deles, quando os vemos agarrarem-se ao renome como os velhos

angustiadados que, com mãos trémulas cheias de manchas de fígado rebuscam as gavetas, receosos que a empregada lhes tenha roubado a prata da casa. Não somos totalmente desprovidos de escrúpulos, temos cá os nossos ideais, e dá-nos para ser irreverentes e dizer umas piadas. Ainda não esquecemos a estranha sensação do assento ainda quente, quando finalmente nos sentámos. Ainda sabemos o que é ter frio, e por vezes nem acreditamos sermos mesmo nós, ali sentados. Mas nem por isso compreendemos muito bem que seja assim tão terrível para os jovens ficar lá fora à espera, ao frio. Ainda podem esperar mais um bocadinho, tal como tivemos de esperar. Não nos podemos bem pôr no lugar deles, e sentir como é. Há demasiado ódio nos seus olhos. Não imaginamos como será para os nossos sucessores sentir o nosso calor nas cadeiras vazias, apesar do calor ser sempre o mesmo.

Um dos homens do grupo, conservador de um museu, estava às voltas com uma longa dissertação. Acho que sobre uma exposição que tinha visto ultimamente. Falava muito, como sempre, e o seu olhar era intenso, como sempre. Parece-se um pouco com o Stravinsky, e sabe-o. Já é careca desde o tempo em que estudávamos História da Arte, e fala com o mesmo tom insistente, quase inquisitório de então, quando passávamos noites a discutir a subtileza de Marcel Duchamp ao deixar a arte, entregando-se inteiramente ao xadrez para o resto da vida. Não mudou nada, está só mais velho, mas interrompe-se cada vez mais frequentemente com uma gargalhada sonora e repentina com que amachuca a sua construção de raciocínios perante o respeitoso público, dando-lhe o dissabor e a humilhação de se ter submetido unicamente ao seu divertimento, e não, como era suposto, respeitando uma visão profunda das coisas. Absorto como eu estava, só aos poucos me dei conta de que era do namorado da Rosa, do artista instalador, que se tratava. Segundo a opinião do conservador, os fetos incrustados e o filme pornográfico em câmara lenta eram um

SILÊNCIO EM OUTUBRO

exemplo burlesco de até que ponto a *avant-garde* estava completamente arrumada, pois quando a tradição já nem sequer constitui uma autoridade contra a qual dirigir a revolta, quando a provocação já faz parte do colossal guarda-roupa da tradição, a palavra *avant-garde* torna-se apenas uma desculpa desajeitada de não saber do ofício nem se preocupar com coisa nenhuma, a folha de vinha estritamente necessária à ambição, no fundo pequeno-burguesa, de se chamar artista. O namorado da Rosa era só mais um desses oportunistas que disfarçam velhacarias edipianas em assassinatos legítimos da História da Arte, fazendo o trajecto directo da valeta ao Livro de Honra. Tudo o que dizia o meu amigo careca podia muito bem ter sido dito por mim: e devia mesmo ter-me dado prazer ver como ele punha a gente a rir-se do desprezível jovem de preto, que possivelmente e muito contra minha vontade, ainda poderia vir a ser meu genro. Não obstante, e sem saber bem porquê, deu-me para defender o inclemente cabeçudo namorado da Rosa. Já me embrulhara numa frase interminável sem destino certo, a primeira da noite, quando o conservador me olhou perspicaz por cima dos aros de aço, enquanto eu tirava uma fumaça do cigarro. Lembrava-se agora de ter visto o nosso impetuoso iconoclasta na abertura de uma exposição, com a língua enfiada na garganta da minha filha. Os seus olhinhos de binóculo escrutinaram a minha cara à procura de um trejeito involuntário que lhe abonasse a sua revelação, mas continuei impassível, havendo todos feito um segundo de silêncio. Ele não diria nada disso, pelo menos com as palavras que usou, se a Astrid estivesse presente. Com os outros já entregues à gargalhada mesquinha e estroina com que se abafa o embaraço, quando certos limites se transpõem, tinha que me render. Mas não havia perigo, podia perfeitamente rir de mim mesmo na frente deles, era apenas uma pequena repetição obrigatória do rito inaugural da amizade, em que nos humilhamos uma vez por todas como uma espécie de penhor recíproco, forçados a penhorar

o respeito por nós próprios para que os outros nos respeitem, de modo que ninguém se julgue mais digno de crédito que os outros.

Fui à casa de banho do andar de cima antes de nos sentarmos à mesa, para estar um pouco sozinho. Sentei-me no canto da banheira olhando absorto a opulenta bateria de perfumes da dona da casa, assim como os pequenos e pretensiosos ramos secos de flores campestres pendurados com fitas azul-alfazema, delicado toque feminino entre os objectos sanitários brancos e esterilizados. O benjamim da casa, de cinco anos, deixara um pato de plástico na banheira, amarelo e com grandes olhos azuis, que cambado me sorria encorajador, como para me incutir a sua boa disposição. Tive de repente vontade de lhe torcer o pescoço, como se a sua candura fosse um autêntico exemplo de exagerada confiança no mundo e não uma candura *design*, moldada em plástico, sentindo-me simultaneamente culposos, como se de facto fosse um crime punir o pato de plástico pela sua radiante ignorância. Tudo me parecia de repente intangível e deformado, como dentro de água, nessa casa onde viera tantas vezes com a Astrid, entre pessoas supostas serem os meus amigos mais íntimos. Por que viera? Que fazia eu ali? Como é que estas pessoas se haviam tornado meus amigos íntimos, este bando de comodistas, vaidosos e gabarolas, exemplares espiritualmente entupidos da classe média académica, digerindo lá em baixo com *Brunello* as suas piadas indiferentes, como se pudessem disfarçar simples ambições mesquinhas simulando maneiras cosmopolitas? Como se o seu humanismo culinário, as voltas que davam pela Toscana de automóvel pudesse fazer esquecer que todos, sem excepção, provinham de um quarteirão dos subúrbios em tijolo amarelo, onde invariavelmente cheirara a enchidos às cinco da tarde. Uns subúrbios ociosos e sem alma, onde o céu estava sempre encoberto, onde as mães “donas de casa” haviam com toda a modéstia dado conta do recado, de aspirador em punho e meias de nylon, almejando algo melhor. Como se o

distanciamento mundano, o bom gosto cabal e discreto, todos os poemas de cabeceira, pudessem esconder terem saído apertados pelas coxas de uma dessas mãos reformadas com problemas de coluna, que só contrariados eles visitam nesse quarteirão dos arredores, com um bocadinho de vergonha dos seus penteados à *caniche* e calças de polyester, sentadas à mesa com a toalha de oleado, fazendo os seus próprios cigarros e lendo notícias sobre os “colunáveis” onde de longe a longe aparecem os filhos num *flash* do mundo feérico, brilhante e assustador em que desapareceram.

Como é que me tornara num deles? Como é que eu ficara tão velho que me ria de um jovem artista abespinhado, só por ele estar tão rubro na sua raiva adolescente como nós mornos na nossa bem estudada e bem remunerada maturidade? Será que apenas ríamos da sua megalómana e tortuosa vontade de tudo mudar, por havermos disfarçado de adultas as nossas tortuosas ambições, baixando a mira e apostando em possibilidades mais acessíveis? Ríamos das suas dificuldades existenciais por nos termos há muito agachado a quatro patas, reduzidos a animais bem-educados? Quando o conservador, tão à-vontade e mesmo quase apaixonadamente cínico alvejara o jovem vanguardista, não seria isso apenas uma maneira de defender a própria falta de vergonha desiludida, ratificando *a posteriori* todas as vezes que beijara o cu de um ministro da cultura, de um director-geral ou de um artista proeminente, para chegar onde chegara? Estava surpreso pela minha indignação, nem o conservador nem os outros me tinham feito rigorosamente nada. Seria só para aliviar o nojo crescente por mim próprio que me sentara ali na borda da banheira, cortando-lhes silênciosamente na casaca? Ou teria de facto tido uma imagem deles tal como eram na realidade, agora que nada era como costumava ser? Lembrava-me do olhar do conservador no breve silêncio antes da gargalhada geral explodir à minha volta. Olhara para mim como se soubesse o que eu a todo o custo tentava

esconder. Eu tinha a certeza de que a Astrid teria defendido o artista instalador. Não por gostar dele mais do que eu, mas aceitava-o por causa da Rosa, e escondia pelo menos o seu cepticismo se a nossa filha estava presente. Mesmo antes dos miúdos entrarem na puberdade avisou-me de que nem pensasse impor-lhes as minhas preferências. A educação das crianças era um dos poucos assuntos em que nos podíamos desentender. Eu criticava frequentemente a sua confiança cega em que tudo correria pelo melhor se não contrariássemos as crianças, e ela dizia repetidamente que eu apenas tentava controlá-las formando-as segundo os meus critérios escrupulosos. E tivera razão, tinha de o admitir agora que de qualquer modo estavam fora do meu alcance. Tanto o Simon como a Rosa orientavam-se tão autónomos e seguros de si como a mãe, e se não simpatizava com o artista instalador, o problema era meu. Só o seria para a Rosa se eu cometesse a indiscrição de lhe revelar as minhas reservas. Sentado na borda da banheira dos meus ditos amigos, olhando tudo de viés, gostava que a Astrid tivesse estado ali para defender o namorado da filha, agora que eu a deixara mal. A noite teria corrido de uma maneira muito diferente se a Astrid tivesse vindo. Ninguém se teria rido dela, como se riam de mim. Quando a Astrid entrava numa sala, o tom da conversa mudava. Tinha, só pela sua presença, uma influência estranha no ambiente, talvez até sem consciência disso. Representava algo de intangível, por ter nascido e sido educada com tudo o que para eles apenas fôra sonho, objecto de conquista ou motivo de humilhação. Temiam-na pela desenvoltura que se podia permitir em situações que os obrigavam a pensar duas vezes antes de pegar no copo, ou na faca do peixe. Vinha do que outrora se chamava “uma família bem”, e não obstante os pais se haverem precipitado no Jaguar deles por uma ribanceira abaixo, em Nápoles, tinha ela apenas quinze anos, já lhe haviam incutido a naturalidade exclusiva de pessoas que tiveram quinhentos anos para se civilizarem. Nunca

se atrapalhava nem conhecia ânsias ou despezos afectados, falava à-vontade com toda a gente, em todo o lado. Abdicara dos seus privilégios ao sair do colégio, e quando a encontrei não havia absolutamente nada de mundano na sua situação, apenas se movia com a mesma simplicidade intocável, e mesmo que lhe desse para meter o dedo no nariz à mesa, fá-lo-ia com classe.

A Astrid era intocável. O seu sorriso enigmático e a preguiça dos seus olhos pequenos repeliam tudo, fosse o comentário mais pavoroso ou a estupidez mais afrontosa. Foram incontáveis as vezes que vi um labrego empertigado ou uma pequena rameira intrigante bater em debandada após tentarem impor-se-lhe em vão. Só ela decidia quando a distância que a envolvia como uma armadura invisível seria transposta, e podia nessas alturas ser uma caixa de surpresas de generosidade e franqueza, mas ninguém sabia jamais o que pensava, nem mesmo eu. Se ela nessa noite tivesse vindo, ter-me-ia certamente entretido a caminho de casa com as suas observações e interpretações sem malícia, mas com uma curiosidade quase implacável, simplesmente porque ficava sempre admirada com os pequenos jogos entre as pessoas, com os sentimentos e com a invisível bolsa de valores sociais, que variam de hora em hora. Uma das últimas vezes que fôramos jantar fora com uns amigos, ela analisara no regresso todos os pares, chamando-me a atenção para cada saída irreflectida, cada olhadela de esguelha, cada um dos movimentos ínfimos que eu não notara. Talvez fosse a sua rotina da mesa de montagem, que se impusesse, o seu saber profissional sobre as atitudes estudadas e os tiques inconscientes que se comutam entre si, mudando de significado segundo a história em que aparecem e o seu lugar na sequência de cenas e réplicas dessa história. Mais uma vez me impressionava a sua agudeza, mas não podia deixar de lhe dizer que os nossos amigos certamente nos dissecavam do mesmo modo. Tal como ela, todos achavam que precisamente os pontos de vista deles eram privilegiados, pois

cada qual sentia-se o centro do seu próprio universo, em que os outros apenas eram planetas e satélites, onde exactamente o seu bom senso, receios e paixões determinavam todos os movimentos e todas as órbitas. Ela encolhia os ombros, mas eu insistia dizendo que nunca se sabe se alguém nos observa de uma maneira estranha, com um olhar que não se entende por se basear num conhecimento que se ignora. Sorrira enigmática, quase como se a ideia lhe agradasse, seguindo as linhas brancas no asfalto que à luz dos máximos corriam ao nosso encontro.

Era ela que conduzia, eu tinha bebido. Guia bem, é mesmo uma acelera, mas com a segurança com que manobra a faca de cozinha mais afiada. Eu observava o seu perfil enigmático — atenta e sorridente, de olhos colados na estrada — repetindo-me um pouco inseguro, seguindo a minha ordem de ideias. Perguntei-lhe se não reparara que as pessoas parecem ficar mais pequenas quando falamos delas. Como se houvesse necessidade de as diminuir para caberem na nossa perspectiva. Não seria isso suficiente para pôr em causa o nosso consenso? E se todos olhassem para todos dos seus pontos de vista limitados mas essencialmente diferentes, quem podia então arrogar-se o exclusivo de ver bem as coisas? Se todos os pontos de vista opostos, que se cruzam ou se sobrepõem, tivessem exactamente o mesmo valor, como podia então cada um de nós ser mais do que a soma ilimitada, mas também incoerente e paradoxal, das imagens distorcidas, reduzidas e incompletas, que se reflectem nos olhos de cada um? E dei o conservador como exemplo. Sabíamos que ele ia para a cama com as alunas das Belas Artes, mas a mulher dele não sabia. Por outro lado, ela sabia com certeza que ele ressonava ou sofria de hemorróidas, o que as miúdas giras da Escola talvez não soubessem. Sabíamos que ele caluniara um colega para chegar à posição que ora ocupava, onde fazia o papel de protector intransigente e desinteressado de uma elite incontestada de artistas, mas não sabíamos se ele nesse momento

ridicularizava os meus textos para um catálogo, muito embora a mim me assegurasse que eram excelentes. Mas talvez fossemos os únicos a saber que ele uma vez, de férias connosco na Grécia, muito antes de se casar, saltara de um barco à vela em pleno mar para salvar um rafeiro sem dono que a Rosa trouxera para bordo. Os lábios da Astrid crispavam-se num sorriso enigmático ao mudar de velocidade e passar para a faixa de ultrapassagem. Prosegui, encorajado pelo seu sorriso atento. Uma coisa, disse eu, é quanto pouco sabemos uns dos outros, outra coisa é se de facto sabemos algo de nós mesmos. Porque se não é possível ter uma visão completa de si próprio, se há sempre em nós um ângulo morto, um espaço em branco que não podemos ver, que nunca integra a ideia que fazemos de nós próprios não obstante o rigor de uma autocrítica demasiado condescendente ou demasiado severa, e se ainda por cima aparece alguém que, com o seu saber desconhecido e imperscrutável, talvez mesmo sem dar por isso, nos vê de corpo inteiro e tamanho natural com o seu olhar desconhecido e imperscrutável, teremos então de admitir que a nossa verdadeira identidade fica em segredo atrás dos olhos do estranho? Calei-me, a boca seca de tanto falar, e ela de repente rui-se. Se se riu do que eu disse ou de qualquer coisa que lhe veio à ideia, não sei. E riu-se, sem malícia, quase meiga, com os olhos fitos na estrada como se fosse ali, por entre as luzes vermelhas dos automóveis, que avistara a piada, enquanto eu, esgotado, me recostava no assento vendo as luzes da ribalta cidadina virem ao nosso encontro.

Talvez se tivesse apenas rido das minhas palavras sem conta. Foi a Astrid quem me ensinou a rir de mim próprio. Para ela, as palavras não são uma maneira de abordar a realidade, pelo contrário. Admira a retórica, mas não necessariamente pelo que eu disser, mais como se admira uma pessoa com jeito para virar panquecas no ar, ou para acrobacias em esqui aquático. Para ela, as palavras são um apêndice, um pouco como os balões de texto nas

histórias aos quadrinhos. Ao escutar alguém leva sempre em conta de quem se trata, mesmo que seja eu. Se, por exemplo, estivéssemos para ir a algum sítio e já tivesse tentado os primeiros cinco vestidos ao espelho do quarto, não adiantava nada eu dizer que este ou aquele lhe ficava bem. É o que *tu* achas, dizia-me com um sorriso de esguelha, olhando ainda céptica para o espelho, estudando a sua imagem. Éramos igualmente cépticos quanto às brechas caprichosas entre a realidade em si e as descrições dela, em que as pessoas se espelham. Mas enquanto as minhas dúvidas sempre me fizeram virar e revirar as palavras em todos os sentidos, parecia que a Astrid de uma vez para sempre tirara a conclusão oposta. Preferia calar-se e deixar as palavras apagarem-se como se apenas no silêncio a verdade viesse à tona. Se lhe dissesse que a amava, que era a primeira mulher com quem fôra feliz mais que umas horas a fio, sorria apenas, afastando-me o cabelo da testa com um gesto cauteloso e tímido, como se as minhas palavras fossem um ramo de flores desmedido. Tinha pudor das palavras, especialmente das grandes, e o efeito era por isso mesmo ainda mais forte, quando me abraçava pelas costas dizendo que me amava. Uma vez perguntei-lhe porquê, mas sorriu apenas e disse *porque sim*. Porque sim, o quê? Olhou-me como que admirada com a pergunta. Porque és tão pateta, respondeu, beijando-me na testa. Para ela, não havia nem porquês nem porques, e notava-se um toque de desapontamento no seu sorriso, ao revelar-lhe que não estava tão seguro como ela da minha causa. Era tão prudente com as palavras como com a fé que tudo explica, dando a todos uma impressão reservada e indiferente quando íamos fora. Mas a sós não tinha dificuldade nenhuma em se expandir. Entregava-se-me sem a mínima hesitação, à sua maneira brincalhona e despreocupada. Era generosa com a sua ternura, quase perdulária. A sua generosidade não consistia em pequenas cartas que esperam ávida e ansiosamente por resposta, mas era uma extensão dela própria, em carne e osso.

Às vezes encandeava-me quase com o seu amor, como quando se fazia invisível beijando-me os olhos com os seus lábios quentes e macios. Mas quando se riu de mim nessa noite no automóvel, de regresso a casa depois de mais um desses jantares com os amigos, talvez não fosse só por eu me ter perdido uma vez mais nas minhas próprias palavras. Talvez achasse que eu me preocupava sem razão. Embora se divertisse decifrando as danças nupciais e os combates de galos nos jogos sociais em que as pessoas se empolam de amor próprio no desejo e na inveja mútua, parecia profundamente indiferente ao que se poderia pensar dela. E mesmo passando horas ao espelho antes de se dar por satisfeita com o seu parecer, acho que era por ela mesma, que se dava ao trabalho, provando um vestido ou uma blusa a seguir à outra como um jogo, como outrora passara o tempo a vestir e despir bonecas. Esse era o segredo por detrás do arrojo sonâmbulo com que se portava no meio dos outros, e eu era o único a vê-la assim, pois só eu sabia ser ela tão senhora de si quando ia fora como saindo do banho e atravessando o apartamento nua e a pingar sob o seu quimono ondeante.

Deixei correr a água fria no lavatório e meti a cara debaixo. Bateram levemente à porta. Senti a pele da cara contrair-se e reparei nas pequenas gotas brilhando como suor à luz forte da lâmpada do espelho. Estava simplesmente no sítio errado, não devia ter vindo. Fôra um erro, devia ter inventado uma desculpa qualquer, ou nem mesmo isso, dito simplesmente que não podia vir. Devia ter ficado a pensar no Cézanne, à minha mesa de trabalho, ou olhando apenas pela janela, para a escuridão do lago, para as janelas iluminadas na fila de casas do outro lado, todas as janelas que davam para a vida desconhecida dos outros. Agora só tinha mesmo vontade de estar em casa, à janela do meu quarto de trabalho, a sós com a vista da janela. Se calhar a Astrid até telefonara, sabe-se lá, se calhar era tudo muito diferente do que eu pensava. Mas que

pensava eu? Que tudo acabara? Que ela fugira com outro? Que nunca mais a ia ver? Que tivera um acidente? Que se suicidara? Era como um cego que estende as mãos no vazio sem encontrar nada a que se agarrar. Mas por que imaginava o pior? Bateram outra vez, e reconheci através da porta a voz preocupada da dona da casa, a minha velha amiga, com quem tinha pintado a manta nesse Verão longínquo, em que nenhum de nós tivera mais que fazer. Se o acaso tivesse baralhado as cartas doutro modo teria talvez sido eu a partilhar esta casa de banho com ela, mas ter-me-ia então tornado outro? Um desses que não resistiam aos seus raminhos secos de flores campestres e tecidos do Bali? Ou desses que com os anos começara a detestar laços de seda violeta e padrões orientais? Um desses, que a certa altura passasse por acaso por uma Inês ou por uma Astrid desconhecida sorrindo para consigo de algo que lhe ocorresse, enquanto continuava para casa em sentido oposto, imerso em sonhos vagos. Reparei pelo espelho na minha cara marejada como de febre, lembrando-me da Astrid no umbral da porta na manhã em que partiu, do seu olhar distante e persistente, penetrante mas impenetrável. Limpei a cara e abri a porta sorrindo o melhor que pude. Não, não havia novidade, só um pequeno problema de intestinos, de certo por causa do café que bebera todo o dia. Descíamos as escadas juntos, ela ainda com ar preocupado, uma apreensão que lhe ficara na cara por esquecimento, quando a meio caminho me perguntou quanto tempo a Astrid passaria fora. Uma semana, respondi eu, pensando se a minha cara me traía, ou se ela adivinhara que nem tudo estava como de costume.

Ao sentar-me à mesa, fiz de conta que não reparava nos olhares bisbilhoteiros dos outros. Discutiam uma grande exposição de Mondrian que acabara de abrir, e disse-lhes que contrariamente ao que se poderia supor, Mondrian não calculava as composições de antemão, antes avançava às apalpadelas, por intuição, o que os

seus quadros inacabados testemunham, pois vê-se como as linhas auxiliares a carvão haviam sido apagadas e desenhadas de novo, até ele encontrar a ordem e a relação exacta. Por outras palavras, um método de trabalho parecido com o dos expressionistas abstractos que, como se sabe, pintavam a mesma imagem por cima muitas vezes, antes de darem o trabalho por acabado, o que apenas sublinha a leviandade com que se fez a distinção entre construtivismo e expressionismo. Parecia-me falar bem, calmo e seguro de mim, e até o conservador me observava amavelmente por detrás dos seus aros de aço, como dizendo que soubera sempre poder contar comigo, e a dona da casa, a minha antiga namorada de Verão, olhava-me com um quê de ternura, como se eu tivesse regressado de uma longa convalescença. Enquanto me expandia sobre Mondrian fazendo assim o meu *comeback* entre amigos, encontrei o olhar de um e de outro, pensando quem seria eu para eles. Para alguns era um crítico de arte reputado e por vezes até temido, para outros, o homem que conquistara uma mulher como a Astrid, para um par deles, um intelectual narcisista, arrogante e distraído, que fumava demais e certamente nem sequer conseguia mudar uma lâmpada sem apanhar choque. Para o conservador e para a dona da casa, eu era aquele que se transformara nisso tudo, o jovem que outrora desperdiçara ano e meio da sua mocidade deixando-se consumir num amor infeliz por uma fulana excêntrica, que, como toda a gente lho pudera dizer, ele não tivera a mínima hipótese de aguentar.

Havia muitas coisas que não sabiam, e muito que não podiam saber. Tudo o que nem eu soubera na altura, e tudo o que soube mas deixei de saber, ou porque me esqueci, ou porque já não era o mesmo. Porque não sou bem o mesmo que em tempos encontrou a Astrid. Vê-se nas poucas fotografias que há de mim. Não são muitas, porque sempre detestei ser fotografado, sempre me senti apanhado em falso, ou porque me esforço muito por parecer

natural, ou porque fico paralisado pela ideia de ser reduzido a um esgar, a um único momento de todas as horas e de todos os dias. Fico sempre demasiado tenso e consciente de mim próprio, quando me apontam uma máquina, sinto logo que não sou eu o motivo, mas alguém que tenta parecer-se comigo. Vê-se que os meus traços ficam mais nítidos nas fotografias, mas não sei bem se é a minha verdadeira cara que se revela gradualmente através do carácter indeciso da pele jovem, ou se é a minha cara original, que aos poucos se deforma com as rugas e marcas dos anos. Quando dou com o meu olhar nas fotografias do nosso álbum, o meu olhar céptico do costume, é como se o homem na fotografia olhasse para mim admirado, pondo-se a questão: Sou mesmo eu? Talvez a Astrid também sinta isso, se bem que não seja uma coisa em que pensemos todos os dias. Ela também não é a mesma que fôra naquela noite de Inverno em que se sentou no banco traseiro do meu táxi trauteando uma melodia para sossegar o filho, tendo deixado atrás de si tudo em que acreditara. Deve também ter-se admirado ao ver velhas fotografias suas, se de facto eram os mesmos olhos que agora encontravam o seu olhar. Os mesmos olhos que um dia responderam ao olhar insistente do grisalho realizador de cinema, como se nele visse o que havia de ser. Fomo-nos modificando ao mesmo ritmo lado a lado, sem darmos pela transformação que de longe a longe, quando os miúdos no Verão passavam a correr pela areia, altos e desengonçados, ou quando os víamos da janela a caminho da escola, nos apanhava de surpresa, espantando-nos por terem crescido tão depressa. Cada fase apagava a anterior, tanto nos miúdos como em nós, ficando só as fotografias e as nossas recordações imprecisas. E mesmo continuando a modificar-nos, só muito raramente pensamos na transformação, apenas como algo que nos acontece, não como qualquer coisa que nos arrasta e leva para longe.

Quase não me lembro como era ser eu, antes de me

transformar naquele que estava com a Astrid. Quando penso em mim no tempo em que era jovem, é como recordar um par de sapatos gastos e há muito deitados fora. Pensamos neles como quem pensa nos seus velhos sapatos, do mesmo modo que falamos da nossa velha primeira pessoa do singular, não obstante os sapatos terem sido novos e no fundo sermos nós que envelhecemos. Não tenho quase fotografias nenhuma desse tempo. Só uma da Inês, tirada em Amesterdão. Nunca a mostrei à Astrid, nem houve ocasião para isso, e se no entanto a viu, nada disse, pois talvez assim denunciasse ter coscuvilhado no meu quarto de trabalho. A fotografia está entre duas páginas da monografia de Vermeer, ao lado da reprodução a cores do famoso quadro da rapariga com um brinco de pérola e turbante azul, de pé num quarto escuro, surpresa na sua solidão, com os lábios entreabertos e uma expressão de receio e expectativa, ao voltar-se contra a luz para encarar o olhar intruso desconhecido. Também estou na fotografia. Sentado ao lado da Inês com o braço no seu ombro, entre turistas japoneses e americanos, a bordo de um dos barcos que percorrem os canais de Amesterdão. Olhamos todos para cima e alguns até acenam para o fotógrafo. É a mesma fotografia que ele tirou centenas de vezes, este fotógrafo desconhecido. Quase não nos distingo, sentados entre os outros turistas, nesse dia de Primavera em Amesterdão, há muito tempo. Um grupo de pessoas reunidas ao acaso — alguma das quais se calhar já não vive — que se dispersa em todas as direcções meia hora mais tarde. Temos todos um ar risonho, talvez por estarmos em Amesterdão, talvez porque o sol finalmente rompeu as núvens, brilhando nas águas verdes, nos impermeáveis e nos guarda-chuvas ainda molhados. As caras são tão pequenas que os traços quase desaparecem. Tenho de usar uma lupa para nos conseguir ver, a Inês com o cabelo ensopado e a cabeça de lado contra a minha, com um ar tão terno que nem parece a fúria belíssima que punha os homens a uivar à lua. Os nossos olhos são

quase tão pequenos como o grão da fotografia, a poeira nebulosa de partículas diminutas que define a cor do cabelo, da pele, dos casacos e da água. Os nossos olhos são apenas buracos pequeníssimos no instante parado da superfície das cores, dos reflexos e das sombras, perfurações insignificantes no fundo de tudo o que veio antes, para tudo o que viria depois, recordação e incerteza, esquecimento e esperança trémula.

Não me lembro nada do que vi, não me lembro de nada da nossa volta pelos canais de Amesterdão, e pergunto a mim mesmo se me lembraria do que esqueci, se não fôra essa fotografia de mim e da Inês olhando para cima, sorrindo. E penso se não será a nossa fotografia que ofusca tudo o que terei visto. A Inês encostada a mim, terna e feminina, ou para honra do fotógrafo, ou porque tem de existir uma fotografia em que se possa ver como podia ser amorosa. Lembro-me do seu perfume, o cheiro almiscarado de sabão *Maja*, que me faz sempre pensar em Espanha, apesar de nunca lá termos ido e de ser apenas o nome que soa espanhol. Tem um saco de plástico na mão, muito direito, e eu sei que contém um postal que comprou num museu, e lembro-me do motivo, embora não esteja a vê-lo, um faisão morto de olhos vazados, pendurado num gancho, de cabeça para baixo, pintado minuciosamente, sem marcas de pincel. Não me lembro do que eu pensei, quando a Inês encostou a sua cabeça à minha, só me lembro do que significou, ou do que eu quisera que significasse, mesmo se há muito deixou de ter importância. Os meus olhos fixam-me como pequenas pontadas de um segundo distante e apagado, mas não vejo nada neles, são pequenos demais, é demasiado escuro lá dentro, atrás da minha cara jovem ao sol inesperado e pálido da Primavera no canal. Sei que a amava, mas não me lembro como era sabê-lo, como era senti-lo. Sei que o meu amor me destruía, mas não posso reconstruir a dor, nem os inesperados repentes de felicidade. E digo-me que na realidade não era ela que me fazia

sofrer, mas eu mesmo que me dilacerava nela, que não era ela que eu amava, mas o meu próprio ardor, a minha própria estampa venenosa de quem ela poderia ser, e no que eu a queria transformar. E admito de facto que o meu amor jovem, ardente e sôfrego pela Inês tenha sido um beco sem saída, uma miragem, mas não tenho a certeza. A recordação dela perdeu depressa a sensibilidade, em breve já não sentia nada no sítio em que doera tanto, a ferida sarara e dera lugar a uma cicatriz lisa e indolor.

E fui falando de Mondrian olhando em volta para os outros, esclarecendo o mal entendido que era ver as suas cores elementares e as suas linhas horizontais e verticais como emblemas de um racionalismo enaltecendo a técnica deste século, e que as suas abstracções aparentemente tão concretas se deviam ver à luz do seu misticismo teosófico, uma antiquíssima aspiração oriental de harmonia cósmica. Chamei-lhes a atenção para as paisagens densas da sua juventude, com orlas de bosques obscuros e lagos no crepúsculo estagnados como espelhos, alegando que Mondrian no fundo era um romântico incurável. Escutavam concentrados, quase devotos, e até o conservador acenava anuindo com a careca. Achei de repente que ele parecia uma caricatura de si próprio, com a sua careca brilhante, os seus óculos cintilantes de aro de aço, o sorriso quase satânico de conjurado, assinalando que nada neste mundo o poderia surpreender minimamente, que também estava a par das inclinações espirituais de Mondrian, naturalmente, como se tratasse do seu diabólico tio em carne e osso. Olhei para a dona de casa dos raminhos de flores secas, que me sorriu como uma gata, pondo em risco a camada espessa de pó de arroz. Não se cansava de Mondrian, abrindo os olhos como se escutasse com eles e não com as orelhas, que enfeitara com pinhas douradas ou coisa do género. Também parecia uma caricatura da garota leviana com quem andara nas ervas das dunas, não se inibindo sequer de se debruçar um pouco na mesa, como um convite a sondar o seu

decote. Metera o peito num soutien preto demasiado pequeno, certamente para evocar o seu tão reputado volume de outrora. E quanto a mim? Seria mesmo eu, para ali armado em especialista do Mondrian? Não seria eu também uma caricatura do polido crítico de arte, sempre com uma palavra espirituosa e bem escolhida na ponta da língua, sobre fosse que pintor fosse, desde que famoso e defunto? Sorrindo para a minha velha amiga, simpático pela certa, lembrei-me de quando me seduziu de um balneário da praia, sentindo quase a esteira molhada do chão contra as nádegas, e os seus seios bicudos e frescos saltando do fato de banho. Ao sorrir-lhe, como que recompensando o seu namoro simbólico de há pouco, pensei até que ponto as experiências vividas com alguém determinam a entonação básica da música que mais tarde fazemos juntos. Ela era um ou dois anos mais velha do que eu, o que em tempos fôra suficiente para que já tivesse uma carreira erótica, enquanto eu ainda era um trapalhão nessas coisas. Quando era novo, sentia que por dentro eu era outro que por fora, diferente do rapaz desajeitado e tímido de quem ela se ocupara com esmero. Imaginara que um dia havia de me desvencilhar da minha insegurança, caindo finalmente em mim mesmo, temerário e inabalável. Ansiava sair da casca e revelar quem de facto era. Tão franco que estava aberto a tudo de par em par, tudo me abalava facilmente, sensível como era ao menor tremor, espelhando-me inquieto em todos os olhares. Agora, sentado ali, mandando-lhe o meu sorriso mais traquina, seria mesmo eu, era nisto que tinha dado? Um charlatão loquaz com uma cara bem parecida e brancas no cabelo, servindo-lhes Mondrian em fatias finas como papel? Teria eu pago a minha confiança adulta, os meus pontos de vista inabaláveis, os meus juízos irrevogáveis fossilizando nesta máquina falante? Haveria ainda alguém por detrás da máscara, esconderia esta ainda uma particularidade secreta?

Fi-los rir com a história de como Mondrian abandonara o

grupo DeStijl, melindrado com Van Doesburg por este haver traído o dogma da pintura rigorosamente vertical, colocando a sua trama inclinada, por achar as diagonais mais “dinâmicas”; e enquanto riam deste exemplo de intransigência formalista e de puritanismo quase fanático, pensei que essa gargalhada espirituosa e bem temperada era exactamente o que distinguia um artista como o Mondrian de um bando de pedantes culturais, conformistas e intelectualmente acomodados. Mas no fundo estava-me perfeitamente nas tintas para o Mondrian, como para o Cézanne, desde que a Astrid partira. Perdera pela primeira vez a vontade de escrever, a expectativa de ver os períodos saírem uns dos outros, palavra puxa palavra pela brecha da minha caneta, em longas linhas azuis e ondulantes de símbolos húmidos, que secam no papel. Comecei a escrever depois de encontrar a Astrid, e já vivia disso era a Rosa ainda pequena. Se de um momento para o outro ficasse impedido de escrever, sufocaria pela certa na trivialidade acumulada de todos os dias, mas por outro lado só me era possível respirar no mundo imóvel da superfície plana e muda dos quadros, na medida em que um mundo real, barulhento e irrequieto me arrastava continuamente na sua confusão, falava comigo e exigia resposta. Um destes mundos chamara por mim quando me encontrara no outro, e a minha vida adulta dera num vai-vem de um para o outro, todos os dias. Quando um deles se fechava atrás de mim e o outro se abria para o alarido do quotidiano, acontecia-me, ao procurar uma lata de sardinhas, ficar distraído no meio desse tumulto pela maneira como as garrafas vazias na dispensa me faziam lembrar uma das composições tímidas e melancólicas de Mondrian. Do mesmo modo que, meditando sobre os porosos ovos de mármore de Brancusi não podia deixar de pensar na penugem clara das nádegas de Astrid quando o sol da manhã lhes batia enviesado por baixo dos estores. Era um equilíbrio delicado, instável e caprichoso, que eu mantivera, e nunca me ocorrera sequer a hipótese de ficar

segregado num destes mundos, exilado do outro. Mas quando a Astrid partiu o apartamento tornou-se logo tão silencioso como uma sala deserta e cinzenta de Hammershøj⁵, com portas brancas abertas bocejando no vazio, e eu não tinha mais nada a acrescentar, nem sítio para onde ir.

Foi com a Astrid que me tornei naquele que sou. Tudo o que se liga à minha pessoa e ao meu nome começou desde que estamos juntos, não só o que escrevi, mas também muitas das minhas manias, das minhas reacções típicas e dos meus hábitos, tudo o que as pessoas acham simpático ou rebarbativo em mim. Se é verdade o que se diz, que a primeira impressão que se tem de uma pessoa é a que persiste e determina sombra e luz na imagem mais fina que entretanto se forma, então devo com os anos ter-me transformado no desconhecido motorista de táxi que numa noite de Inverno de há muito levou a Astrid e o filho para a cidade, e que ela uns dias mais tarde, espantada mas no fundo pouco surpresa, olhou de caras, quando ele levantou a mão e lhe acariciou a face. É no entanto assim que imagino a metamorfose que me arredou do jovem melancólico sentado ao lado da Inês no barco de turistas num canal de Amesterdão. Ele e o motorista de táxi são de resto quase da mesma idade, mas o motorista que a Astrid olhou de caras é o outro, um estranho a que eu e ela, a par, nos fomos habituando. Foi ela quem primeiro se apercebeu dele, foi o olhar dela que me libertou do moço de Amesterdão e dos seus desejos castigados. Não sabia nada de mim, não sabia quem eu era, para ela podia ser outra pessoa, diferente do rapaz que continuava a bater com a cabeça na parede doido de ciúmes, de vergonha e de amor próprio ferido. A Astrid libertara-me sem sequer ter dado por isso. O mundo abriu-se de novo, já não me sentia o camafeu desterrado que se sumia furtivo rente às paredes, o amor deixara de ser uma insolvência, e prometi a mim próprio jamais amar em vão, jamais andar com os sentimentos todos num tabuleiro, como

um inválido passeando as suas medalhas de mérito de uma guerra de que ninguém já se lembra. Passou-se tudo muito depressa, mas era uma maneira mais vagarosa, mais ligeira de amar, quase aristocrática, sem febres nem fomes arrasantes, sem nós de dedos brancos batendo a uma porta fechada. No princípio fiquei com vertigens de alívio, com a Astrid parecia tudo possível, não era preciso pesar as palavras numa balança de ouro, nem conjurar cada carícia com declarações patéticas e perguntas aflitas. Ainda só sabíamos infinitamente pouco um do outro, mas foi com a maior das naturalidades que a Astrid e o Simon ficaram a viver no meu apartamento. Comecei então a trabalhar de dia, quando não tinha aulas na universidade, e ao regressar ao fim da tarde já eles estavam em casa. Era uma sensação nova e estranha, essa de estar alguém em casa, de as luzes estarem acesas e haver vozes quando entrava. À noite deitávamos o Simon a dormir no sofá, antes de nos retirarmos para o quarto, e em breve ora era eu, ora ela, quem o levava para o infantário de manhã.

Uma manhã em que ia com ele pela rua veio uma mulher de idade ter connosco a correr, trazendo-me uma coisa na mão e dizendo com um sorriso que o meu filho perdera uma luva. Eu não dera por isso, nem sequer reparara que a Astrid lhe calçara luvas, sorria confuso, de súbito envergonhado, como um sedutor de crianças, ainda por cima um sedutor irresponsável. Se a mulher tinha filhos, estes deviam há muito ter saído de casa. Havia qualquer coisa de maternal no seu sorriso, que não parecia ser apenas dirigido ao Simon, mas também a mim. Eu era para ela um jovem pai simpático e um tanto distraído, sem domínio total da situação que me fôra confiada, e ao continuar com a pequena mão do Simon na minha, respondendo às suas imprevisíveis perguntas, gozei secretamente o meu rótulo falso. Ele fazia perguntas a torto e a direito, e apercebi-me, ao responder-lhe, que eu representava para ele uma fonte ilimitada de saber, quase do tamanho da Biblioteca

de Alexandria, e por assim dizer não só representava o papel de outro aos olhos das transeuntes de idade, mas também aos olhos dele, respondendo-lhe sem pestanejar a que distância fica o sol e o que acontece quando morremos. Tal como sucedera à biblioteca de Alexandria, os meus conceitos de ordem e de significado arderam há muito, mas nem por isso vacilava a fé deste miúdo no que eu dizia, inabalavelmente confiante no meu bom senso. Quando ele se cansava de andar punha-o às cavalitas, deixando-o agarrar-se ao meu cabelo. Admirava-me como ele era leve, e pensei, agora em plena hora de ponta, que me estava completamente entregue, a mim, um estranho que beijara a sua mãe sem saber bem o que fazia, simplesmente porque lhe dera para isso. Pensei também no grisalho realizador de cinema que numa noite gélida e em mangas de camisa se pusera aos berros à Astrid sentada no meu táxi. Ela devia em tempos ter acreditado que a sua vida ganharia forma e faria história com ele precisamente. A prova estava aos meus ombros, prova de que ela outrora devia ter encarado assim o grisalho. O Simon agarrava-se-me ao cabelo e às orelhas sempre que havia na rua qualquer coisa que eu tinha de ver, e, ao responder-lhe como podia, pensei que a pequena prova de amor em fatomacaco que eu segurava firmemente pelas botas de Inverno era o que restava desses sonhos desabados. Ele saíra da história com certa dificuldade, quando esta acabara, tal como outrora abrira caminho para sair do corpo da mãe. Fôra com ela de uma história para a outra, que ninguém previra nem sequer ambicionara. Eu nunca seria o pai dele, seria sempre o outro homem da outra história, e levando-o pelo azul acinzentado da manhã invernosa, a par do caudal ruidoso do tráfego entre peões apressados com pequenas núvens brancas saindo-lhes da boca, pensei que o tempo da grande candura das mãos limpas, onde nada está escrito de antemão, o tempo em que pudera ter sido fosse quem fosse e em que tudo pudera acontecer, esse tempo acabara.

A Astrid deve ter pensado algo semelhante quando começámos a acordar juntos na minha cama, procurando o outro com carícias ensonadas e cautelosas. Deve ter também pensado na parte dela própria que ficara no beco sem saída que deixara, e até que ponto ela agora seria ou não a mesma, trocando as mesmas carícias com outro. Fôra puramente por acaso que nos encontráramos, e nas primeiras semanas que passámos juntos no meu apartamento exíguo, onde ninguém podia saber que ela estava, onde ninguém sabia ainda que eu já não definhava no meu abandono, saboreámos ambos a sensação de enganar o resto do mundo. Senti-me leve, estava finalmente livre, e ri pela primeira vez desde há muito. Os meses passaram, começámos a sair juntos e a encontrar os nossos amigos respectivos, a Astrid separou-se do realizador de cinema, e quando chegou a Primavera encontrámos um apartamento maior. A nossa história começara, tinha já o seu tom e estilo próprio, e por cada vez que o nosso primeiro encontro num táxi numa noite de Inverno vinha à conversa, mais soava como o mito original do nosso amor. À medida que a anedota entrava em circulação, o acaso do nosso encontro transformava-se em força do destino, e com o tempo, os anos anteriores foram-se recalcando num dédalo pré-histórico de veredas a monte, experiências falhadas e esboços inacabados. Mas às vezes, ao ouvir-me contar de novo a história, afinava-se a memória do aspecto casual desse encontro. Lembrava-me então da sensação de leveza com que saíra da minha órbita, entrando logo num mundo diferente, como num sonho, onde eu próprio era o outro e diferente do que se transviara na imaturidade das suas obsessões pela Inês. Por instantes muito breves, antes de adormecer, entre pensamentos e sonhos, perguntava a mim próprio se era tão fácil amar a Astrid pelo facto de ter finalmente aprendido a amar, ou por ter aprendido a amar menos. Era só uma ideia muito por alto, e esquecia-a logo que a Astrid aparecia à minha frente. Como quando saíamos, nas noites

em que o Simon ficava com o pai. Gostava de dançar, e quando rodopiava absorta no meio da música e da luz palpitante, de olhos fechados, em torno de si mesma, era como uma ilha no meio de um pântano de silhuetas errantes e barulhentas, uma ilha em que eu dava à costa quando a abraçava. Enquanto casada com o realizador de cinema não dançara muito, ele não era muito disso, e assim também ela deixara de o ser. Ele fizera-a sentir-se mais velha do que era, e encontrar-me fôra também recuperar a juventude. Disse-me ter sido assim, como se tivesse andado perdida no tempo e finalmente voltasse ao ponto de partida, um pouco espantada de entretanto ser mãe. E era de facto muito moça, quando brincava na cama com o Simon, às cócegas, parecia antes uma irmã mais velha de regresso à infância. Era esquisito abraçá-la ali no meio da confusão da pista de dança, onde tantas vezes estive com uma rapariga desconhecida nas muitas noites que passei na cidade. Esquisito estarmos ali como dois amantes acabados de se encontrar, novos em folha, e sermos no entanto um casal já formado.

Partilhei um táxi para a cidade com o conservador e a mulher dele. Quando decidira ir-me embora já o tinham chamado, de modo que não pude recusar. Dei um beijo de despedida à dona da casa que me fixava intensamente pondo-me a mão no peito e as pontas dos dedos entre os botões da camisa, dizendo que me portasse bem. Sorri-lhe um pouco parvo desta vez, prometendo que sim. O que é que queria? Um *flirt* comemorativo na ausência da Astrid, enquanto o marido estava lá fora à espera do táxi? Deveria eu, com um repente de desejo no olhar, garantir-lhe que era pelo menos tão atraente hoje como o fôra outrora? Queria ela apenas sublinhar a sua prioridade sobre a minha pila, por a ter possuído antes da Astrid? E como é que tinha de me portar bem? Cuidando que ela não viesse atrás de mim com as suas longas unhas vermelhas? Que teria ela entrevisto? Seria a minha cara um livro aberto? Entre todos os presentes, teria ela sido a única a observar-

me com um saber secreto e inatingível, vendo o que estava oculto de mim próprio? Só a ideia já era tão cáustica como alarmante. Começara a chover e fomos a correr para o táxi, um pouco ridículos, como se a correr não nos molhássemos. O conservador sentou-se à frente, e eu sentei-me atrás com a mulher, gordinha e bem bonita, de cabelo curto e bem cortado. Ele, que pilhara as festas e os bares da nossa mocidade tal centauro selvagem e dionísico, que fôra para a cama com todas as belezas que cobiçara, casara-se finalmente com esta doce, tímida e discreta mulher, e eu não era o único a admirar-se da escolha. No princípio ainda achei que era uma forma de conversão moral, ele falava continuamente de ter filhos com uma devoção enfática que eu nunca lhe conhecera, mas não tiveram nenhum, e dentro em pouco andava outra vez na rapina, como uma raposa atrás das galinhas. Uma raposa velha, que não perdera entretanto o gosto pela carne moça. Admirava-me que a nova geração de garotas bonitas continuasse a cair pela sua aparência magricelas e careca, tal como em tempos as suas predecessoras, agora maduras e eternamente grávidas. A explicação fora-me dada por um amigo comum, um poeta, que por seu lado conservava o ar de não ter mais que vinte e cinco anos. Eu devia ter em mente, dizia ele, que as mulheres jovens curtem sempre para cima, tanto no que respeita a idade como a posição social. O conservador teria talvez a carne um pouco flácida, mas os seus olhos, nos aros de aço, irradiavam o encanto irresistível do poder.

Ele não tentava esconder a sua infidelidade galopante senão à sua doce e inócua mulher, aparentemente confiante que os seus amigos lhe poupassem a verdade lúbrica e brutal. Eu ficava um pouco chocado e nem lhe fazia segredo disso, ao contrário da Astrid, que estranhamente não ligava pevide a essa infidelidade grotesca. Quando lhe perguntei o que diria se me divertisse tão desmedidamente como o nosso amigo, beijou-me apenas na testa dizendo que eu não tinha jeito nem feito para isso. Registava as infidelidades

dele sem o julgar nem o desculpar, desprendida, como se tratasse de acontecimentos neutrais ou casuais sobre os quais não adiantava ter opinião. Não valia de facto a pena, e eu admirava-a pela capacidade que tinha de discernir entre os lados dele que ela achava antipáticos e os que apreciava. Ela tinha um fraco pelos cínicos, pelo seu humor blasfemo e sem escrúpulos, e o conservador fazia-a rir até às lágrimas. Durante o jantar eu ficara longe da sua mulher, e não tínhamos conversado. Aparentemente ela quis ser amável, perguntando muito inocentemente como estava a Astrid, e em que filme trabalhava de momento. Respondi a tudo o que me perguntou e daí resultou uma conversa a caminho da cidade. Induzi sempre confiança a pessoas tímidas, sentem-se bem na minha companhia, abrem logo o saco, o que pode ser um problema, mas também uma solução quando se está encaixado com outra pessoa no banco traseiro de um táxi, por exemplo. Ficou por fim toda sentida e pediu-me que desculpasse o marido por ele ter falado tão desdenhosamente da minha filha durante o aperitivo. Aliviei a tensão respondendo que no fundo era do namorado dela, e não da Rosa, que se falara, e o conservador aproveitou logo a minha manobra defensiva. Era verdade o que eu dizia, não se tratava absolutamente nada da Rosa, e porque é que a mulher se metia onde não era chamada? Já não se podia falar à vontade entre amigos? A mulher disse que não obstante devia haver limites, que eram apenas uns jovens, e até podia ser que eu achasse o namorado da Rosa simpático. “Simpático?” sibilou o conservador, repetindo a sua caracterização aniquilante da atitude completamente ridícula e patética do vanguardista. Tentei mediar, encontrando-me rapidamente numa situação em que defendia o conservador contra a mulher.

A quezília só se interrompeu quando ela pediu ao motorista que parasse junto de uma loja de conveniência, para comprar cigarros. Enquanto aguardávamos, calados e um pouco acanhados na

presença do motorista impassível, ele voltou-se de repente no assento, fitando-me com um olhar que eu diria desvairado. Disse-me que eu tinha sorte. Que queria dizer com isso? Sim, tinha sorte porque tinha a Astrid. Eu não sabia que dizer, concentrando-me em manter uma expressão calma, encarando o olhar ansioso no escuro. O seu hálito de vinho chegava ao meu canto. Havia uma coisa que me queria dizer. Soubera eu pela Astrid que ele uma vez a tentara seduzir, enquanto eu estava para fora? Aparentemente não se importava que o motorista ouvisse tudo o que dizíamos, fitando indolente e impassível o rasto comprido e brilhante das gotas da chuva descendo no seu pára-brisas. Que não me apoquentasse, tinha sido há muito, há cinco anos pelo menos. De resto, como eu podia prever, ela dera-lhe uma tampa. Piscava os olhos atrás dos reflexos de néon nas lentes, continuando a sua confissão com um quê de jovialidade demoníaca que transformava o seu ar grave e quase humilde numa careta teatral digna de pouca fé. Fôra a seguir a um jantar como aquele. Com a mulher doente, ele viera só. Levara a Astrid a casa, indo só com ela no automóvel. Achara que tinham rido ambos tão bem, que houvera um contacto especial nessa noite; e nessas coisas nunca se sabe, nem ele podia saber, em que termos estávamos um com o outro, ela e eu. Durante o caminho haviam falado de tudo um pouco, como eu melhor que ninguém devia saber que se fala com a Astrid, e quando casualmente lhe pusera a mão no joelho ao mudar de velocidade, a Astrid deixara-a ficar. Eu olhava através dos breves leques de transparência que os limpa-pára-brisas abriam. E via a mulher dele na fila do quiosque, repousando numa perna, meditando aparentemente nas imagens luminosas de *hamburgers* e *hot dogs* por cima do balcão. A cara dela era branca como a luz fluorescente, e o olhar distante. Ele não sabia até que ponto a Astrid de facto dera pela mão dele, ela também bebera, mas não a desviou, e houvera na verdade, como dizer, aquele contacto especial, de modo que ele deixara a mão ficar onde

estava, no joelho dela. Quando pararam em frente à nossa porta quis beijá-la, mas ela afastara apenas a cara sorrindo, e antes que ele pudesse reagir já ela dissera “boa noite” batendo com a porta do carro. Nenhum deles se dera jamais por achado com o episódio. Ela nunca me contara mesmo nada? Segui com o olhar a mulher dele saindo da área iluminada pelo quiosque, de repente apenas uma silhueta escura que se aproximava. O conservador deu-me uma palmada na perna, sorrindo conciliatório. Pelo menos agora ficara a saber que estupor de amigo eu tinha.

Não adiantava ir para a cama, embora já passasse das duas da manhã, sentado de novo no meu quarto de trabalho, olhando para a escuridão mais completa dos lagos sem fundo. Parecia ter parado de chover. A brasa do cigarro reflectia-se na janela, e o lume mais vermelho ao dar uma puxa era o único sinal de vida. A luz apagara-se nas janelas do outro lado dos *Søerne*⁶, havia só os candeeiros da rua e uma claridade laranja no céu, a claridade das luzes da cidade que me faz sempre lembrar no ar de incêndio das fantasias apocalípticas de Bosch, arrepiantes como formigueiros em marcha. A luz dos candeeiros iluminava só as fachadas da outra margem até certa altura, em leques exíguos entre os vãos das janelas escuras, sumindo-se o resto na escuridão, a mesma do lago, e o asfalto molhado da rua marginal parecia isolado do resto, uma extensa faixa de luz lavrada no grande vazio, sob o fantasma apoucado e incompleto das casas. Fez-me lembrar um quadro famoso de Magritte, *L'empire des lumières*, que representa uma casa austera junto a um lago nocturno, cercada por árvores sombrias, iluminada apenas por um único candeeiro misterioso e de mau agouro, paradoxal e enigmáticamente situado sob um céu azul com núvens brancas. Em qualquer outra altura teria logo analisado a afinidade para descobrir o que haveria de especial nessa vista, que me fazia pensar no quadro. Do mesmo modo que um quadro por vezes me remete aos recônditos da memória, à caça de uma

sensação remota, de uma claridade *sui generis* numa viela ou num portão meio escondido, algo que outrora me tocou a orla da memória para logo esmaecer e se sumir no instante seguinte. Com o tempo, as minhas recordações haviam-se transformado em quadros e incorporado a memória de todos os quadros que eu já vira, até perder de vista a diferença e discernir dificilmente entre um e outro tipo de recordações, pois eram igualmente difusas, igualmente deformadas, sujeitas aos impulsos, manias e preocupações do momento. Agora estava-me marimbando para o Magritte e para o reino das luzes, absorto ali na escuridão, sabendo que não ia dormir. Aliás, sempre achei Magritte um mau pintor e invulgarmente pretensioso.

Que teria eu dito ao conservador, se a mulher não se tivesse sentado a meu lado no banco traseiro do táxi logo após a sua confissão? Receio que não teria feito grande diferença, se ela tivesse vindo dois minutos mais tarde. Ele paralisara-me, remetendo-me ao meu canto do táxi, sabendo-me indefeso e neutralizado. Mas porque me contava essa história, e hoje precisamente? Porque diabo a Astrid nunca me dissera nada? Mentiria ele? E porquê mentir, pondo-se a si próprio numa situação melindrosa, arriscando ainda por cima perder a minha amizade? E por que calara a Astrid um episódio que, com boa vontade e numa versão dela, apenas seria um testemunho da sua fidelidade e perseverança? Talvez porque nesse caso, se ela com um sorriso irónico e reconfortante me contasse o pequeno incidente, eu me desse então para confrontar o director do museu com a história acabando por ouvir a versão dele, segundo a qual ela deixara ficar a mão no seu joelho, ou por esquecimento, ou por tacto inoportuno. Talvez porque durante o jantar, ou por um instante a caminho de casa, ela de facto houvesse pelo menos aventado a hipótese, ou até brincado com a ideia de ir para a cama com ele, e porque só a ideia, se bem que não realizada, lhe parecera sórdida e meio perversa. E lembrei-me da grande

condescendência da Astrid quanto às histórias dele com as alunas das Belas Artes. Seria ela tão tolerante apenas para se desculpar do seu *tête-à-tête*? Pensei na sua gargalhada no automóvel, a caminho de casa depois de um jantar como o de hoje, quando eu dissertara sobre o pouco que no fundo sabemos uns dos outros, servindo-me do conservador como exemplo cómico. Fôra dele, que se rira? De mim? De si própria? Ou de uma história totalmente diferente, que eu nem imaginava?

Talvez não tivesse importância nenhuma, se a história era verdade ou não. Se o fosse, não acontecera nada, apesar de tudo. A presença de uma mão no joelho da minha mulher uns minutos a mais podia bem considerar-se uma ninharia para esquecer. Se pelo contrário essa história inocente era pura fantasia, então reforçava a minha sensação do conservador não ma ter contado apenas para se gabar de até a Astrid, a intocável Astrid, se ter rendido momentaneamente aos seus famosos talentos conquistadores. Mas antes para se assegurar de ter visto bem, umas horas atrás, ao adivinhar em mim uma fenda na fachada “patrão fora” enquanto ele descrevia detalhadamente como o artista instalador se atirara à minha filha em frente de toda a gente. Talvez inventasse a sua pequena história picante para me fazer ver que percebera, ou pelo menos pressentira, que entre nós “estava o caldo entornado”, “havia moiro na costa” ou que “estava o caso bicudo”, como a minha mãe insinuava ao telefone. Mas por que diabo se interessava pelo que acontecia entre mim e a Astrid? Talvez porque fôra sincero comigo confiando-me que sortalhão eu era, enquanto a sua insossa mulher comprava cigarros,. Talvez porque todas as suas tenras alunas da Escola não eram senão uma forte e mesmo desesperada sublimação carnal. Talvez que ele, como tantos outros, tivesse secretamente desejado a Astrid e por isso mesmo se regozijasse com o facto de eu estar a perder o que nunca estivera ao seu alcance. Tentei recordar o que de facto se passara durante aquela viagem

na Grécia, há muitos anos, quando ele tão heroicamente salvara o cãozinho da Rosa de se afogar, talvez para impressionar a Astrid com o seu corpo de banheiro salva-vidas, então ainda moreno e musculoso. Mas não conseguia lembrar-me de uma única sílaba, de qualquer comentário ambíguo, da mínima imagem inquietante que pudesse corroborar a minha desconfiança. Essas férias são hoje sequências soltas de um filme interrompido, ondulações de calor, núvens passageiras, o brilho de uma garrafa de Retsina⁷ sob um alpendre de cana-da-índia entrançada, lagostas carmesim, os ombros tostados das crianças e o cabelo desbotado cheio de areia, a enseada azul turquesa pela frincha da persiana e o colo da Astrid na penumbra do quarto, pela tarde.

Quando acordei não sabia onde estava. Fazia escuro à minha volta, um escuro dividido pela irregular linha vertical de luz amarela que ia do tecto quase até ao chão, como se a parede abrisse numa brecha pela qual entrasse a luz, esta luz estranha e irreconhecível de um sítio diferente, num dia diferente. Virei-me na cama para o outro lado e vi a linha estreita de janelas acesas pela frincha do cortinado, que não fechara completamente antes de me deitar. Fiquei sentado na borda da cama, aturdido e confuso, até me levantar e ir à janela. Os homens em mangas de camisa já não corriam uns atrás dos outros nos andares em frente, onde os escritórios estavam agora vazios, mas totalmente iluminados, sem uma sombra. Fiquei parado à janela, a ver o tráfego do fim da tarde na Lexington Avenue, os sacões regulares da cadeia de luzes vermelhas e brancas dos automóveis ao longo da massa variável mas informe de corpos passando uns pelos outros nos passeios, em cardumes opostos. Daí a pouco, quando tivesse tomado banho e mudado de camisa, desceria de elevador para me misturar à multidão no fosso das ruas, entre arranha-céus de vidro reluzente, reduzindo-me a uma partícula como as partículas que se deslocam lá em baixo semelhantes entre si mas diferentes, em direcções

opostas, assimiladas pelo movimento contínuo e sem sentido da mesma torrente ininterrupta.

4

Quando acordei já o sol iluminava o outro lado do prédio e a luz da tarde incidia agora nas fachadas da margem oposta. Pela primeira vez desde que ela partira não estranhara a sua ausência. Pela primeira vez, nem num momento de distração esperara ouvir os ruídos dela na casa de banho ou na cozinha, o zurrir da água nos azulejos, o tinir de uma colher na chávena. Estava a habituarme à solidão e a derramar-me nela, agora que não contava com a Astrid. Adormeci no meio da cama, em lugar de me limitar ao lado que normalmente me cabia. E comecei a deitar as beatas na retrete, hábito de que Astrid há muito me desacostumara, a tocar os discos de jazz que há anos não ouvia, porque ela não os suportava, e a fazer uma sande para o jantar em lugar dos cozinhados que durante dezoito anos fizemos todos os dias, mesmo quando estafados do trabalho. Em menos de uma semana habituara-me de certo modo a estar só, sem fazer caso dos pensamentos que continuavam a gravitar em torno do seu sumiço. Já antevia aspectos de uma vida sem ela, sem que no entanto tivesse a mínima ideia do que implicavam. Andando no apartamento de um lado para o outro descalço e sem propósito, ou sentado à mesa de trabalho vendo as sombras das árvores crescerem ao longo do lago, admirava-me como um estado de emergência depressa se normaliza. Quando decidi partir para Nova York, como combinado, foi mais por perrice contra este estado de coisas, mas também contra a Astrid, que dera a si mesma esta misteriosa dianteira num processo de que eu apenas me fazia ideias vagas e ansiosas. A única coisa que eu sabia era da mudança nela e em nós. Sem saber em que sentido. Havia alturas em que me sentia brutalmente ofendido, mas caía logo na inércia da culpa de a ter deixado partir, e de não perceber porque partira. Estava convencido de que fôra por minha causa, mas punha-me também a questão se de facto tudo tinha necessariamente a ver comigo. Se tal não seria apenas mais uma

manifestação do meu narcisismo habitual, das minhas reflexões estéreis que continuavam forçosamente em órbita de mim próprio, como luas de um planeta árido. Talvez a questão não fizesse sentido, talvez nem mesmo a Astrid conhecesse a resposta.

Quando nessa tarde retomei os meus apontamentos sobre Cézanne, vi logo que não valia a pena. Por mim, as maçãs dele podiam apodrecer em paz. Se a minha vida estava de facto a cair aos bocados, eu queria pelo menos concentrar-me nisso sem me distrair com ambições ou promessas que haviam perdido o interesse. Telefonei ao redactor que me encomendara o artigo, e para surpresa minha, embora nem lhe desse uma explicação, não pôs problemas. Depois senti-me parvo pensando nos meus vãos esforços da véspera; aparentemente o Cézanne não tinha urgência, a não ser que o meu tom brusco ao telefone tivesse intimidado o redactor. De costume, eu era muito cortês, e até me admirei da rudeza, quase animosidade, com que lhe falei. Fiquei aliviado ao pousar o auscultador, mas talvez fosse por causa do sol que agora inundara o apartamento de uma claridade intensa e calorosa. Decidi sair para dar uma volta, já que me livrara do compromisso. Há muito que não andava pelas ruas sem qualquer objectivo, sem que houvesse alguém à minha espera. No decorrer dos anos com a Astrid e com os miúdos a cidade transformara-se num bastidor de trajectos pré-estabelecidos e muito objectivos. Havia ruas por onde passava todos os dias, e quarteirões que durante anos não frequentava por não ter ocasião para isso. A cidade deixara há muito de ser aquele mundo sedutor, estranho e repleto de oportunidades, cruzamentos de ruas e de olhares a que eu em tempos me consagrara, curioso e cheio de jovens esperanças. Tornara-se nossa, da Astrid, dos miúdos e minha, quase tão familiar como os quartos e a mobília do apartamento, e andava por ali como um sonâmbulo, sabendo bem que a nossa cidade era apenas uma das milhentas cidades paralelas que cada um dos habitantes formara segundo as

suas recordações, rotinas e sonhos realizados ou falhados. Nessa tarde, andando ao acaso, ora num ora noutro sentido, a cidade era como um labirinto estranho, e mesmo conhecendo cada esquina tive a sensação de me ter perdido. Era sexta-feira, havia muita gente na baixa, na habitual expectativa febril de um fim de semana que se aproxima, horas contadas de lazeres, prazeres, aventuras e tentativas de fuga. Ao cruzar um feixe de sol entre as casas, via-me por vezes reflectido na porta de um autocarro ou na montra escura de uma loja, estranhando, como durante o jantar da véspera, que fosse mesmo eu, o homem que por um instante passava ali entre as suas próprias imagens translúcidas, entre peões, passageiros de autocarro e manequins imóveis nas vitrinas. Outras vezes esperava dar comigo nos reflexos fragmentados e efémeros dos vidros, mas via só corpos e caras banais dos peões casuais, como se eu fosse apenas um par de olhos errantes e não fizesse parte do filme que me passava na retina.

Sentei-me num café a ler o jornal, mas nem as letras de caixa alta me despertavam a atenção, os grandes acontecimentos mundiais eram agora pequenos demais e mesquinhos, ocupado como estava pela ausência da Astrid: era um vazio enorme e repentino que a multidão do fim de tarde invadia e no qual eu circulava. Só conseguia observar os transeuntes com a sensação apática e expatriada que se tem num café de uma cidade estrangeira, sentado a um canto, vendo pessoas cuja língua não se percebe. Apesar de não fazer calor tinham posto cadeiras e mesas no passeio, e havia tantos clientes lá fora como dentro. Numa das cadeiras mais afastadas da esplanada estava sentada uma rapariga mais ou menos da idade da Rosa, vestida como ela, da mesma maneira descontraída e original, com uma grande camisola de malha folgada e umas calças “Príncipe de Gales” que certamente encontrara na quermesse do Exército da Salvação. Tal como a camisola, as calças de homem eram demasiado grandes, e ter-lhe-iam dado um ar apalhaçado se não

estivesse sentada de pernas cruzadas fumando elegantemente um cigarro numa atitude absorta e enfasiada, esquadrinhando a praça com os seus estreitos óculos escuros, de um para o outro lado da fonte, cujos repuxos de espuma gorgolejante e bandos de pombas se dispersavam a intervalos regulares em voos arrebatados. Usava cabelo ruivo apanhado na nuca, dobrado para cima e preso graciosamente com um lápis espetado no puxo um pouco solto; o rosto era fino e coberto de sardas e fiquei de repente muito empenhado em saber por quem esperava, por que tipo de homem teria caído, arrogante e intocável como parecia. Pedi outro café enquanto esperei com ela, notando com que aprumo bebericava o seu chá. Ergueu então a cabeça, dirigindo o olhar para um ponto ao fundo da praça, aguardando que a pessoa em vista também a visse, até que levantou a mão esguia e sorriu. Tentando avistar o jovem a quem ela acenara olhei na mesma direcção. Vi então uma rapariga sair da massa anónima, reconhecendo logo a Rosa, quando se aproximou da mesa e abraçou a ruiva.

Abri o jornal de imediato como se de um instante para o outro tivesse sido arrebatado pelo suplemento financeiro sobre o crescimento económico no sudoeste da China, já irritado comigo mesmo por me ter escondido tão abruptamente, com má consciência, pela certa. Pus-me a questão com certa vergonha, se de facto estivera ali sentado espiando a ruiva como um perverso qualquer que não quisesse assumir uma secreta e impossível volúpia. Eu, que estava longe de ser velho, que quando a Rosa nasceu nem sequer tinha a idade do seu jovem e revoltado artista instalador. Porque não esperara simplesmente que ela me visse, acenando-lhe jovialmente, deixando ao seu critério se estava ou não para vir ter comigo? Porque não acabara calmamente o meu café, simulando uma surpresa ao sair, beijando-lhe a testa e trocando umas palavras antes de as deixar sozinhas? Quanto mais tempo ficasse escondido atrás do jornal, mais disparatado seria quando ela me descobrisse.

Mas nem queria pensar encará-la, nem que a Gunilla de Estocolmo fosse mais uma vez a mentira frágil que tornava a ausência da Astrid normal e verosímil, pois não estava certo de manter a linha, encobrendo o monte de perguntas e inquietações que fervilhavam dentro de mim. Mas não podia deixar de espreitar por cima do jornal. A ruiva já não aparentava qualquer arrogância ou enfado. Empurrara os óculos para a testa, abandonando a atitude de boémia exclusiva e intangível, assentindo e rindo alto de tudo o que a Rosa lhe contava. O riso delas fazia-me lembrar o riso que ouvia no quarto da Rosa, quando ela se fechava lá com as amigas. A gargalhada surda de um mundo misterioso e inacessível, de sonhos impúdicos e intrigas venenosas. Na adolescência retirara-se gradualmente da nossa intimidade, confessando-se exclusivamente à Astrid, ficando eu sem qualquer hipótese de adivinhar o que levaria as raparigas lá fora a juntar as cabeças e atirá-las para trás às gargalhadas. Continuávamos carinhosos um com o outro, mas ao dizer-me adeus com um beijo ao de leve e de fugida, após ter vindo ver-nos, eu sentia que à parte a nossa máquina de lavar e as conversas cada vez mais raras com a Astrid, do pai só esperava uns conselhos práticos e algumas coroas. O resto vinha-lhe de outros lados, da ruiva de lápis no puxo, do artista de cabelo à escovinha e de outros, que eu nem conhecia. Quando a certa altura a ruiva deixou a esplanada para descer aos lavabos, a Rosa ficou contemplando pensativa a praça ao sol, onde as pessoas se agrupavam e dispersavam em formações casuais e instáveis. Podia ter-me levantado e ido ter com ela, ainda podia simular que acabava de a ver, mas fiquei sentado. Apercebi-me que não saberia o que dizer. Sentados ali, cada qual do outro lado da enorme vidraça, ocorreu-me subitamente que estávamos para além dos anos em que tivemos acesso aos canais interiores e secretos um do outro, alguns dos quais até escondidos de nós próprios. Também podia ter feito a coisa por menos, limitando-me a perguntar-lhe como estava,

sabendo de antemão que sorriria dizendo estar tudo bem, mas era exactamente esse equilíbrio entre distância e intimidade, ternura e urbanidade, que eu não estava certo de poder aguentar. Não obstante ainda me dar ao luxo de pequenos ataques de nostalgia, no fundo até me agradava que já não precisasse de mim, não a querendo fazer sentir que excepcionalmente precisava dela, desorientado como estava, sentindo tudo ruir à minha volta. Queria poupar-lhe a cena, e poupar-me que ela me visse assim. Estava convencido que ela só se movia tão intrépida no seu novo mundo por saber bem onde me tinha, contando que eu continuasse inabalavelmente assente em mim próprio, quer ela precisasse ou não de mim. Mas também não iria aguentar o seu olhar admirado, talvez mesmo assustado, ao dar-se conta que eu até estava mais vulnerável e confuso, sabendo ainda menos do que ela. Gostava de meter-se comigo, mas só por não imaginar poder atingir-me a sério, e por isso mesmo entrava comigo, pretendendo abalar a minha placidez, confiante que tal nunca aconteceria. Tivesse ela olhado para o lado, em busca da amiga, por exemplo, logo daria comigo, mas continuou olhando em frente, fumando o cigarro, absorta em pensamentos desconhecidos. Era muito bonita e adulta, sentada assim de perfil, com os olhos semicerrados e um cigarro pendurado entre os lábios carnudos. Parecia-se cada vez mais com a Astrid, com a Astrid quando jovem; o mesmo cabelo castanho e vigoroso, os mesmos olhos franzinos e verdes, as mesmas maçãs do rosto salientes, mas nessa tarde, ao observá-la, ainda via os últimos traços apagados da criança que não havia muito ela fôra. E via-me outra vez ao longo dos *Søerne* com a sua mão rechonchuda na minha, respondendo às suas perguntas impossíveis, outra vez com ela para a frente e para trás à noite no quarto, enquanto ela gritava como uma possessa e me vomitava pelas costas a baixo; no hospital, na noite em que a vi aparecer entre as coxas da Astrid, roxa e besuntada de sangue, cega e com uma cara de ameixa que me fez pensar nos

rostos negros e estrangulados, da idade da pedra, encontrados no fundo dos pântanos, mas viva, indómita e aterrorizada, aos gritos, pendurada de cabeça para baixo, debatendo-se no ar de punhos cerrados. Não, não fôra há muito, e agora fumava ali ao sol, de olhos semicerrados.

A Astrid, o Simon e eu passámos o nosso primeiro Verão à beira-mar, numa casa que uns amigos lhe emprestaram. Acabava de divorciar-se do realizador de cinema, abdicando de qualquer prerrogativa económica, não só por orgulho, acho eu, mas também para que tudo se resolvesse o mais depressa possível. Sendo ela a parte ofendida, essa decisão pusera o realizador de cinema em xeque, só agravando a situação que ela nem sequer tentasse esfolá-lo. Tendo sido ele o infiel, ficar com a vivenda, e com o dinheiro ainda por cima, era um papel ingrato. A Astrid não pudera continuar escondendo indefinidamente onde morava, mas pedia-me sempre para os deixar a sós, quando ele vinha buscar o Simon. Não se inibia de comentar o ambiente inferior que ela aparentemente preferia à sua vivenda mundana na *whisky belt*⁸, mas podia desmanchar-se logo em prantos arrependidos frente ao filho e à ex-mulher, desfeito em submissas preces de mais uma oportunidade, tendo em conta tudo “o que tinham vivido juntos”. O Simon ficava sempre insuportável quando ele o vinha buscar, não queria saber do Tivoli⁹ nem do cinema, a Astrid tinha mais uma vez de o arrancar do pescoço para se despedir, e mal ele partia com o seu grisalho e atribulado pai, ela punha-se a fazer limpezas e polir os vidros, desesperada. Quando falava do realizador de cinema, era como se falasse de um passo em falso ou de uma bala perdida, um disparate com que se conciliava estabelecendo uma distância de pasmo e ironia quanto à jovem mulher que seis anos antes se rendera à paixão assustadora de um homem de meia idade. Na história que ela contava dos anos que viveram juntos, o seu amor por ele reduzia-se a um encantamento juvenil, uma ilusão

atolambada que fôra demasiado longe, persistindo mais do que devia. E nunca lhe disse o que pensava quando ela falava assim do primeiro matrimónio: que talvez reduzisse os seus sentimentos e os do realizador de cinema a fúteis esgares eróticos para melhor se convencer a si própria de que os nossos sentimentos eram tão dignos de fé como a lei da gravidade, tentando assegurar-nos que eu era o homem da sua vida e nenhum motorista de táxi accidental, o primeiro que apareceu naquela noite. Ainda éramos jovens, e talvez recécássemos ambos a nossa própria juventude por causa da rapidez com que o amor mudara de cara. Talvez lhe ocorresse numa distração momentânea que a nova faceta do seu amor apenas fosse mais uma máscara. Ainda tínhamos pouca vida atrás de nós, ainda não podíamos saber que a história é tão incerta e ambígua como o futuro. Ainda acreditávamos que o passado se pode conjurar com gestos crípticos, que o nosso bafo quente chega para inculir vida aos sonhos.

Não tínhamos feito de propósito, mas também não foi desastre nenhum quando a Astrid, na Primavera, ficou grávida. Apenas mais um imprevisto feliz que marcaria a nossa vida. Não me disse nada dos seus palpites antes do médico confirmar. Quando mo disse, foi com o mesmo tom ocasional com que uma noite, na cama, brincando distraída com o meu cabelo, dissera gostar de mim, com o mesmo pudor das palavras, como se primeiro as ponderasse nas palmas das mãos, admirada do seu peso e aspecto estranho; e eu continuava a senti-la da mesma maneira, como quando há uns meses a vira de pé frente à banca da cozinha e fôra ter com ela para lhe tocar pela primeira vez. Foi com a mesma leveza de espírito, a mesma sensação vertiginosa de que a vida se abria para mim, que uma vez mais senti a resposta surgir ao mesmo tempo que a questão se punha. “Por que não?” Depois desviou o olhar, à espera, e peguei-lhe na cara entre as mãos, sorrindo, ao encontro dos seus olhos indagadores. A ter uma criança, por que

não com ela? Se não fosse agora, quando tomaria forma a minha vida? Por que esperava? Que tinha a reear? Foi o meu sorriso calmo que convenceu a Astrid que íamos ser nós dois, que não era apenas uma ideia, uma fé na série de crenças que nos põe em movimento e nos faz errar dum lado para o outro, quando novos. Eu não sabia o que estava a fazer mas fi-lo todavia, e a sensação sufocante de saltar para o desconhecido sem pensar duas vezes, a leveza libertadora do próprio salto, encheu-me de um estranho ânimo para mim até então desconhecido. Ela já ia no terceiro mês quando chegou o Verão e nos instalámos na casa à beira-mar. Não dissemos a ninguém para onde íamos. Mas fôra impossível guardar segredo do divórcio, as revistas semanais haviam consagrado a capa ao conhecido realizador de cinema abandonado pela bela mulher, e tive de desligar o telefone por uns dias, quando se soube onde ela estava. A casa à beira-mar foi o nosso refúgio enquanto esperámos que novos divórcios e novas mortes atraíssem o interesse das parangonas estrondosas e dos sorrisos pepsodent nos instantâneos desse mundo fútil que a Astrid deixara. Estávamos no princípio do Verão, a praia ainda deserta, e só havia a Astrid, o Simon e eu por ali; as semanas passavam e diluíam-se como as cores do mar durante o dia. Para o fim já nem sabíamos que dia era, tal como a cor do mar muda sem nos apercebermos: cinzento claro pela manhã, verde escuro à tarde, azul anilado com reflexos incandescentes ao pôr do sol.

O sol acabava de desaparecer no horizonte. Simon e eu estávamos de joelhos escavando um canal na areia fresca e húmida junto ao mar, para que as ondas enchessem o fosso em volta do castelo que fizéramos durante a tarde, um castelo medieval, cinzento e com torres de cones truncados, como o seu baldinho. Esquecemos mesmo de falar um com o outro, entretidos como estávamos com o nosso trabalho de engenharia, e nem nos apercebemos que o mar escurecera sob o céu laranja e verde. O vento soprava de

terra e as pequenas ondas desmanchavam-se exaustas na areia molhada. Conseguimos aos poucos dirigir a água para o rego, mas permanecia lá só por instantes, pois logo se sumia na areia, deixando apenas um nadinha de espuma. Ouvi a Astrid chamar por mim, a comida devia estar pronta, mas o Simon fez de conta, e continuei escavando, apesar de ter as minhas dúvidas quanto ao resultado. A Astrid chamou outra vez, e eu voltei-me. Estava ao cimo das escadas que vão da praia ao alto da encosta onde fica a casa, entre as roseiras bravas. Gritou outra vez, e outra vez ainda mais alto, só o meu nome, estridente, quase histérica. Só quando ela gritou de novo me veio à ideia que devia ter acontecido qualquer coisa. Larguei a pequena pá de plástico e corri quanto pude. Estava pálida, e começou a chorar logo que me aproximei e me dei conta do sangue que lhe escorria pelas pernas abaixo, sob o vestido de Verão. Peguei nela e levei-a para dentro, deitei-a no sofá e chamei uma ambulância. O Simon começou também a chorar logo que viu o sangue nas pernas da mãe, e ela tentou acalmá-lo, olhando de soslaio para mim ao telefone. Não sei quanto tempo estive ali a apertar-lhe a mão e acariciar-lhe a cabeça, sem saber que dizer, senão repetir as mesmas frases banais e vãs, até chegar a ambulância. Ela quis que eu ficasse em casa com o Simon, que se tinha encolhido mudo de medo num cadeirão, e pouco depois estava com ele na rua erma vendo a ambulância desaparecer no crepúsculo. Continuei a falar-lhe enquanto fazia a comida, para me sossegar também a mim, falando de tudo e mais alguma coisa, do fosso que tínhamos cavado em volta do nosso castelo medieval, onde os cavaleiros de outrora se entediavam à espera que passasse um dragão por ali. Mais tarde deitei-o no sofá, pus-lhe o edredão por cima, e fiquei a seu lado até adormecer. Fui lá para fora e sentei-me ao cimo da escada de onde ela chamara por mim, olhando para o reflexo vidrado do mar chão sob o céu da noite clara. Não havia nada para ver, mas fixava a superfície deserta da calmaria cinzenta, como se olha para uma

parede quando não se sabe onde pousar o olhar. Ainda se via os contornos do castelo de areia junto à água, que entretanto subira; as ondas batiam agora a intervalos regulares na base da muralha, que se erguia como uma ilha escura e frágil na espuma da ressaca. Aquilo em cuja realidade já começávamos a acreditar, que tinha emanado de um encontro casual, de um impulso inesperado, de uma vaga esperança, ameaçava agora deixar-nos de novo. Um corpo próprio, se bem que ainda incompleto e informe, um corpo que já não era inteiramente dependente da nossa fantasia, dos nossos pressentimentos, abraços e palavras. Pela primeira vez na minha vida falava com alguém que não estava presente. Falava com a Astrid, sozinho, na escada ao lusco-fusco, pedia-lhe que aguentasse, que não desistisse, como se tivesse qualquer influência o que eu dissesse. Fiquei ali sentado enquanto escurecia, fumando na aragem da noite entre as roseiras bravas da ladeira, vendo as primeiras estrelas na cratera fria do céu, e percebi de uma maneira mais manifesta e mais nua que nunca, que não era apenas eu a estar só, sentado ali com câibras no pescoço de olhar para a luz morta das estrelas, mas que também estávamos sós os dois juntos, a Astrid e eu, entregues a nós próprios e um ao outro.

Fomos vê-la pela manhã. Disseram que ela teria que ficar no hospital uns dias. Não prometiam nada. Ela estava exausta de aflição, e o Simon aterrorizado à vista da mãe pálida numa cama branca. Ela falou-lhe calmamente, explicando-lhe o que acontecera, e perguntou pelo nosso castelo de areia. Ele respondeu-lhe que ainda lá estava, as ondas tinham-no poupado, e sorriu, como se tratasse de um pequeno milagre, esquecendo as suas apreensões. Lembrei-me de como ela lhe trauteara a melodia no táxi naquela noite de Inverno em que o mundo deles desabara. Era a mesma calma que incutia, apesar do que lhe ia lá por dentro. Conseguira estancar-lhe o choro trauteando repetidamente a mesma melodia idiota enquanto eu os levava através da cidade. Não tivera a mínima

ideia do seu destino, e conseguira não obstante trautear-lhe a melodia calma e docemente, como se ele não precisasse de se preocupar com o que acontecia à sua volta, desde que se aconchegasse a ela. Fomos vê-la ao hospital todos os dias. Parecia ser apenas uma questão de repouso completo, a crise estava ultrapassada, aguentara. Eu não tinha até então estado sozinho com o Simon mais que umas horas de seguida, mas ele já se habituara a ver-me como o seu padrão masculino. Mas admirava-me comigo mesmo ao dar-lhe um beijo de boa-noite, tal como mais tarde, ao entreabrir cuidadosamente a porta do quarto, a ver se ele dormia. Era a primeira vez que alguém precisava de mim, que eu simplesmente estivesse presente. Ele corrigia-me complacente quando me esquecia de lhe arranjar a comida como de costume, ou de lhe escovar os dentes de trás, ajudando-me também a fazer a lista das compras, assegurando-se que não me esquecia de nada. Passávamos a maior parte do tempo na praia, ensinei-o a nadar, e em poucos dias já me largava as mãos dando as primeiras braçadas sem medo nenhum. Quinze dias depois da Astrid regressar do hospital ele nadava connosco até ao primeiro banco de areia. Riu-se, ao ver o olhar admirado da mãe, e disse-nos que agora éramos quatro, três a nadar no mar e um na barriga dela.

Nunca esqueci essa noite de vigília na ladeira da costa. Para mim é precisamente aí, nessa escada de madeira alcatroada, que a nossa história se inicia, que se transforma numa história o que começara como um involuntário convergir de circunstâncias numa distante noite de Inverno. Tanto quanto me lembro, o meu pensar e os meus sentimentos foram sempre como uma distância entre aquele que eu era por dentro e o mundo instável em torno de mim, os dias, os lugares e os rostos. Era como se eu estivesse sempre noutra sítio e ansiasse vencer essa distância, abrir-me e deixar a luz dos lugares e dos olhares cair sobre o incógnito que se escondia

no negrume interior, mas nem luz nem olhares lá chegavam, havia sempre um canto sombrio em que ele se escondia, o fulano que era suposto ser eu. Quando a Inês se voltou para mim num dia de Verão à meia-luz, entre cabeças romanas corroídas pelo tempo, julguei finalmente que alguém dera com ele, e tentei retê-la a todo o custo, como se nos seus olhos eu visse o que eu esperava ser visto. Quando encontrei a Astrid, havia entretanto renunciado à ideia de ser mais do que um desses que erram pelas ruas e pelos dias, um rosto entre outros na variedade das aparências inconstantes da cidade. Mas nessa noite, ao fixar no escuro a orla quase imperceptível entre céu e mar, tudo o que eu era sintetizou-se em duas pequenas palavras que continuei repetindo em voz baixa no meio das roseiras bravas, até deixarem de significar fosse o que fosse, por dizerem tudo: “aguenta, aguenta”. E nessa tarde do Inverno seguinte, ao ver a Rosa emergir à luz besuntada do sangue da Astrid, foi como se finalmente eu também saísse da casca. Enquanto a Astrid gritando de dor se livrava da criança que formara em si, senti ter enfim vencido aquela distância, e que o meu amor já não era apenas um sentimento, uma pergunta, um gesto no ar, mas que vingara, que existia finalmente entre nós alguém que pela primeira vez enchia os pulmões e os esvaziava num berro.

Os nossos primeiros anos são uma bruma luminosa de cansaço e deleite, dias e meses que perdem contorno pela a velocidade com que passam, diluídos na urgência vertiginosa com que tudo acontece. Não me lembro desse tempo em recordações isoladas de momentos parados, mas como um movimento constante sem sair do sítio, do mesmo sítio. Os nossos primeiros anos são uma clareira no tempo, e lembro-me da sensação de lá ter chegado como se me tivesse perdido por atalhos sem saída e caminhos a monte num bosque cerrado, encontrando finalmente uma aberta onde de novo se via o céu. E comeci mesmo a pensar que a Astrid fôra, sem que o soubesse, aquela por quem esperara.

Achei que chegara exactamente ao sítio onde devia estar. Os dias fundiam-se uns nos outros como se fosse o mesmo dia a girar gentilmente em torno de si próprio, e eu já não tinha pressa nenhuma, nem sequer vontade que o tempo passasse e me levasse a qualquer lado. Os dias reproduziam-se, eu tinha oceanos de tempo, e passado mais um ano admirei-me de novo que as metamorfoses fossem o fruto da repetida órbita quotidiana. Fazíamos as mesmas coisas todos os dias, e a Rosa e o Simon iam crescendo entre nós com rostos cujos traços se avivavam ano após ano na pele macia. Trocávamos sempre as mesmas palavras e carícias, mas o reportório de tons e inflexões aumentava e aperfeiçoava-se ao extremo do olhar fugaz, de um leve afago ou de uma frase suspensa, que, segundo a situação, levava um sentido especial que só nós sabíamos. Cada vez que comíamos com os miúdos, cada vez que fazíamos amor, as nossas palavras, sorrisos e gestos continham todas as outras vezes na sua própria repetição, que por sua vez abolia a fuga do tempo. Os dias não anulavam os outros dias, não se comiam sucessivamente, mas uniam-se apenas num ritmo calmo de despedidas e de reencontros, de afazeres e de sono, como se nos tivéssemos instalado no epicentro do tempo. Por vezes entediava-me, mas o enfado não se devia como dantes à dor do desgaste que a repetição provocava na minha maneira de ver e pensar. Quando me entediava, era antes uma espécie de meditação sobre a fisionomia descurada dos pormenores triviais, o reflexo do sol de Inverno na empena frente à janela da cozinha, a casca seca da cebola, estriada e quebradiça que crepitava quando nela pegava, a gota de água que lentamente se empolava sob a torneira acumulando luz antes de se soltar e cair como um cometa prateado no aço cinzento da banca. Quando me entediava, não era bem tédio, mas antes um instante de repouso mental no centro de gravidade por onde eu passava repetidamente ao longo do dia, e onde toda a oscilação e inércia cobravam energia. Durante horas esquecia-me

de mim próprio, mudando a fralda da Rosa, ou lendo alto para o Simon, ou sentado à minha secretária vendo as palavras aparecerem no papel, ou na cama com a Astrid, sentindo o seu desejo despertar nas minhas mãos. Havia sempre algo à minha volta que me arrebatava à solidão e a mim mesmo, que me desviava para o tropel dos acontecimentos. Eu era apenas um par de olhos e uma caneta, mesmo quando estava só no meu quarto de trabalho, completamente absorto pelo que via e tentava descrever. Durante esses anos não discerni deveres de lazes; havia a toda a hora algo que tinha de ser feito, e isso fôra para mim uma alforria que só me fazia trabalhar mais afoito, sabendo não ter o dia inteiro para isso.

Viajava amiúde por causa do meu trabalho, e quando me sentava de novo olhando pela janela de um fastidioso quarto de hotel, numa cidade estrangeira, então via-os nitidamente. O Simon no seu quarto pintando soldados de chumbo, perdido no azul-marinho dos uniformes nortistas. A Rosa na sua pequena banheira de plástico, cantando com os seus botões, lavando o cabelo a uma boneca com sorriso de estrela de cinema. A Astrid na cozinha, lavando espinafres sob a torneira com os dedos vermelhos da água fria, absorta talvez na afinidade do frisado das folhas com a dos seus dedos engelhados. Quando eu telefonava para casa, nem sempre sabia que dizer. Fazia-os contar o que acontecera durante o dia, não tendo propriamente nada de especial a dizer-lhes, as pequenas palavras quotidianas que habitualmente transbordavam de significado quando estávamos juntos perdiam peso, eram insuficientes, não conseguiam vencer a distância telefónica. Normalmente até me alegrava a ideia de uma quebra no dia-a-dia, mas mal partia ficava logo com saudades deles, e até me sentia perdido andando sozinho nas ruas de uma cidade estrangeira, entregue aos meus próprios impulsos. Podia passar dias sem falar com ninguém, aparte os recepcionistas e criados de hotel com quem trocava as frases mais ocas ou estritamente necessárias, e se eventualmente

encontrava um colecionador, um avaliador ou um crítico de arte aderia logo humildemente à conversa, como um sem-abrigo a quem por pura misericórdia tivessem aberto a porta. Sentia-me mais desamparado em viagem do que antes, ocorrendo frequentemente numa rua no estrangeiro sentir-me um zé-ninguém qualquer apresentando-se hesitante com um estranho sotaque cómico, sem o à-vontade discreto de quem vai a caminho de algum sítio, onde é esperado. A Astrid ria-se frequentemente de mim quando eu telefonava pela segunda vez no mesmo dia a perguntar por eles, como se só por eu não estar em casa acontecesse algo de especial.

No Inverno em que a Rosa fez sete anos estive em Paris para ver uma grande exposição de Giacometti no Musée d'Art Moderne. Passei uma tarde inteira para a frente e para trás por entre as altas figuras de bronze nos seus pés gigantes, magras, nodosas e de braços pendentes, cujos rostos indecifráveis, esguios e apenas esboçados se erguiam um pouco como à escuta de qualquer coisa. Eu já escrevera sobre elas sem todavia conseguir estabelecer o que imperceptivelmente lhes fazia vibrar o ar em redor, cada vez que as via. Não era apenas por serem só linhas no ar, quase sem dimensão, como se o ar fosse papel finíssimo, em que Giacometti com traços rápidos fizesse aparecer os seus perfis, tais rasgos de luz numa escuridão desconhecida. Havia também algo característico no espaço que as envolvia, algo invisível ou transparente entre o seu físico abreviado e o meu olhar que, para as alcançar, apalpava o vazio onde ameaçavam desaparecer. Circulando de novo entre os esguios, apagados e absortos homens e mulheres na sala branca, ocorreu-me de súbito que era o ar, o seu próprio espaço envolvente, que essas figuras, vacilando entre invisibilidade e ausência, me faziam ver. Não só recuavam para os confins interiores do seu volume, quando olhava para elas, mas era como se o meu olhar lhes corresse os corpos de bronze pouco a pouco e tropeçasse para a frente numa queda livre onde se enterrava. Era

como se as figuras delgadas e desgarradas ameaçassem desaparecer completamente se eu olhasse demasiado para elas. Talvez fosse exactamente pela resistência que ofereciam ao meu olhar, quando as devorava, que me tivessem sempre parecido tão irreduzíveis. Esta última fronteira intrespassável que nos separava e as retinha de sumir-se no ar, perante mim. Era esta fronteira que Giacometti aparentemente continuara a explorar. Após as experiências dos primeiros anos, o seu trabalho deixara de ser uma questão de inovação ou de constante alargamento do campo experimental. Ele parara a partir daí, interessado apenas na perplexidade final do momento em que presença e ausência se reduzem uma à outra. E talvez pense em Giacometti por se tratar da mesma fronteira que tento abordar sem poder transpor, ao vê-la a ela de novo à minha frente, de casaco, impassível à porta do quarto, esperando que eu acorde. Levanto-me, vou ter com ela, estamos face a face, encontro o seu olhar, e já desapareceu. Está à minha frente mas já lá não está, olha-me como se me visse à transparência, como se estivesse só, como se eu apenas fosse uma ideia.

Mas há também outra razão para me lembrar desse dia de Inverno no Palais de Tokyo. Enquanto andava para a frente e para trás na sala silenciosa por entre as silhuetas de bronze de Giacometti senti de repente uma mão no ombro. Ao virar-me dei com a Inês, que me sorria. E vi-a de novo desaparecendo entre espirais de flocos de neve. Havia algumas brancas no seu cabelo negro de azeviche, usava agora óculos, mas estes só reforçavam a beleza dos seus olhos garços, e as rugas — mais nítidas em torno do seu nariz altaneiro — sublinhavam apenas os traços de que me lembrava tão bem, e que em tempos foram a marca de água das minhas noites em branco. Já lá iam quase oito anos. Indagámos polidamente da vida um do outro, falei-lhe da Astrid e dos miúdos, por alto, acho eu, enquanto caminhávamos lado a lado sob os plátanos da beira-rio. Ela andava tão depressa como dantes, fazendo os

mesmos fogosos gestos nervosos de então, enquanto falava. Quando me voltava via a estrutura metálica da torre Eiffel entrançada nos ramos nus das árvores atrás dela e dos seus olhares rápidos e inquietos. Disse que eu parecia mais velho e que me ficava bem, e sorri sem saber que responder. Sentámo-nos num café da Place de l'Alma, lado a lado num banco corrido, de onde se via bem a praça. Ela já morava em Paris há dois anos, e talvez ficasse por ali. Contou-me que vivia só, sem que eu lho tivesse perguntado. Não percebi muito bem o que fazia, acho que um pouco de tudo, como dantes, o dinheiro continuava aparentemente a não ser motivo de preocupação. Parecia um pouco desgarrada, um pouco ociosa, apesar dos seus esforços para imitar a anarquista libertina que eu outrora conhecera. Disse-lhe que escrevia sobre arte, e ela escutou-me como se de facto lhe interessasse. Fiquei mais à vontade e falei da mudança que fôra ter filhos; ela pôs um sorriso que tanto podia ser íntimo, compassivo ou condescendente, à minha escolha, como se de facto continuasse a cortejada semi-mundana, divertindo-se agora com a minha nova condição pequeno-burguesa de pai de família. Fomos aos poucos esgotando informações, e nas pausas cada vez mais longas eu seguia os movimentos mecânicos, quase histericamente meticulosos e eficazes do criado de mesa, sentindo o olhar dela pousado em mim. Já sabia muito bem que eu tivera uma criança. Olhei para ela. Estava agora mais serena do que antigamente, já não receava aguentar um olhar, mas as narinas ainda se abriam um pouco quando ria, e os dentes continuavam deslumbrantes no seu rosto cor de mel. Não conseguia bem decidir-me que efeito me fazia vê-la de novo, até que ponto a sua presença me abalava. Ela vira-me uma vez na rua passeando a Rosa no carrinho de bebé. Perguntou-me o que fazia a minha mulher, e respondi-lhe sem rodeios. Agora era ela a seguir a actividade do criado de mesa. Queria imenso ter um filho. Olhei-a admirado, ela leu o meu olhar e sorriu. Era assim

tão esquisito? Não respondi. Acendi um cigarro observando as silhuetas dos transeuntes frente ao céu cinzento da Place de l'Alma, sentindo a sua mão sobre a minha, primeiro de leve, quase por acaso, o calor seco da sua palma.

Estivera algumas vezes prestes a telefonar-me, tanto no Inverno em que nos separámos, como no ano seguinte, quando depreendeu que desistira dela. Não sabia, é claro, que eu já encontrara outra. Com os anos apercebera-se do que descurara. E apesar do tempo ter passado não conseguia enjeitar a ideia de que talvez pudéssemos ter sido nós os dois. Não fôra lá muito simpática comigo, admitia. Encolhi os ombros, eu é que quisera correr o risco. Perguntou-me se era feliz. Disse que sim, respondendo ao seu sorriso após um silêncio, como se tivesse pensado duas vezes. A palavra soou-me mal, “feliz”. Era demasiado grande e demasiado pequena, demasiado trémula e frouxa, como uma pintura a pastel, para poder qualificar a minha vida. Acariciou-me vagarosamente as costas da mão, tomou-a na sua e virou a palma para cima como uma cigana lendo a sina. Deixei-a continuar e observei a minha mão na dela, ao lado do seu joelho que luzia ténue através das meias pretas sob a bainha da saia. Também encontrara outro, dois anos depois, tinham continuado juntos por uns tempos e não houvera mais nenhum. Sorriu de novo, agora um pouco hesitante. Dessa vez tinha-se esforçado a sério, e ainda estava com ele na tarde em que me vira na rua com a Rosa, mas não resultara; pensara em mim amiúde desde então, e não só por me ter visto com a minha filha. Pensara nos nossos tempos. Eu fôra muito novo, amara-a sem peso nem medida, tão sem medida. Rimos ambos da palavra. Ela tivera mesmo de se proteger, defendendo-se do meu amor jovem e faminto. Apertei afectuosamente a sua mão, o que me fez por um instante sentir-me velho. Mas ninguém a amara assim, nem antes nem depois. Tão arrojadamente. Retirei a mão e acendi um cigarro. Perguntou-me se tinha pressa. Podíamos jantar

juntos, ela preparava umas coisas. Olhei-a de novo e hesitei, até atinar com uma desculpa que não nos embaraçasse, nem a mim nem a ela. Falámos um pouco de Giacometti, do balançar ambíguo das figuras de bronze nos limbos da ausência. Aquilo já soava rebuscado. Escreveu o seu número de telefone no guardanapo de papel antes de sairmos do café, e ao chegamos lá fora, no meio da confusão e do céu encoberto da Place de l'Alma, beijou-me rapidamente dizendo que telefonasse, se tivesse tempo. Segui-a com o olhar descendo as escadas do Metro com o seu casaco preto esvoaçando atrás de si, enquanto eu pensava que não me beijara na cara como seria de esperar, e na sensação dos seus lábios nos meus, que quase esquecera.

Regressando ao hotel, congratulei-me por ter declinado tão firmemente o convite da Inês, mas não deitei fora o guardanapo de papel com o seu número de telefone, como pensei fazer. Deixei-o ficar na mesinha de cabeceira, junto com os trocos e recibos do dia. Só depois de nos separarmos me apercebi de que ela tinha fígado sem cerimónias, descaradamente, o que me parecia incrível, na medida em que não nos víamos há oito anos e que só por acaso tínhamos ido ao Palais de Tokyo na mesma tarde. Eu nem sabia que ela vivia em Paris. E se depois fiquei tão perturbado com a sua lisonja, devia-se também ao facto de me sentir levado por ela. Mas que mal havia em falar do passado ou confessar que pensava nele com remorso, com nostalgia pelo menos? Não seria eu já a interpretar mal a mão que ela amigavelmente pousara na minha, os olhos que com uma intimidade pasmada perscrutaram alterações na minha cara? Por que culpá-la agora de eu pensar nos seus joelhos e nos seus lábios? Talvez não houvesse razão para isso, mas deve ter sabido o que fazia. Não podia decerto ignorar que as suas palavras punham a minha versão da história a uma luz diferente e imprevista. E não perguntara simplesmente se jantávamos juntos, mas proposto logo que comêssemos em casa dela. Estava-se mesmo

a ver. Pensara de facto em mim? E não fôra eu o único que perdera ao jogo, mas o que perdera menos? Era um triunfo murcho, e chegava tarde. Quando me deixou, apenas senti mágoa e enfado por mim próprio. Depois fôra a Astrid que surpreendentemente logo me fez esquecer-la. E se não tivesse encontrado a Astrid? E se o grisalho realizador de cinema não tinha perseguido o táxi nessa tarde em que a levei e ao Simon para a cidade, a casa de uma amiga? Então teria sido apenas uma cliente que pagara e desaparecera num portal qualquer, fora de campo. E se a Inês me tivesse procurado na minha solidão sentimental? Deveria eu ter sido mais perseverante, aguentado mais na altura, já que a amava tão desmedidamente? Podia ter sido nossa, a criança que eu uns anos mais tarde passeava num carrinho de bebé, cruzando-me na rua com uma Astrid desconhecida sem sequer olharmos para o outro? A ideia era demasiado perversa para admiti-la mais do que por uns segundos. Mais uma vez fazia-me vertigens só de pensar quão pouco era preciso para que a vida tivesse sido outra. Bastava apenas as circunstâncias do momento — indiferentes entre si e agrupadas ao acaso — terem engrenado doutra maneira. Os desfasamentos ínfimos e imperceptíveis entre o meu pensar, o meu sentir e os meus impulsos, precisavam apenas de ter sofrido outros atrasos ou outros ímpetos, numa altura um pouco diferente. E se nessa noite de Inverno eu não me tivesse levantado da mesa sem saber bem o que fazia, indo ter com a Astrid à cozinha, onde ela estava de pé e de costas para mim, nesse momento ainda apenas uma jovem mulher desconhecida que eu ajudara num aperto? E se nunca lhe tivesse acariciado a face? E se ela tivesse rejeitado essa carícia?

A vida preciosa em que a minha se tornara, em que finalmente me encontrara presente no mundo, assente no meu amor pela Astrid e pelas crianças, essa vida não era afinal mais do que um rebento aleatório na ramificação caótica das possibilidades no

tempo. Nem mais nem menos relacionado comigo do que todos os outros rebentos que entretanto secaram. Um único ramo vingara melhor que os outros, tendo-se por sua vez ramificado, porque assim o quisemos e porque as circunstâncias o permitiram. Propensões ínfimas no desenrolar cego do acaso podiam ter impedido que tal jamais tivesse acontecido. Mas talvez houvesse uma relação oculta e assustadora entre os rebentos falhados e os que vingavam. Nessa noite de Inverno, na minha cozinha, levantar a mão para acariciar a Astrid fôra também uma insurreição contra a Inês, contra o estado miserável em que ela me deixara, mas também uma infidelidade a mim próprio, à paixão com que me identificara e que ameaçava devorar-me por dentro. Eu salvara-me traíndo-me a mim próprio. Só era possível transpor o limiar invisível para a minha nova vida virando costas à velha. Esse passo, já de si casual e arbitrário, só podia significar o superar de um limite se me convencesse a mim próprio que se tratava de um mundo completamente diferente. Não podia portanto saber ao certo quem de facto acariciara a face da Astrid e lhe tomara a cara nas mãos. Se fôra aquele que amava a Inês tão desesperada e desmedidamente, então a sua carícia na cozinha não podia ter sido sincera. E se fôra a nova e recente versão de mim próprio, que uns meses mais tarde sorrisse calmamente quando a Astrid lhe dissera que iria ser pai, então devia ter pensado duas vezes antes daquele imponderado “Por que não?”. Devia pelo menos ter considerado porquê, mas nesse caso, porque ainda não se conhecera suficientemente bem nem à Astrid, também não poderia ter conhecido a resposta. Ele espantava-me. Antes sequer de me aperceber disso já constituíra família com a mulher que tinha levado de táxi. Uma situação que me caíra do céu aos trambolhões, como um presente, e que ele adoptara antes de eu sequer ter tido tempo de saber o que queria. Ele parecia ter acampado definitivamente em mim, e eu habituara-me a que ele falasse e agisse por minha conta, até se tornar

impossível distinguir entre nós. Oito anos mais tarde, sentado no meu hotel em Paris e pensando no tempo em que amara a Inês, era como se fosse o amor de um outro, e foi com certa inquietude que me pus a questão: se apenas me traíra a mim próprio, ou também a Astrid.

Vejo-a à porta do nosso quarto com um olhar que parece ver algo que eu não sei, de dentro, de um sítio que não conheço. Vejo a Rosa do outro lado da enorme vidraça do café, ao sol, olhando não sei para quê ao fundo da praça. O seu cabelo, a sua pele e o seu riso tornaram-se na prova real e viva do meu amor. Foram os seus olhos de criança que fizeram de mim pai, andando com ela ao colo no quarto para trás e para diante, com o seu corpo insignificante a meu cargo; o seu olhar confiante, mais tarde, quando íamos de mão dada ao longo dos *Søerne* e ela de repente parava preocupada, perguntando quando é que acaba o tempo, inteiramente à mercê da minha resposta. Agora fumava cigarros numa esplanada, absorta, sozinha. Ao vê-la com o seu café e cigarro de filtro no outro lado da sua infância, já há muito que eu deixara de comparar a minha curta e jovem paixão pela Inês ao meu amor pela Astrid. A diferença estava no tempo. Sentado atrás do meu jornal, observando o perfil da Rosa ao sol lá fora, lembrei-me da história que o conservador contara no táxi na noite da véspera. Agora, pensando nisso à luz do dia, parecia-me grotesco e incrível. Não via mesmo que a Astrid tivesse tido uma história com o meu velho e careca camarada de escola, especialmente com ele. Havia qualquer coisa de repugnante e pegajoso na sua confissão, que me dava vontade de lavar os dentes. Nunca poderia aceitar o pequeno naco de informação que me atirava, mastigado e nojento, escorrendo cuspe e vaidade rancorosa. Devia manter-me na fronteira do que sabia, no umbral do nosso quarto, cara a cara com a Astrid e com tudo o que não podia saber. Ela olha para mim, já de casaco e mala feita, e eu não faço a mínima ideia do que

vê, como me vê. Talvez também tenha hesitado entre um passo e o seguinte, talvez tenha tido as suas dúvidas sobre se ia na direcção certa, ou se, sem o saber, se perdera nas transições imperceptíveis no percurso de um homem para outro. E continuara não obstante, com uma ténue sombra de dúvida atrás dos olhos enquanto os dias se rendiam uns aos outros. Até que ficara de novo acordada na escuridão entre os dias deixando de novo entrar a ponta de ar do desconhecido num pensamento entreaberto, hesitando de novo se de facto seria ela deitada a meu lado, ou alguém extremamente parecido. Talvez também pensasse no redemoinho aleatório de todas as coisas, talvez com os anos também achasse que não são os caminhos e as caras que são decisivos, caminhos que constantemente se abrem em todas as direcções, caras que constantemente vêm ao nosso encontro, passam por nós e continuam. Talvez com o tempo tivesse acabado por ver que é ela própria, passo a passo, dias e anos a fio, criando a diferença e dando azo a algo de decisivo — algo que nunca esteve escrito no seu íntimo, pois só se pode inscrever com pegadas. Porque o seu amor está-se nas tintas para quem ela ama, e por quê.

À saída de um cinema, uns anos atrás, vinha eu de lhe acenar na multidão, já a Inês há muito não era mais que a chama remota e apagada em que outrora me queimara na mocidade desvairada. Mas fôra talvez demasiado lento a dar-me conta disso, talvez tarde demais. A Astrid reparara na mulher bela e exótica que me sorrisse brevemente do outro lado do átrio antes de desaparecer na rua, e perguntou-me quem era, com uma curiosidade tão abstracta como se no fundo não a interessasse nada. Respondi-lhe que era uma velha amiga, mas não disse que era a Inês. Talvez ela o adivinhasse, talvez nem sequer pensasse quem era. Já lá iam uns anos desde que lhe falara do malogrado amor da minha juventude, já há muito que deixáramos de contar o passado um ao outro, talvez porque este com o tempo ia ocupando menos espaço do que a nossa própria

história, talvez porque de facto julgássemos que tudo já estivesse dito. Por que não dissera simplesmente que era a Inês? A minha omissão fizera-me pensar muito mais nesse breve aceno do que se lhe tivesse dito logo que a mulher no átrio do cinema, com nariz de ave de rapina e madeixas brancas no cabelo negro, era a jovem mulher que outrora fôra objecto da minha paixão assolapada. Falara-lhe dela no Verão seguinte ao nosso encontro, grávida da Rosa na altura, enquanto ainda inquiríamos de tudo o que num e noutro precedera essa noite de Inverno em que a nossa vida dera uma volta decisiva. Estávamos deitados no nosso quarto na casa da praia, o Simon dormia no quarto contíguo. A cara da Astrid cintilava vagamente à meia-luz azul da noite clara de Verão e eu acariciava-lhe a testa e a face como que limpando a poeira finíssima do crepúsculo, tal como lhe limpava a areia dos tornozelos e dos pés. Conte-lhe, um pouco hesitante, como roído de ciúmes me aviltara espiando a Inês, fazendo-lhe um cerco de tal ordem que por fim ela abafara na minha presença, e contava-lhe tudo tão irónica e desprendidamente, para que só pela minha voz ela entendesse não se tratar apenas de um capítulo arrumado, mas de um mal-entendido, de um sonho alucinante de que ela, Astrid, me acordara. Escutou-me com um sorriso pensativo e enigmático, como que admirada de eu poder ter estado tão desvairadamente apaixonado, doido e fora de mim. Parecia quase fascinada pela minha narrativa, fazendo perguntas sobre pormenores aparentemente irrelevantes, e entusiasmei-me num retrato exagerado desse mentecapto apaixonado até me aperceber de um abatimento no seu olhar, como se tivesse feito um esforço demasiado para fitar o meu. Beije-a e disse-lhe que a amava, que fôra com ela que aprendera a amar, porque ela me livrara dos meus fantasmas narcisistas. Aconchegou-se a mim segredando-me que não precisava dizer mais, que não era preciso. Pegou-me na cara entre as mãos e fixou-me com os seus olhos meigos velados pelo

entardecer. Mas nós estamos aqui, sussurrou. Não chega? Acaricie-lhe o corpo ardente até sentir que se me abria, penetrando-a com cuidado, a princípio, pensando na tarde em que chamara por mim no alto das escadas com o sangue correndo-lhe pelas pernas, mas sorriu dizendo que não havia razão de receio, não era doença nenhuma. Depois quedamo-nos um no outro, calados, ouvindo a ressaca pela janela, o requebro das ondas e o seu ciciar sorvente de volta ao mar.

Nesse fim de tarde em Paris, há onze anos, vendo o dia esbater-se por detrás das persianas até estas se tornarem uma grelha azul escura no fundo negro do quarto, arrependi-me de ter deixado a Inês beijar-me e desaparecer no Metro sob a Place de l'Alma. A ideia de eventualmente ceder ao seu chamamento nostálgico numa desforra atrasada assustara-me, como se realmente pudesse colher frutos de um ramo que eu próprio cortara. Sentado nessa escuridão crescente, fitando de novo a Inês atrás dos seus óculos estranhos, uns segundos antes de nos despedirmos à luz cinzenta de Inverno, tivera vontade de sair um pouco da minha órbita e de a apertar contra mim para sentir o cheiro do que nunca vingara. Vontade de passar apenas uma única noite nesse mundo que já não existia, afundar-me e desaparecer nela por uma noite, preso entre os seus braços e pernas numa fúria antiga, até ela de novo me largar e eu sentir que a minha velha cólera me abandonara. Talvez acreditasse mesmo poder escorraçar o velho fantasma abraçando-o. Talvez fosse apenas a minha anónima e latente *libido* a impôr-se à fantasia numa situação tão inesperada. Talvez o meu desejo míope, insaciável e sem escrúpulos fosse a verdade banal de todos estes disfarces sentimentais. Foi o atendedor de chamadas a responder. Escutei a sua voz sensual falando francês a quem quer que fosse, e só depois do sinal e no silêncio que se seguiu compreendi ter caído numa armadilha. Dissesse o que dissesse com a maior das naturalidades, ela percebia logo a razão da minha chamada. Uma única frase,

mesmo a mais banal e indiferente chegaria para me trair, para trair a Astrid, para trair a minha nova vida, a minha nova e preciosa audácia que me dera coragem para levantar o auscultador e marcar o número escrito no guardanapo que devia ter amachucado e deitado fora a tempo. Mesmo se lhe desse a entender, tão neutro e reservado quanto possível, que a ideia de a ver de novo não me era estranha, arriscava a denúncia do meu desejo. Umhas frases aparentemente inocentes no seu atendedor de chamadas, e dava-lhe logo a prova de também eu me ter perdido no dédalo do acaso, de que a minha vida com a Astrid e os miúdos não era no fundo mais do que uma capitulação resignada face ao que se passara, o que arranjava após ela me ter deixado. E então seria ela o fiel do nosso amor jovem e puro, e eu quem o traíra por não ter tido coragem de sofrer e esperar, agora que ela me estendia a mão e que eu a agarrava sem tardança, banhado em lágrimas de gratidão, transbordando paixão acumulada.

Acabava de pousar o auscultador, quando o telefone tocou. Deixei-o tocar umas vezes, antes de atender. Era a Astrid. Queria saber a que horas eu aterrava no dia seguinte, e se queria que me fosse buscar ao aeroporto. Se havia algum problema. Eu julgava que manhã. Então deram-me umas saudades violentas deles três, e ela gozou com as minhas pieguices ao telefone, só por não nos vermos uns dias. Passou-me logo esse encontro com a Inês, e quando me vinha à ideia, com semanas de intervalo, estranhava tê-la esquecido tão rapidamente como então me entregara a dúvidas e questões de desforra mal a vira de novo. Se por vezes ficava acordado escutando no escuro o arfar calmo da Astrid deitada a meu lado, não era por ter sido acometido pelos olhos e lábios da Inês nessa tarde na Place de l'Alma. Nem era por fantasiar a Inês a meu lado, no escuro de outro apartamento, noutra bairro, numa outra vida. Não era tê-la visto outra vez que me abalara, não era o ataque passageiro de desejo no meu quarto de hotel parisiense ao

marcar o seu número de telefone, mas o eco desse encontro, a luz inesperada e fria em que agora via a minha vida, a minha confusão súbita sob o céu grisalho da Place de l'Alma. Eram esses repentinos e vertiginosos lapsos de gravidade que me mantinham acordado fazendo-me virar para o rosto invisível da Astrid, passando-lhe o braço em volta do corpo adormecido, receando levantar voo e desaparecer pairando na noite sem fundo.

Nunca estive só desde que ela aparecera com o seu filho nessa noite de Inverno, instalando-se no assento traseiro do meu táxi, e ainda há mais tempo que ela não estava só. Era muito nova quando dera à luz o Simon, e fôra ainda mais nova quando encontrara o homem grisalho que parecia moldá-la com as suas mãos firmes e olhar insistente. Ela rira-se do seu desejo adulto e melodramático, a jovem mulher, mas rendera-se por fim, talvez cansada de jogar às escondidas, talvez ansiando ser visível. Fôra praticamente invisível até ele reparar nela. E era ainda uma criança quando numa manhã de férias, em casa da tia, lhe disseram que os pais se haviam despenhado por uma ribanceira abaixo, em Itália. Passara o resto da infância num colégio interno até poder finalmente fazer o que quisera, não sabendo bem como lidar com tanta liberdade. Estava sozinha no mundo, confusa perante todas as possibilidades, todos os caminhos que se lhe abriam, todas as caras ao seu encontro, e ainda não se decidira por coisa nenhuma quando o grisalho realizador de cinema se atirara a ela. Ninguém tinha o direito de lhe dizer quem ela era, nem de longe. No princípio divertira-a a facilidade com que punha um homem adulto completamente doido, depois fascinara-a ser o segredo da vida dele, invisível para todos os outros e às vezes para ele também, quando a abraçava de olhos fechados, fora de si de desejo. Até que tivera vontade de se tornar visível, receando talvez desaparecer completamente se continuasse a salto, a ser o precioso segredo que ele escondia tão bem da mulher e da filha. Também quase

podia ser sua filha, mas quando ele um dia se cansara da sua própria vida secreta e lhe batera à porta com armas, bagagens e um olhar dramático, cedeu. Pensou que talvez fosse mesmo amor, aquilo que começara como uma caça secreta em que a presa acicatava o caçador com o seu sorriso atônito ou distraído. Decidiu que devia ser amor, e manteve a sua decisão agora que a tomara, instalando-se nela como mais tarde se instalaria com o miúdo e o pai dele na casa branca dos arredores, a norte da cidade, deixando o tempo passar. Ao princípio não se admirou que o grisalho marido chegasse cada vez mais tarde a casa, e quando uma noite descobriu porquê, houve um instante descomunal em que caiu sem fim num poço sem fundo. Quando de novo sentiu os pés no soalho, já não se encontrava no mesmo espaço. Tinham vivido em mundos diferentes, o grisalho realizador de cinema e ela. Esta jovem mulher que lhes dera um filho, do qual se ocupara enquanto ele se deitava com outra ainda mais nova algures na cidade, não era ela, não podia ser ela, e a única coisa de que tinha a certeza era não poder ficar nem mais uma hora nessa casa de súbito tão estranha.

Não tinha paradeiro, sentada no banco de trás de um táxi com o seu pequeno, mas não era a primeira vez. Talvez por isso mesmo só hesitara um instante quando o motorista de táxi lhe oferecera refúgio por uns dias. Ele parecera-lhe simpático, e eram aproximadamente da mesma idade. E ficara por ali. Mais tarde interrogara-se certamente sobre quando e como se dera conta dele, por que razão ele de repente deixara de ser apenas o motorista amável cujo apartamento ficava vazio à noite. Fôra algo que simplesmente acontecera? De início não significara nada, e talvez exactamente por isso ela se lhe tivesse entregue, por não ter necessariamente de significar coisa nenhuma. Era apenas um motorista de táxi como outro qualquer, e ela podia ser para ele fosse quem fosse. Ele não tivera pressa em lhe prescrever uma identidade, deixando-a pensar o que quis, ao abraçá-la. Não tinha

aparentemente qualquer intenção de a raptar, nem sequer de ir a parte alguma, o homem que todas as noites cruzava a cidade em todos os sentidos. Quando descobriu estar grávida, pusera-se certamente a questão se não seria um pouco arriscado, mas não pôde deixar de sorrir quando ele reagiu apenas com um “Por que não?”, encarando-a perfeitamente calmo. De facto, deve ter pensado, no fundo, por que não? Foi a calma dele, disse-lhe depois, fôra isso que a convencera, encarando-a como quem sabia o que fazia, sem entrar em pânico. Tinha mesmo de gostar de um homem que a fitava assim tão calmo, uma mulher completamente estranha que dizia poder torná-lo pai, se quisesse. O seu inesperado “Por que não?” fê-la esquecer de pôr a questão a si própria: e porquê exactamente ele? Tinha de facto de gostar de um homem que arriscava apostar numa oportunidade que por um bambúrio se lhe oferecia, sabendo muito bem que só por acaso as pessoas se encontram nesta ou noutra altura, tendo a coragem de acreditar que era agora que a sua vida se definia e não amanhã, nem para o ano. E foi só depois de ter dado este passo decisivo e às cegas que o amor lhe confiou as suas razões. Ao princípio era só dos seus olhos que ela gostava, dos olhos e da voz calma, sem mais nem para quê. Disse-lhe isso um dia e ele sorriu – que a razão do amor não tinha importância. Acordou uma manhã ouvindo-o dizer o seu nome com aquela voz calma e suave; abriu os olhos e dera-se conta de que naquele olhar sereno que parecia envolvê-la por completo, por todos os lados, se encontrava no mundo a que pertencia. Naqueles olhos meigos e melancólicos que pareciam criar um espaço à volta dela, um espaço em que ficava à-vontade, podendo correr como quisesse sem desaparecer. Mas já não lhe dava para sair disparada como antigamente, se mais um ganapo apaixonado ou um adulto desesperado lhe ditasse quem ela era, tentando moldá-la com mãos febris. Quando era nova julgara que no fundo era outra, uma estranha que só um estranho reconheceria.

Deixara homens de seguida, jovens como adultos, nenhum parecera capaz de descobrir essa bela desconhecida. E quem poderia tê-lo sido? Riu-se de si mesma ao falar da sua juventude turbulenta. Com o tempo, deixara de se considerar independente da vida que passara a ser sua, desde essa noite de Inverno em que abandonara o grisalho realizador de cinema, ao descobrir que já não vivia no mundo onde julgava viver. Para ela, tudo o que acontecera antes dessa noite ganhara aos poucos carácter de esboço provisório do que estava para vir. Mas havia muito que ela falara assim. Deixara de ser preciso falar tanto. Estávamos presentes, e chegava.

Não consigo destrinçar os nossos primeiros anos. Mesmo se os desbobino da meada da história, mesmo se a minha história se retorce em curvas sinuosas saltando num e noutra sentido entre ontem e hoje, o fio e o novelo não batem certo. Apesar do novelo ser da mesma lã, não constitui por si só história nenhuma. É apenas uma esfera maciça, um concentrado de dias e lugares que se encobrem uns aos outros, tendo os mais centrais há muito desaparecido no escuro macio do novelo. À medida que o desenrolo, o novelo diminui, perdendo peso. O que fica é o fio solto da história, a longa sequência de pontos contíguos que se retorce e encolhe na minha tentativa de interpretar as voltas e viravoltas dos anos, girando em torno de si próprios a passo com o eterno revolver da Terra numa órbita de repetições e alternâncias. Curioso: falamos sempre do tempo como de um lugar em que avançamos ou recuamos. Talvez seja de facto um lugar, o sítio em que em que ficam todos os dias e as horas lado a lado, e talvez contemos a nossa história para abrir caminho na memória, no labirinto de instantes isolados pelo esquecimento. Mas há muitos caminhos nos seus corredores tortuosos, e vai-se por um, perdem-se outros. Vamos desenrolando o novelo pelo labirinto, e quando se acaba ficamos apenas com uma ponta sem nó. Lentamente, retrocedemos em busca de nós próprios. Aqui e além ouvimos

vozes através das paredes finas, vemos um túnel de luz onde julgávamos haver apenas uma parede, mas mantemo-nos na pista, receosos de perder o fio da meada e de nos perdermos. Na memória, estou por todo o lado ao mesmo tempo, a cada instante recordado ou esquecido, não precisamente o mesmo de um sítio para o outro. Na minha história, só posso estar num sítio de cada vez, em busca do caminho entre os lugares e de como fui de um para o outro.

A Rosa deitou a cabeça para trás fechando os olhos ao sol, e o cabelo comprido deslizou pelas costas da cadeira. Devia sentir a luz através das pupilas como um nevoeiro cor de laranja, escutando os passos dos peões e as vozes em torno dela nas outras mesas. Quando fechamos os olhos ficamos no centro de tudo. Os sons do mundo e os nossos próprios pensamentos misturam-se no mesmo espaço invisível. Havia traços de um sorriso aos cantos da boca; seria o calor na cara ou algo de que se lembrou que a fazia sorrir? Levou a mão ao pescoço numa carícia lenta, um gesto da Astrid quando pensava, ao mesmo tempo absorta e concentrada. Fechei também os olhos por um instante, e foi como se isso nos aproximasse. Por que não me levantava muito simplesmente e ia ter com ela? Por que estávamos ali sentados de cada lado da enorme vidraça do café, a minha filha e o seu pai? Envergonhava-me esconder-me dela, mas sabia que sair e encará-la também implicava vergonha. Vergonha por a Astrid me ter deixado. Naquele período em que eu à noite por vezes tinha de me agarrar à Astrid adormecida para não desaparecer na escuridão densa e sem fundo, um único olhar da Rosa bastara para me assegurar do mundo a que eu pertencia, para me sugerir que o meu lar não era apenas um ponto ao acaso no globo. O seu olhar segurava-me como o cordel invisível de um papagaio de papel, mas ela não estava a par disso, para ela era eu quem detinha o cordel no extremo do qual tranquila ela se elevava explorando as alturas. Quando na maternidade peguei no seu corpo leve de recém-nascida, embrulhada em fraldas, fui

acometido por um medo terrível de a deixar cair, repetindo em voz baixa as mesmas palavras que murmurei naquela noite de Verão ao cimo das escadas da ladeira, entre as roseiras bravas: “aguenta, aguenta”. Quando abri os olhos de novo, ela contemplava a fonte cujos repuxos reluzentes o vento fustigava e arqueava numa borrasca de espuma e gotas cintilantes, continuamente suspensos e reanimados num arfar cadenciado. Eu tinha aguentado. Agora era a altura de ceder.

A sua amiga ruiva subiu as escadas dos lavabos, aproximando-se por entre as mesas do café. Avivara os lábios com *bâton*, a boca parecia agora um ícone isolado no rosto pálido e sardento. Olhou para mim e sorriu vagamente. Sorri-lhe também, fitando o seu olhar, notando um ligeiro rubor sob as suas sardas antes de a perder de vista. Se tivesse desviado os olhos quando ela me fitou, a minha timidez tinha-me traído. Assim intimidara-se ela por responder ao seu sorriso breve e franco com um olhar que lhe estudou o rosto. Talvez tivesse sorrido por lhe ocorrer que o leitor de jornal ao canto do café era jeitoso. Talvez tenha mergulhado por momentos no meu interesse e registado marginalmente que eu era um homem, e não apenas um homem que podia ser seu pai, retraindo imediatamente as antenas, receosa que eu levasse o seu sorriso a sério. Talvez, mas agora era eu a corar: talvez soubesse que eu era o pai da Rosa e o meu sorriso a embaraçasse por constituir uma transgressão dos nossos papéis. Tive de novo necessidade do jornal para observar de soslaio as duas raparigas ao sol, como um gato vigilante. Se a ruiva sabia quem eu era, não se dava por achada frente à Rosa. Falavam acenando com a cabeça, coniventes, sorrindo uma do que a outra dizia, e já me sentia seguro da situação quando ela de repente desfocou a Rosa e olhou de tangente para mim através da vidraça, captando momentaneamente o meu olhar. Isso repetiu-se umas vezes, como que para se assegurar que eu continuava lá, e que não a perdia de vista. Eu lia inquieto os

cabeçalhos das notícias e estava ciente da mínima expressão do meu rosto. Pouco depois, levantando de novo os olhos do jornal, apercebi-me de que tinham ido embora. Reparei nas chávemas que deixaram, a da amiga com a marca vermelha do seu lábio inferior, como uma saudação ao meu excesso de quarentão.

Subi a *Strøget*¹⁰ contra a luz de Outono que fundia a multidão e a ramificava num bosque errante de silhuetas negras, cujas sombras se entrelaçavam na calçada reluzente. O sol baixo no enfiamento da rua carcomia as silhuetas no contra-luz, delgadas e frágeis como as figuras de bronze de Giacometti. A luz ofuscava-me e não distinguia os rostos na torrente negra de pessoas antes de darem o último passo na minha direcção, deixando as silhuetas pardas em que vinham com um olhar que tocava o meu, mesmo antes de nos cruzarmos. Pensei que a cada passo eu passava pelo olhar de outrem, logo rendido pelo que me seguia, do mesmo modo que para mim os rostos estranhos se transfiguravam sucessivamente, saindo um a um dos seus contornos, direito a mim. Era como se não passassem apenas por mim mas me atravessassem, tal como eu era sucessivamente substituído e atravessado pelo olhar de outros no mesmo movimento contra a luz, ao mesmo ritmo dos passos e dos rostos errantes em que continuamente via o próximo, em que continuamente era visto pelo próximo e pelo seguinte, como se eu não pudesse continuar a ser o mesmo por mais do que um instante, por um segundo de cada vez.

5

Saí do hotel e fui dar uma volta pela Fifth Avenue e Times Square no seio da multidão pedestre entre painéis verticais de janelas iluminadas e torrentes horizontais de faróis de automóvel. Observava os rostos que cruzavam os ilhéus de luz no escuro, sempre rostos novos, estranhos como eu nesta cidade em que toda a gente vem de outro sítio qualquer. É a única cidade do mundo em que nada me faz continuamente sentir estrangeiro, onde o meu sotaque e a minha figura são apenas mais uma desigualdade entre todas as desigualdades que se igualam umas às outras. Quando os motoristas de táxi, empregados de bar ou criadas de mesa se impacientam comigo não é porque me tomem por estrangeiro, mas por um nova-iorquino insuportavelmente lento, indeciso e desastrado. Em Nova York posso ser quem quiser desde que não esqueça a gorjeta. Nessa noite relaxei, optando ora por uma, ora por outra torrente de peões na trama rectangular das ruas. O cansaço anestesiava localmente, só a vista e os ouvidos escapavam a essa agradável sensação de hibernar; tudo o que via e ouvia eram repetições de algo já visto ou ouvido, as buzinas, as palavras isoladas, os prédios luminosos, a torrente dos rostos. Era como entrar num filme que vira centenas de vezes, na mesma cena de rua de qualquer filme passado em Nova York, sem porém implicar uma cena seguinte, quase como se o filme desse um nó de Möbius e eu permanecesse no mesmo sítio. Indo sem parar, vendo a cidade à minha volta, era a cidade que se movia e eu passivo, quieto, que a observava de um sítio remoto dentro de mim.

Pensei em todas as pessoas que chegaram fugidas de alguma coisa ou impelidas por uma vaga expectativa de outra coisa qualquer, que andaram pelas mesmas ruas por onde eu ia agora, pelas mesmas veredas abissais confluentes abrindo entre si ângulos rectos, entre prédios quadrados e inabordáveis. E mais uma vez me admiro que, embora atraindo tanta gente de todos os cantos do mundo, esta

cidade não possua centro nenhum, ao contrário das cidades europeias onde as ruas confluem sempre para o mesmo ponto, se andarmos o bastante para nos apercebermos disso. Cidades antigas e misteriosas, cheias de fuligem, onde se chega à noite de comboio, e mal saímos da estação se depara com apóstolos e santos iluminados, na fachada da catedral. Aqui as estações são todas subterrâneas. Uma vez chegado, é só deambular nas ruas que se cruzam a intervalos regulares. A cidade em si não nos dá a impressão de chegarmos ao ponto de fuga encantado da perspectiva dos nossos sonhos e esperanças. Na realidade trata-se de uma cidade invisível, em que as ruas são simplesmente a trama das imagens interiores dos sítios que os recém-chegados abandonaram, e talvez tenham perdido para sempre. Nova York é apenas visível para quem a observa através da memória gasta e transparente dos campos de trigo da Ucrânia ou das montanhas da Arménia, dos bairros de lata de Porto Rico ou dos arrozais inundados de Cantão. Aqui é tão fácil encontrar uma rua como perder completa e misteriosamente o norte, pois a monotonia do traçado quadricular da cidade não ajuda ninguém a lembrar-se do que no fundo procurava. Mas nessa noite era o que me convinha, não tinha nada para fazer. Jantei num *diner* da 52nd Street, um dos sítios abençoados em que se pode comer ao balcão sem nos envergonharmos de não ter companhia. Fiquei sentado a seguir o trânsito para além do anúncio de cerveja em néon vermelho, ao avesso, do outro lado da vidraça em que se reflectia a imagem difusa da minha silhueta debruçada ao balcão no local mal iluminado. Parecia que a gente no passeio me trespassava, mendigos sem paradeiro estendendo um copo de papel, belas e apressadas mulheres de todas as raças. Olhei para o relógio, acrescentei seis horas, e tentei lembrar-me do que fazia na véspera, exactamente por essa altura.

Ficara de pé a um canto da cena, de costas para o público, observando a boca da minha mãe, cujos lábios carregados de *bâton*

se abriam como se de borracha, mostrando as alvas coroas falsas num sorriso feroz, cada vez que alguém a felicitava com um beijo durante o pequeno *nachspiel* após a estreia para qual me convidara na noite em que a Rosa e o seu artista instalador jantaram comigo. Fôra tão senhora de si e teatral em cena como de costume, e como de costume apinhavam-se à sua volta os cacarejantes ferrenhos e afectados maricas do meio, tal como as prima-donas exaltadas que com olhos em alvo lhe garantiam ter sido absolutamente maravilhosa e eminente, superando-se a si própria numa interpretação sublime de extrema subtilidade. Se alguma vez possuía sombra de talento, esse fôra há muito corrompido pela sofreguidão de ser adorada por um público que durante décadas rira e chorara reconhecido, no escuro; reconhecido pelas caretas atrevidas e fúteis que lhe sancionava um sentido de humor boçal e espalhafatoso, comovido por ela com as suas lágrimas de crocodilo e opulento peito ofegante lhes elevar uma sensualidade trivial e piegas ao nível de uma vulgar história do destino. A sua cintura de vespa e decotes profundos tinham-lhe em tempos garantido sucessivos papeis de mulher frágil e encantadora à mercê dos seus impulsos, e era um exemplo provado de o que falta na cabeça se tem entre as pernas, o que vários empresários de teatro tiveram ocasião de verificar. Mas por fim a idade compeliu-a a papeis de mães e tias, o que apenas levava os críticos a descobrir aspectos novos e subtis do seu talento, refinados pela sabedoria humilde da experiência. Tinha um terror pânico de envelhecer, continuava pateta demais para perceber as réplicas que gemia e vociferava, mas tendo a rival mais próxima sido neutralizada por um enfarte cardíaco ficara assim livre o título de grande dama do teatro, pelo que tomara o lugar à falta de candidatas manifestas.

Seguindo no escuro o seu gesticular patético sob os projectores, confirmava uma vez mais as razões que eu tinha de nunca ir ao teatro, e arrependia-me por não ter ficado em casa.

Mas depois da Rosa e da amiga ruiva desaparecerem na multidão e eu finalmente regressar do meu passeio a pé, a noite abrira-se vazia e sem programa no apartamento silêncioso. Aproveitei-me então da estreia da minha mãe, pretexto frágil para fingir durante umas horas que tudo estava como de costume. Agora preferia ter ficado à minha mesa de trabalho, fitando absorto as janelas iluminadas no outro lado do lago. Na mesma fila, um pouco afastado, o meu pai adormecera logo nos primeiros minutos do primeiro acto. Estivera sozinho no átrio da entrada, no meio de um público de estreia constituído por homens que nitidamente se sentiam mal nos fatos de cerimónia impecavelmente passados a ferro, tal como as respectivas mulheres, que continuamente pareciam tropeçar nos vestidos de seda tailandesa, se bem que estes carecessem de uns dez centímetros. O meu pai, elegante como de costume, perscrutava o átrio com o seu habitual olhar nervoso que assentaria melhor num adolescente inseguro do que num septuagenário distinto. Tive pena dele ao me aperceber do seu alívio dando comigo, envergonhando-me logo da minha compaixão. Só depois de falarmos uns minutos reparei que se esquecera de perguntar pela Astrid. Talvez tivesse falado com a minha mãe, talvez se alegrasse por excepcionalmente estarmos sós, talvez fosse apenas uma distração. Que ele viesse só, não era para admirar. A minha mãe desprezava a mulher dele, um desprezo de que dera provas descaradas das poucas vezes que a encontrara, e o facto de meu pai se ter contentado com uma sucedânea tão inferior quando ela o enjeitara só reforçava o desprezo pelo ex-marido. Que ele viesse ou não às suas estreias, era-lhe completamente indiferente, e se bem que quase há trinta anos o tivesse deixado, ele continuava a aparecer, discreto e contrito, “para lhe dar esse prazer”, como dizia.

Via-o raramente. Mudara para o outro extremo do país uns anos antes de eu encontrar a Astrid, e a distância facilitara as minhas esquivas aos seus convites. Visitei-o algumas vezes no Verão,

SILÊNCIO EM OUTUBRO

com a Astrid e os miúdos, e telefonava-me todos os anos a saber se aparecíamos; mas era-me cada vez mais difícil ser gentil com a mulher, uma ceramista vinte anos mais nova, que se interessava por astrologia e legumes biodinâmicos. Quando os visitávamos na cabana de colmo “típica” em que viviam, ela acometia-me logo, como se não visse gente civilizada há meses, insistindo sempre que lhe explicasse porque dissera, num artigo que escrevera há anos, que o artesanato não se compara à arte. Evitava dizer-lhe o que pensava das suas canecas e potes folclóricos, por deferência com meu pai, uma prudência que ela explorava explicando triunfante a minha arrogância fria e distante por eu ser um escorpião típico. E até poderia ter encaixado os seus agressivos complexos de inferioridade, tal como o seu provincianismo esotérico e almiscarado, se não tivesse também de ser testemunha passiva da submissão do meu distinto pai aos caprichos dos seus humores neuróticos, que ela justificava com as fases da lua ou pela insensibilidade masculina aos seus bio-rítmicos. O meu pai, que fôra engenheiro até se reformar e construíra barragens e pontes em África e no Médio Oriente, passava agora o tempo a acender pauzinhos de incenso, servir chá medicinal à sua holística dríade, fazer-lhe massagem tibetana aos pés, analisar-lhe o corpo astral e deixar-se instruir nas teorias matreiras da mulher quanto à vida emocional das plantas. Um dia a Astrid tocou no assunto com o seu sorriso enigmático, fazendo-me ver que o meu pai aparentemente era feliz, facto que eu no meu exaspero ignorava completamente, e resignei. Acho que ela tinha razão, e talvez o abismo não fosse tão grande entre a sua fé inabalável na matemática e o seu novo pietismo ecológico, ambos movidos pela mesma consequência radical e resoluta, pelo mesmo medo da ironia do destino e das interrogações sem resposta. A meu ver, as suas novas núpcias eram uma caricatura das primeiras, apenas com a diferença de que o opróbrio agora não era doloroso, mas ridículo. Atrás da

fachada masculina do especialista em betão armado batera sempre um coração dócil e tímido aspirando secretamente a ser amado, acreditando ingenuamente que nos podemos tornar dignos de tal. Quando eu era pequeno, ele mandava-me postais de cidades com nomes esquisitos ou com motivos africanos ou árabes, e eu colecionava-os numa caixa debaixo da cama. Estava sempre construindo uma ponte, uma barragem ou uma central térmica qualquer num ou noutra país tropical, às vezes meses a fio, e todas as manhãs ao pequeno almoço esperava ouvir o correio insinuar-se na fresta da porta, aterrando suavemente no pavimento da entrada. Guardei um desses postais, que hoje acho muito comovente. Não é propriamente a fotografia aérea que me toca, a vista de uma península pejada de arranha-céus num dia de sol, cercada por um mar incrivelmente azul. Nem é a mensagem lacónica do meu pai quanto à temperatura ambiente e seu bem estar, a 9 de Outubro de 1965. É a legenda do postal encabeçando a caligrafia desbotada, impressa em letras minúsculas: *Beirouth Moderne, Vue générale et les Hôtels de la Riviera Libanaise*.

Aprendi cedo a cuidar de mim mesmo, a minha mãe dormia sempre até tarde, e quando eu regressava da escola ela estava normalmente para um ensaio ou “na rádio”, se é que não se fechara no quarto de cortinas corridas. As mães dos meus colegas esperavam-nos de avental, com o lanche pronto, nas vivendas dos arredores, enquanto a minha ficava na cama por fazer, lendo o jornal de cigarro na boca, inacessível e desleixada numa atitude devassa que chocava a minha sensibilidade puritana de garoto. Víamo-nos só à noite, quando ela ensonada e provocantemente copiosa no seu quimono aberto saía do *boudoir* para aquecer uma sopa de conserva ou preparar-nos um prato descongelado, desaparecendo de novo para se “arranjar” antes de me dizer adeus e chamar um táxi para o teatro. Só quando dava entrevistas aos jornais é que arrumava a casa num ápice; até parecia um lar, quando

nos fotografavam juntos, ela um pouco debruçada sobre mim com o queixo enterrado no meu cabelo, para o fotógrafo tirar tanto proveito do meu rosto rechonchudo como do rechonchudo peito dela. Devo confessar que era de facto bela, assustadoramente bela, pintada e penteada, curvando-se para me dizer adeus antes de atravessar o jardim para o táxi que a esperava, tac-tac nos seus saltos altos gíngando as ancas sob a saia travada. A sua beleza era como uma ameaça vaga e imprevisível que a afastava de mim por ser tão claramente destinada a outros, e quando se inclinava para me beijar na cara com os seus lábios carnudos e macios, o seu perfume e os seus seios brancos no vestido decotado, tudo isso me tornava num pequeno homúnculo informe que imerecidamente e por especial deferência fôra excepcionalmente tocado pelo esplendor tremendo de um mundo onde jamais seria bem sucedido. Era raro termos conversas longas, mas se tal acontecia tinham mais carácter de discurso ininterrupto aproveitando a minha presença, como se pensasse alto, suspirando e queixando-se da vida e de todos os que a maçavam a ponto de ter vontade de desaparecer “aos gritos”. Imaginava-a correndo aos gritos pelas ruas do bairro, em camisa de noite e de cabelos soltos. Não exagero dizendo que pela parte que me tocava, o nível comunicativo da minha mãe não excedia em volume nem em conteúdo o do meu pai nos seus postais com camelos, tendas beduínas, minaretes, elefantes ou cubatas de pretos – mensagens curtas e concisas, que à parte observações meteorológicas apenas me informavam do seu estado de saúde, esperando que eu estivesse bem e que nos víssemos em breve. Raramente ia mais longe, e só para me assegurar que “pensava em mim”. O que ele pensava quando pensava em mim, nunca mo disse. Mas não me passava pela cabeça repreender-lhe o pudor das suas poucas palavras. Eu tomava isso como prova da sua varonia indiscutível, atarefado como estava com as suas pontes, barragens e centrais eléctricas, que a meu ver praticamente construía com as

próprias mãos, de barbas e capacete colonial, investindo esforços sobre-humanos e desafiando o sol, os animais selvagens e a preguiça incurável dos indígenas, concentrado e inabalável. Na cama, à noite, imaginava que ele um dia me levaria consigo e eu deixaria a desleixada da minha mãe entregue às suas sestas e ao seu teatro, ajudando-o no deserto, passando-lhe uma chave inglesa com que ele, sem se voltar e banhado em suor, apertava o último rebite de uma ponte metálica sobre um desolado *wadi*, no coração do Sahara.

Na véspera de ele regressar das suas obras de engenharia dava-se uma mudança dramática. Em lugar de passar a tarde na cama, a minha mãe ficava então possessa de uma energia súbita, arrumando tudo e aspirando a casa inteira, batendo as almofadas do sofá e arejando os quartos, e o que semanas atrás se assemelhara progressivamente a um bordel nas horas de ponta transformava-se de repente num sólido lar burguês, dos que eu invejava aos meus colegas da escola. Pela primeira vez em semanas ia às compras, revelando um potencial gastronómico desusado, e quando o meu pai moreno e fabuloso enfim entrava em casa, saltava-lhe ao pescoço, apertando-o contra si num abraço carinhoso de que ele, rindo, finalmente tinha de se desprender. Eu subia ao céu por uma noite, o céu calmo e azul da burguesia, a minha mãe e eu escutando à mesa as suas histórias dos países exóticos, sorrindo admirados. A beleza sumptuosa da minha mãe não constituía excepcionalmente ameaça alguma, e não achava nada embaraçoso vê-la beijar o meu pai e abraçá-lo pela cintura acariciando-lhe as nádegas com meiguice. Também fazia este papel na perfeição, mas no dia seguinte começava já a irritar-se e eu via como o meu pai, o inabalável especialista do betão armado construtor de pontes e turbinas, se torcia para lhe agradecer e arrancar uma única carícia distraída. Voltava a ficar no quarto até tarde, quando ele regressava para jantar servia-lhe contrafeita o que havia no frigorífico, e as falas mansas do meu pai e o seu olhar suplicante só a punham mais distante e azeda.

Depois dela sair para o teatro refugiávamo-nos no sofá, nos perigos evidentes e virtudes simples do mundo de Kipling, Cooper e Stevenson, mas observei-o mais que uma vez pela porta entreaberta do meu quarto, sentado na sala com o seu whisky, fitando o tecto, só na sua própria casa, e ouvia os cubos de gelo do copo batendo-lhe nos dentes quando bebia de um trago. Por vezes acordava à noite, quando eles brigavam, do outro lado da parede. Devia ter treze anos quando aos poucos descobri o que se passava. Ao princípio eram só pressentimentos para que nem tinha conceitos, quando ele de novo partia e eu a ouvia segredar ao telefone fechada do seu quarto com uma voz aliciante e desconhecida, ou quando não era um táxi, mas um carro particular, que a esperava ao fundo do jardim. E acontecia telefonar-me à noite, surpreendentemente meiga, perguntando se me importava que ela ficasse na baixa em casa de uma amiga, eu “*agora era um homem*” e já estava habituado a levantar-me sozinho pela manhã. Uma vez disse-lhe que eu também pensava ficar em casa de um amigo, um que visitava amiúde, tanto para brincar como para gozar umas horas no seio de um dia-a-dia regular. Mas o meu amigo sentiu-se mal ao jantar e mandaram-me para casa. A meio da noite acordei com risos abafados da minha mãe do outro lado da parede. Primeiro julguei que se ria a sonhar, ou que eu sonhara que ela se ria. Quando porém a ouvi suspirar numa cadência contínua estive quase a ir ver se ficara doente, como o meu amigo, talvez fosse uma epidemia, mas ao ouvir um gemido mais profundo misturar-se aos seus suspiros meio sufocados e sacudidos, deixei-me ficar deitado. Pela manhã entreabri-lhe a porta do quarto com cuidado, ela dormia sozinha na cama grande, e a caminho da escola quase me convenci de que tudo fôra um sonho.

Esforçava-se cada vez menos por esconder o seu adultério, ou então fôra eu que aprendera a interpretar as suas manobras, pois sem o saber revelara-me um recanto da sua devassa vida secreta.

Tal como ela me deixara entregue a mim próprio, comecei também a deixá-la entregue a si mesma, e se não ia ter com um amigo, ia para a cidade dar umas voltas. Foi assim que no Inverno, ao ficar frio nas ruas e nos parques, comecei a frequentar os museus quase por enfado, ganhando aos poucos gosto pelo universo estático e mudo dos quadros onde o olhar se desprendia do meu turvo cogitar, entregando-se às formas de luz e sombra e à presença dos rostos e dos lugares. Nos museus ficava em paz, ninguém falava comigo, ninguém me virava as costas, e havia dias em que faltava à escola só para me sentar nas salas quietas e me perder nas paisagens herméticas e nos acontecimentos parados, nos momentos inalteráveis e fora do tempo dos retratos e das naturezas mortas. Ficava horas sentado até se anular qualquer distância entre os meus olhos e os gestos mitológicos das figuras apenas envoltas em núvens e túnicas, qualquer transição perceptível entre os meus pensamentos e o mar lápis-lazúli atrás das persianas fechadas de um quarto onde alguém deixara um violino. Não obstante serem pintados em épocas muito diversas, e se abrirem para cenas muito diferentes, os quadros deixavam-me sempre a impressão evidente de que o mundo não constava de lugares diferentes e isolados, mas de um único sítio ininterrupto e coerente, que era apenas muito grande. Foi por essa altura que comecei a ver as coisas tal e qual, à letra, como se o mundo fosse escrito e constasse de sílabas, vogais de luz e consoantes de sombra. Eu observava as coisas mortas e esquecia as horas. E deixei de prestar atenção ao que me diziam. Preocupava as pessoas e apercebia-me disso, encorajado pela minha própria indiferença aos seus olhares desorientados. Não me importava se me compreendiam ou não, esforçando-me cada vez menos por me fazer entendido. Deixei de fazer os deveres da escola, mas ainda conseguia responder à sorte, sem me denunciar. Se me inquiriam sobre isto ou aquilo respondia amavelmente, sem me esforçar demasiado, até que comecei a dar sempre a mesma resposta: “Não

tenho vontade de responder.” E começaram a fazer troça de mim. Com que então, não tinha vontade de responder? A irritação e o ressentimento dos professores surpreendeu-me, pois quanto mais eu simplificava as coisas, mais complicava tudo. Um deles deparou uma manhã comigo no corredor da escola e perguntou-me com um olhar indeciso, encostando-se aos casacos molhados pendurados nos cabides repletos, se tencionava ficar para semente, aos treze anos... Não pude deixar de achar piada à sua expressão e informei-o sorrindo, de que ainda só tinha doze. Revirou os olhos dizendo que lhe dava vontade de chorar, mas não chorou.

Sentado na carteira, lia os nomes dos que por ela haviam passado antes de mim e gravado as suas runas¹¹ na tampa. E estudava o mapa-mundo de tela envernizada exposto defronte do quadro negro, por entre núvens de giz e uma enfiada de números e símbolos sem nexos. A África parecia um carrinho de bebé tombado, e o meu país fazia-me lembrar um duende constipado que fala paternalmente aos seus miúdos enquanto o vento de oeste lhe fustiga o cachão. E não pensava mais no meu pai lá muito longe sob o sol implacável, no meio de betoneiras e guindastes, enquanto a mulher abria as pernas aos amantes incógnitos. Imaginava então tempestades de areia, o vento da monção flagelando as folhas das palmeiras, deltas, aldeias lacustres, vertentes abissais de cadeias montanhosas, a ladainha interminável dos minaretes das cidades onde se dorme nos terraços. Deixara de participar na comunidade, esquecerera muito simplesmente as palavras que servem para isso, o intercâmbio regular de informações sobre as relações familiares e os planos de férias que nos tornam verídicos uns para os outros. Até os amores se ressentiram e me aliviaram o jugo. Havia na turma uma miúda com seios bicudos e muito nítidos sob a blusa de algodão muito justa. Sentava-se à minha frente na fila, de costas arqueadas e com os cotovelos na carteira. Os cabelos loiros apanhados em rabo de cavalo roçavam-

lhe a nuca, e as espáduas sobressaíam nas costas da blusa tais asas encolhidas ao longo da linha ponteadada da espinha dorsal que desaparecia nas calças apertadas com um cinto sobre o coração invertido das nádegas, um grande coração azul claro, roliço e pré-lavado. Tinha olhos azuis, e a sua beleza grave levava-me a crer que me entenderia melhor que ninguém, se eu encontrasse as palavras justas. Achava que os seus olhos azuis veriam as coisas tal como eu, tal como eram. Fôra uma vez com outros a casa dela, onde ouvimos discos e bebemos chá sentados no chão. Havia sempre um espertinho que dizia umas piadas, e eu fitava-a enquanto se ria das anedotas pacóvias com uma bela gargalhada. Fui o último a ir-se embora, tendo ficado sentados frente a frente enquanto as velas ardiam até ao fim, com o gira-discos em ponto morto. As palavras eram uma barreira entre nós, um prédio enorme de salas vazias em que nunca nos encontrávamos. Uma vez dançara com ela numa festa. Dançávamos à meia-luz, “parados” e muito chegados, como se dançam os “slows”, sentindo-a através da roupa, cheirando o seu cabelo recém-lavado sem saber bem como avançar as mãos nas suas ancas para além do prescrito, tão juntos e tão longe um do outro. Uma tarde, após ter começado a ficar esquisito, abordou-me ao sair da escola à beira do gradeado do campo de jogos e perguntou-me o que se passava, por que razão os evitava a todos. A relva estendia-se atrás dela como uma estepe entre as balizas vazias. Era um mensageiro, não viera por si própria mas pelos “outros”, fôra mandada pelos que tinham reparado no efeito dos seus olhos em mim. Os seios, na sua delicada brancura de algodão, apontavam com desprezo para mim. A conversa era uma esmola, os olhos azuis fitados em mim uma conspiração. Olhei para o relvado. Espantava-me sempre com as enormes distâncias no campo de futebol, quando lá chegávamos de calções e os outros se dispersavam ficando minúsculos na superfície verde à minha volta. Evitava a bola tanto quanto possível, e se excepcionalmente

vinha ter comigo despachava-a logo de bom grado para o adversário mais próximo. Fiquei parado, a vê-la desaparecer de bicicleta pela álea de castanheiros com o sol deslizando-lhe nas costas brancas a intervalos regulares, traiçoeiramente.

Não sei se de facto esperara que o meu pai reagisse à galopante infidelidade da minha mãe, nem o que eu achara que ele devia fazer. Partir uns pratos? Dar-lhe uma sova? Cortar-lhe o pescoço com o punhal árabe que me trouxera de fora, para depois se espetar com ele na barriga? Ela desleixava-se cada vez mais com os seus pretextos e evasões, mesmo quando o meu pai estava em casa, mas ele dava-se por desentendido, excepto à noite, ficando a pé à espera dela, julgando que eu dormia. Ouvia-o através da porta do meu quarto quando ela finalmente regressava e ele lhe fazia perguntas humilhantes e dignas de lástima. Se ela lhe respondia, era com raiva e sarcasmo. Uma vez ouvi-a dizer que se ele continuava com os seus ciúmes ridículos, sentia-se obrigada a arranjar um amante só para lhe fazer a vontade. As cenas nocturnas acabavam quase sempre por ela a ir para o quarto batendo com a porta, e pouco depois ouvia-o lá dentro desalentado, talvez sentado na borda da cama, talvez até de joelhos, pedindo-lhe perdão e afirmando-lhe o seu profundo amor. Outras vezes ia-se embora e ele ficava na sala com o seu whisky e os seus cigarros enquanto amanhecia lá fora e os melros começavam a gorjear nas ruas desertas do bairro. Acontecia cada vez mais frequentemente ela não vir para casa a seguir ao teatro, e passavam-se mesmo dias sem a vermos. O meu pai revelara então novos talentos quando ficávamos sós; preparava a comida, lavava a roupa, perguntava-me como iam as coisas na escola, e eu mentia-lhe, por achar que ele merecia melhores notícias no meio daquela miséria toda. Mas não lhe podia retribuir as suas atenções dedicadas quando eu voltava à tarde da escola e ele já andava pela casa de avental. Barricava-me então no meu quarto e só respondia em última instância, quando

ele batia de leve à porta, entrava e se sentava na minha cama. Via que o feria com a minha distância, como se já não sofresse o bastante, mas os seus olhos tristes e a ternura dos seus sorrisos tímidos punham-me ainda mais calado e apreensivo; por fim levantava-se passando-me carinhosamente a mão pelo cabelo, e eu ficava todo negro por dentro. Uma tarde, no princípio do Verão, ao chegar a casa da escola, ela acabava de regressar de uma escapada de dias. Estava de pé frente à janela da sala olhando para a rua, e ele deitado no chão com a cara voltada para a parede, encolhido e tremendo como de frio. Não me viu, e ela só se voltou depois de um longo instante em que fiquei ouvindo o som incrível e chocante do meu pai chorando. A cara dela, frouxa e pálida de cansaço, olhava-me sem a mínima expressão, como se eu fosse um estranho que se enganara na porta. Decidi-me nesse momento, e fui para o quarto fazer a mochila. Não se aperceberam de eu sair de casa, completamente ocupados como estavam com o seu próprio drama.

A ruína quase não se via por trás das árvores e dos arbustos do jardim a monte. Parte do telhado e do sobrado desabara numa clareira em que restos de vigas, tijolos e telhas quebradas se amontoavam sob um buraco escancarado para os céus. Explorara muitas vezes essa vivenda desmoronada a caminho de casa, depois da escola, ou quando dava uma volta de bicicleta aos domingos pelas ruas pacatas. Podia passar horas sentado num sofá bolorento vendo o sol ou a chuva entrar livremente pelo buraco do telhado, batendo na poeira das manchas escuras do chão entre cacos de garrafas, restos de tapetes e caixilhos de janelas aos bocados. Ficava ao fundo de uma rua sem saída, mesmo na orla de um bosque. O bosque começava a alastrar-se pelo jardim abandonado, o vento trouxera sementes pelas janelas e pelo tecto a céu aberto, e as fendas no chão de cimento da cave abriam-se ainda mais sob a lenta mas crescente pressão das raízes das plantas. Os caules verdes cresciam através do soalho aluído e os ramos novos batiam no papel das

paredes do que em tempos fôra uma sala de estar. Dentro de poucos anos atingiriam o estuque do que restasse do tecto. A primeira vez que encostei a bicicleta à sebe descaída e me aproximei da casa através da erva alta tive a impressão de ser observado. Estava tudo quieto na rua e no matagal por trás da sebe onde a ruína aparecia entre a folhagem densa, boquiaberta com os seus negros vãos de janelas, descarnada e hipnotizada como uma caveira. Entrei por uma das cavidades oculares, agachei-me sob umas vigas abatidas e arrisquei-me ao longo dos grandes buracos do chão, alternadamente cego pelo sol e pelo negrume. As escadas para o andar superior estavam quase intactas e continuei por um corredor cujas portas de um lado davam para fora, onde uma parte da casa definitivamente desaparecera. Ao fundo do corredor havia um quarto mais ou menos em bom estado, à parte um buraco no tecto. Era aí que se achava o sofá, entre paredes repletas de estantes onde ainda havia alguns livros de couro bolorento e folhas amarelas carcomidas. Encontrei no chão uma fotografia antiga de um vapor branco, agora amarelo, com chaminé alta inclinada para trás, nos restos de uma moldura dourada sem vidro. O vapor estava ancorado no mar cinzento ao largo de uma costa de palmeiras que enquadravam o panorama com seus troncos encurvados e folhas serrilhadas. Também encontrei água. Uma mangueira de borracha podre e gretada, enrolada junto à parede, revelou-se ligada a uma torneira escondida nas hidranjas a monte. Por estranho que fosse, a torneira não estava totalmente enferrujada e fiquei eufórico ao ver o esguicho castanho mudar de cor, ficando transparente e brilhante à luz do sol como pratas acabadas de polir.

No princípio só brincara com a ideia de ter um refúgio, um sítio de que ninguém soubesse. E fôra nas últimas semanas trazendo às escondidas diversas coisas práticas de casa dos meus pais: livros, conservas, biscoitos, alguns utensílios de cozinha, cobertores, um saco de dormir, um fogareiro, um rádio de transístores e uma

lanterna a petróleo. Descobrira que se me deitasse de lado e encolhesse as pernas cabia mesmo à justa no sofá bolorento. Seria a minha cama. Aproveitara o resto do dia para me instalar, e ao anoitecer a antiga biblioteca quase parecia um lar. Encorajava-me em surdina a mim próprio, ouvindo no transístor o concerto para violino de Brahms e aquecendo uma sopa de tomate no Primus. Conseguira finalmente, saíra de casa, já não era só uma ideia. Mas foi difícil adormecer na primeira noite, por causa do barulho distante dos carros na auto-estrada e dos ratos a remexer lá em baixo, enquanto eu tentava identificar as estrelas do Zodíaco. Não obstante os meus preparativos meticulosos, esquecera-me de algumas coisas; de papel higiénico, por exemplo. Só dei por isso de manhã, quando o sol me acordou e fez brilhar o orvalho no saco de dormir. Habituei-me a usar a relva, que me dava pelos joelhos, e nos dias seguintes fui escolhendo sítios diferentes. Após uma semana dera a volta à casa, e ao chegar ao ponto de partida os meus detritos haviam já curtido o suficiente para não cheirar mal — e a terra dera conta do resto. A primeira vez que abri caminho no matagal, de mãos ao alto para evitar as urtigas e os espinhos, as calças ficaram ensopadas de orvalho. De cócoras, ao fundo do jardim, imaginava a janela do meu novo quarto como uma pupila quadrada que me fitava sem piscar. Esquecera-me da pasta, e este esquecimento levou à decisão final de deixar a escola. De manhã andava pelas ruas ao acaso e roubava comida nas traseiras dos supermercados, onde os camiões descarregavam. À tarde deitava-me no sofá a ler, ou a seguir os pássaros que esvoaçavam no quarto.

Habituei-me depressa aos pormenores incómodos e rotinas complicadas da minha nova vida, e até aos ratos me acostumei, a ponto de tomar o partido deles. A ruína era muito naturalmente o local de reunião dos gatos vadios do bairro, e se bem me lembrasse deles nas minhas pilhagens aos supermercados, à noite apercebia-me de que no fundo preferiam *the real thing*. Conseguia mesmo

manter um certo nível de higiene pessoal lavando-me pela manhã com a água fria da torneira das traseiras, e branqueando as cuecas batendo-as numa pedra, como vira fazer umas mulheres africanas na televisão. Sentia-me um Robinson Crusoe que tivesse voluntariamente procurado esta ilha deserta no enfado quase cósmico da série infinita de jardins bem tratados daquele bairro residencial. Ouvir rádio era como receber sinais de um planeta longínquo, e quando uma tarde o locutor do noticiário disse que se procurava um rapaz com o meu nome e o meu aspecto, a minha primeira reacção foi que se devia tratar de uma curiosa coincidência, de um sócia desconhecido. Pensara certamente que os meus pais ficariam inquietos, não obstante terem obviamente mais com que se preocupar, mas nem de longe considereei a hipótese de me entregar. Fascinava-me ser um desses desaparecidos de que se ouve falar, quando os procuram de barco nos lagos e nos pântanos, o que me evocou a réplica brincalhona de Leslie Howard no *Pimpinela Escarlate*: “We seek him here, we seek him there, those frenchies seek him everywhere. Is he in heaven, is he in hell, that damned elusive Pimpernel?” Quando a minha mãe se fechava no quarto, dizia por vezes à laia de desculpa ou de rejeição, que tinha “necessidade de estar só”. Agora percebia o que ela queria dizer, finalmente podia “estar só”, longe das palavras e dos olhares dos outros, de todas as suas histórias indiferentes e planos inúteis. Mas só podia “estar só” na medida em que me esquecia de mim próprio na minha ruína, perdido nos livros ou nas variações inúmeras de manchas de sol, laivos de luz e sombras entremeadas de vigas e ramos folhosos. Quando aparentemente me perdia em sonhos acordados e entrava em “mim mesmo”, ficava ainda mais atento aos descuidados pormenores extraordinários do mundo visível. Esquecia então o tempo e tudo o que sabia. Os olhos ficavam de novo em contacto com o que viam, agora acordados da anestesia dos pensamentos e das palavras, ao fim da tarde, quando dava

uma volta no jardim e a luz se esvanecia na relva, erva a erva, e a minha casa derrocada aos poucos se inundava de azul. Sentado de olhos fechados no mato, sentindo os últimos raios de sol na cara, repetia então uma prece pagã numa liturgia particular, umas linhas de um poema que lera em inglês. Não me lembrava do nome do poeta, mas as primeiras linhas estavam-me gravadas na memória tal mantra que, ainda melhor do que a réplica de Leslie Howard revelava o que eu sentia: *I'm nobody, who are you? Are you nobody, too? Than there's a pair of us – don't tell! They'd advertise, you know. How dreary to be somebody, how public, like a frog...* Não me lembro do resto; mas a metáfora das rãs públicas ocorria-me ao ouvir os locutores da rádio coaxar as suas notícias, os seus pontos de vista, as suas buscas de pessoas desaparecidas, os resultados da lotaria e os seus boletins meteorológicos no meu silêncio gotejante, sibilante, e de coisas a bater umas nas outras.

Na minha ideia durou um Verão inteiro, mas na realidade só umas semanas. Já não me lembro como o meu pai me encontrou, mas apareceu lá um dia à beira da sebe do jardim, chamando-me como se eu fosse um gato evadido, terno e cauteloso como sempre. Conduzi-o através da ruína indicando-lhe onde pôr os pés, e quando o instalei no sofá perguntei-lhe bem educado se queria um copo de água. Ergueu o copo contra a luz antes de beber, como se apesar de tudo não confiasse em mim. Com que então fôra ali que me escondera? Respondi que não me escondera, mudara-me apenas, e ele olhou-me com ternura. Também mudara. Admirei-me que não fosse ela a mudar. Era melhor assim, disse ele, pois estava sempre de viagem. Encontrara um apartamento na cidade. Disse que a minha mãe tinha saudades de mim, como se ele próprio acreditasse nisso. Perguntei-lhe se estava triste. Disse que sim com um sorriso de desculpas. Elogiou-me pela maneira como me instalara e riu-se desprevenido quando lhe contei como arranjava comida. Ao sair deixou-me um punhado de notas de cem, para que “me

aprovisionasse mais convenientemente”. Não tentou convencer-me a abdicar da vida de eremita, sabendo bem não ser necessário, agora que eu fôra descoberto. Deteve-se um pouco após me ter dito adeus, e eu abracei-o. Ficou varado de surpresa. Quando penso nele prefiro recordá-lo como quando se voltou e me acenou pela última vez no meio das vigas abatidas e das telhas partidas. No dia seguinte regresssei a casa. A minha mãe disse-me que o meu pai fôra para o Iémen, onde devia ficar uns meses gerindo a construção de uma turbina eléctrica. Por uns tempos esforçou-se no papel de mãe sozinha e extremosa, especialmente durante a semana em que o divórcio dos meus pais encheu as primeiras páginas das revistas sensacionalistas. Num domingo até fez uns doces, mas já passava outra vez as tardes fechada no quarto, chegando frequentemente a casa pela manhã. Numa tarde em que se arranjava em frente ao espelho da entrada, pintando as pestanas à espera de um táxi, olhou para mim de repente e disse, como se lhe tivesse vindo à ideia nesse instante, que o meu pai era um pateta. Tive vontade de lhe responder, de o defender, mas calei-me, enfurecido comigo mesmo por deixar a pequena palavra à solta, quando ela me mandou um beijo com os dedos e saiu para o táxi. Não nos metíamos na vida um do outro. Dormia por vezes em casa dos seus novos amantes, outras vezes trazia-os para casa. Tratavam-me sempre com extrema cortesia, como se fosse adulto, e habituei-me aos rostos diferentes que me apareciam à porta do quarto dando-me os bons dias antes de ir para a escola. Não obstante haver reatado a minha vida do costume, o período da ruína fôra decisivo. Toda a escola sabia da minha escapadela que ligavam a algo de aventureiro, e de sorumbático mór passei a favorito da turma. A casa era de facto mais confortável do que a ruína, e quando uns anos mais tarde comecei a ir para a cama com as miúdas, passei também a estimar a vida egocêntrica da minha mãe. Não se interessava absolutamente nada por quem passava a noite no meu quarto, e só a divertia o

facto de raramente ser a mesma. Pelo menos o seu filho não era pateta nenhum.

Aprendi a viver, aprendi as regras do jogo, do jogo encantador e inocente que, por não querer dizer nada, pode significar seja o que for. Mas numa noite clara, no meu quarto ou entre as dunas da praia, ao meter mais uma vez a mão nas calças de mais uma rapariga foliona ou tímida, era de novo aquela distância entre a mão e a cabeça, entre quem eu era por dentro e o fulano certamente simpático mas no fundo perfeitamente anónimo, que ela olhava fixamente enquanto ele evitava desenrolar o preservativo ao contrário. Eu presenciava essa cena delicada de um posto muito distante e recôndito, pensando de novo nas semanas felizes passadas na ruína em que me deitara a olhar para as estrelas sob o buraco do tecto, em paz comigo mesmo no meu sofá bolorento, apenas observado por gatos vadios e ratos tiritantes. O eremita observava-me serenamente do seu reino derrocado e podre, eu sentia o frio do seu olhar mas não o via, apenas o mate torvelinho de estrelas enquadrado pelas vigas quebradas do telhado. Quanto mais uma rapariga me segredava meiguices ao ouvido, mais eu respondia como se responde a essas coisas, sentindo ainda que eram só palavras, apenas uma troca obscura de uma palavra por outra, de uma carícia por um beijo, de um olhar terno por uma pequena queda vertiginosa entre as suas coxas encantadoras. A diferença entre por dentro e por fora era ainda grande demais, uma diferença que por uns tempos me dera ao luxo de esquecer na casa onde os pássaros voavam entre as paredes e as árvores brotavam por entre o cimento da cave. Ao ver a minha mãe pintar os lábios e calafetar a cara com pó de arroz antes de sair para os seus amantes, perguntava-me a mim próprio por que razão ela alguma vez estivera com o meu pai. Mas eram então tão novos, pouco mais velhos do que eu, pouco mais do que crianças perdidas em noites claras. Talvez tivesse sido apenas uma colisão fortuita, uma vertigenzinha doce a

que conferiram demasiada importância numa noite qualquer nas dunas da praia ou num quarto alugado, o que fôra decisivo. Talvez se tivessem rendido um ao outro por cansaço de andar à toa. A julgar pelo resultado, tinha mesmo de me pôr a questão se não fôra um ligeiro mal entendido ter vindo ao mundo, ou se aos olhos da minha mãe eu deveria ter sido outro, numa altura diferente. Mas à medida que crescera e me tornara num rapaz esbelto ela começou a mostrar mais interesse por mim. Interrogava-me na galhofa, curiosa das minhas aventuras, fazendo-me seu confidente como se eu tivesse o mínimo interesse em saber com quem e aonde ela se deitava. Agora éramos “camaradas”, e eu era o único “que a entendia”. Quando o meu pai vinha de fora eu ia ter com ele ao seu apartamento na baixa. Contava-me tudo sobre as suas pontes e barragens, como sempre, mas eu só ouvia por alto, respondendo evasivamente às suas cautelosas perguntas sobre as coisa lá por casa. De repente passara muito tempo desde que eu sonhara estar a seu lado nas obras dos países do Sul, os seus postais invariavelmente banais pareciam-me agora tão infantis como eu próprio o fôra quando os guardava numa caixa debaixo da cama e os lia em noites de insónia.

Se não acordou antes das repetidas chamadas ao palco foi todavia o primeiro a levantar-se, desancando as mãos num entusiasmo que parecia compensar as brasas por que passara durante o espectáculo. A minha mãe avançou sozinha para receber o ramo de flores que um porteiro ruborizado lhe trazia, e fez uma reverência estudada perante o seu público radiante. “Radiante” não é bem o termo, as pessoas estavam praticamente babadas de enlevo, de olhos ardentes como cristãos das seitas, pateando o chão e batendo palmas como possessos. A minha mãe triunfara de novo, mais uma vez conseguira arrebatá-lo o público com o seu pequeno registo esfaldado mas treinadíssimo de esgares patéticos e vulgares, dando às pessoas a sensação de presenciar a vida a sério, profunda,

autêntica e extraordinária, não a barata, insidiosa, cinzenta e coçada imitação de que por uma noite se evadiam, e a que dentro em pouco, quando as luzes se acendessem, regressavam encantados e tristes. Após a última chamada ao palco acompanhei o meu pai aos bastidores com os outros convidados exclusivos da “pequena recepção” que ela tão animosamente me lembrara ao telefone. Deixei-me ficar para trás, vendo-a aparelhar o sorriso e avançar a cara para receber o seu humilde beijo. Senti como ele trinta anos depois ainda tentava combinar uma certa intimidade no olhar com o leve tom ileso e social do sobrevivente. Esta era a razão da sua vinda, o momento que ele repetidamente buscava ano após ano, como se nunca acabasse de provar a si próprio nem a ela, que as velhas feridas estavam curadas. Mas antes mesmo de receber o seu prémio sob a forma de um simples olhar caloroso e reconhecido já ela oferecia a cara ao próximo. Para ela, ele era apenas uma cara conhecida entre as muitas que se apinhavam à sua volta, como os sete anões em roda da Branca de Neve, inofensivamente devotos e chocantemente ingênuos. Para ele, ela representava um acidente remoto, mancar ligeiro mas aviltante que se esconde com apurmo e boas maneiras. Olhou hesitante em redor, outra vez só, agora que a sua missão tão rapidamente se cumprira, e eu escondi-me atrás de um grupo de mulheres de directores que, numa névem de perfume, escutavam arrebatadas o cenógrafo de mão desmaiada e ésses sibilinos descrevendo as crises artísticas por que passara com esta peça. Quando olhei novo na direcção do meu pai já ele desaparecera.

Estava quase a escapar-me pelos bastidores quando a minha mãe deu comigo, vindo ao meu encontro entre copos de champanhe e cigarros em riste, como um míssil teleguiado evitando obstáculos, dando azo em voz alta à sua maternal alegria de me ver, de modo que todos se voltaram. Fôra tão má como isso? Acabei por me rir do seu ar de rapariguinha preocupada. Sabia muito bem

o que eu achava das suas prestações em cena, mesmo se só as comentava indirecta e ironicamente, mas antes mesmo que lhe respondesse já pusera outra máscara diferente, pretensamente ofendida e preocupada. Mas que fizera da minha encantadora mulher? Esperara *tanto* vê-la! Murmurei algo sobre Estocolmo, mas ela topou-me. Não é meramente idiota, pensei, é fina que se farta, o que neste caso não infere contradição alguma, sendo a sua intuição tanto mais aguda quanto é nela o único aspecto irreduzível. Que é que vocês querem? Falava como se a Astrid e eu fossemos crianças à bulha por um brinquedo. Fiz-me desentendido e esperei que tal a compelsse a denunciar o que sabia e de que fonte provinha, mas enganei-me. Limitou-se a dar-me umas pancadinhas na cara chilreando que tudo se arranjará, voltando-se com um sorriso cintilante para o repórter que esperava impaciente por tirar uma fotografia da diva com o seu dedicado filho. A imagem verde e vermelha do flash já se esbatera na minha retina e eu estava de novo só ao canto da cena. Fôra eu a ter que desistir de a fazer abrir o saco, não o contrário, ela resignara simplesmente ao ver que eu não tencionava satisfazer a sua curiosidade, confessando-me ali de pé, no meio da selva de olhares canibais.

Segui-a com o olhar enquanto ela abraçava uma bela mulher de trinta e poucos, que me parecia ter visto antes num sítio qualquer. Ela quase se defendia da afabilidade desbordante da minha mãe encostando-se ao homem a seu lado, que recebia agora o beijo obrigatório, um homem moreno, magro e de traços marcados, de certa idade mas ainda rijo, com cabelos brancos ondulados e um olhar duro e insistente. Passaram-se uns segundos antes de o reconhecer. É claro que o convidara, a minha mãe participara em alguns dos seus filmes, e se não me enganava muito tivera também uma história com ele muito antes de ele encontrar a Astrid, ainda eu e ela deambulávamos cada qual na sua infância. Enquanto o via pôr uma mão morena, engelhada e com manchas de fígado nas

costas da minha mãe, admirei-me de nunca me ter ocorrido que ele era da idade do meu pai, o realizador de cinema que há muito tempo estivera na rua em mangas de camisa no pino do Inverno aos berros à Astrid no meu táxi, menos de dez minutos após eu a ter visto pela primeira vez. E agora estava aqui, com a sua conquista de outrora, a invenção seguinte do seu desejo errante, de quem não se pôde abster apesar de poder ser avô do seu próprio filho, e não obstante a Astrid na altura ainda ser nova e viçosa. Quando viu que a Astrid não voltava, cingiu-se à suplente, fez-lhe até uma criança para que não lhe fugisse, vendo que a idade das conquistas estava a passar. Não faltava muito para que ela também pudesse ser sua neta, mas não se pensava nisso ao vê-los juntos, ele mantinha a linha e a cintura dela já não era a que fôra antes de dar à luz. Ele continuava a parecer o que se chama “um garanhão”, escorando-se discretamente na sua jovem mulher. Se fosse simpático a valer, talvez ela ficasse com ele até à morte. Já há mais de dez anos que não o via. Quando o Simon fez treze anos perguntou-nos se não podia deixar de ir ao pai. Fôra-se tornando cada vez mais embaraçoso visitar a casa onde outrora morara e onde o realizador de cinema ficara tão atarefado com a sua nova família. Não acho que fosse só por se sentir rejeitado como criança, penso que já tinha idade suficiente para entender o propósito real das suas visitas. O pai só continuara a recebê-lo porque as visitas formais do filho o asseguravam de que a sua traição estava perdoada, e que portanto também fôra perdoável.

A Astrid só em caso de necessidade e por causa do Simon aceitava ter qualquer contacto com ele. Levava meses para telefonar ao filho, e se por acaso era ela a atender ficava logo sisuda ao chamar pelo Simon. Referia-o conseqüentemente como “o teu pai”, jamais como “o pai”. Nunca lhe perdoou, mas também não perdoava a si própria ter em tempos representado o papel que foi mais tarde o da sua suplente. O papel de segredo doce da pila dele.

Mas por ocasião dos seus sessenta anos não teve a perseverança de declinar o convite. Admiro-me frequentemente do enorme poder que esses acontecimentos convencionais têm sobre nós, independentemente das nossas relações familiares. Não se passava um Natal sem a minha mãe cear connosco, não obstante eu de bom grado não lhe telefonar semanas a fio. Por que ficamos tão sentimentais em ocasiões que não se celebram pelo que sentimos, mas pelas datas festivas de um calendário sem qualquer substância? No caso da Astrid era ainda mais estranho, dado ter perdido os pais em criança e nem sequer ter irmãos. Simon, Rosa e eu éramos a sua única família, da sua própria escolha, contrariamente ao realizador de cinema, que ela mesma excluía. Nem era tão-pouco por causa do Simon que ela se prestava à situação, pois ele dera apenas um encolher de ombros ao convite que nos chegara pelo correio, ilustrado com uma fotografia absolutamente descabida do realizador de cinema em calções de banho, com um braço em torno da sua nova mulher e com a sua nova criança aos ombros, tirada é claro no imprescindível pitoresco da Provença. Lá estava ele, o malandro encantador de olhar intenso e mão na coxa rija da nova mulher, jovial e viril como um imitador do Picasso. Gostaria de nos ver. Pois com certeza, gostaria de nos ver, e de reunir por um dia o seu harém, coçando simpático a barbela, admirando os frutos do seu jardim perfumado, como um paxá. Ao chegarmos à rua do bairro exclusivo onde outrora esperara no meu táxi enquanto a Astrid descia afoita pela álea do jardim com o Simon pela mão, lá estava o festejado recebendo os convidados com a sua nova família, exactamente como na fotografia, à parte os calções de banho, mas de camisa cor-de-rosa e casaco claro às risquinhas, não propriamente à Picasso, mas Visconti, talvez. Apercebi-me de que a sua jeitosa mulher quase se esvaía em pânico à vista da antecessora, mas a Astrid sossegou-a com um olhar conciliante enquanto o realizador de cinema me apertava a mão com uma tenacidade conjuradora.

Preludiava-se a grande reconciliação nesse domingo de Julho, na nobre residência de janelas palacianas e telhado negro vidrado.

Ele fazia sessenta, a Astrid e eu estávamos a meio dos trinta, o Simon tinha treze, a jovem esposa vinte e muitos, a filha do primeiro casamento era da nossa idade e o último rebento fazia três. Não é por afectação que o digo, apenas para proporcionar a perspectiva desta história intrincada em que tempo e lugar se desencontram em espirais caóticas. Mas não pude deixar de pensar nisso quando a filha do primeiro casamento ficou à mesa a meu lado, na grande tenda montada no jardim para alojar todos os convidados caso “o tempo nos fosse contrário”. Esta precaução fôra supérflua, o sol batia em cheio na lona encerada, o ar pesado cheirava a borracha e já durante o primeiro prato parecia um sauna. Imagine-se um sauna de casaco e gravata. O suor gotejava das minhas sobrancelhas enquanto tentava conversar com a filha, uma mulher descorada, ossuda e de lábios estreitos que parecia dez anos mais velha não obstante, como já disse, sermos da mesma idade. Era enfermeira num serviço de oncologia, e após lhe dar corda entreteve-me todo o jantar com os dilemas éticos relativos ao uso de morfina na fase terminal. Será que se deve aliviar assim as dores quando já não há qualquer esperança, sendo a morfina já por si mortal a curto prazo? Não era isso uma cedência à eutanásia? E eu imaginava os esqueléticos enfermos nas suas vestimentas hospitalares demasiado grandes, agarrados aos tripés móveis de sondas e soros mortais, vacilando no meio de um lago gelado. E cogitava no que eu próprio preferiria, observando à socapa a mãe da enfermeira, a primeira esposa do realizador de cinema, uma mulher forte que se ria alto e prolongadamente das próprias chalaças numa túnica solta de motivos e cores berrantes. Decidira aparentemente ser mais “exuberante” do que gorda, e em lugar de ressentimento optara por uma atitude positiva, quase jovial, quanto a esta festa reconciliatória, não obstante ter vivido só desde que o realizador

de cinema a deixara pela Astrid. As pontas do lenço azul-cobalto que lhe encobria a barbela instalavam-se na salada de alface do seu prato ao se debruçar para advertir a nova mulher do ex-marido quanto à educação das crianças, a qual timidamente acenava atenta aos ensinamentos maternos, feliz pela demonstrativa atitude apaziguadora desta gorda mulher rejeitada. Mas de longe a longe, quando a gorda levantava o copo, eu notava os seus olhares furtivos à Astrid, que fôra colocada à direita do festejado, naturalmente. Estava como sempre à altura da situação, sorrindo cortesmente, como se sorri a estranhos, das inofensivas anedotas do seu passado com que o realizador de cinema se aventurava, suando as estopinhas na sua tenda a vapor. Às vezes ele esticava o braço coçando a cabeça do Simon e eu via o olhar da Astrid turvar-se enquanto o rapaz se encolhia, sorrindo por obrigação. Acabámos por falar de crianças, a enfermeira ossuda e eu. Não tivera filhos, vivia só como a mãe, mas viajava muito, dizia ufana; sozinha, no México e na Índia, e quase conseguia fazer soar as suas viagens exóticas como sonhos realizados. O realizador de cinema foi o primeiro orador, perfeitamente ilícito como pretendia sê-lo, e no discurso que fez a si mesmo agradeceu com olhos húmidos, uma a uma, a todas as mulheres presentes que haviam representado tanto para ele “e enriquecido a sua vida”, como modestamente dizia, “se bem que nem sempre tivera sido fácil”. A jovem esposa, sentada como uma adolescente no canto da cadeira, brincava timidamente com as migalhas do pão enquanto ele falava. A gorda ex-mulher pusera a cabeça de lado, sorrindo seraficamente com os seus botões enquanto uma lágrima abria caminho na maquilhagem. A filha mais nova metera-se debaixo da mesa a arrancar ervas do relvado. A mais velha fitava fixamente o seu prato vazio, talvez absorta em pensamentos eutanásicos ou algures no Nepal. O Simon abandonara o seu lugar, não o via em parte nenhuma. A Astrid, de costas voltadas para o orador, fixava o meu olhar de sobrancelhas ligeiramente erguidas e lábios crispados.

Saí do teatro sem me despedir da minha mãe. Há muito que não dava uma volta a pé pela cidade àquelas horas da noite. Agradava-me o ar fresco na cara e o estalido de folhas secas sob os sapatos ao passar por baixo das árvores de Kongens Nytorv, e fiquei bem disposto só de ver a fachada branca iluminada do Hotel d'Angleterre, que resplendecia tentadora através da grade retorcida dos ramos despidos. Como sempre à sexta-feira, a baixa estava cheia de gente que se apinhava em frente aos bares, os mesmos bares por onde eu em tempos andara ligeiramente embriagado num vai-vem de esperanças benignas. Ao passar pelos jovens que se empurravam nas bichas, impacientes por aceder à luz como borboletas nocturnas, senti-me velho e cansado. Era a cidade deles, não a minha, à noite pelo menos. Fez-me lembrar do que um amigo me disse uns anos atrás: “Uma bela noite estamos num destes bares observando uns tipos barulhentos, quando de repente um deles se vira e diz ‘olá pai’. Então são horas de ir para casa”. Iria ainda deparar com a Rosa mais uma vez nesse dia? As raparigas, pintadas e empoeiradas, disfarçadas de rudes mulheres da vida, pareciam muito mais velhas do que os afogeados rapazes de bonés de *baseball* às avessas cujas anedotas afoitas e insonsas só as faziam sorrir enfadadas e mundanas. Atrás das impecáveis máscaras inflexíveis passava um filme muito diferente, em que a luz é mais forte e as sombras mais fundas, onde homens adultos de calmos olhos cinzentos, voz rouca e um obscuro passado doloroso as raptavam dali para grandes hotéis brancos à beira mar, em carros de *sport* pretos. Um filme lento acompanhado por tristes violinos lentos e um vento que levanta as cortinas leves entre persianas entreabertas e quartos profundos onde sentem a brisa fresca na pele como um estranho olhar desconhecido, esperando deitadas, de olhos semicerrados. Comi um cachorro quente numa *roulotte* em Nørreport, o que já não fazia há anos; não comera nada todo o dia, esquecera-me simplesmente de comer embora não me

faltasse tempo para isso. Fui seguindo vagarosamente para casa. Os letreiros luminosos do outro lado do lago espelhavam-se em colorido trémulo na água crispada e parei como tantas vezes fizera com o Simon e a Rosa, a ver a galinha de néon pôr os seus ovos frescos. O último letreiro à direita a rematar a série nos telhados em frente era uma folha de calendário em néon. A data luzia vermelha no céu negro: 17 de Outubro; já lá ia uma semana que a Astrid partira. Estava cansado. Nos últimos dias mobilizara toda a energia para manter uma ilusão de normalidade perante a Rosa, perante o conservador e os outros no jantar, e frente aos meus pais, ao mesmo tempo que pensava constantemente na pergunta que receava de todos. Onde estava a Astrid? Por que partira? No dia seguinte metia-me num avião, para longe de todos, a sós com as minhas perguntas sem resposta. Num banco público por que passara há pouco, algures atrás de mim estava sentado um homem de gabardina coçada e lustrosa com uma corda à laia de cinto, ralhando com tudo e todos, rodeado pelos seus sacos de plástico repletos e sujos. Eu pensara muitas vezes no que conteriam esses sacos. A luz das escadas apagou-se como de costume antes de chegar lá acima. Ao contornar o último patamar notei a brasa de um cigarro ardendo fraca no escuro em frente à nossa porta. A brasa ergueu-se num gesto rápido e logo a seguir acendeu-se a luz.

O namorado da Rosa barbeara a cabeça. Havia apenas uma sombra de cabelo na sua careca ossuda que não lhe dava nenhum ar assustador, pelo contrário, fazia só lembrar um desses rapazes da rua em Marrocos a quem barbeiam a cabeça por causa dos piolhos, pobres diabos de mãozitas estendidas. O artista instalador estendeu-me a mão, não a pedir esmola mas para apertar a minha, numa atitude urbana a que não o julgava capaz de se rebaixar. Se eu sabia onde estava a Rosa! Foi directamente ao assunto com uma voz tão chã e serena, que não percebi ter-me alguma vez sentido intimidado por esse rapaz grave e bem educado. Respondi

que não fazia a menor ideia, decidindo omitir a sua ida ao café nessa manhã. Também já lá iam umas horas. Se tinha alguma ideia onde a pudesse encontrar? Ocorreu-me que talvez estivesse com a sua amiga ruiva, mas abanei a cabeça e senti-me de repente muito solidário com a minha filha. Ficou um pouco perdido olhando para a brasa que quase lhe chegava às unhas, mas parecia não ter vontade de deitar a beata ao chão à minha frente. Perguntei-lhe se não queria entrar para apagar o cigarro. Deitou-o na retrete da entrada, tínhamos aparentemente o mesmo mau hábito. Ainda bem que a Astrid não viu. Pôs-se às voltas na sala, parecia difícil despachá-lo. Disse-lhe que ia para Nova York no dia seguinte e que ainda tinha umas camisas para passar, mas olhou-me sem perceber a minha alusão, estranhando o que teria isso a ver com a Rosa. Já não a via há vinte e quatro horas. Ah, se ele soubesse! Houvera alguma desavença? Fixou-me de novo, desta vez com um olhar indagador, encolhendo os ombros. Não percebia, desaparecera de repente. Primeiro julgou que descera à rua para comprar cigarros. Mas depois andara à sua procura por todo o lado. Um clássico, pensei, foi buscar cigarros e nunca mais voltou. Pelo menos a Astrid não se servira de uma desculpa tão gasta. Não sabendo o que dizer, perguntei-lhe se queria uma cerveja. Agora é que eu estava entregue; e pensei, atravessando o apartamento, estarmos a gerar uma completa afinidade de destino, nós dois, homens abandonados.

Sentou-se à mesa da cozinha vendo-me armar a tábua de passar a ferro. Disse que lera o meu ensaio sobre Pollock. Sorri-lhe e comecei a passar o colarinho de uma das camisas húmidas enroladas a seu lado na mesa. E como o achava? No fundo não me interessava nada a sua opinião sobre o meu ensaio, podia quase adivinhá-la. Hesitou, como se reflectisse para saber o que no fundo pensava. Que tinha um ponto de vista interessante. Pelo menos não exagerava. Começo sempre pelo colarinho, disse eu, e depois

as mangas, as mangas é o mais difícil. Fitou-me como se não tivesse a certeza de ter ouvido bem. Alisei a manga estendida e passei a dobra a ferro, fazendo um vinco escrupuloso. De facto não costumava ser ciumento, disse ele, acendendo um cigarro. No fundo não faz sentido, acabam por ficar encorrihadas pelo caminho, mesmo que as dobre bem e as ponha direitas na mala. Se eu tinha a impressão que ela andava com outro? Fitei-o. Outro? Desviou os olhos húmidos e receei que se pusesse a chorar, o jovem de cabeça rapada e casaco de couro gasto. Se tinha, eu seria o último a sabê-lo. Pôs um sorriso amargo e tomou um golo da garrafa. Tinha-a visto umas semanas atrás à entrada de Kongens Have¹² com um homem de idade, não propriamente velho, aproximadamente da minha idade. Fôra por acaso que os vira, do autocarro em que seguia. Perguntara-lhe quem era? Soprou ar pelo nariz, mas soou mais como um riso do que como um bufo de cólera. Teria *eu* perguntado? Encolhi os ombros. Mas perguntara se havia “outro”, até perguntara várias vezes, mas acabava sempre na mesma discussão. Ela sentia-se vigiada. Dizia que nunca lhe prometera coisa nenhuma. Olhei de novo para ele, ele olhou para o chão. Queria dizer-lhe qualquer coisa, mas não conseguia, embora adivinhasse cada pensamento na sua cabeça rapada. Levantou-se abruptamente, agradeceu a cerveja, e que não precisava de o acompanhar à porta.

Tinha de voltar à escuridão e andar às voltas sozinho e desdenhado. Eu sabia em que estado estava, mas esquecera a dor de estar assim. Só podia sorrir de mim mesmo, do meu coração jovem e macerado, à janela, outrora, vendo a Inês deixar-me entre os flocos de neve aos rodopios. O meu orgulho ferido aos uivos desesperados dentro de mim enquanto eu dava voltas à cidade com os passageiros da noite, como um rafeiro com sarna e esfomeado correndo atrás da própria cauda. Sorri também do artista instalador após se ter ido embora, mas não foi por mal. Pensei

apenas no que ele ainda iria passar, e no que, ao fim e ao cabo era o pior de tudo: a pena que tinha de si próprio. Fôra ironicamente por causa da minha filha que tivera a oportunidade de um encontro com a minha pessoa quando jovem. Via-a sentada ao sol da tarde na esplanada do café, uma Rosa meditativa e ensimesmada contemplando a fonte e as pombas sem saber que a estava a ver. Não a pudera atingir, nem mesmo que tivesse batido na vidraça e acenado. Parecia-se com a Astrid mais do que nunca, com o seu forte cabelo castanho, maçãs do rosto salientes e olhos semicerrados que viam tudo sem revelar nada. Uma Astrid jovem, tão jovem que ainda não me encontrara. Uma rapariga que acabara de ficar adulta, só no mundo. Talvez fosse ao encontro de um homem de idade, não velho, mas mais velho do que ela, um como eu, tal como outrora a jovem Astrid atravessando a cidade a passos lesto e furtivos, como um agente secreto no mundo dos adultos, ao encontro de um homem casado com brancas no cabelo e mãos fortes. Talvez fosse assim que a Rosa atravessara a cidade após se despedir com um sorriso cúmplice da sua amiga ruiva, ao encontro de um homem de traços marcados e olhar seguro que a envolvia totalmente, por todos os lados, como se ela pudesse mergulhar nesse olhar, desaparecer nele e deixá-lo levá-la submissa para um destino desconhecido.

Talvez a Rosa tivesse atravessado a cidade tão resoluto como imagino a Astrid acompanhando o grisalho realizador de cinema pelos corredores do Grand Hotel em Estocolmo, deixando-o abrir a porta do quarto anónimo onde ninguém sabia que ela dentro em pouco teria esse homem casado entre os seus joelhos de menina. Os mesmos passos sonâmbulos e decididos que em tempos levaram a Inês de um homem para o outro pelas ruas da cidade. Passos misteriosos e traidores rumo a algo desconhecido e arriscado. Talvez a Rosa também sorrisse admirada do desejo desamparado deste homem maduro e mesmo já vislumbrasse ser apenas uma pequena

rebeldia da parte dele contra o aborrecimento e a gravidade dos dias; talvez se risse dele quando se agarrava ao seu corpo jovem com um desejo esfalfado de adulto enquanto ela fechava os olhos e desaparecia entre as suas mãos num instante cego de queda livre. Rosa, Astrid, Inês, talvez fosse a mesma urgência de se volatilizar face a estes homens adultos e desamparados, uma necessidade de capitular e desaparecer num único movimento, precisamente quando se debruçavam sobre os seus corpos jovens para as possuírem. O mesmo sorriso misterioso como quando se sumiam por uma porta invisível no papel da parede, entre as imagens cómicas dos passarinhos coloridos no Grand Hotel. Cada vez que se levantavam de mais uma cama estranha, talvez o fizessem com a mesma sensação levitante de elas próprias serem estranhas e desconhecidas, como se os seus rostos fossem máscaras pintadas que os pobres homens casados desfizessem entre as suas mãos sôfregas. Cada vez que deixavam mais um homem e iam sozinhas pelas ruas da cidade sentiam de novo a brisa fresca na pele, como se nos rostos ficasse só uma membrana fina e porosa. Ninguém tinha o direito de lhes dizer quem eram, tal como iam ali pelas ruas, Inês, Astrid e Rosa. É a mesma jovem mulher cruzando a noite a passos lesto e de olhos muito abertos, os rostos estranhos perscrutando livremente o seu olhar, um após outro, reflexos fugazes no rodopio da corrente no escuro. Rostos desconhecidos de olhares desconhecidos, que se abrem para ela e se fecham de novo atrás dela, como se continuamente passasse mais um umbral sem jamais chegar a parte alguma. Está sempre a ir a algures sem saber bem para aonde, só que cada quarto e cada cidade será mais uma cilada. E assim continua como uma carta sem endereço nem remetente, uma carta para todos e para ninguém, que se abre a todo o instante e se sela de novo sem que alguém jamais chegue a ler o que lá está.

6

Fazia frio e muito vento no dia a seguir à minha chegada. O ar estava límpido entre os blocos de prédios cinzentos que se desenhavam no plano uniforme do céu azul, realçados pelas sombras de outros prédios e dos depósitos de água nos terraços. À tarde dei uma volta pelo quarteirão dos velhos armazéns entre Greenwich Street e o Hudson. Não se via ninguém, apenas a torrente contínua de automóveis na West Side Highway, ao longo do rio. As vetustas fachadas industriais abandonadas faziam-me lembrar as cidades de Edward Hopper. Estivera umas horas antes no Whitney Museum frente a uma das suas mulheres sozinhas. Está sentada num quarto de paredes verde-claro, nua. Sentou-se na borda da cama com as mãos no lençol, inclinando-se um pouco para trás, apoiada nos braços esticados, olhando pela janela para os depósitos de água numa madeira fuliginosa idêntica à dos terraços acima de mim, entre os muros cinzentos e vermelho escuros, e letreiros de caixa alta com a pintura estalada. É louira e ainda jovem, sentada olhando pela janela aberta, à luz pálida que lhe banha o rosto, o torso e as coxas pálidas. Uma cara sem qualquer expressão, e um corpo elaborado sem o mínimo traço de desejo, quase mal acabado, como o Hopper os pinta, um pouco hirto, o que mais acentua a imobilidade do quadro, o sentimento da permanência de um longo instante imóvel na fuga dos minutos e das horas. Diria que o seu olhar é absorto, mas está também absolutamente presente, repousando no contorno anguloso dos prédios e nas coberturas de zinco afuniladas dos depósitos cilíndricos, talvez num ponto distante entre eles, fora de campo, no ponto de fuga da janela onde uma barreira invisível impede o seu olhar calmo de prosseguir. Detém-se ali, sentada muito quieta, parada numa pausa do dia em que não está nada programado, em que está só, em que não há nada a dizer ou alguém a quem dizer seja o que for. Talvez escute o ronronar grave do tráfego ao longe,

talvez não ouça o barulho surdo dos automóveis nem as buzinas ou os gritos isolados que certamente lhe chegam pela janela aberta. Não parece particularmente feliz ou infeliz, sentou-se apenas um pouco na calma do quarto verde-claro, no silêncio palidamente iluminado do quadro que também é o silêncio do seu corpo e dos seus pensamentos. Parece alheia, como que fora do tempo, a sós consigo mesma, mas não anormal ou extravagante. Dentro em pouco levanta-se, veste-se e sai para o dia, para a rua, e para a vida, mas não neste momento, ainda não. Fica sentada um bocadinho, deixando os pensamentos abrirem-se e alargarem-se até não ser possível pensá-los mais. Não é que o mundo seja vazio. O mundo está cheio de casas e de coisas, o vazio é apenas a distância necessária e casual entre as casas e as coisas. O que há de especial numa pausa como esta no decorrer do dia não é o vazio. O que a faz ficar sentada, o que me faz ficar de pé à sua frente, não é o vazio da pausa ou das paredes verde-claro ou do céu por cima dos telhados que se vêem da janela. Tudo isso está lá, as paredes e o céu estão simplesmente lá. O que por um instante nos sustém a respiração, a ela na sua cama e a mim numa sala do Whitney Museum, é antes a observação perfeitamente banal, mas muito lentamente perceptível e que só acontece nessas pausas, de que as casas, as coisas, os corpos, a luz e as sombras têm a aparência que têm. Que o mundo é o que em qualquer momento fôr o presente, o que em qualquer altura seja o caso, ou aconteça, por acaso. E nada mais.

Fui pelo passeio amplo ao longo do Hudson em direcção ao World Trade Center. Atletas em fatos de treino ultrapassavam-me regularmente ou cruzavam-se comigo, corados e esfalfados. À esquerda passavam os automóveis na minha direcção, rumo a Holland Tunnel, num caudal incessante de lata pintada, alternativa barulhenta e rápida do rio à minha direita, calmo, azul-cinzento e muito largo neste sítio. Na outra margem via-se o relógio Colgate, um enorme mostrador branco que parecia flutuar na água, mas

pequeno à distância, mais ou menos do tamanho de um relógio de pulso. Passava pouco das quatro, ou seja, dez da noite em Copenhaga e nove em Portugal. Não sabia que a Astrid nesse momento chegara ao Porto, que possivelmente estava no seu quarto do Infante de Sagres ou passeava no Cais da Ribeira ao longo do rio escuro, junto à ponte D. Luís, enquanto eu continuava pela Chambers Street e voltava ao Soho via West Broadway. Segundo o extracto bancário pagou o hotel com o MasterCard, no dia seguinte, e continuou para sul. Não era bem o seu estilo, escolher o hotel mais caro da cidade, mas fôra lá que ficáramos sete anos atrás. Talvez fosse essa a razão, talvez tivesse feito uma “directa” de Santiago de Compostela ao Porto e precisasse de pernoitar confortavelmente. O extracto ajuda-me não só a seguir os seus movimentos, como também a recordar o que eu próprio fizera simultaneamente, adicionando ou subtraindo sempre as cinco horas de diferença. Movíamo-nos desfasados um do outro, cada qual no seu fuso horário e no seu continente, ambos longe da cidade onde havíamos vivido juntos. Mais para a tarde sentei-me no cinema da esquina de West Huston e Mercer Street, e por uma razão ou por outra ainda tenho o bilhete. Não segui bem o filme, bastava-me a alternância dos rostos e dos lugares, sentado no escuro. Pelo menos enquanto o filme durava não precisava de andar à toa pelas ruas, sem saber que fazer de mim. Enquanto estive no escuro do cinema talvez ela se tivesse sentado na cama do seu hotel de cinco estrelas, olhando para a copa das árvores da Praça Filipa de Lencastre pela janela aberta. Não me lembro se são plátanos ou figueiras. Presumo que tomou um banho antes de jantar. Saiu da casa de banho no roupão do hotel, com o cabelo molhado envolto numa toalha à laia de turbante. Abriu a janela e acendeu um cigarro, sentando-se na borda da cama voltada para a rua, arreada de fadiga. Escutou os automóveis invisíveis e as vozes das pessoas invisíveis lá em baixo na praça, mergulhando o olhar no verde escuro da folhagem seca

frente à janela, apenas iluminada pelos candeeiros da rua. E pode ter ficado assim sentada por um momento, talvez inclinada para trás nos braços esticados, com as palmas das mãos apoiadas na coberta da cama enquanto a brasa consumia o cigarro que tinha entre os lábios. Apenas suponho, mas talvez ela soubesse que eu faria uma ideia dela nos sítios em que estivemos juntos. Talvez fosse por isso, e não por comodidade, que se servira do seu MasterCard até Lisboa, em lugar de levantar dinheiro pelo caminho. Talvez me quisesse não só mostrar que seguia a mesma rota que nós em tempos, mas também fazer-me ver esses sítios de novo e imaginá-la sozinha onde estivéramos juntos. Como se tivesse acontecido algo de especial nessa viagem, algo de decisivo. Como se durante esse percurso, e sem nos dar-mos conta, houvéssemos transposto um marco capital.

Chovera durante todo o caminho até Santiago de Compostela. Tenho uma fotografia da Astrid de cabeça erguida sob a chuva miudinha, frente à catedral. A filigrana gótica da fachada em granito parece diluir-se na chuva pulverizada, vibrando como uma miragem na luz branca, e lembro-me disso como se a traça da fachada e os traços do seu rosto se ligassem por intermédio da chuva. Depois os seus sapatos molhados no radiador do quarto do hotel, e aqueci-lhe os pés frios nas minhas mãos, até ela adormecer. No dia seguinte atravessámos o rio Minho num pequeno ferry-boat, quase uma jangada, continuando para o sul por montanhas desertas. Podíamos andar quilómetros sem dizer palavra. Por vezes ela apontava pela janela ao ver uma águia pairar no alto ou uma casa ao longe caiada de azul claro como o céu. Um de nós ligava às vezes o rádio, sintonizando para a frente e para trás, mas a antena captava mal por causa das montanhas e a música decompunha-se continuamente em barulhos estridentes. Quase não havia movimento nenhum pelas estradas da serra. Estávamos longe de tudo. Em Copenhaga nunca estávamos juntos tantas horas de

seguida. Separávamo-nos de manhã e víamo-nos só à noite, raramente sem os miúdos à nossa volta. Era uma sensação nova, seguirmos imóveis ao lado um do outro horas a fio, enquanto as encostas se abriam e fechavam à nossa frente, segundo as curvas da estrada. Lá por casa tínhamos sempre os nossos deveres corriqueiros ou divertidos, mas aqui, no carro, só tínhamos de andar para a frente, a caminho da próxima cidade. Ao atravessar Trás-os-Montes pensei de novo como os anos haviam passado depressa desde esse Inverno em que ela mudara para minha casa, quebrando a minha solidão. Os anos eram como as janelas iluminadas de um comboio à noite, andando tão depressa, que se fundem e não se distinguem. A maior parte do tempo passara fazendo as mesmas coisas todos os dias, pensei, os meses passaram e os miúdos cresceram enquanto falávamos do que acontecia. Lá para a noite, depois de tudo feito e arrumado, quando o apartamento se acalmava e nos deitávamos ao lado um do outro, era às vezes como encontrarmo-nos de novo após uma longa ausência, não obstante termos estado sempre juntos. Como quando passamos uns tempos sem nos vermos e temos primeiro de encontrar o fio da meada com cuidado, às cegas mesmo. Fôra feliz? Tal como eu, tivera com certeza mais que fazer para se preocupar com isso, ocupada felizmente com tudo menos consigo própria. Tal como eu, empenhara-se no seu trabalho, e tal como eu deixara-se rodopiar no carrocél da vida de família e tudo à volta se diluíra num jorro de luz e cores.

A distância entre aldeias em Trás-os-Montes era cada vez maior, tal como as pausas em que nada dizíamos, até que ela se voltava sorrindo de novo com os seus olhos franzidos, como se tudo estivesse na mesma. Lembro-me de termos parado para ela fazer xixi, num lugar em que a estrada fazia uma curva entre duas colinas cobertas de ervas altas. Fiquei no carro enquanto ela foi para trás de uns rochedos musgosos, entre caules secos e arbustos

verdes hirsutos. Desapareceu de vista ao agachar-se, como que absorvida pela paisagem nua e agreste da vegetação castanha, cinzenta, cinza-verde e vermelho-fuligem sob o céu pálido. Estava tudo quieto. Só se ouvia o ruído leve da palha sob o carro, vento entre o cereal ao longe e um jorrar ciciante no sítio em que ela desaparecera. Talvez não fosse grave, não saber que lhe dizer. As palavras nunca foram o que nos unia. Foram apenas durante anos o som da nossa história, ao falarmos de tudo um pouco. Não tinham sido precisas em quantidade, aparentemente entendíamos-nos sem elas. Um olhar, um gesto, um suspiro ou um sorriso bastavam. A história contava-se por si própria. Mas a certa altura devo tê-la perdido de vista, não obstante ela ter estado sempre presente. Não só presente, mas muito perto de mim. Como quando me beijava, e a sua cara desfocada se alastrava com os seus olhos enormes, perdendo contorno e proporções. Tinha-a perdido de vista há muito. Pensava assim, quando um minuto mais tarde ela reapareceu na paisagem como que saída do nada, atravessando a erva seca em direcção ao carro. Cerrava os olhos contra o sol ao olhar para o vale encoberto por uma neblina resplandecente. Ao andar, a sombra dela contorcia-se comprida e desengonçada sobre a erva clara, como se tivesse vida própria, independente da sua. Esta viagem era uma pausa na história, não um prolongamento dela, e deslocávamos-nos na pausa entre montanhas nuas e idênticas sem que a história nos dissesse aonde íamos. Pensava assim enquanto ela se aproximava do carro olhando por uma última vez em volta, ainda um último instante a sós com a paisagem parada. Era por isso que eu não sabia que dizer.

Ao regressar de Nova York pela segunda vez nesse ano, ainda à espera da bagagem com os outros passageiros, dei com ela junto à vidraça do átrio das chegadas. Ainda não me vira. Estava no meio dos outros à espera, esticando o pescoço e de braços cruzados, tilintando as chaves do carro, entre os dedos como um rosário, um

pouco impaciente, um pouco ansiosa, como se duvidasse por um momento que eu tivesse vindo nesse avião. Ainda por uns segundos continuava sendo apenas um passageiro entre outros à espera que a sua bagagem aparecesse no tapete rolante. Então sorriu e acenou, e eu acenei-lhe, de um momento para o outro de novo o seu homem, o seu entre todos os homens do mundo. Durante os segundos em que esteve a ver se dava comigo através da divisória de vidro, sem saber que eu já a vira, era ainda a mulher que eu deixara. No instante seguinte, após o seu rosto sem expressão se recompor num sorriso, tornou-se na mulher a quem eu regressava para continuar onde nos tínhamos deixado, onde a tinha deixado. Duas semanas antes, em meados de Setembro, eu embarcara mais uma vez para Nova York. Sentado à janela do avião, olhando o céu vazio acima das núvens, pensava como de costume no que a Astrid e os miúdos faziam nesse momento. Já deviam ter jantado, a Rosa devia a estar a meter a loiça na máquina e o Simon sentara-se com certeza na sala, absorto no seu antro de ópio em Xangai com dragões vermelhos nas paredes, onde o Tintim agora espreitava pelo bocal do enorme vaso chinês em que se escondera. Mais tarde, a Astrid ler-lhes-ia ainda um capítulo de *Huckleberry Finn*, talvez um dos capítulos sobre as noites no grande rio, sobre as luzes errantes nas margens e sobre as vozes que de lá chegavam ao Huck e ao Jim fumando cachimbo na jangada, vogando à deriva da corrente. Depois deve-lhes ter dado as boas-noites com um beijo, e apagado a luz dos seus quartos, sentando-se frente à televisão e aos fragmentos desconexos de tudo o que acontecia simultaneamente noutros sítios; se ainda não corra as cortinas espelhara-se no fundo escuro de uma das janelas, como uma figura difusa, desfocada e transparente sentada no sofá à luz do candeeiro, sendo o rosto apenas uma mancha amarela com sombras escuras no sítio dos olhos. Talvez acendesse um cigarro e olhasse através dos rodopios do fumo azul acinzentado para além das versáteis

sínteses de cor do ecrã, para o escuro atrás da sua imagem reflectida, sem nada saber do gato que nesse momento se levantava e retesava o corpo na nesga de sol de uma janela em East Village dando depois um salto para o corredor da entrada onde uma mulher alta de vinte e tal anos acabava de chegar trazendo um saco de papel castanho cheio de compras, atravessando agora o apartamento com o gato atrás de si, ligando o atendedor de chamadas e escutando a minha voz dizendo-lhe que aterrava nessa noite um pouco depois das onze.

Na Primavera passara mês e meio em Nova York trabalhando no meu estudo sobre pintores americanos do pós-guerra. Ficara em Brooklyn Heights, na casa de um amigo do meu pai, cardiologista libanês, cuja mulher falecera há um ano. Ele passava a maior parte do tempo no hospital, ou com uma amiga em Long Island, e eu tinha praticamente a casa por minha conta. Se não ficava no meu quarto observando os esquilos cinzentos nas árvores em frente à lúgubre e aristocrática casa de bairro, tomava o comboio para Manhattan na estação de Clark Street, e passava a manhã nos arquivos dos museus e nas bibliotecas universitárias. Eram dias calmos e sempre iguais e eu sentia-me bem na minha solidão, totalmente entregue ao meu livro, que lenta mas solidamente ganhava forma. À noite, comendo uma *pizza* solitária entre os lambris de carvalho da opulenta sala de jantar do cardiologista, tinha naturalmente saudades da Astrid e dos miúdos, mas menos do que contara ter. Os pintores da escola de Nova York ocupavam-me completamente e arredavam a Astrid o Simon e a Rosa do meu horizonte. Havia um oceano inteiro entre nós, e na ausência deles, as ideias surgiam-me e punham-se direitinhas na sequência umas das outras, num mesmo impulso contínuo e imperturbado, como é hábito das ideias quando se começa a escrever na altura certa. O meu amigo conservador de museu dera-me alguns números de telefone de pessoas que, segundo ele, eu teria interesse em encontrar,

entre outros um negociante de arte que conhecera pessoalmente Rothko e Pollock, um crítico de arte relativamente famoso e uma pintora dinamarquesa muito jovem, que se mudara para Nova York depois de frequentar as Belas Artes. Cheia de talento, como dissera com um pequeno sorriso e um olhar astuto por detrás dos aros de aço. Mas não me dera para contactar o negociante de arte nem o crítico, talvez por causa da minha timidez habitual, talvez por receio de me impor ou por estar tão bem lançado nas minhas próprias ideias que outros pontos de vista e interpretações apenas me perturbariam. E no que respeita à jovem e talentosa pintora, as astuciosas recomendações dele só me haviam dado a impressão vagamente insultuosa de tentar apanhar-me em falso com uma das suas destronadas conquistas das Belas Artes, uma das ambiciosas e bem proporcionadas gazelas em fato-macaco decorativamente pintalgado, com quem ele se divertia nas costas da sua mulher. Como se tencionasse testar-me, esperando provar que eu não era nada melhor do que ele. Mas fôra para estudar pintura americana, e não dinamarquesa, que eu atravessara o Atlântico, para escrever, e não via portanto razão nenhuma para me distrair da minha confortável existência eremita em Brooklyn Heights.

Uma tarde sentara-me a fumar no jardim de esculturas nas traseiras do Museum of Modern Art, meditando sobre as imagens das núvens e dos arranha-céus reflectidas nos espelhos de água. Passara umas horas a ver as colecções e fôra acompanhado nos armazéns por um assistente que se mantivera atenciosamente à distância enquanto eu tomava notas sobre alguns dos quadros a que faria referencia no meu livro. Sentado num banco contemplando as pessoas e escutando fragmentos de conversas, interrogava-me sobre o que teriam de tão especial os pintores da escola de Nova York que se impunha agora referir, tantos anos após a sua pintura genuína ser sucessivamente rendida pela pop, pelo minimalismo e pela arte conceptual em todas as suas variantes

imagináveis. Não haveria algo de ingênuo e antiquadamente romântico na sua ênfase, na sua noção existencialista sobre a profunda autenticidade do traço, da expressão estritamente pessoal? Não se teria o mundo entretanto tornado demasiadamente irónico e consciente de si próprio? Faria de facto algum sentido continuar cuidando do individual, do autêntico, do inconfundível e do irreduzível num mundo em que todos andam nos mesmos carros japoneses, brincando divertidos e despreocupados com as máscaras culturais da identidade como se fosse Carnaval o ano inteiro? Poderia sem dificuldade encontrar razões de sorrir trocista da solenidade puritana dos pintores americanos dos anos quarenta e cinquenta, no tempo em que se escutava Charlie Parker com a mesma gravidade que Stockhausen, e se andava de camisola preta de gola alta em Greenwich Village com um paperback cansado do Camus ou do Sartre no bolso traseiro das calças. Mas continuara a voltar aos seus quadros quando me cansava das momices irónicas ou da segura teorética da arte mais recente. Já o falso anonimato das sopas em conserva do Andy Warhols ganhara patina, muito para além da data limite de consumo, e os quadros de Jackson Pollock, Mark Rothko, Franz Kline e Clyfford Still continuavam ainda os mesmos. A mesma pintura hermeticamente plana, executada como se fôra apenas uma questão entre a mão e o olhar, sem qualquer ingerência da língua nem do significado, a simples presença de cores e formas que se basta a si própria. Esses quadros eram o que eram com uma tal integridade que me continuavam a comover. Não era preciso saber nada para os contemplar, podiam-se expor em qualquer lado por não carecerem do academismo cultural ou da tradição como painel de fundo para um dialogo irónico ou teorético sobre o significado ou a ausência do mesmo. Adorava vê-los. Quando de novo me punha em frente deles sentia logo a sua presença sem referências invocar a minha própria presença, uma concentração sem pensamentos repousando no centro de gravidade do olhar, ali mesmo, nesse momento exacto.

Gozava a calma apática sentado ao canto do jardim, escutando o gorjeio da água e as vozes contidas, entre os edifícios enormes e o borborinho febril dos cruzamentos. Apetecia-me esperar tanto quanto possível antes de me deixar engolir de novo pelo trânsito lá fora, mas talvez pela primeira vez em muitos dias também me apetecesse estar rodeado de pessoas sem que por isso tivesse de me manter em movimento. Agradava-me ficar assim sentado, estranho entre estranhos, descansando entre arranha-céus quinze minutos ou meia hora em estado de alerta latente. Era mesmo dar o flanco, sentar-me assim e desleixar os meus cuidados, sonolento, de olhos fechados, no centro de Manhattan. Quando a certa altura abri os olhos, após ter passado um pouco pelas brasas, reparei numa mulher que se sentara do outro lado do lago, frente a mim. Devia ter vinte e tal, talvez trinta anos, cabelo claro e curto, de risca ao lado, vestindo um fato preto cintado, que com os óculos escuros davam um ar ainda mais pálido à cara e ao triângulo de pele nua no decote do casaco. Os óculos não eram estritamente necessários no fundo deste poço entre prédios altos onde o sol não chegava, devendo apenas dificultar-lhe a leitura do livro que segurava à sua frente, imóvel, de pernas cruzadas. Pálida e interessante, pensei, mas não pude deixar de olhar para ela, especialmente após ter decifrado o título na capa. Era *A Queda do Rei*, de Johannes V. Jensen, em dinamarquês¹³. Não o lera desde os tempos da escola, e a única coisa de que me lembrava nitidamente era o abate de um cavalo num campo coberto de neve, em que o escritor descreve com precisão gráfica as entranhas vermelhas, violáceas e castanhas, retorcidas na neve. Ao observá-la estabeleceu-se em mim uma estranha relação bela e cruel entre a severidade das imagens brutais e a discreta elegância andrógina dela. Ri para comigo, sem todavia abandonar a ideia de que talvez se tratasse de uma dessas coincidências absurdas de que ouvimos falar, e que a jovem mulher elegante fosse de facto a talentosa pintora, cujo nome e número

de telefone o conservador rabiscara num papel, lançando-me um olhar astuto. Seria a sua astúcia bem fundada, considerando o à-vontade com que eu a comia com os olhos? Envergonhado, concentrei-me nos meus apontamentos sobre Jackson Pollock e Barnett Newman, escrevendo mais umas notas suplementares com afinco, e quando olhei outra vez era um judeu hassídico que estava fumando charuto no lugar onde a bela leitora se sentara.

No comboio de regresso a Brooklyn esqueci-me dela, ocupado como ficara com os magotes de rostos imóveis e cansados, que escrupulosamente evitavam o olhar uns dos outros na carruagem superlotada, cada qual a caminho da sua vida, e se eu acidentalmente cruzava um olhar, fixava logo um ponto fictício para além da janela onde corria a parede cinzenta do túnel. Só pensei nela de novo ao passar a limpo os apontamentos do dia, seguindo os esquilos pardos nas árvores em frente à casa do cardiologista libanês. Andavam aos saltos com a mesma velocidade e o mesmo movimento ondulatório das curvas verdes nos monitores dos electrocardiogramas. Tinha a imagem nítida da bela desconhecida muito presente, o seu rosto regular, que os óculos escuros tornavam ainda mais inexpressivo e parado, a sua pele nua no decoroso decote do casaco. Não obstante a ingenuidade inerente, não podia evitar a ideia do incrível bambúrrio de talvez ter estado nessa tarde frente à talentosa amiga do conservador, no jardim das esculturas. Como se fosse algo de extraordinário encontrar uma mulher que saiba dinamarquês, por ser dinamarquesa, por exemplo, ainda por cima nesta cidade. Irritava-me perder tempo com uma ideia tão disparatada, provavelmente do tipo residual que acumulamos na cabeça durante o dia. Reparara nela simplesmente por estar sozinho numa cidade estrangeira, nada mais. Estaria assim tão carente? Olhei para o relógio, eram seis da tarde. Meia noite lá em casa, a Astrid já se devia ter deitado. Talvez cogitasse sobre que diabo faria eu, talvez já tivesse adormecido. A sensação do nosso

assincronismo pôs-me de repente melancólico, como se não fosse apenas um oceano e uns fusos horários, que nos separassem. Nunca lhe fôra infiel, e mesmo tentado por uma bela desconhecida olhando para mim com interesse, nunca ultrapassara fantasias difusas e breves. Só a perspectiva de adular uma mulher estranha era já de si acabrunhante. De chapéu ou pila na mão, mendigando uma pequena aventura? Francamente não me via bem a contas com manobras de despiste, fingimentos, mentiras de urgência e silêncios estratégicos a que teria de recorrer para poder encontrar-me às escondidas com a minha princesa das mil e uma noites. Mas não eram só os problemas práticos da infidelidade que me intimidavam. Se enganasse a Astrid e lhe mentisse, se houvesse alguma coisa na minha vida que ela não devesse saber, não só a diminuiria, como também me diminuiria a mim próprio, a ponto de não passar de um pobre diabrete calculista. Pensava nestas coisas se as pernas voluptuosas ou o olhar sonhador de uma mulher fugazmente me distraíssem, mas passavam-se meses sem que sequer a ideia me ocorresse. Se a Astrid na brincadeira me chamava a atenção para uma mulher que me olhava com interesse, na maior parte dos casos nem me apercebi disso. Não a levava à letra, e até achava bom sinal que tivesse de me chamar a atenção para o meu inadvertido sucesso com as mulheres. Dizendo-me coisas assim, decerto nem sonhava ter ciúmes, não os tendo por naturalmente não ter razão para isso.

Era feliz? Enquanto seguia os nervosos esquilos cinzentos brincando aos saltos nas copas das árvores de Orange Street lembrei-me daquela tarde em Paris, uns anos atrás, quando a Inês me pusera a mesma questão. A palavra soara então a pouco e inquisitória; “feliz”, como se a pergunta fosse já uma acusação implícita, só pelo facto de eu não embandeirar em arco no café da Place de l’Alma, como um imbecil qualquer a quem saíra a lotaria do Natal. Era o género de perguntas que se punha quando éramos novos, quando apenas tínhamos as palavras para nos agarrarmos,

as palavras todas com que nos desafiávamos e desafiávamos o mundo a que ainda não déramos forma e que ainda não deixara marcas na pele lisa e incólume dos nossos rostos confiantes. Se a Inês punha a questão dessa maneira, devia-se certamente ao facto de ainda não ter cortado as amarras da sua mocidade. Os anos haviam passado por ela como por mim, mas agarrava-se aparentemente à ideia de que todas as portas continuavam abertas, mesmo aquelas que ela própria fechara. Se de facto tal lhe passara pela cabeça, se acreditara por um instante apenas que me faria esquecer mulher e filhos nos seus braços, só por que me aparecera depois de almoço no Palais de Tokyo como caída dos céus aos trambolhões, isso significava que nada aprendera. O seu vago relato sobre a vida improvisada e avulsa que levava em Paris cheirava a uma certa vadiagem, livre como uma borboleta e traiçoeiramente só. Continuava apenas responsável pelo seu belo cu, e a mínima alteração de humor remetia logo para segundo plano os acontecimentos do mundo, como sempre, aliás, para trás das suas cortinas corridas. Era tão intensa e fremente como então, mas a intensidade ganhara um certo maneirismo. Continuava arrebatada pela ideia de “viver no presente”, e aí encalhara. Agarrava-se desesperadamente à sua preciosa liberdade, como um forreta conferindo todas as noites o seu pé-de-meia. Com o passar dos anos tornar-se-ia numa dessas grandes fieis do amor, que se sentam à sombra num banco de jardim, de chapéu de palha e casaco de malha abotoado até cima, observando os namorados, invejando-lhes a cegueira apaixonada.

Claro que eu era injusto. Não dissera a Inês que gostaria de ter tido um filho? Não tivera apenas azar? Por que não reconhecia de uma vez para sempre ter-me eu safado incólume da maior derrota da minha juventude, ao passo que ela se arrependera de ter descurado tudo quando já era demasiado tarde? Acalentaria eu um velho agravo? Se afinal era ela a vítima, talvez isso fosse para mim

um osso difícil de roer. Reccara eu que os meus velhos sentimentos pela Inês apenas hibernassem quando dirigi as minhas esperanças para o rosto novo e desconhecido da Astrid? Agora tudo isso era provavelmente indiferente. A única coisa que me ficara do reencontro com a Inês no café da Place de l'Alma fôra a sua pergunta tão simples como total. Não fôra a recordação da Inês que me fizera pensar na sua pergunta. Era muito mais grave: fôra a imagem de uma loira num fato preto, completamente estranha, com quem não trocara uma única palavra, e que ao todo observara menos de um minuto. Parecera uma das belas indolentes das revistas de moda francesas que a Astrid comprava, se calhar era mesmo uma arrojada rapariga de Ikast¹⁴ com os pés bem assentes na terra, sendo *A Queda do Rei* apenas um dos seus *accessories*, tal como os misteriosos e fotogénicos óculos escuros. Sentado a olhar para os inocentes esquilos brincalhões, senti-me cair no ridículo, no meu próprio ridículo. “Não era feliz?” Se calhar não era. Há muito que não me punha a questão, sozinho ainda por cima, sem me poder abeirar da Astrid para verificar. Mas se não era feliz, que era então? Não o contrário, de qualquer forma. Talvez nem uma coisa nem outra. Seria essa a razão profunda do meu alarme pela ingenuidade da pergunta? Não ser quente nem frio, mas morno, e por isso mesmo questionar a pergunta, em lugar de responder? Evocara a Inês nessa tarde em Paris algo que eu preferia esquecer ou que de facto esquecera?

Não era bem o meu velho amor infeliz que ela me recordara, antes a maneira violenta e sôfrega como a amara, sem reservas, totalmente nu e indefeso. Mais tarde explicara a mim mesmo que com a Inês tinha de dar raia, que não a podia repreender por se ter protegido da minha paixão desmedida. Ninguém aguenta ser amado assim, e se ela mo tivesse permitido, tê-la-ia amado até à derrocada total. Fôra um amor imaturo e egoísta, dissera para mim próprio. Não fôra sequer a Inês que eu amara, mas a minha apaixonada

ideia dela, um ícone dourado fulgindo enigmático nos meus sonhos acordados. Tão enigmático e absolutamente fantástico que não existe. A minha fanática adoração quase a vexava, pois nunca poderia corresponder à exagerada noção que eu tinha dela. Apercebera-se disso, é claro, e decidira precipitar a altura de me desapontar. Mas porque me pegara na mão, no café da Place de l'Alma? Porque tentara abordar-me tão obviamente quando eu de repente lhe caíra do céu, sete anos após se ter ido embora numa tempestade de neve? Por não ser assim tão fantástico, isso de ser livre e sem compromissos num T1 em Belleville? Talvez não só. Talvez me abordasse sem segundas intenções, apenas para tocar por um instante na recordação de um sonho demasiado belo para ser esquecido. Era óbvio que a minha jovem paixão fôra uma cegueira, que ela nunca fôra a pessoa que eu quisera fazer dela. Mas ela guardava todavia a imagem desbotada da desconhecida e ilusória mulher que eu inventara, não a pudera deitar fora. Talvez as minhas ilusões sobre a Inês tivessem sido como as castas visões de Giotto e Cimabue, uma Virgem Maria de olhos puros e indefesos num rosto branco de marfim, segundo os velhos retábulos pré-renascentistas agora patententes nos Uffizi, no Louvre ou no Metropolitan Museum. Mortos os cruéis príncipes italianos, as suas vítimas e as famílias das vítimas, esquecidos os sofrimentos, registados e desterrados nos arquivos os castelos no ar do poder, só restavam os sonhos, as residuais alucinações isentas da lei da gravidade, da vida suja e sangrenta, pintadas com pincéis finíssimos e conservadas tal saudação dos mortos a um futuro desconhecido. Talvez nem sequer uma prece para ser recordado, antes uma memória de movimentos interiores que se libertara dos corpos há muito pulverizados. A memória de relances conjugados que haviam feito o mundo mais belo do que era, simplesmente para o poder suportar. As minhas fantasias apaixonadas sobre a Inês estavam muito longe da verdade do que ela era. Mas talvez estivessem muito perto da verdade do que ela gostaria de ter sido.

Por mim, ficara o que sou junto com a Astrid. O adulto e responsável pai de família e esposo com quem ela de vez em quando brincava chamando-lhe a atenção para as mulheres que o cobriavam pelas costas. Com os anos, à medida que ganhava forma, eu não tinha vontade de ser mais ninguém. Já não sentia aquela diferença entre ser por dentro e ser por fora, que me deixara tão melancólico ao abandonar o exílio voluntário na ruína regressando à minha juventude do bairro, onde a minha mãe continuamente chegava e partia a caminho dos seus diversos papeis e amantes. Esse abismo entre o meu íntimo e o mundo exterior, que na minha paixão pela Inês julgara poder vencer, tornara-se ainda maior ao tentar alcançá-la com as minhas mãos incipientes. Um dia encontrei-me do outro lado do abismo, sem saber bem como lá chegara. Tornara-me o homem da Astrid, o pai da nossa filha e do seu meio-irmão. A nossa vida comum enchia-me por completo com todas as repetições do cotidiano e os repetidos momentos de inesperada leveza em que me esquecia de mim próprio, assimilado ao movimento contínuo em que, como num torvelinho, atravessávamos a leve espuma dos dias. E a parte de mim que não era totalmente absorvida e atravessada por tudo o que tinha a ver com a Astrid e os miúdos ficava igualmente imersa na minha escrita, de modo que não havia a mínima fenda entre uma e outra, apenas as transições rápidas e imperceptíveis que me davam a sensação da minha vida se desenrolar num único gesto coerente. Sim, era feliz, especialmente por não ter tempo de me pôr uma questão tão exótica. Era feliz, mas não aspirava a que a Astrid e eu nos fundíssemos numa única mascote de felicidade. Éramos dois, e assim continuaríamos, separando-nos pela manhã e encontrando-nos de novo à noite num ritmo incessante de despedidas e reencontros. Era feliz, mas a minha felicidade não tinha de se consumir em cenas pré-determinadas, carregadas de todo o sentido que lhes pudesse dar. Não consistia na memória ou expectativa de um presente arrebatado em que a

Astrid e eu nos uníssemos à luz ideal sob a qual nós próprios e tudo o que éramos se fundisse num foco incandescente de paixão recíproca. A minha felicidade não era tão teatral, mas discreta e paciente, uma felicidade que tolerava a luz do dia e que não se manchava com nódoas nem se enxovalhava com encorrilhas. Mais que os reflexos e a crispação da superfície, era o ímpeto e a direcção da corrente que nos levava, e por isso mesmo bastava-nos flutuar, nunca nos interrogávamos sobre o nosso destino. Nem faria sentido fazê-lo. Não íamos a parte alguma, só avançávamos juntos, dia a dia, através dos anos que chegavam como nómadas que cada noite armam as tendas num sítio diferente a que logo chamam seu. Só de longe a longe, na cama, com meses de intervalo, ficava acordado no escuro ao lado da Astrid adormecida, pensando como caminhara com ela, e se no fundo havia esquecido parte de mim pelo caminho. Seria ele tal o que eu era, ou poderia ter dado noutra completamente diferente, esse homem que ali estava, e para quem a Astrid pela manhã olharia meiga e sonolenta, esperando que ele acordasse e se materializasse nos seus olhos ao estender a mão para a cara dela, quente e um pouco inchada de sono. Só, no quarto escuro, ao lado do seu invisível corpo adormecido, uns minutos antes da minha consciência se enroscar em si mesma, rolar e dar o salto, imaginava-me às vezes pairando sobre um delta de afluentes ramificados em braços serpenteantes, que por sua vez se ramificavam de novo quanto mais eu me elevava. Todos os caudais se pareciam entre si, correndo todavia cada qual no seu ramal coleante, mas lá das alturas parecia não fazer diferença qual deles seguir rumo ao imenso mar uniforme. Ter-me-ia contudo esquecido de alguma coisa pelo caminho? Do vertiginoso ponto de vista da minha perspectiva aérea, não dava comigo lá em baixo, não podia saber se me perdera no delta ramificado nem se tal teria alguma importância, se ao fim e ao cabo apenas se tratava de vogar ao sabor da corrente.

Enquanto eu tentava apurar se era o mesmo esquilo ou o

outro que aparecia por entre a folhagem onde o primeiro desaparecera, vi o cardiologista libanês estacionar o carro frente à casa. Tinha sessenta e poucos anos, e uma bela tês azeitona. Cabelo ondulado, penteado para trás desde a alta frente, e um bigode grisalho que lhe encobria totalmente o lábio superior, contribuindo para uma tristeza permanente no seu olhar levantino. Saiu do carro com uma agilidade espantosa, quase impetuoso, abrindo a porta a uma pequena e delgada mulher de grandes óculos escuros e lenço amarelo apertado debaixo do queixo. Devia ter aproximadamente a idade dele. Durante o jantar aquando da minha chegada, contara-me abertamente como a encontrara num campo de golfe em New Hampshire, precisamente um ano menos uma semana após a morte da sua mulher. A magricela de calças escocesas dera-lhe vontade de continuar a viver, como dizia aquele homem com filas de gente à espera que lhes fizesse uma operação *bypass*. Insistira em saber tudo sobre o Simon e a Rosa, fitando-me com os seus olhos castanhos orientais, como se tudo o que lhe dizia tivesse para ele a maior importância. O seu filho mais velho vivia no Cairo, e o mais novo em Düsseldorf. Pegou na mala de viagem da sua amiga e deu-lhe galantemente o outro braço antes de subirem os degraus da entrada. Meia hora mais tarde bateu discretamente à minha porta. Sorriu como que escusando-se de se impor na sua própria casa, em lugar de ma deixar inteiramente à disposição, da cave ao sótão. Tencionavam arranjar um pequeno *cocktail party* ao fim da tarde do dia seguinte, queria apresentar a sua noiva aos amigos e eu era muito bem vindo. Havia algo de comovente na maneira estudada como pronunciava a palavra *fiancée* à americana, não obstante o seu sotaque inconfundível. Mas o simples facto de a usar era já de si tocante. Hoje gostaria de ter aceite e passado essa tarde com ele e com a sua frágil e pálida amiga, e não só para assim lhe agradecer a hospitalidade. Mas confrontado com o seu convite, ali de pé à minha frente, não tive a mínima vontade de fazer o

papel do hóspede europeu convidado por amabilidade, um elemento exótico do recheio da casa. Já antecipava as perguntas que me fariam, e já sabia como mais uma vez responderia, enquanto o interlocutor já se virava para outra pessoa. Improvisei uma desculpa dizendo que tinha combinado jantar com uma pintora dinamarquesa em Manhattan, e infelizmente não dava jeito. Sorrii apenas, ao retirar-se, e enquanto ele descia as escadas ocorreu-me que não houvera razão alguma para lhe dizer com quem iria jantar. Aparentemente o fantasma da beleza de preto no jardim de esculturas do Museum of Modern Art perseguia-me. De repente senti-me enclausurado no meu quarto. Habituara-me a andar à vontade pelo sossego da casa inteira, e ouvia agora o meu anfitrião e a sua amiga tocarem discos no andar de baixo. O barulho agressivo de uma máquina de sumos abafava *Das wohltemperierte Klavier*, e acabava de me sintonizar com o Bach quando o substituíram pela Ella Fitzgerald. Não conseguia concentrar-me nos meus apontamentos, mas continuei sentado frente à janela, sem saber que fazer. A claridade da tarde era tão dourada como o nome da rua, Orange Street, reflectindo-se em faixas e leques de luz nas paredes e nos passeios, tão pródiga e sumptuosa como as majestosas casas de tijolo castanho atrás das grades de ferro fundido; o ar, um nada fresco, era tão límpido que a sombra das folhas se desenhava nitidamente nas manchas de luz da casca das árvores.

Tendo-me desterrado a mim próprio no dia seguinte, já agora podia consumir a mentira com que me desculpara, e telefonar à desconhecida pintora dinamarquesa. Pelo menos confirmaria ou desmentiria a minha ingénua teoria, se fôra ou não ela que horas antes eu vira lendo *A Queda do Rei*. Mas só a ideia de lhe telefonar punha-me nervoso, e não se devia apenas ao meu acanhamento natural de contactar pessoas que não conheço. Sentia-me também vagamente culpado, pois quer o admitisse ou não, fôra eu que inventara a relação entre o número de telefone que o inspector de

museu me dera e a elegante mulher que eu observara no jardim das esculturas. Que se passava comigo? Não me tranquilizara com todas as boas razões para nunca haver traído a Astrid uma única vez? E que havia de mal em olhar para uma rapariga tão francamente ciente dos seus méritos, que se havia vestido para ser vista, e que ainda por cima se plantara no centro do meu campo de visão? Que ela provavelmente fosse dinamarquesa, e que num momento de ingenuidade me ocorresse o número de telefone no pedaço de papel que o conservador me entregara com um olhar matreiro, a associação não tinha necessariamente qualquer propósito criminoso. Pelo contrário, convenci-me que o melhor seria telefonar à rapariga sem demora, combinar um encontro para jantar e provar assim não haver nada a temer, tanto da parte dela como do meu desejo há mais de dez anos perfeitamente monogâmico. Ao ver o cardiologista e a amiga meterem-se no carro, vestidos para jantar fora, fui ao andar de baixo telefonar. Respondeu logo. Não me pareceu especialmente surpresa nem entusiástica, quando me apresentei e lhe sugeri a minha ideia. Enquanto falávamos, continuava a imaginar a mulher pálida de cabelo à homem, num fato preto. De Ikast não era pela certa, notava-se. Com uma voz surpreendentemente grave, falava devagar, como se pesasse bem a palavra ou expressão mais simples, talvez por pensar noutra coisa qualquer. Por acaso ainda não tinha compromisso nenhum para o dia seguinte, e propôs um restaurante tailandês em Spring Street, onde se prontificou a reservar mesa, possivelmente para compensar o seu alheamento. Ao pousar o auscultador já estava mais bem disposto. Jantaria com ela, falava-lhe do meu livro, ela falava-me da sua pintura, trocaríamos mesmo boatos do meio artístico de Copenhaga e regressaria a Brooklyn de táxi. Passar um mês inteiro na cidade sem ver mais ninguém aparte o meu anfitrião seria também estranho. Marquei o número de Copenhaga. A Astrid demorou um bocadinho a atender. Já se deitara, passava da uma

da manhã lá em casa, a voz dela soava rouca de sono. Desculpei-me e perguntei como ia a vida, se havia alguma novidade. Por que julgamos sempre que acontece qualquer coisa na nossa ausência? Disse-me que a Rosa cortara o cabelo, e que o clube de futebol do Simon ganhara um torneio no domingo passado. Disse-lhe que fazia progressos com o livro e trocámos as pequenas meiguices do costume antes de desligar. Gostaria de ter falado mais com ela. Nessa noite, ao deitar-me no quarto que dava para Orange Street, onde os candeeiros da rua luziam através da folhagem das árvores com uma claridade crua e sintética, senti um desalento solitário.

Trabalhei concentrado toda a manhã, conseguindo mesmo acabar um capítulo em que me ocupava das diferenças e afinidades técnicas e expressivas entre as explosões estratiformes de tinta a óleo de Jackson Pollock e as velaturas verticais ligeiríssimas de Morris Louis. À tarde fui para Manhattan. Ainda faltavam umas horas para o meu encontro. Passei parte do tempo no Metropolitan Museum, apesar de já ter ido lá duas vezes, e sentei-me depois ao sol, frente ao Loeb Boathouse, deixando correr as ideias enquanto observava as silhuetas angulosas dos edificios acima das árvores, os reflexos ondulados do céu no lago, e a claridade vibrante da água ao longo da escharpa de granito negro estriado, que se elevava na outra margem. Ainda tinha muito tempo, e continuei calmamente para sul, pela Avenue of the Americas. A intervalos regulares, as transversais abriam-se entre filas de blocos verticais para o vazio do céu azul e rosa, sobre o Hudson. O crepúsculo aproximava-se, estava a escurecer. De repente pareceu-me um pouco arriscado jantar com uma mulher completamente estranha, e quase corei pensando que ela me julgasse “no engate”. Mas por outro lado, podia muito bem ter dito que estava ocupada. Como não a conhecia, e à falta de referências mais precisas, continuava a imaginá-la como a bela leitora de fato e óculos escuros, ao chegar ao Soho. Faltavam dez minutos para a hora marcada, quando dei com o restaurante

em Spring Street. Entrei numa livraria e farejei um pouco. Ao voltar ao restaurante, dei comigo ajeitando o cabelo, como se o meu aspecto tivesse a mínima importância. Havia uma fila no passeio, e pus-me a olhar em volta, como se de facto soubesse que cara procurar. Observava cada mulher que passava. Uma rapariga forte e corada, de nariz arrebitado, atravessou a rua em direcção à fila. Trazia um *collant* côr de lagosta, que parecia arrebentar à volta das grandes coxas, estremecendo a cada passo. Seria ela, quem eu esperava? Seria por isso que o conservador sorria tão matreiro, ao escrever o número de telefone? A cara dela iluminou-se num sorriso caloroso ao dar com uma mulher negra que esperava à minha beira. Por que me assustara a ideia de discutir arte com a rapariga sorridente de *collant* cor de lagosta, comendo legumes fritos com pauzinhos? Qual era no fundo a minha ideia? O transeunte feminino seguinte era uma rapariga alta e magra, que se aproximava a passos largos, a par de um negro de casaco e boné de couro. Ela vinha também de casaco de couro preto e *jeans* coçados, e depreendi que fosse um casal. Continuava esquadrinhando, ainda embaraçado pelo meu juízo sobre a rapariga de *collant* vermelho, quando o homem negro vestido de couro entrou na livraria que eu vinha de deixar, enquanto a rapariga magra prosseguia afoita em direcção à fila do restaurante, passeando o olhar pelos que esperavam. Mas parou a uma certa distância, e quando olhei de novo falava com um rapaz encurvado de óculos sem aro. Olhei para o relógio. Então era mesmo a beleza chique do jardim das esculturas, que me fazia esperar? Enquanto avançava lentamente na fila ia escutando a conversa à minha volta, olhando de soslaio para os que falavam: a rapariga forte de *collant*, que ria de si própria em voz alta, e a magra de casaco de couro, que gesticulava com as mãos esguias falando para o rapaz corcunda de um filme que vira, com sotaque tipicamente nova-iorquino. Vinha de tomar banho, via-se pelo cabelo comprido ainda molhado. Invulgarmente comprido,

aproximadamente da mesma cor e comprimento que o da Vénus de Botticelli, e a opulenta cabeleira de um castanho dourado contrastava fortemente com o casaco coçado e com o anguloso rosto um pouco duro e esguio, pálido e aparentemente sem maquilhagem. O corcunda estendeu-lhe um isqueiro, e ao debruçar-se para acender o cigarro, ela olhou-me de relance com uma expressão indiferente nos olhos cinzentos. Ele acenou-lhe com a mão antes de atravessar a rua, e a magrinha à Botticelli olhou outra vez para mim, pondo a cabeça de lado, aproximando-se com um sorriso inquietor. Admirei-me de não ter reconhecido a sua voz grave.

Se o cardiologista libanês tivesse continuado em casa da sua amiga em Long Island, se nunca tivesse organizado o seu *cocktail party*, se eu tivesse aceite o seu convite ou ido ao cinema, se jamais tivesse olhado para uma desconhecida loira dinamarquesa no jardim de esculturas nas traseiras do Museum of Modern Art, e devido a uma associação de ideias ridícula havê-la confundido com a desconhecida do número de telefone que o conservador com ar mefistofélico me escrevera num pedaço de papel, se ele nunca me tivesse dado esse número de telefone, se tudo enfim se tivesse passado um nada diverso, nunca teria encontrado a Elisabeth. Teria sido preferível, ou teria não obstante dado raia de outra maneira qualquer? Não adianta cismar nas ramificações do acaso, nas alternativas das eventualidades a monte, que murcham uma a uma à medida que os acontecimentos se sucedem, se empurram para a frente uns aos outros até não haver hipótese de recuo, irreparavelmente. Não consigo todavia deixar de pensar como tudo facilmente se pudera ter desenrolado noutra sentida, considerando a importância que eu mais tarde daria a este encontro no Soho sete anos atrás. Os acontecimentos não significam em si mesmos coisa nenhuma, são tão etéreos como tudo o que nunca acontece, que nunca se desenvolve. A história não se passa em Nova York, em

Copenhaga, em Lisboa; não trata da Elisabeth, da Astrid nem da Inês. Passa-se na minha cabeça confusa, enquanto eu viajo em pensamento entre as cidades, avançando ou recuando na memória; as suas personagens são apenas sombras das mulheres de quem falo, errantes, vagas e intangíveis, deslizando na parede interior do meu crânio. Tanto as cidades como as mulheres são só nomes que ressoam na abóbada da gruta, e é o eco da minha voz solitária que eu ouço, tentando interpretar o confuso teatro de sombras projectado nos recônditos da minha cabeça. Se calhar nunca conheci essas mulheres, se calhar são como as cidades, apenas um punhado de instantes de que me recordo, os efémeros pontos de vista isolados em que rostos e ruas vêm ao meu encontro. Há tanto de que me esqueci, tanto que nunca soube, que nunca vi. A minha história é uma tradução de traduções, não passa de uma desajeitada memória hesitante e distorcida do significado que atribuí a certos sítios, a certos rostos, e de como os rostos e os sítios entretanto ganharam outro significado.

Nos anos que passaram desde essa tarde perguntei-me a mim próprio se a Elisabeth era mesmo bonita. Não como a Inês nem a Astrid, não da maneira evidente, diria mesmo corrente, como todos as consideravam belas mulheres. O seu cabelo à Botticelli, esvoaçante e rebelde, era belo, mas a Elisabeth não era propriamente beleza nenhuma, e quando finalmente conseguimos a nossa mesa e estudámos a ementa, um pouco formais e com sorrisos cautelosos, fiquei quase aliviado por a sua aparição definitivamente me libertar da sensual fantasia vestida de preto no jardim das esculturas, que se colara aos meus pensamentos nas últimas vinte e quatro horas. Não havia absolutamente nada na sua maneira de falar nem de olhar que de algum modo sugerisse ver em mim mais do que um homem no sentido estritamente social e decoroso do termo. Não falava tão lentamente como ao telefone, quase enérgica, pelo contrário, fazendo todavia as mesmas pausas inesperadas, como

que à procura das palavras ou por lhe ocorrer outra coisa qualquer. Era fácil falar com ela, e mesmo antes do primeiro prato já lhe dissera ser casado e ter filhos, como se houvesse urgência em transformar a ameaça numa ideia fixa num fim de dia perfeitamente inofensivo. Até lhe contei da leitora no jardim das esculturas, e de como eu considerara a hipótese que fosse ela. Achou piada, e quando acabou de rir perguntou por que razão não esclarecera logo o mistério. Respondi que era tímido demais para essas coisas e fitou-me divertida, dizendo sem o mínimo galanteio que eu não lhe parecia especialmente tímido. Tinha algo de arrapazado, sentada ali na sua velha camisola de um clube de baseball, não me lembro qual. Havia momentos em que, com o seu rosto esguio e pálido, parecia mesmo um rapaz magro, se bem que um rapaz de cabelo até à cinta. Era quase desastrada, esteve mais do que uma vez quase a entornar o meu e o seu copo. Sentia-me muito adulto em relação a ela, no meu casaco de *tweed* e na minha camisa impecável, não obstante ela andar por volta dos trinta e só haver seis ou sete anos de diferença entre nós. Notava-se que gostávamos dos mesmos pintores e que partilhávamos a mesma aversão por uma boa parte do que viera depois. Gostava especialmente de Mark Rothko e de Morris Louis, fôra por essa razão que deixara Copenhaga depois de fazer as Belas Artes, para se instalar ali. Entre outras razões, acrescentou ela, atirando o cabelo para trás com um assomo de cabeça, ficando ausente por uns instantes. Queria estar perto da pintura que de antemão pilhava sem vergonha, e sorriu outra vez. Lembrei-me da expressão do conservador ao escrever o seu nome e número de telefone, com um sorriso matreiro. Tinha tanta dificuldade em imaginar o que ele via nela como em perceber o que ela eventualmente vira nele. Perguntei-lhe de onde o conhecia. Respondeu que ele organizara uma exposição colectiva de pintores jovens em que ela participara com um quadro. Disse isso *en passant*, sem o mínimo traço de haver qualquer coisa, que eu não

devesse saber. Mais tarde, pouco antes de regressar a Copenhaga, perguntei-lhe directamente se haviam estado juntos. Não, respondeu, tocando-me com um dedo na ponta do nariz num gesto atrevido, como se por um instante fizesse de conta que fôra eu o desapontado. Mas ele fizera por isso, podia-se dizer.

Nessa noite não tivera a mínima ideia, a mínima expectativa de jamais ter o ensejo de lhe fazer essa pergunta. Estava então tão calmo a falar com ela, enquanto a comida tailandesa nos fazia suar as fontes, como a meu ver estivera comicamente indeciso no átrio do cardiologista, hesitante, antes de por fim marcar o número dela. Tinha mesmo jeito para comer com pauzinhos, considerando a sua inépcia arrapazada. Eu continuava à espera de qualquer coisa em que não estivéssemos de acordo, um assunto sobre o qual não tivéssemos feito conjecturas aparentadas, e a certa altura aventei mesmo a hipótese de ela estar a dizer amém a tudo, mas a sua voz grave e baixa fez-me desistir da ideia, assim como o seu olhar indagador, que absorto seguia os rostos falantes e risonhos à nossa volta, quando hesitava, à procura da expressão adequada. Só depois de eu ter pago, e enquanto passeávamos entre as velhas fachadas de ferro fundido do quarteirão, veio à conversa que lera alguns dos meus estudos e artigos. Por isso acedera ao meu convite; ou pensava eu que ela saía fosse com quem fosse só para ter ocasião de falar dinamarquês? Tinha-lhe interessado sobretudo o meu texto sobre Giacometti, as minhas reflexões sobre o recuo e o equilíbrio entre plenitude e ausência. A única coisa sobre que discordava era Edward Hopper. Como é que eu me podia enganar a esse ponto? As mamas das suas mulheres eram sempre díspares, não sabia mesmo pintar pessoas, nem dar-lhes qualquer autenticidade. Quando muito acedia que as combinações de cor eram originais, quando por exemplo usava verde-relva e verde-hortelã, ou vermelho-morango e cor de beringela lado a lado. À parte que as suas tristíssimas escadas e bocas de incêndio numa luz de viés decoravam

praticamente todos os quartos de menina a Oeste de Copenhaga. Apreciei a sua arrogância atrevida e só protestei para a fazer atacar de novo. Sentámo-nos numa esplanada ao fundo de Broadway. Atrás dela erguia-se o World Trade Center com todos os seus escritórios vazios completamente iluminados, reluzindo no escuro por cima dos velhos armazéns. Tentei fazê-la falar da sua própria pintura, mas desconversava, e até nessa modéstia parecia genuína. Perguntei se me deixava ver uns quadros. Olhou-me de esguelha: não sabia se tinha coragem. E que queria dizer com isso? Sorriu, desviando o olhar, receava que eu os achasse tão maus como ela própria os achava. Deu no entanto com uma esferográfica e assentou o número de telefone do cirurgião cardiologista nas costas da mão esquerda, quando a deixei em casa, de táxi. Caso mudasse de ideias e eu ainda tivesse vontade de os ver. Após nos termos despedido e enquanto o táxi regressava por Brooklyn Bridge, pensei que o jantar se passara exactamente como previra. Se alguma vez imaginara outra coisa, devia-se certamente ao facto de ter ficado um pouco estranho, a sós comigo mesmo à janela de Orange Street, com os esquilos travessos por única companhia, e ainda hoje estou convencido de não ter tido segundas intenções ao esperar que ela não lavasse as costas da mão com demasiado afínco.

Nos dias seguintes fui avançando com o trabalho, pensando pouco na Astrid e ainda menos no meu encontro com a Elisabeth. Podia ter acabado assim, sem jamais ter começado, uma tarde como tantas outras, sem consequências e depressa esquecida. Já lá vão sete anos que pus essa história de lado, e já há muito não faz sentido pensar se começou por eu estar mesmo a pedir, sem o saber sequer, ou se desenrolou por si mesma, quando a ocasião se apresentou. Mas pensei nisso depois da Astrid partir, e de eu andar de novo às voltas pelo Soho com o vento do Outono sacudindo-me as abas do casaco e as pernas das calças. Ao estudar a lista das exposições na *Village Voice* descobri que a Elisabeth expunha numa pequena

galeria no último andar de um armazém em Wooster Street. Não tencionara vê-la, de facto, mas passando por lá, de regresso do meu passeio ao longo do Hudson, subi no entanto, na ideia de que ela lá estivesse. Enquanto andei entre as suas largas telas quase monocromáticas, que iam do chão ao tecto do local nu e desleixado, talvez a Astrid tenha estado no Cais da Ribeira, de costas para as fachadas derrocadas que vacilam arrimadas umas às outras, sobre o Douro. Não me recordo quem de nós o disse, que esse bairro à beira-rio faz lembrar uma urbe asiática, com os seus azulejos denegridos, cordas cheias de roupa a secar, esteiras de bambu entre as grades das varandas e os quartos abertos donde se ouvem relatos de futebol e descatos familiares, fachadas separadas apenas por vielas exíguas com lojas tão pequenas como armários de despensa, iluminadas por uma lâmpada nua, ensebada e solitária. Vie-las negras, em que a luz do dia nunca chega bem ao fundo, e onde passamos de mão dada por drogados magríssimos de olhos de estanho, e por velhas baixinhas, sem dentes, de frete à cabeça. Enquanto os meus olhos destrinçavam lentamente as tonalidades subtis das telas de Elisabeth, revelando aos poucos os contornos vagos e quase invisíveis dos seus só aparentemente vazios nevoeiros de cor, talvez a Astrid tenha estado no cais do rio escuro seguindo o trânsito que passava muito acima da sua cabeça, no tabuleiro superior da ponte que liga o centro histórico à outra margem. Nessa altura, nem sabia que ela estava em Portugal. Talvez ela se tenha lembrado que eu nesse momento devia estar em Nova York, talvez nem tenha pensado onde eu estaria nessa noite, uma semana após me ter deixado. Até ela partir estivera perfeitamente seguro de que nada sabia da Elisabeth nem do que então se passara. Nunca me fizera perguntas sobre isso, mas talvez tenha adivinhado qualquer coisa do género. Nesse caso, nunca o deu a entender. Talvez eu me tenha traído sem dar por isso, não por indiscrição, por algo que tenha dito, mas pelo meu silêncio, atravessando Trás-os-Montes e

as suas aldeias isoladas, as suas casas de granito e becos de lama negra com gado e galinhas à solta. Talvez apenas considerasse isso como uma hipótese distante, ao chegarmos tarde ao Porto e passearmos frente à Sé iluminada. Talvez a suspeita surgisse nela como a nesga por onde entrara o frio nos seus pensamentos, ao nos debruçarmos no peitoril sobre o rio e rirmos dos miúdos que jogavam à bola contra as paredes da catedral, reconhecendo as marcas de vinho do Porto escritas com grandes letras de néon no outro lado do rio, nomes ingleses bem conhecidos que de repente nada significavam, acesos no céu da noite.

7

A Elisabeth telefonou três dias depois de termos jantado no Soho. Era domingo. Fiquei admirado ao ouvir a sua voz, julgara que fosse a Astrid quando o cardiologista me bateu à porta a meio da manhã, ainda de roupão, dizendo que havia uma chamada para mim. Ainda tinha vontade de ver os seus quadros? Tinha, de facto. A nossa conversa, a sua maneira entusiástica e espontânea de falar dos pintores de que ambos gostávamos, inspirara-me, e embora eu num momento de fraqueza tivesse as minhas dúvidas quanto à possibilidade de dizer algo de novo sobre uma escola tão badalada como a de Nova York, elas tinham-se evaporado ao retomar o trabalho na manhã seguinte ao nosso encontro. Se eu tinha planos para a tarde? A proposta apanhou-me de surpresa, acabava de tomar o pequeno almoço e decidira no fundo passar o domingo em Brooklyn, escrever durante umas horas e depois dar uma volta a Prospect Park, onde não fôra ainda. Ela vivia nos arredores de Tompkins Square, entre a First Avenue e a Avenue A. Estava um domingo calmo e soalheiro em East Village, quase não havia trânsito, e fez-me bem passear com o calor do sol nas costas, entre os prédios baixos de tijolo, com escadas de incêndio pintadas de preto nas fachadas. O grafismo anguloso das escadas de incêndio e as deformadas sombras em ziguezague projectadas nas fachadas, faziam-me pensar em Franz Kline e na sua dramática arquitectura abstracta de pinceladas negras rasgadas, sobre a qual eu escrevia nessa mesma manhã, quando o cardiologista me bateu à porta. Havia uma atmosfera ociosa e tranquila, quase idílica, apesar de permanecer um quarteirão brutal em certas zonas. Os sem-abrigo desfrutavam o sol camuflados nos sobretudos sebentos, rodeados por carrinhos de compras repletos de bric-à-brac, e até os *pushers* vigilantes fechavam os olhos ao sol. As mães porto-riquenhas passeavam os carrinhos de bebé sob as árvores de Tompkins Square, tagarelando naquele espanhol suave e infantil que falam os sul-

americanos, e os miseráveis *punkers*, com os seus penteados verdes à moicano e anéis no nariz e nas sobrancelhas, haviam tirado os casacos de couro para bronzear os braços magricelas. Algures no cintilar das manchas de sol havia uns fulanos pretos de *dreadlocks*, tocando tambores numa núvem de marijuana. Era um quarteirão procurado por gente nova, especialmente por artistas ou aspirantes a artistas. Havia pequenos teatros e galerias por toda a parte, em caves ou lojas trespassadas, e quem entrava um bocadinho num dos cafés chiques “alternativos” ouvia logo falar de planos fantásticos para a próxima exposição, o próximo espectáculo, concerto ou *performance*. A maior parte era uma algaraviada desgarrada, mas o meio de East Village constituía um circuito fechado em que se reafirmavam uns aos outros, preferindo o bem estar boémio propositadamente esfarrapado do underground em que se sentiam jovens e subversivos bem para além dos trinta, a esforçar-se pelo sucesso na cena estabelecida.

Encontrei a casa dela e toquei à porta. Esperei um bom bocado, e já estava para ir à procura de uma cabine telefónica quando ela espreitou de uma janela do terceiro andar. Não contara que eu viesse tão cedo. O seu cabelo comprido pendia na vertical como uma queda de água loira estancada no ar à volta do seu rosto que me sorria dizendo que fosse entrando, atirando-me a chave para o passeio. As escadas eram estreitas e tinhosas, havia várias portas por andar. A dela estava aberta, e bati levemente antes de entrar. O apartamento tinha uma kitchenette e um quarto onde trabalhava e dormia. Estava de pé na cozinha, abrindo uma lata para o gato que se enroscava nos seus tornozelos, descalça e as longas pernas nuas, brancas como cal, nuns shorts de futebol azul-anil de material sintético, cabelo solto como uma capa de mosqueteiro sobre uma camisa de homem aos quadrados deslavada, a que faltavam tantos botões que se via a pele da barriga quando se mexia. Estaria tão mal vestida por me esperar para mais tarde?

Sorriu e fez um gesto de desculpa com a lata, antes de se ajoelhar e servir o gato impaciente. Ao levantar-se apresentou o apartamento abrindo os braços, de súbito um pouco tímida. Era assim que vivia. Se queria um copo de vinho? Já tinha um tabuleiro com uma garrafa aberta, dois copos e uma tigela de amendoins, uma boa garrafa de Orvieto, e levou-o para o quarto, pousando-o no soalho gasto, quase ritualmente, entre o sofá derreado e uma velha cadeira de lona às riscas. O cavalete estava no outro extremo do quarto, atrás de um colchão futon enrolado, entre montes de quadros encostados à parede com os chassis das molduras para fora. Escolhi o sofá, e ela aninhou-se na cadeira de praia encolhendo as pernas compridas, fitando-me como para ver o que eu achava. Senti-me de novo obscuramente velho, apesar de ainda só ter trinta e sete anos nessa tarde em que respirei o cheiro a aguarrás e tinta a óleo no seu apartamento, fixando os seus olhos cinzentos com um pouco mais de insistência do que normalmente o faria, só para não me deixar distrair, ou melhor, para não revelar que me deixava distrair pelas suas pernas dobradas e, o que já não era possível ignorar, excepcionalmente bem feitas. Ela apoiava o seu copo no joelho cor de rosa e olhou por um momento para o conteúdo cor de trigo, revirando o copo nos dedos dizendo que estivera quase para não me telefonar. Tossi um pouco e perguntei por quê. Tossiu também ao olhar para mim. Sabia perfeitamente que ainda não era tão capaz como isso; não, faltava muito. Mas tínhamos conversado tão bem, e agora receava não corresponder à conversa, e que eu julgasse que ela só tinha garganta e pouca nata. O seu rosto não parecia tão duro como à luz artificial, uns dias atrás, mas chocou-me de novo o contraste entre o seu travesso cabelo romântico e os traços marcando o queixo proeminente, a boca fina, os pálidos olhos cinzentos e o nariz comprido e um pouco torto. O nariz era aquilino, o que lhe dava um perfil ligeiramente degenerado, criando associações com certos príncipes, astrónomos e enciclopedistas

da Idade Média. O rosto sem maquiagem radiava uma ascese quase santa, em contraste com a exuberância pouco prática do cabelo. Os caracóis doirados estavam sempre a cair-lhe para a frente enquanto falava e tinha constantemente de os desviar da cara. Metiam-se de permeio na conversa como algo de irrelevante ou pouco sério que ela varria mecânica e impacientemente da testa, tentando seguir uma ideia ou encontrar uma palavra que a ajudasse no sentido que procurava raciocinando.

Confiava que eu lhe desse francamente o meu parecer. Havia tantos que por uma razão ou por outra se limitavam a dar-lhe palmadinhas nas costas, e importava-lhe saber o que eu achava. Lera o que eu escrevera, sabia pelo menos que eu me daria conta da sua ambição. Disse-lhe que me alegrava ter-se decidido a me telefonar, e contei-lhe como a nossa conversa me ajudara a superar as minhas dúvidas quanto à relevância de escrever sobre a escola de Nova York. O seu entusiasmo genuíno convencera-me. Sorrii com pudor e bebeu um golo. Fôra uma surpresa encontrar alguém com os mesmos pontos de vista quanto a Morris Louis e Mark Rothko, continuei, por eles ninguém mais se interessava, tinham-nos canonizado e logo esquecido. Tive a impressão de exagerar não só as minhas dúvidas, como a influência benéfica do nosso encontro sobre o meu trabalho, mas ela escutava-me atentamente, e afinal não era bem mentira, apenas um pouco exagerado, para se perceber. Apoiou de novo o copo na curva do joelho e olhou para o vinho como para uma bola de cristal. Não fôra só por pudor das suas telas que hesitara em telefonar-me. Acendi um cigarro, e ela olhou para mim por um instante, enquanto eu exalava o fumo. Também tivera receio que eu a interpretasse mal. Não podia saber o que o conservador me dissera sobre ela, talvez eu julgasse... Não, interrompeu-se a si mesma, não fazia sentido. O quê?, perguntei eu. Sorrii ironicamente, talvez eu pensasse que ela era uma dessas que anda atrás de homens casados. Rimo-nos ambos, e disse-lhe

que não dava absolutamente nada essa impressão, e de resto o conservador só falara bem dela. Nada disse sobre o seu sorriso matreiro e entendido, mas que eu próprio pensara o mesmo antes de lhe telefonar, receando que me entendesse mal. Mas era estranho que já falássemos de nós. Normalmente, quando se encontra uma mulher, fala-se primeiro de tudo o que acontece por aí fora e nos interessa. Depois vem a nossa história e a do outro, e finalmente fala-se do facto sensacional de estarmos juntos, antes de a certa altura voltarmos ao mundo, se não nos calámos entretanto. Talvez a Elisabeth também sentisse que chegava de conversa, pois levantou-se de repente com uma expressão intrépida dizendo que, se tinha que ser, mais valia fazê-lo sem demora, começando a mostrar os quadros encostados à parede.

Não eram tão maus como dizia, mas a sua própria análise fôra bastante exacta. Os traços das suas fontes de inspiração eram ainda frescos, mas seria errado chamar-lhe uma imitadora. Estava muito longe das sólidas abstracções assustadoramente equilibradas que eu veria sete anos mais tarde, na galeria em Wooster Street, mas os primórdios lá estavam, tanto no que respeita ao conceito de cor, como ao próprio conceito da pintura, e via-se que não se dava por satisfeita com soluções fáceis. Mas havia ainda algo de tímido e de “sentido” nas suas telas, um uso um pouco exagerado de esponja e aguarrás, como se temesse ser demasiado nítida e dar às composições carne e osso, uma angústia que nos quadros mais fracos a levavam ao perfumado e ao decorativo. Fôra para a cozinha, ouvia-a lavar a loiça e deixar cair talheres e caçarolas, atabalhoada como era, decerto apavorada pela ideia do que eu estava vendo. Quando fiquei a sós com os seus quadros, passando de um a outro concentrado em descobrir o que havia de achar deles, senti-me ao mesmo tempo sereno e abatido. O que reprimira durante o jantar em Spring Street, contente como ficara por me libertar das fantasias despertas pela misteriosa beleza do jardim das esculturas, assaltara-

me por outro lado, ainda mais embaraçoso quando nos encontrámos de novo, e nos sentámos frente a frente, eu no sofá estafado, ela na cadeira de lona com as suas belas pernas recolhidas sob o queixo, de modo que os cómicos shorts de futebol, provavelmente sem que ela o soubesse, se arregaçavam em dobras vincadas nas coxas perfeitas, junto à pequena enseada do sexo. Fizera o possível por censurar esse ângulo do meu campo de visão, enquanto ela me dizia que o seu receio de ser mal interpretada quase a impedira de me telefonar, mas já não podia ignorar que ela me atraía, e que me seria difícil esconder-lho. Desabridamente banal. Seria que não podia encontrar uma mulher que pensasse e falasse no meu comprimento de onda, sem especular logo sobre as suas coxas, só porque eram bonitas e porque sem o saber as revelara ao meu olhar cobiçoso? Ainda por cima ao mesmo tempo que ela claramente se propunha manter isenta de ruído erótico a sintonia que tivéramos sorte em encontrar. Fui ter com ela à cozinha. Sentara-se ao lado da banca com o gato no regaço, aparentemente absorta no jornal. Sentei-me à sua frente e disse-lhe o que achava da sua pintura. Não lhe poupei o meu apreço nem os meus reparos, quanto aos últimos fui talvez mesmo sinceramente brutal, pensando se teria sido tão sincero caso ela não tivesse sublinhado o carácter absolutamente platónico da nossa relação. Estaria a castigá-la? Ou rematava apenas a definição do nosso trato que ela mesma iniciara, para irreversivelmente me impedir de fazer asneiras? Fitava-me esforçando-se por não piscar os olhos, afagando absorta o gato atrás da orelha. Houve um silêncio quando acabei de falar, e no silêncio o gato saltou para o chão com um choque macio, estirando-se antes de se esgueirar para o quarto contíguo. Agora nem sequer tinha o gato para ocupar as mãos. Tossiu um pouco, afastando o cabelo da cara, e disse que eu tinha razão. Apreciava a minha franqueza, fôra quase como um presente, e se bem que de facto já estivesse a par dos seus pontos

fracos, era por vezes mais fácil assumi-los quando a crítica vinha de fora, o que infelizmente não acontecia todos os dias. Dizia-lhe muito. Quase tive pena, e procurei compor as coisas, mas ela insistia, persistia mesmo na sua autocrítica, até que tive de lhe gabar os quadros melhores para pôr fim a tanta honestidade.

Disse que esperava ler o meu livro sobre os nossos pintores favoritos, e perguntou por que razão duvidara se valia a pena escrevê-lo. Talvez indagasse da minha incerteza para restabelecer o equilíbrio entre nós, agora que expusera a sua própria insegurança, mas não via bem se ela perguntava por lhe aprazer investir o pedestal em que aparentemente me pusera, ou porque o desvendar das minhas dúvidas aumentara a sua simpatia por mim. Respondi-lhe que o meu problema era o mesmo de todos os que escrevem sobre pintores que não foram académicos nem literários. O paradoxo de escrever sobre a escola de Nova York era que o ponto forte dessa pintura residia justamente no seu carácter aliterário. As suas imagens não-conceptuais subtraíam-se a qualquer descrição ou caracterização linguística, e mesmo usando as expressões mais subtis, nunca se conseguia bem contê-la, nem ao efeito que fazia em nós. Haveria sempre um remanescente que não se podia exprimir por palavras, esse resto, essa experiência para além das palavras que constantemente nos fazia voltar a esses quadros. Uma experiência que apenas se podia exprimir na própria pintura e se realizava exclusivamente no encontro do olhar com a presença física da tela, sem quaisquer referências, uma fusão de consciência, materiais e forma que não se podia interpretar, por ser única no sentido mais profundo e insondável do termo, ao contrário da língua, que se podia sempre servir de semelhanças ou de contrastes, de comparações no fundo, para pôr a consciência em marcha. A única articulação por palavras que se lhe assemelha são talvez os Koan dos budistas zen, pois a prática do tiro ao alvo e da caligrafia imediata desencadeia neles a mesma consciência espontânea que

excepcionalmente se dá perante um quadro perfeito. Escutava com um olhar intenso que parecia registar a mínima expressão do meu rosto, se bem que mentalmente estivesse noutra sítio, e devo confessar que até fiquei comovido com o meu pequeno arrazoado sobre a pintura pura. Entretanto decidira que o prefácio do meu livro seria qualquer coisa do género. Com uma tal homilia autocrítica, seria difícil acusarem-me de ambição desmedida. De repente levantou-se como se não aguentasse mais, e propôs que déssemos uma volta. Só se pode estar juntos num apartamento de poucas maneiras: sentados frente a frente, cada qual no seu móvel, ou na cama. E quando a última variante é preterida, a certa altura cansamo-nos da primeira, especialmente se ainda não nos conhecemos bem e as pausas da conversa pressupõem praticamente um escalar do contacto mútuo. A nossa fraqueza comum pelos pintores da escola de Nova York aproximara-nos muito um do outro, e já bastava, agora tinha de se passar outra coisa para evitar o beco sem saída. Fiz uma festinha ao pescoço do gato enquanto ela enfiava os pés nus numas sapatilhas usadas. Vestiu uma gabardina coçada e pôs uns óculos escuros riscados, soltando o cabelo por fora da gola da gabardina com um sorriso tímido, como que pedindo desculpa pela sua cabeleira enorme, e pouco depois estávamos na rua.

Andava depressa, com passos largos e enérgicos, e indo a seu lado dei-me conta pela primeira vez de que éramos mais ou menos da mesma altura, se não ela um nada mais alta do que eu. Mas devíamos no entanto ser um par bem exótico, ela de gabardina no fio, pernas nuas e sapatilhas usadas, eu no meu casaco de *tweed* e sapatos de bem engraxados. Senti-me irremediavelmente burguês, quase como um bófia à paisana, atravessando East Village, que parecia habitado por cosmopolitas tolinhos de aldeia, onde o excêntrico se tornara a norma, e o normal uma simples sensação. Que diabo vira em mim, um intelectual burguês de *tweed* e camisa

azul impecável? Senti-me estrangeiro na minha pele, magicando na relação que estávamos a entabular. Não havia entre nós namoro algum, nem silêncios carregados de sentido, e acalmei-me: agora que a visitara e que saíramos para a rua, para o espaço público e neutro da rua, não era o princípio de história nenhuma. Os primórdios de uma amizade? Lembrei-me da Astrid e dos miúdos. Deviam ter jantado nesse momento. O Simon estava com certeza entregue ao seu computador, perdido numa ou noutra *Star War*, e talvez a Astrid lesse para a Rosa em voz alta, sentada no sofá com a miudita quase sumida no edredão que arrastara para a sala atrás de si. Ao mesmo tempo que eu seguia pelo sol desta tarde, no outro lado do Atlântico, a par com uma rapariga que praticamente nem conhecia, longe da minha vida, da minha cidade, do meu dia-a-dia, em que cada passo seguia uma senda aberta e bem conhecida. Continuámos por Bowery até passarmos as velhas lojas de cozinhas para restaurantes, atravessando Little Italy e o Soho em direcção ao Hudson. Eu apontava de vez em quando um ou outro pormenor anónimo que me despertava a atenção, um pouco como um turista ingénuo, enquanto lhe contava como a pintura pura correspondia para mim à presença mística das coisas, quando nos concentramos apenas na sua fisionomia, desligada da função ou de qualquer significado. Conteí-lhe como em criança fugira de casa dos meus pais, mudando-me para uma ruína em que vegetara ao correr das sombras sobre os tijolos e vigas derrocadas. Ela entendia-me, também lhe dera para isso em pequena e, como eu, continuava a ficar absorta frente à tampa de um esgoto ou a restos de cartazes colados num muro. Falámos dos momentos especiais em que no fundo nada acontece, quando a imprevisível volubilidade de um movimento, a luz que lhe cai em cima e a sombra que brevemente define se fundem simultaneamente no olhar, como se o próprio movimento partisse do olhar que o segue. A certa altura, sem propósito, dei um pontapé numa grande rosca enferrujada que foi

correndo pelas lajes do passeio, equilibrando-se na tangente da própria sombra, como um oito disparado, fazendo uma espiral decrescente até cair em si mesma e se tornar rosca de novo. Abaixou-se para a apanhar e deu-ma com um sorriso, dizendo que era dela para mim, para não me esquecer do nosso encontro. Ainda a tenho, numa gaveta qualquer. E pediu-me de repente para lhe falar da minha mulher, como pelo seguro, para me lembrar o nosso pacto tácito, caso eu tivesse interpretado mal qualquer coisa.

Era esquisito ouvi-la dizer “a tua mulher”, tão esquisito como fazer uma descrição sumária da Astrid, aproximadamente como as pessoas se caracterizam nos anúncios. Trinta e oito anos, técnica de montagem, olhos pequenos, maçãs do rosto salientes, esbelta, cabelo castanho que se frisa à chuva, anteriormente casada com um realizador de cinema muito conhecido, mãe de dois filhos, o mais velho do primeiro casamento, gosta de Truffaut, banquetes de lagostins, passear à beira-mar, antiguidades, *kitsch* católico e viagens ao sul da Europa; fria e reservada segundo alguns, mas no fundo intuitiva, carinhosa e sensual. Era isso, a Astrid? Ficou de repente tão distante e minúscula, vista assim... Teria eu já falado demais, ou não devia ter dito nada, sendo sempre insuficiente o que dissesse? Sim e não. Mas assaltara-me mais uma dúvida ameaçadora, ao chegarmos a West Side Highway em direcção ao World Trade Center, contra uma brisa fresca por entre atletas ofegantes no passeio largo ao longo do rio reluzente, aquele trajecto que fiz uma semana depois da Astrid partir. A mesma dúvida que me persegue desde a manhã em que frente ao espelho da casa de banho ela me disse que ia partir, tão naturalmente que me esqueci de lhe perguntar porquê. A mesma dúvida que vem ao de cima cada vez que a vejo à porta do nosso quarto, olhando para mim de pé, minutos antes de desaparecer. Será que a conheço, à Astrid? Será que não sei mais nada dela aparte os anos que passámos juntos, as coisas que fizemos juntos e os bocados que me contou da sua

vida antes de nos encontrarmos, tão sumários como a descrição que fizera à Elisabeth? E será que ela me conhece melhor, a mim? Perguntou há quanto tempo estávamos casados. Dez anos? Sacudiu a cabeleira, incrédula mas respeitosamente. Então isso era mesmo possível! Ri e aligeirei a voz, falando das impacientes e egoístas expectativas juvenis que se superam, da felicidade que aguenta umas mossas e tolera a luz do dia, mas de repente, enquanto ela me escutava atenta, pareceu-me que tudo soava tão frouxo e débil, que mesmo ela se devia dar conta da sombra por trás do meu sorriso adulto e das minhas palavras convictas.

Mas era verdade, era mesmo assim, não era? Perguntei-lhe então como eram as coisas pelo seu lado. Agora era eu que tinha um equilíbrio a restaurar, que me pusera a nu e que esperava uma revelação da sua parte, olho por olho, tal como compensara a sua autocrítica artística confessando-lhe as minhas crises de escrita. Paráramos a olhar para os cais ermos e para o rio sem tráfego; o vento levantara-se, e ela arredava os caracóis da cara sorrindo triste, fitando a água azul clara, azul cinza e azul petróleo, onde o vento fazia refregas irrequietas. Já há muito que não andava com ninguém. Ficara grávida dois anos atrás, ele também era pintor, lá em Copenhaga, e não resultara. Fôra nessa altura que viera para ali. Habitudara-se a estar só a maior parte do tempo, não a incomodava, se bem que por vezes lhe ocorresse se não estaria a habituar-se demais. Tinha saudades de vez em quando. A cidade era dura de roer, não se vai longe de graça, mas por outro lado, gostava disso, ter que lutar. Não sabia bem o que queria. De longe a longe fazia-lhe falta um sítio em que alguém a conhecesse. Entrou-me uma areia para a vista, fazia o efeito de um calhau, e começaram-me a correr lágrimas pela cara. Virou-se para mim como quem acorda num repente, abriu-me a pálpebra com os dedos mas não via nada, e sem mais a areia desaparecera. Antes de lhe dizer que já passara, houve uns segundos em que os seus dedos se quedaram

na minha face, e pode dizer-se que me aproveitei desse momento, que de certo modo abafei uma informação relevante ao pegar-lhe levemente no pulso como que para desviar a sua mão. Ficámos assim um pouco, não muito, mas o suficiente, fitando-nos um ao outro, eu de vista inflamada e lacrimosa com o pulso dela na mão, até que se mexeu, eu larguei-a, e voltou-se para o rio. Não me devo entusiasmar contigo, disse ela. Não, disse eu, e olhei na mesma direcção, para o relógio Colgate em que o sol batia em cheio ofuscando as horas. E ficámos assim um pouco, muito perto um do outro. Num sítio perfeitamente idiota, de costas voltadas ao trânsito calmo e monótono de domingo e aos armazéns desertos enegrecidos. Virou-se para mim, grave e com uma ternura nova. És forte, disse ela. De onde lhe vinha essa ideia? Não reagi. Ela disse que estava com frio e ia para casa, eu podia tomar o metro em Church Street, disse ela. Eu disse que a acompanhava. Não era preciso. Disse que já sabia. Começamos a andar. Tentei encontrar alguma coisa para dizer, algo de leve, fosse o que fosse, mas só resultava em réplicas dispersas e sem nexos, separadas por pausas enormes, de regresso a East Village. Não via bem se fôra ela que dissimulara com talento, se eu que estivera cego. Ao fim e ao cabo tivéramos jeito para nos desentender. Hesitámos frente à porta da rua, ela não dava com as chaves. Ao abrir voltou-se, e disse adeus. Beijei-a, sem que se opusesse. Espero que saibas o que estás a fazer, disse ela. Eu disse que sabia; mas não fazia a mínima ideia.

São as mesmas coisas que se fazem, os mesmos gestos, e acha-se todavia que será diferente e significará outra coisa, só por ser outra que nos olha de frente ou cerra os olhos quando nos debruçamos sobre ela. Por que me preocupava? Por em dez anos não ter ido para a cama com ninguém senão a Astrid? Não seria isto apenas o que se chama “uma aventura”? Sem o saber, já me devia vir a candidatar há muito, muito antes dessa tarde no jardim das esculturas nas traseiras do Museum of Modern Art, onde fiquei

embasbacado com uma moça moderna, completamente obcecado pela hipótese remota de ser ela essa Elisabeth a quem nem tencionara telefonar, não só para me opor à atitude matreira do conservador ao dar-me o seu número de telefone como se tratasse de uma sensacional puta de luxo, mas certamente também por receio de mim próprio. Mas se afinal apenas se tratava de mais um marido lasso no engate, já agora, que tirara uma folga do quotidiano monótono, ainda por cima no outro lado do Atlântico, longe de olhares bisbilhoteiros e intriguistas, então a Elisabeth não passava de uma figurante no meu pequeno drama particular, o objecto perfeitamente aleatório do meu desespero acumulado. Falara assim com os meus botões, furioso comigo mesmo, mas estava diversamente sensível na ocasião, pela segunda vez nessa tarde no seu apartamento, abraçando-a rodeado pelas suas telas enquanto o gato se roçava ciumento nas minhas calças e pelos seus artelhos nus. Ficámos assim um bocado, imóveis, ela com as mãos agarradas à lapela do meu casaco e a cabeça pousada no meu ombro, o cabelo a fazer-me comichão no nariz, paralizados nesse longo enleio sem nos conseguirmos mover, talvez por nenhum de nós saber em que direcção. Ocorre-me um outro abraço, num outro apartamento, num outro crepúsculo, após atravessar a cidade com a Inês depois dela se voltar para mim, sozinhos numa sala calma e fresca, entre bustos de imperadores esquecidos no mármore. Ocorre-me o abismo que se abriu em mim ao deixar as ruínas da minha infância onde vivera perdido e feliz entre ratos e gatos vadios, regressando à casa vazia e silenciosa dos meus pais. Esse abismo incomensurável que julguei ter superado quando a Inês uns anos mais tarde me apertou contra si, diante da janela que dava para o cemitério judeu com as lápidas carcomidas e ilegíveis. Enquanto me agarrava à Elisabeth, era como se uns minutos antes tivesse vencido o mesmo abismo, dando o último passo para ela e abrindo os braços. Como se o antigo abismo se houvesse aberto de novo enquanto o Simon

e a Rosa cresciam entre mim e a Astrid, enquanto o tempo passava conosco sem eu dar por isso, talvez por me ocupar de todos menos de mim. Estaria a enganar a Astrid, ou ter-me-ia já enganado a mim mesmo e a ambos, durante esses anos com ela? Abandonara eu o meu profundo ser, nessa noite na minha cozinha, correndo o risco e aproveitando a ocasião ao acariciar pela primeira vez a face da Astrid, sendo agora ela quem caíra no fosso da minha solidão? Nem nessa altura soubera bem o que fazia. Aos poucos, a Elisabeth largou-me a lapela, deixei cair os braços, e ela recuou um passo olhando para mim, tímida e confusa. Não fazia a mínima ideia do que lia na minha cara, mas alguma coisa devia ver, entregue como eu estava aos seus olhos. Deixou cair a gabardina no chão e despiu-se à minha frente até ficar completamente nua, face a face com o estranho enfarpelado que se metera na sua vida, como querendo mostrar-lhe no que se metera, que a visse tal como era, com os seus seios pequenos e costelas salientes. Desenrolou então o colchão futon, e ao ajoelhar-se para alisar o lençol reparei na sujidade cinzenta do seu calcanhar e já tinha saudades dela, embora só estivesse a uns passos de mim. Ouviam-se as sirenes da polícia ao longe, na First Avenue. A salsa barulhenta de um auto-rádio reflectia-se nas fachadas crescendo e decrescendo, e vi pela janela a sombra da asa de uma pomba abeirar-se da sombra dobrada e raiada da escada de incêndio, no topo da parede da casa em frente, onde os tijolos ainda fulgiam no vermelhão profundo do sol baixo. A pomba esvoaçante ao sol e a sombra esvoaçante da pomba convergiam até a distância entre elas se reduzir por completo, pousando ambas no degrau superior da escada de incêndio, fechando as asas.

Para dizer a verdade, não foi nada de inesquecível, a primeira vez que a Elisabeth e eu nos deitámos no seu duro futon, vigiados à porta pelo gato branco de patas impecavelmente juntas, tal esfinge doméstica a quem nada de humano espantaria. Tudo induzia a

crer no que me dissera, que há muito não estava com um homem. A brusquidão do seu corpo propagava-se aos seus gestos, e o nosso projecto desenvolveu-se numa refrega febril até desistirmos, soçobrando acanhados. Repousou então a cabeça na minha coxa, observando com assombro a minha pila bem desperta. Ocorreu-me a famosa fotografia de Man Ray, em que uma beldade do cinema mudo dos anos vinte pende a cabeça assim, de longas pestanas e fazendo beicinho, observando uma estatueta africana. Deu-nos um ataque de riso, não só por causa da minha associação, como por me ter lembrado de semelhante coisa, continuando aos risos abafados aconchegando-nos um ao outro sob o pesado poncho de lã que era o seu edredão. Perguntou se ficara ougado. Não, de maneira nenhuma. Até me aliviara de uma prestação excepcional nessa primeira vez, após tantos anos com a Astrid por única e cada vez mais tendenciosa testemunha da minha competência sexual. Nunca imaginara que qualquer outra se desse a esse ponto por satisfeita, suspeitando que a Astrid o fizesse por modéstia ou por exagerar o valor do que era dela, só por ser seu. Mas nada disto revelei à Elisabeth, continuando abraçados um ao outro sob o seu poncho; nem sequer tinha sombra de remorsos, talvez por não haver nada de diabólico, insólito ou desmedido no sentir o seu corpo longo e delgado contra o meu. Era apenas outro corpo, diferente daquele a que estava habituado. Tentei descrever-lhe como acabara de superar uma distância abissal em mim próprio, um abismo que se alargara ao longo dos anos com a Astrid, sem que eu desse por ela, por se ter aberto lenta e gradualmente, mas pôs-me um dedo na boca e calou-me. Deixámos desde então de falar da Astrid, de nós, do que acontecera ou do que aconteceria connosco. O futuro era tabu. Falávamos de arte, do nosso trabalho, do que víamos e do que ouvíamos, e do que outrora víamos e ouvíamos, evitando mencionar o inevitável momento em que regressaria ao que na realidade era a minha vida. Fazíamos de conta

que esse momento não se aproximava e instalámo-nos na nossa bola de sabão macia e brilhante, radiantes por ela se aguentar pairando no ar. Não eram os dias que contávamos, eram as horas, transformando assim as três semanas seguintes numa pequena eternidade. Passávamos a maior parte do tempo no seu apartamento, quando não dávamos grandes voltas sem destino ou íamos às compras a meio da noite, à mercearia do coreano. Fazia-lhe a comida, pratos de resistência à espanhola, e chegou a ganhar uns quilos enquanto estivemos juntos. Aprendemos também a fazer amor um com o outro, mas houve noites em que apenas nos deitámos na conversa, esquecendo completamente que amantes proibidos são supostos fornicar como possessos. Cada dois ou três dias ia a Brooklyn Heights, onde pernoitava em casa do cardiologista libanês para trabalhar umas horas na manhã seguinte, mas também escrevia na cozinha da Elisabeth enquanto ela trabalhava no quarto ao lado e o gato andava de um para o outro como um mensageiro mimado. O meu livro ia avançando, mais depressa que previsto, e nem a Elisabeth nem o gato me distraíam, pelo contrário, ainda encontrava mais facilmente o fio da meada dos temas que perseguia, e ao ler-lhe umas páginas que escrevera durante o dia parecia-me melhor do que a maior parte do que fizera até à data. O cardiologista estava raramente em casa, preferindo aparentemente a da sua amiga em Long Island, e só uma vez encontrei recado dizendo que a Astrid telefonara. Telefonei-lhe umas vezes, admirando-me quão pouco me descosia ao perguntar-lhe como iam as coisas lá por casa ou falando-lhe do meu livro. Pelo que ouvia, de nada se apercebera. Nunca me passara pela cabeça que a traição fosse tão fácil e mal se sentisse, escutando a sua voz com a ternura do costume, um pouco retardada devido à transmissão por satélite, como se ela e a Elisabeth de facto se encontrassem em mundos diferentes, separados por uma fronteira que passava por mim.

Quase não falávamos com ninguém, salvo quando íamos a um café de East Village onde ela se encontrava com os amigos, uns boémios descontraídos que me apertavam polidamente a mão e me estudavam de soslaio, trocando novidades com ela, certamente admirados com o tipo que engatara. Não tentava sequer introduzir-me no seu mundo, e até me aprazia tê-la só para mim. Excepcionalmente, levou-me a um “vernissage” mundano no Soho. A galeria era uma antiga garagem com vidraças foscas dando para a rua, de modo que o espaço branco e neutro resultava numa atmosfera hermética e abstracta envolvendo as telas expostas e os convidados exclusivos, que conversavam animadamente em grupos de costas para os quadros, seguindo atentamente o movimento de partidas e chegadas. Ninguém reparava em mim, no canto mais afastado, momentaneamente invisível no meu posto de observação. Admirava-me quanta gente a conhecia, e como a graciosa maltrapilha da minha amante era recebida com beijinhos pelos homens meio idosos de rabo de cavalo e camisolas pretas sob os fatos Saks às riscas. Faziam também parte do seu mundo, do mundo em que a aturdira e a que ela regressaria quando eu voltasse para casa. O próprio artista, aparentemente um dos seus amigos mais velhos e queridos, era um pequeno italiano de cabelo ralo, num fato branco e sandálias, que ao falar com ela aos risinhos inclinava a cabeça para trás. Era o único que se permitia fumar, arvorando um Havano bem avantajado enquanto lhe contava uma história tão engraçada que ela se partia a rir. Não pude evitar dar-me conta de como lhe punha jovialmente a pequena mão peluda e de charuto na anca dos jeans deslavados e esburacados, enquanto lhe segredava qualquer coisa em bicos de pés, perfeitamente alheio às presumidas milionárias em modelos Chanel cor-de-rosa e amarelo-canário, que esperavam impacientes por uma audiência. Mais uma vez, pensei inevitavelmente no sorriso matreiro do conservador. Estaria eu ali a cair no ridículo, dorido de amores naquele local clínico e febrilmente sussurrante?

Na véspera de partir fomos a Coney Island. Tomámos uma cerveja num bar da praia, onde se sentavam frente ao mar silhuetas corcovadas de homens idosos com velhos bonés de baseball. Os gritos antipáticos das gaivotas chegavam aos recônditos do bar, que naturalmente se chamava Atlantic, e nas traseiras girava a grande roda de gôndolas do parque de diversões deserto. A televisão em cima do bar estava ligada, e a relva do estádio era quase da mesma cor que as paredes do local tihoso. Os jogadores empilhavam-se numa confusão de números nas costas, dispersando-se logo como um bando de gaivotas pesadas e toscas. Um a seguir ao outro, aviões reluzentes apareciam e aproximavam-se no céu sobre o mar, alinhando para a aterragem no aeroporto John F. Kennedy, e os pescadores desportivos no molhe lançavam repetidamente as linhas, dando banho às minhocas. Atrás deles, no outro lado do parque de diversões, ficavam os últimos blocos de apartamentos da América, tugúrios de janelas viradas para o oceano, castanhos, tristes, altos e quadrados. A Elisabeth achava que lhe faziam lembrar as milenares casas-muralhas de Sana, no Iémen. Por cima da montanha russa piscavam as lâmpadas da palavra que lhes dava nexo, *Himalaya*. Passamos uma horita na praia. Deitou-se com a cabeça no meu regaço, de olhos fechados à luz branca do tempo encoberto, com o cabelo em leque sobre os meus joelhos. Eu olhava alternadamente para o seu rosto e para o mar. Perguntei se sempre tencionava regressar a Copenhaga. Talvez, não sabia. Não falámos muito nesse dia, nem no seguinte, ao irmos de táxi para o aeroporto. Esboçou um sorriso forçado ao chegarmos ao balcão de check-in. Fôra bom, ter-me conhecido. Era como se nunca mais nos vissemos, como se não se tivesse passado nada de especial. Beijou-me então rapidamente, e foi-se embora sem se voltar. Seis meses mais tarde estava eu noutra praia com a Astrid. Era o dia seguinte a termos chegado ao Porto. Tínhamos de facto decidido ir directamente para Lisboa, talvez com uma paragem em Coimbra,

mas quisemos primeiro ir ao mar, que já não víamos desde San Sebastian. Seguimos o Douro ao longo das fachadas cada vez mais derrocadas de Miragaia, com os seus azulejos fuliginosos e grades de varandas enferrujadas, até às cordas com lençóis e roupa puída ao chegar à Foz, donde se viam os pescadores desportivos no Cabedelo, minúsculos e perdidos no nevoeiro. Continuámos até Matosinhos, e atravessámos a enorme praia deserta voltando costas às barracas, aos bares degradados e aos bojudos tanques cilíndricos que brilhavam mates ao longe, na luz da neblina. Fomos até não poder mais, até à espuma amarela da ressaca, ficando ali olhando para tão longe quanto possível, lá onde o mar desaparecia no nevoeiro. Mais tarde descobri que Matosinhos e Coney Island, a praia em que me sentei com a cabeça da Elisabeth no regaço, tentando imaginar como seria deixar a Astrid, e a praia em que estive com a Astrid meio ano mais tarde após me ter despedido da Elisabeth pela segunda vez, ficam quase frente a frente, entre os paralelos 41 e 42 Norte. Uma praia no velho mundo e outra no novo, separadas pelo mar que tantos antes de mim cruzaram cheios de esperanças, como se o mundo no fundo não fosse um único lugar coerente, só que muito grande. Como se tratasse de mundos separados.

A Astrid não estava no aeroporto à minha espera da primeira vez que regresssei de Nova York, na Primavera, com a recordação da Elisabeth presente como uma imagem irreal e velada na retina, nas entranhas do meu cansaço. Foi um alívio. Receara vê-la com a Rosa pela mão e o Simon um pouco atrás, de boné às avessas e *walkman*, nervoso e impaciente por ser indigno de um rapaz de dezasseis anos ir buscar o padrasto ao aeroporto. Preparara-me tão intensamente para este reencontro no átrio das chegadas, que nada sobrava para pensar no que iria acontecer, à parte isso. Mas tinha absolutamente de acontecer alguma coisa? No avião, ao passar pelas brasas, a minha infidelidade revelara-se-me em toda a sua

dimensão descomunal. Não conseguia vê-la apenas como uma aventura passada nas últimas três semanas em East Village, se bem que voasse uns quilómetros acima do mar, de novo só, e devesse já ter transformado o corredor aéreo do Atlântico numa comporta que me separasse sem dor do meu segredo, fechando-se elegantemente atrás de mim. Sabia bem que, maior e vacinado, era normal ter-se assim uma aventura, rindo-nos então condescendentes da ingenuidade de outrora, como do ar inocente, das faces sem rugas e das roupas há muito fora de moda nas nossas velhas fotografias. Sabia muito bem que não seria forçosamente mais que uma aventura sem efeitos secundários, não havendo razão absolutamente nenhuma para alarmar a Astrid com desgostos escusados. Mas a perspectiva do meu silêncio era para mim tão aflitiva como a da reacção da Astrid, se lhe contasse o que acontecera em Nova York. Até há três semanas eu fôra aquele que a vida com a Astrid durante anos fizera de mim, mas só o podia ter sido pensando que ela soubesse o que havia a saber sobre ele. Nunca tivera vontade de lhe esconder coisa nenhuma, pelo contrário, reecera sempre a hipótese de haver algo que não lhe tivesse dito ou amostrado, algo que ela não tivesse visto ou depreendido. Só me atrevia a acreditar no seu amor se confiasse que me amava apesar dos meus defeitos e fraquezas. Ao beijá-la pela primeira vez na minha cozinha, numa noite de Inverno dez anos atrás, uma estranha que eu levava de táxi e a quem dera abrigo só para ser simpático, que uns meses mais tarde me dizia estar grávida e a quem respondera com o meu leviano “Por que não?”, eu agarrara espontaneamente a oportunidade de me livrar da solidão e de me tornar alguém com outra pessoa, para ela e em tudo o que fizéssemos. Depois da Inês me deixar, fôra como que tocado por uma maldição que me tornara invisível. Nada era como eu julgara, deitado no meu sofá bolorento na idílica ruína da minha infância, entre montes de cacos e telhas partidas, vendo os pássaros voar pelo telhado, sonhando ser ninguém. Afinal não

era como no meu arrojo infantil cuidara que fosse, como no poema que aprendera de cor: *how dreary to be somebody, how public, like a frog...* Pelo contrário, a Inês castigara cruelmente a minha paixão malfadada transformando-me num sapo horrendo, solitariamente peganhento, e só quando a Astrid me beijou fiquei de novo humano como toda a gente; não uma pessoa qualquer, mas exactamente aquela pessoa que ela tão por acaso encontrara, com quem simpatizara mais do que ninguém, e decidira-me logo, sem reservas e nem cobertura, que era ele que eu queria ser, aquele que o seu olhar revelara, sacando-me do invisível. E assim fechara atrás de mim a porta que dava para os meus recônditos, pensei eu a bordo, enquanto o Atlântico anoitecia a uma velocidade fora do normal. Assim virara as costas à minha ruína abandonada onde fôra eu mesmo mais do que nunca, onde me acomodara com os ratos e com os gatos vadios sem precisar de olhos que me fixassem e evitassem que desaparecesse. Livrara-me da invisibilidade, pensei a bordo, vendo o azul do céu escurecer por cima das núvens, mas só para me sumir de mim próprio e me perder na confusão de faces e formas do mundo aparente, nas milhentas hipóteses de ser levado pelos dias no delta labiríntico do acaso.

Aterrámos pela manhã cedo. Os outros já tinham saído quando entrei em casa. Havia um recado da Astrid, que me deixara pão e café num tabuleiro na cozinha, e a Rosa fizera um retrato meu, um homem de casaco florido sorrindo de pé entre arranha-céus que eram só um bocadinho mais altos do que ele. No topo da sua tosca ilustração do Empire State Building havia um chimpanzé de calções às bolinhas, também muito divertido, segurando debaixo do braço uma espécie de Barbie de cabelo comprido e às ondas. Deitei-me e dormi todo o dia. Quando acordei já o sol se tinha posto. Acordei com a mão da Rosa que me roçava a barba por fazer, ouvindo a Astrid chamar baixinho por ela. Abri os olhos e vi-as por um instante à porta do quarto envolto no azul da pen-

umbra, antes de desaparecerem. Deixei-me ficar deitado mais um pouco, ouvindo-as falar na cozinha assim como as travagens estridentes e vozes exaltadas de um filme americano que o Simon via ao lado. Para mim era também como um filme que parara e agora continuasse com os mesmos actores e o mesmo enredo. Olhei para os ponteiros fosforescentes do despertador. Era uma da tarde em Nova York, a Elisabeth trabalhava talvez na tela que começara uns dias antes, ou talvez fosse neste momento a passos largos e ligeiros pela First Avenue, ao sol e ao vento que lhe desfraldava o cabelo como uma bandeira luzidia. Levantei-me e fui ter com o Simon à sala. Olhou para mim desorientado, suspenso como estava no filme, levantando-se então para me abraçar, um pouco acanhado, como se de facto já fosse grande demais para essas coisas. Perguntou como fôra a viagem. Atrás dele, no ecrã, havia um homem de olhos esbugalhados dependurado no trem de aterragem de um helicóptero voando sobre Manhattan, enquanto outro lhe calcava os dedos com os tacões das botas. Respondi que corraera tudo bem, mas que visse o filme primeiro. Sorri desculpando-se, que estava no melhor da história, eu sorri também e fui ter com elas. Quando a Rosa ouviu os passos saltou logo a correr para os meus braços, e quase me atirou ao chão. Beijei-a e levei-a ao colo para a cozinha, onde a Astrid descascava batatas. Ficou parada a sorrir-nos, de faca na mão, até eu deixar a Rosa escorregar para o chão para a abraçar. Perdera uns quilos, notava-se, estava bela, bela e incauta, confirmando-me ali, como se eu fosse tudo o que havia a ver. Como de costume, quando regressava de uma viagem e contava o que tinha visto, e dava os pequenos presentes que me lembrara de comprar. Mais para a noite, quando nos deitámos, admirou-me que de nada se apercebesse, e fiz amor violenta e impacientemente, com uma violência de camuflagem, como para arrumar o assunto e castigar-lhe a ignorância, castigá-la pelo meu próprio crime. Depois disse-me que há muito não fôra tão bom. Beijei-a nos olhos,

ela abriu-os, pequeninos e preguiçosos, crispando os lábios num sorriso irônico, dizendo que quase desejava ver-me por fora mais amiúde, só pelo regresso.

Quando finalmente apagámos a luz fiquei acordado a seu lado no escuro escutando por umas horas a sua respiração e os poucos carros que passavam ao longo dos lagos. Pensava no acanhamento do Simon no sofá frente ao seu vídeo horripilante, no grito feliz da Rosa correndo ao meu encontro e saltando-me para os braços, no olhar da Astrid na cozinha, virando-se para mim, convocando o rosto recém-chegado às formas familiares da memória, e pensava na Elisabeth, que pela certa se sentara a comer um *sushi* do japonês da esquina, enquanto o gato a observava com olhos frios e indiferentes. O que é que ela tinha de tão extraordinário? O tom grave da sua voz? A sua profusa cabeleira agreste e a maneira febril e esfalfada de fazer amor? A sua majestosa indiferença quanto ao seu aspecto e o cotão que se enovelava ao longo das paredes do seu apartamento ascético, esquecida de si própria, absorta como estava na sua pintura? A nossa comum devoção por Mark Rothko e Morris Louis, a sua maneira intuitiva de apanhar o que eu queria dizer sobre eles ou sobre tudo do que falávamos, por termos cada qual sentido e pensado o mesmo? Seria o estranho e claro comprimento de ondas em que sem hesitações nos encontráramos, por sem o saber havermos emitido na mesma frequência durante anos? Ou seria ela apenas o pretexto ocasional que me fizera encarar o que durante anos ignorara, confrontando-me com a pergunta que há muito deixara em branco na espuma dos dias? A pergunta com que a Inês me deixara dois anos atrás na Place de l'Alma despedindo-se com um beijo antes de descer para o Metro e desaparecer de novo. A embaraçosa pergunta que perdurara em mim, mesmo após lhe haver respondido quase doce e avisadamente, cheio de experiência e saber adulto. Era feliz? Ou seria isso apenas um substituto esperançoso, essa felicidade

quotidiana que tolerava a luz e o desgaste do dia-a-dia, essa felicidade corajosa, modesta e acomodadamente burguesa, que tanto se podia lavar como passar a ferro? Ter-me-ia eu afinal enganado algures pelo caminho? Teria precipitado a minha resposta à inesperada revelação da Astrid com o meu alegre e leviano “Por que não?”, para aviar? No fundo, estaria a minha traição nessa resposta ambígua à sua proposta de uma criança e de uma alternativa à vida que levava de jovem ocioso e melancólico? Ter-me-ia ao fim e ao cabo agarrado a ela por cobardia, maduro como ficara na minha solidão auto-condescendente? Fôra ela própria feliz, ou ter-lhe-ia também feito perder o seu tempo? Seria que a amava, ou parecia só que a amava? Deixara a Inês em mim um quarto vazio onde a Astrid nunca entrara por eu ter fechado a porta à chave e deitado a chave fora? Acreditara de facto poder condenar assim o meu próprio desalento e esquecer-me de mim próprio na minha nova vida empreendedora e sem repouso, nas obrigações gratas e no refrão da ternura quotidiana? Seria aí, no meu íntimo vazio, onde a Elisabeth de repente aparecera através de uma porta camuflada no papel de parede bolorento? Uma porta tão secreta, que até a conseguira esconder de mim próprio?

No dia seguinte julguei que a Astrid por fim me desmascarara. Quando pela manhã acordei e fui à casa de banho, ela estava a separar a roupa suja. Enquanto lavava os dentes via-a pelo espelho tirar pelos de gato de uma das minhas camisas de cor. O gato da Elisabeth deixara montes de pelos na minha roupa, com que me descuidara no seu apartamento. Bochechei, deitei a água fora e disse-lhe que o gato do cardiologista libanês me fizera companhia no trabalho. Sentira-se naturalmente só, como eu, agora que o seu dono preferia ficar em casa da amiga em Long Island disse eu, e mudara-se praticamente para o meu quarto. Ao mentir-lhe ali com a boca cheia de pasta dos dentes, espantava-me como soava plausível e como era fácil mentir se imaginasse o gato deitado ao

sol no peitoril da janela que dava para Orange Street. A Astrid sorriu, julgava que eu não gostava de gatos, e era verdade. A Rosa há muito que insistia para termos um gatinho, uma ideia a que me opunha sabendo perfeitamente quem acabava por lhe mudar o tabuleiro da areia com as pequenas cacas duras e fedorentas. Mas este gato fôra muito simpático, disse eu, imaginando-o às voltas pelo casarão enorme de Brooklyn Heights, ou sentado no peitoril olhando para mim arrogante e indecifrável, enquanto escrevia. Com o passar dos dias, foi sendo cada vez mais fácil administrar o meu segredo. O filme recomeçara, eu reincorporara o meu papel habitual sabendo todas as réplicas de cor, exactamente quando era a minha deixa, e o que se esperava de mim. Aliás, andar de cabeça no ar e ser distraído eram traços da minha personagem que a Astrid sempre achara simpáticos e que no máximo lhe proporcionavam meter-se carinhosamente comigo. Agora faltava saber se era por me concentrar no meu trabalho, ou um acanhamento até aí ignorado em relação à Astrid, que com o correr dos anos fôra a causa da minha crescente distração. Mas ainda tinha o meu livro como desculpa de andar distraído, fechando-me no meu quarto de trabalho e escrevendo um bom bocado nas semanas seguintes. Quando não escrevia, cumpria os meus deveres domésticos, e à noite era possivelmente ainda mais atencioso com os miúdos do que costume, talvez para compensar a minha má consciência. Só quando ficava a sós com a Astrid havia algo de distante e convencional no meu carinho, mas ela estava habituada a isso nos períodos em que eu trabalhava intensamente, tal como reconhecia os sintomas da minha má consciência quando eu mimava demais os miúdos, preocupado como sempre que o meu trabalho egocêntrico me levasse a negligenciá-los

Para a Astrid, a minha vida intelectual fôra desde o princípio uma zona reservada em que nem pensara meter-se, fosse por deferência, para não me incomodar quando me debruçava sobre

os meus manuscritos frente à janela para os *Søerne*, fosse que os meus escritos não lhe interessassem especialmente. Nunca me ofendi com a sua falta de interesse pelo que escrevia, pelo contrário. Ao encontrá-la achei exactamente que me libertava do meu feitio “bicho do buraco”. Os seus gestos vagarosos e seguros, o sorriso enigmático e os olhinhos sorrateiros haviam-me salvado de mim próprio. Envolvera-me numa atmosfera de leveza despreocupada em que o dia mais encoberto nunca caía na chatice de uma trivialidade inevitável. Com ela, o quotidiano e as suas necessárias repetições transformavam-se pelo contrário num vibrar ligeiro de afazeres repetidos que giravam em torno de si próprios como propulsionados pelo calor entre nós. Nunca esperara que ela se metesse nos circuitos solitários do meu trabalho. Até porque só mantendo-se de fora podia continuar a ser o contrapeso das minhas abstracções, impedindo-me de perder completamente de vista o mundo real. A minha solidão intelectual era curiosamente o preço que pagava para não ficar sozinho. E exactamente por isso nunca pensava nela quando trabalhava, ao passo que pensava constantemente na Elisabeth ao escrever o meu livro. Pensar na Elisabeth e escrever sobre a escola de Nova York eram uma e a mesma coisa, não só porque ela pensara sobre eles o mesmo que eu, mas também porque pela primeira vez em muitos anos eu aspirava de novo que a vida e o trabalho se fundissem num único movimento ininterrupto. Eu fizera a experiência de que isso era possível, na efémera bola de sabão em que ela e eu passáramos os dias em East Village. As paredes finíssimas da bola haviam-se rompido, mas não podia esquecer o seu brilho furta-cores, nem afastar a ideia de fazer outra bola de sabão maior, que se aguentasse no ar. Há sonhos de um pormenor tal e tão reais, que continuamos a sonhá-los, mesmo depois de acordados. E continuava a pensar no que ela por uma vez ou duas me dera a entender, quanto a voltar para Copenhaga, abandonando-me cada vez mais a fantasias idílicas de

como viveríamos algures na cidade, ela pintando e eu escrevendo, e de como se daria bem com a Rosa e com o Simon. Era tudo muito bonito, e a Astrid estava sempre convenientemente fora de campo quando eu me entregava a essas alucinações auspiciosas.

Já antes de encontrar a Elisabeth, quando vivia em casa do cardiologista libanês em Brooklyn Heights, tivera dificuldade em me lembrar da Astrid com clareza. Recordava as situações habituais das diferentes alturas do dia, as mesmas de todos os dias, mas a sua figura era vaga, e se tentasse rememorar um primeiro plano dela, dava sempre com um desses retratos um pouco rígidos, encenados e demasiado conscientes, que escondem mais do que revelam. A minha ideia dela não era a recordação de certos momentos bem definidos, desligados do cintilante e instável caudal do tempo, dado que ela estivera continuamente presente desde que vivíamos juntos. Não a conseguia ver bem por ela estar em toda a parte. A recordação do seu rosto não se deixava isolar em imagens fixas separadas, mas fundia-se com a minha vaga recordação do próprio tempo, desse movimento contínuo através dos anos em que os contornos dos dias e das horas se apagam na luzente nebulosa da rapidez com que tudo se passara, connosco e à nossa volta. A Elisabeth, pelo contrário, ficava cada vez mais nítida desde que nos despedíramos no aeroporto John F. Kennedy umas semanas atrás. Sentada de olhos fechados e cabeça reclinada, na esplanada de um café frente a Tompkins Square, o cigarro entre os lábios fazendo no ar a sua volúvel caligrafia azul, e a sombra transparente do fumo desenhando um véu ténue sobre o seu rosto calmo ao sol. Frente ao cavalete, num contra-luz que dava às cores da tela um reluzir metálico, uma silhueta cinzenta com o cabelo apanhado como um turbante de caracóis soltos, de pernas nuas e traços de amarelo-crómio e vermelho-carmesim nas coxas. Sentada no chão numa nesga de sol face à janela, debruçada sobre as folhas do meu manuscrito que espalhara à sua frente, comendo um iogurte tão absorpta na

leitura que se esquecera de lamber o contorno branco que lhe acentuava o lábio superior arrebitando-lhe os cantos da boca num sorriso quieto, que ignorava. Via-a tão nitidamente de memória, observando os novos rebentos verdes das árvores defronte, ao longo do lago. Duas semanas mais tarde capitulei, e telefonei-lhe ao princípio da tarde, antes do Simon e da Rosa chegarem da escola. A sua voz estava pastosa de sono, eram sete da manhã em Nova York. Perguntei-lhe o que fazia. Disse-me que estava deitada com o gato em cima da barriga, e que ele dera conta de uma pomba que aterrara no peitoral. Disse-lhe que tinha saudades dela. Ela disse que também tinha saudades de mim. As palavras eram mais obstáculos do que outra coisa, só emperravam. Disse que tinha um contrato para expor numa galeria do bairro, e eu falei do meu livro. Era tudo tão insosso, comparando com o que pensara após a nossa despedida. Perguntou como era, voltar a casa. Eu disse que era difícil, que pensava muito nela. Também ela pensava muito em mim. Seria que falava a sério? Disse-lhe que iria a Nova York, não sabia bem quando, mas iria. Então vemo-nos, disse ela. Fez-se um silêncio ao telefone, um longo silêncio transmitido por satélite, ligeiramente ciciante, como se imagina o silêncio no espaço. Repeti que tinha saudades dela, mais para encher a pausa, para desembargar o silêncio que se alastrava entre nós dum lado a outro do Atlântico. Pouco depois desligámos.

Foi só depois da Astrid partir que comecei a vê-la tão nítida como vira a Elisabeth quando vim de Nova York, em imagens calmas e bem distintas. É o que me resta, as imagens, continuando a fixá-las com receio que também desapareçam. Mas quanto mais nítidas, maior o mistério. A história dela não é de modo algum a mesma que a minha. O padrão da minha história encobre a história que a Astrid me podia ter contado, se não tivesse partido; conto-a apenas porque não está cá, e quanto maior se torna, mais me afasta dela. Mas tenho de a contar para chegar ao ponto em que as palavras

se calam, nesse confim onde se rendem à distância entre a Astrid segundo o meu discurso subjectivo e a Astrid que se esconde por trás das imagens que tenho dela. A Astrid à varanda numa manhãzinha de Verão, olhando para além das árvores e do lago com um olhar distante, como que surpresa pela forma que a sua vida tomara. A Astrid no umbral do nosso quarto, já de casaco, olhando-me silênciosa segundos antes de se virar e desaparecer. A Astrid de óculos escuros, envolta pelos reflexos do rio como flocos de neve, sorrindo num pequeno cacilheiro do Tejo, frente à cidade. Os seus olhos impenetráveis, o seu sorriso ofuscante entre as casas minúsculas que se erguem atrás umas das outras nas colinas do Bairro Alto e de Alfama, no branco cru da luz baixa da tarde.

8

Passámos o Verão à beira mar, a Astrid eu e os miúdos. Ela combinara o aluguer da casa enquanto eu estava em Nova York, a mesma para onde fomos no primeiro Verão quando ela estava grávida da Rosa, e onde estivemos de férias umas vezes desde então. Era originalmente uma cabana de pescadores, de tecto baixo, a que no princípio do século se acrescentara um anexo de dois pisos para albergar famílias completas de banhistas, mobilada por várias gerações, o que lhe dava um aspecto intemporal como o mar frente às janelas dos seus inúmeros quartos diminutos forrados a papel desbotado, com camas que gemiam e soalhos que rangiam um pouco a areia. Fiz o que pude para mobilizar algum entusiasmo. Quando de novo me sentei na escada da ladeira entre as roseiras bravas, olhando o mar idêntico e vazio, era como se tivesse passado mais tempo, o que passara outrora desde que me sentara ali velando, depois da ambulância levar a Astrid para o hospital. Esteve quase a perder a Rosa, ou o que deu na Rosa, a penalta de dez anos, de tranças deslavadas e pernas morenas que corria lá em baixo atrás do irmão lançando-lhe alforrecas, aos gritos estrídulos e fingidos por ele a ter atirado à água. Ali me sentara outrora, naquela ladeira entre fragantes roseiras bravas olhando para os novelos de mar escuros, acendendo cigarros uns atrás dos outros, falando com a Astrid como se ela me ouvisse lá no hospital. Como se adiantasse repetir-lhe entre dentes as mesmas e poucas palavras, “aguenta, aguenta”. E agora estava pronto a deixar ir tudo por água abaixo. Pensava constantemente na Elisabeth, disfarçando o ultimar do livro sobre a escola de Nova York, justificando assim a minha irritabilidade e distração. Havia semanas que praticamente o dera por acabado, faltava-me só escrever um pequeno capítulo para concluir e rever o manuscrito uma vez mais. Mas fazia cera, ficando horas no meu quarto de trabalho debruçado sobre as últimas folhas passadas a limpo, frente aos *Søerne*, mais tarde sobre a pequena

mesinha de cabeceira camba frente ao mar preguiçoso e intensamente azul, enquanto os outros tomavam banho de mar ou de sol. Sentia-me mais perto da Elisabeth escrevendo sobre os pintores do nosso gosto, tal como me sentira mais perto dela em Copenhaga, por aí o aeroporto não ficar tão longe.

Ao fim de uma semana já a Astrid apresentava um bronzeado apetitoso, cheirando a vento e a sal quando se deitava ao meu lado. Eu continuava branco como um esqueleto, cheirando só a café e cigarros sem fim. Admirava-me a paciência dela, e até esta começava a irritar-me. Havia agora a Elisabeth entre nós, parecia que de vez. À noite, só mediante uma concentração extrema conseguia responder às carícias da Astrid, levando eventualmente a cabo um amor de rotina, para não levantar suspeitas. Mas era supérfluo, parecia suspeitar ser apenas o trabalho que me afastava dela, como de costume, tentando mesmo consolar-me, o que naturalmente me agastava ainda mais. Quando não pensava na Elisabeth, começava a achar que a Astrid no fundo nunca compreendera o que eu fazia. Era não só ignorante da minha traição como do mundo em que eu passava metade da minha vida, ao passo que eu falava amiúde dos filmes que ela montava, mostrando-lhe como os realizadores por vezes se inspiram na pintura para as suas composições. De repente parecia-me que não havíamos vivido juntos, mas ao lado um do outro, cada qual no seu próprio mundo, com os miúdos como único ponto de contacto. Deveria ficar com ela, só por causa deles? A meu ver isso implicaria que resignasse ainda mais e por fim me enclausurasse completamente nas minhas palavras e nos meus quadros, pois pouco a pouco só o padrão de repetições em que nos havíamos enredado um ao outro conseguia chamar-me à nossa realidade comum, em lugar da própria Astrid ou da minha vontade de alcançá-la que anteriormente dinamizara esse padrão do nosso dia-a-dia. Poderíamos ficar apenas amigos? Aceitaria a Astrid viver com um homem que amava outra?

Tive finalmente de me deter na minha justificação hipócrita. Amava de facto a Elisabeth, ou tornara-se ela apenas uma ideia fixa, uma miragem das minhas frustradas aspirações a outra coisa qualquer, a uma vida diferente, a um novo começo? E via-a ao sol em Tompkins Square, frente ao cavalete ou debruçada sobre as folhas do meu manuscrito, com iogurte no lábio superior, nítida, mas também enigmática. Imagens que me atingiam como uma dor. sem no entanto responderem à questão que me punha, que eu sabia haver uma só maneira de esclarecer. Desde o meu regresso que abordara uma ou duas vezes a hipótese de ter de voltar a Nova York para tirar umas dúvidas, mas os meus humores melancólicos e pataratas só começaram a aliviar quando a própria Astrid sugeriu que eu lá fosse de novo, onde tinha acesso directo aos quadros dos pintores sobre quem escrevia e onde trabalhara tão bem. Disse isso mesmo, e eu odiava-me ao beijá-la, odiava-me por a minha gratidão não se distinguir do desprezo condescendente e mudo que emergia em mim, sob o meu sorriso. Se calhar não era tão ingénua como eu a supunha, se calhar apercebera-se por fim do que se passava. Talvez a sua sugestão imprevista e generosa fosse apenas fruto da dignidade quase aristocrática que todos lhe admiravam e que acanhava o mais perverso novo-rico enjeitando com um sorriso atencioso qualquer tentativa saloia de a intimidar ou de a apanhar em falso e lhe abrir fendas na fachada fleumática. Talvez já tivesse repensado a situação com os seus botões, preferindo pôr-me à solta do que rebaixar-se a aguentar um homem cujo amor perdera. Até podia ser — pensei na sombra do meu quarto virado ao mar, nos ofuscantes dias de Verão — que ela também tivesse sentido a fadiga crescer como uma distância entre nós, extenuada como eu da repetição de tudo, deixando de estar a caminho de parte alguma, apenas rumo a um futuro que já não era tão imprevisível como o fôra. Talvez esperasse apenas com uma passividade enganadora que eu desse o primeiro passo. No estado

em que me encontrava era uma hipótese quase encorajante de que me valia como de um rebuçado que se chupa até se desfazer na boca, deixando apenas um vago sabor doce e pegajoso.

Uma tarde, enquanto os outros estavam na praia, liguei de novo para a Elisabeth. Estivera várias vezes quase para o fazer, mas desisti entretanto por causa do Simon ou da Rosa entrarem a correr ou perdi a coragem no último instante. Tornara-se demasiado importante, demasiado tenso, telefonar-lhe, comparado com a facilidade e leveza com faláramos de tudo o que nos passara pela cabeça durante as três semanas que passámos juntos. Retive a respiração ao ouvir a sua voz grave falar-me do outro lado com um sotaque nova-iorquino impecável, e ia responder-lhe quando me apercebi que era o seu atendedor de chamadas. Dizia que estaria ausente até finais de Agosto. Enquanto escutava a sua voz com o auscultador colado ao ouvido vi a Astrid aparecer lá fora entre os arbustos de rosas bravas, nua e morena sob o roupão aberto, rodopiando como uma criança o fato de banho molhado no ar, espalhando uma névem de gotas brilhantes em torno de si e dos arbustos por que passava. Não me viu, ao passar frente às janelas da sala, mergulhada nos seus pensamentos desconhecidos. A areia molhada colava-se-lhe às barrigas das pernas e aos tornozelos, e os seus belos seios gingavam docemente ao ritmo dos passos, um pouco mais claros do que as pernas e o rosto moreno. Por que não ia ter com ela? Porque não a raptava para o quarto mais recôndito da casa, nesta hora calma da tarde, enquanto os miúdos brincavam lá em baixo na praia? Porque não esquecia simplesmente esta história impossível, porque me agarrava ali ao telefone escutando o recado que a Elisabeth gravara para toda a gente, há semanas pela certa? Não me falara de viagem nenhuma. Mas talvez se tivesse decidido à última hora, era independente e podia tomar decisões de um momento para o outro. Partira só, ou acompanhada? De facto não sabia grande coisa sobre ela nem sobre as pessoas que

conhecia. Devia ver algumas pessoas, e talvez eu não fosse o único homem na sua vida. “Na sua vida”. A expressão parecia-me agora atrevida. Porque seria eu mais que um mero fulano com quem ela passara umas semanas na Primavera? Imaginava-a nesse momento atravessando o deserto de Mojave numa mota agarrada a um dos jovens artistas de óculos escuros, *blouson noir* e cansado da vida, que vira encostados num bar de East Village. E eu ali, sob um telhado de colmo, casado, burguês e a roído de saudades. Sem sequer ver o disparate cómico de ter ciúmes daquela com quem fornicara às escondidas da minha mulher.

Uns dias depois tive de ir à cidade falar com o meu editor. Em seguida fui à baixa ver um apartamento que vira anunciado num jornal de domingo. O proprietário, um jornalista barrigudo com suor no lábio superior, a partir do Outono residente em Moscovo, em princípio por um ano, queria subalugá-lo mobilado, dizia ele mostrando-me o apartamento. Tinha um gosto ascoroso, o que me encorajava de certa maneira, pois a mesa de vidro fumado e o sofá de couro mate apenas dramatizavam a minha tremenda e total determinação. Se a vulgar decoração se arrumasse um pouco, dava para a Elisabeth e eu termos cada qual o nosso quarto de trabalho, o dela até com uma pequena varanda virada a norte, e com boa vontade serviria de *atelier*. Admirava-me o meu arrojo e espírito empreendedor, inquirindo sobre as despesas de aquecimento e as condições do condomínio. Portava-me como se a Elisabeth tivesse não só decidido voltar para Copenhaga, assim como viver comigo, não obstante nem de longe ter a mínima razão para acreditar nisso. Quando o jornalista todo vaidoso me mostrou a casa de banho, chamando-me a atenção para as torneiras doiradas a condizer com os mosaicos castanhos e com a tampa de mogno da retrete, enxugou o suor do lábio e olhou-me com um ar jovial e entendido, como se houvesse auferido certas prerrogativas, agora que me mostrara como vivia. Se estava em vias de me separar; ou

tinha apenas necessidade de um ninho de amor discreto... Usou mesmo essas palavras; fiquei perplexo e ocorreu-me, como frequentemente me acontece, que a cabeça das pessoas talvez seja mobilada como as suas casas. Murmurei algo quanto a um sítio para trabalhar sossegado, agora que os miúdos haviam crescido e precisavam de mais espaço, mas grunhiu divertido que também não tinha nada a ver com o assunto. Não era só a casa de banho castanha, de repente senti-me também todo castanho por dentro. Pedi-me um número de telefone, mas respondi-lhe que estava para fora o resto do Verão e que o contactava mais tarde. “Boa sorte”, disse ele com um sorriso à queima roupa, um sorriso astuto e suado, de homem para homem, que se colou à minha cara embaraçada ao fechar-me a porta. Na estrada para o norte tentei convencer-me que o sorriso pegajoso do jornalista, tal como o seu interior castanho, não interessavam, o que acontecera entre mim e a Elisabeth não dependia do sítio onde estivéssemos. Mas qual era no fundo a minha ideia, como seria a nossa vida? Seria a Elisabeth “como uma mãe” para a Rosa, ela que nem os próprios sapatos sabia apertar? Seriam “amigas”, ela e a Astrid? Ocuparia o seu lugar nos jantares em casa de amigos comuns? Imaginá-la numa vivenda dos arredores do norte, de casaco de couro coçado sobre uma blusa desbotada, participando numa conversa mundana à mesa, parecia-me impensável. Na auto-estrada, ao sol da tarde que conferia aos carros sombras longas mas estranhamente comprimidas no asfalto brilhante, apercebi-me não ser só a Astrid que eu estava a deixar, mas toda a minha vida. E talvez não fosse apenas a Elisabeth que me obcecava, mas também a ideia de largar tudo. Voltar a ser ninguém e deixar atrás de mim tudo o que eu fosse para os outros, como uma cobra a mudar de pele. Vontade de sentir de novo o ar vazio nos poros, e respirar a vertiginosa sensação de tudo ainda ser possível, como se as minhas contas com o futuro ainda não estivessem feitas.

Era a noite de S. João. Esquecera-me completamente que a Astrid fizera uns convites, e já se haviam sentado à mesa com os aperitivos entre as rosas bravas frente ao mar, o conservador, a sua mulher e a minha mãe. Ele ergueu o copo ao avistar-me, num gesto sorridente de *bon vivant*, e a minha mãe deu um grito delirante, como se o próprio Pai Natal chegasse com meio ano de atraso. Voltei-me, a Astrid vinha da sala com um tabuleiro de acepipes, deu-me a face para um beijo e fitou-me com um olhar entendido, como a desculpar o exagero teatral da minha própria mãe. Sorri, julgara que eu tivesse fugido. Desatei a rir da sua ligeira ironia, e sentei-me com os outros. Era o pôr do sol, já não havia ninguém na praia e as sombras começavam a encher as cavidades na areia desde sempre pisada por milhões. Avistei duas pequenas silhuetas no mar, negras no contra-luz dos reflexos doirados sob o horizonte. Pouco depois subiam a praia saindo da água, eram o Simon e a Rosa. Pensara mesmo deixá-los? Como se o tempo de tudo começar já não tivesse passado há muito, a total e incólume franqueza perante tudo o que era possível. Agora era deles, essa franqueza, não minha, tal como atravessavam a praia todos molhados, brilhando ao sol baixo. Como poderia jamais encontrar palavras para lhes explicar por que os deixava antes do tempo? Antes do tempo em que eles próprios nos deixariam para descobrirem quem haviam de ser. O conservador propôs que déssemos um mergulho antes de cearmos, e fui buscar o fato de banho. Da janela via o pequeno grupo frente à casa. O Simon e a Rosa estavam tiritando envoltos numas toalhas como capas, contando qualquer coisa com os lábios azuis e os cabelos a pingar, enquanto a Astrid lhes esfregava as costas e a minha mãe se inclinava para ouvir o que diziam, com aquele ar demonstrativamente pedagógico que sempre punha quando falava com crianças, como se fossem atrasados mentais. A Astrid olhou para mim admirada ao ver-me de toalha ao ombro e calções de banho, todo desportivo. Crispou os lábios, e sorriu com os seus

olhos semi-cerrados. Que tivesse cuidado, não fosse constipar-me.

A água estava de facto fria. O conservador é daqueles que usa o “método do merceiro” ao aventurar-se no primeiro banho do ano. Apanhava a água com as mãos em concha, e esfregava depois os braços e a barriga antes de mergulhar cuidadosa e verticalmente o corpo na superfície. Pela parte que me toca, gozo a altura sufocante em que a água se fecha à minha volta como uma enorme mão gelada, e nadei rapidamente até ao baixio para me aquecer, cego pelas bolhas de água entre as pestanas. Quando ele chegou à minha beira estava esfalfado. Deitámo-nos a flutuar como dois convivas que se instalam na biblioteca após o jantar, cada qual no seu canapé. Se encontrara alguém interessante em Nova York? Não tirara os óculos, que reflectiam agora o sol, e lhe escondiam os olhos. Respondi que me fechara em casa a maior parte do tempo. Ele deu-me o seu sorriso matreiro. Telefonara à Elisabeth? Disse-lhe que havíamos tomado um café juntos, e comecei a nadar para o molhe de pedregulhos e estacas que protegia a pequena enseada onde os pescadores outrora arrastavam os barcos para terra. Não me agradava que ele a tratasse apenas pelo primeiro nome. Nadou atrás de mim. Muito simpática, não era? Voltei-me, parando de nadar. Muito simpática, respondi, forçando descontracção. E de facto com talento, como ele dissera. Já falara demais. Então vira o seu trabalho? Eu tinha o sol nas costas, e devia para ele ser apenas uma silhueta frente à silhueta do molhe, mas sorriu não obstante, como se tivesse lido a minha cara. Estava certo de que ela seria exactamente o meu tipo. Que queria dizer com isso? Sorriu de novo. Que não me preocupasse, ficava entre nós, então não éramos amigos? Nadei para o largo, ele acompanhou-me, e aproximou-se. Não havia razão nenhuma para me envergonhar disso, um belo rapaz como eu, sozinho em Nova York, pelo contrário. Aliás que eu não era o único a apreciar o seu talento. Ele próprio dera-lhe muito prazer, como muitos outros, pois pelos vistos ela gostava de

homens. Comecei a nadar para terra. Via os outros sentados em frente da casa, mas só como pequenas figuras, o chapéu enorme da minha mãe, o cabelo escuro da Astrid ao debruçar-se para servir vinho. O conservador deu-me uma pancadinha cordial no ombro enquanto nos secávamos na praia. Dava-lhe gosto, que me tivesse divertido. Ergueu os óculos ao céu para limpar as lentes com a toalha, cerrando os olhos míopes na minha direcção. Qualquer um teria feito o mesmo.

As rosas bravas pareciam flores de papel japonesas no ar azul-alfazema, após o sol desaparecer no mar calmo que reflectia o céu da noite numa claridade esverdeada sob o horizonte. Enquanto comíamos, a mulher do conservador quis saber do meu livro, e falei-lhe por alto da escola de Nova York e dos seus pintores. Tudo o que eu dizia soava superficial e óbvio, mas ela aprovava energicamente, e eu perguntava a mim mesmo, se era tudo o que tirara dos últimos meses de trabalho, esse punhado de banalidades ufanas e estafadas. Tal como a Astrid, ela não fazia a mínima ideia do que o homem lhe fazia pelas costas. Ignorava também a existência de portas e alçapões camuflados na sua vida aparentemente harmoniosa e confortável. Em frente, a minha mãe confiava ao conservador até que ponto se tivera de confrontar com os lados mais ocultos e dolorosos de si própria durante o estudo do seu último papel, e ele inclinava respeitosamente a careca escutando com o seu sorriso mais manhoso e convincente, quase como se tencionasse seduzi-la. O olhar intenso dele tornava-a ainda mais calorosa e empolgada, torcendo as mãos na descrição do calvário de uma actriz de teatro obrigada a expor o íntimo da sua alma ao público à boca da cena, todos os dias. A Astrid ia e vinha com o Simon e a Rosa quando havia mais um prato a servir ou talheres a mudar, apanhando o meu olhar de relance, como que contente por enfim me ver de volta à superfície após o longo período de estranheza e recolhimento. Olhei de esguelha para o

conservador, enquanto entretinha a mulher com as fases da evolução do Jackson Pollock. Ainda hoje tenho dúvidas se a Elisabeth me mentiu ou não, quando lhe perguntei se fôra para a cama com ele. Se o que ele dissera enquanto nadávamos ao pôr do sol era verdade, libertino declarado como era, talvez fosse a razão pela qual uns anos mais tarde se sentiu no direito de pôr a mão no joelho da Astrid ao levá-la a casa depois de um jantar em casa de amigos comuns, estando eu para fora. Talvez lhe tivesse mesmo falado da Elisabeth e de mim, legitimando o ímpeto da sua mão no joelho dela. Nesse caso, a Astrid soubera esconder-me o que sabia. Mas nessa noite de São João, tivera a certeza que quem mentia era ele. E mesmo que houvesse um grão de verdade nas familiares confissões que me fizera, eram de bar ou de estábulo, nada tinham a ver com as três semanas que eu passara em East Village com a Elisabeth, pairando na nossa bola de sabão transparente, longe de tudo e de todos, apenas absortos um pelo outro e pelo nosso trabalho. E mesmo que ela tivesse passado uma noite com o conservador, por improvável que fosse, tal não podia ter significado tanto como o tempo que passáramos juntos. Ou por outra: o nosso tempo juntos não podia significar tão pouco. Pensava assim falando mecanicamente de Jackson Pollock, observando alternadamente a careca do conservador e os caninos do seu sorriso matreiro, os meigos olhos de vitela da sua mulher, e o vincado rosto dramático da minha mãe, onde cada trejeito se deformava numa caricatura exagerada, como se quisesse também convencer a si própria que pensava e sentia de facto o que dizia sentir e pensar.

Mais tarde fomos até à fogueira que alguém, como de costume, acendera ao fundo da praia. Eu levava a Rosa às cavalitas, se bem que já fosse grande e pesada demais para isso, e ela agarrava-se ao cabelo quando eu tropeçava na areia. Queria que eu fosse mais depressa, as labaredas já chegavam às saias da bruxa, e ouvi a Astrid e os outros rirem-se atrás de nós quando comecei a correr

para a fogueira com a Rosa empoleirada lá em cima aos gritos. Havia agora muita gente na praia, era quase como na *Straget* ao sábado de manhã, e à medida que avançava reconheci umas caras entre os vultos morenos vestidos de branco, rastos luminosos no crepúsculo azul, como as fímbrias de espuma do mar na praia. À distância não se viam bem os rostos, que quase se fundiam com o escuro pinheiral atrás das dunas, e parecia que os vestidos e fatos claros se moviam por si próprios, entrando e saindo uns pelos outros como anônimos fantasmas perdidos, falando e rindo. Terreno movediço, pensei eu, e juntei-me aos que já estavam em torno da fogueira. As chamas iam altas, e a claridade vacilante do fogo anulava à primeira vista todas as diferenças entre os rostos em volta, vermelho-acastanhados lembrando as estátuas em terracota dos guerreiros chineses de que vira uma fotografia, milhares de guerreiros em tamanho natural, descobertos durante as escavações de um túmulo imperial, cada qual com os seus traços individuais mas no entanto semelhantes, na cor uniforme da sua tês. Senti as mãos da Astrid nas ancas, e ouvi a minha mãe rir alto de algo que o conservador lhe dissera. O Simon estava do outro lado da fogueira falando atencioso com um homem de cabelo grisalho que, tal como eu, levava uma miúda aos ombros, e reconheci logo o seu pai, o realizador de cinema. Também viera para ali no São João, como toda a gente, e não me admirava nada se de repente me surgissem a Inês e a Elisabeth entre as mulheres de vestidos claros e maçãs do rosto morenas e rubras, semicerrando os olhos ao calor da fogueira. A Astrid tirou-me a Rosa dos ombros dizendo que ia para casa deitá-la e pôr a água a ferver para o café. Naturalmente não tinha vontade de estar com o realizador de cinema que nesse momento conversava o filho do primeiro casamento, enquanto a filha mais nova lhe arrepelava os cabelos e a jovem mulher do outro sorria tímida atrás dele. Iria eu dar nisto, num São João dai a uns anos, com uma nova criança aos ombros e a Elisabeth

escutando-me timidamente a perguntar à Rosa pela escola, um pouco estranha e acanhada pelo nosso encontro imprevisto?

No dia seguinte o tempo estava encoberto. Quando acordei já o conservador e a mulher se tinham ido embora. Pela janela via a minha mãe sentada em frente da casa lendo em voz alta para a Rosa, com uma dicção nítida e dramática, como na Rádio, mas parecia de facto gozar o papel de avó, sentada no banco entre as rosas bravas com a miúda ao colo e um lenço desbotado sobre o cabelo tingido, como uma camponesa russa. A Astrid e o Simon apareceram no relvado, ela perguntou se a Rosa queria ir às compras com eles e pouco depois saíram os três de carro. A minha mãe ficou sentada no banco com o livro fechado no regaço, olhando para o mar cinzento e verde-garrafa, com zonas escuras onde as algas cobriam o fundo de areia. Já nem me lembrava de a ver sentada assim, a sós consigo mesma, passiva e quieta, o rosto descontraído repassado de rugas. Ainda se via que fôra bela, mas frente ao mar, sem se julgar observada, não fazia qualquer esforço para disfarçar as bochechas e os descaídos cantos da boca que beijara tantos homens e articulara tantas frases feitas por tantos escritores. Bebi uma taça de café morno na cozinha e fui ter com ela. Sorriu tranquilamente, mas não disse nada. Fiquei parado a ver a praia deserta lá em baixo e a indolente ressaca cinzenta típica do vento de terra. Perguntou-me então se dávamos uma volta. Não havia ninguém. Fomos pela areia húmida e firme da beira mar, passámos o molhe e os restos carbonizados da fogueira, continuando para oeste ao longo do pinhal sem quebrar o silêncio entre o desfazer abafado das pequenas ondas. Chegavam só ao declive da praia, retirando-se logo, e a areia reflectia apenas por momentos a luz cinzenta, antes de absorver a água e de novo ficar mate e granulada. Já íamos assim há um bocado, quando finalmente ela se virou para mim.

Espantou-me sempre, anos e anos a fio, até que ponto esta

mulher vaidosa e superficial é perspicaz. Não lhe posso esconder nada, e nem desta vez conseguira. A sua voz, baixa e perfeitamente calma, era quase meiga, sem o drama do costume, quando me perguntou se andava com outra. Tentei defender-me, mas só por vergonha. O que a levava a crer tal coisa? Sorrii, mas sem malícia. Se eu não quisesse, não insistia no assunto. Reconheci que mais valia render-me, e disse não saber o que fazer. Respondeu que me enganava, que sabia muito bem o que fazer, e exactamente por isso hesitava. Que queria dizer com isso? Pegou-me na mão e puxou-me para o lado antes que uma onda me chegasse aos sapatos. Também hesitara, quando deixara o meu pai, embora eu talvez não acreditasse. Sabia muito bem que eu nunca lhe perdoara, e desde o princípio soubera que teria de assumir isso. Soubera o que fazia, e por isso mesmo hesitara, por saber o que tinha de fazer, e que pagaria caro. Era uma réplica patética, mas não havia nada de patético na sua voz excepcionalmente. Perguntou-me se lhe dizia quem era. Hesitei um pouco, sobretudo por não saber por onde começar. Então contei como encontrara a Elisabeth, do estranho e claro comprimento de onda que logo sintonizáramos e como durante anos, sem sabermos um do outro, havíamos captado o mundo na mesma frequência. Falei-lhe da pintura dela e das nossas semanas no espartano apartamento de East Village, e de como ao encontrá-la me dera conta do abismo que se cavara em mim, o velho abismo que se reabriria durante os últimos anos, embora eu o julgasse passado à história, e que eu agora com a Elisabeth de novo superara, ficando pela primeira vez em muitos anos totalmente presente, aberto a tudo o que eu era. A minha mãe sorria apenas, enquanto eu falava, até que me calei de novo, por o carácter anónimo das palavras as tornar de repente imprecisas, insuficientes e vãs. Pegou-me no braço ao atravessarmos as dunas e passamos pelos pinheiros mansos que o vento domara, rastejantes e corcovados mas perseverantes nas suas ramificações disformes e

convulsas. Ao ver estes pinheiros expostos ao vento e ao tempo, não sabia o que me impressionava mais, se a sua aberração, se a tenacidade com que vingavam apesar de tudo. Já não se ouvia o mar, apenas o vento intermitente através das agulhas firmes e pegajosas das árvores verde-acinzentadas.

Mas como era ela? Olhou-me séria, quase sinistra. Falei-lhe do contraste entre o seu cabelo à Botticelli e o rosto anguloso, o corpo magro e desengonçado, entre a vida de asceta que levava e a sua extrema sensibilidade às superfícies e cores das coisas, quer fosse uma rosca enferrujada que me oferecera numa rua do Soho ou uma abóbora que comprara numa mercearia da Avenue A. só para a pousar na mesa e a apreciá-la com os dedos longos e nervosos. E contei-lhe como alternava entre o raciocínio mais abstracto, frio e consequente, implacável mesmo, e irrupções brincalhonas, quase infantis, como quando me acordara a meio da noite para irmos ver o nascer do sol a Brooklyn Bridge. No fundo conhecia-a mal, e não era uma dessas obsessões eróticas no sentido banal do termo, nem nada do outro mundo quando nos extenuávamos febrilmente um ao outro no seu rijo futon. Se não a conseguia esquecer, era sobretudo porque tudo à minha volta, — os movimentos, os lugares, as coisas, a luz e as sombras, — tudo despertava em mim o velho desejo de ficar apenas presente, aí e nesse momento, no meio do mundo, quando estávamos juntos. Como se acordasse de um longo sono e me encontrasse exactamente onde sonhara estar. Via pelas sobranceiras da minha mãe que até ela achava isso um pouco exagerado. Mas era mesmo assim, insisti, fôra assim que acordara a seu lado, como se houvesse dormido dez anos desde que a Inês me deixara e eu me despachara a montar casa com a primeira que me aparecera. Olhou-me longamente, acendendo um cigarro e expelindo o fumo pelo nariz. Disse-lhe que era proibido fumar ali por causa do perigo de incêndio, e inclinou a cabeça sacudindo a cinza do cigarro,

deixando-a cair na caruma cor de ferrugem que cobria o carreiro de areia. Proibido, a sério? E parou. Não fôra a Elisabeth também a primeira que aparecera, após dez anos de mulher e filhos? Tinha de o admitir. Qual era a diferença então? O tempo, apenas? O tempo e o tédio? Sorriu sarcástica. Não fôra então a leveza de espírito da Astrid e a sua cara encantadora tão sensacional como eram agora os caracóis à Botticelli da Elisabeth, e a sua queda para o raciocínio abstracto? Eu parara a olhar para os meus sapatos. No fundo até éramos parecidos, disse ela, atirando o cigarro fora, apagando-o com exagero, olhando-me de soslaio. Então o guarda florestal ficava satisfeito? Continuamos pela senda dos pinheiros contorcidos, entrando no bosque.

Talvez não acreditasse, mas ela contara de facto que isto acontecesse. Eu era complicado demais para uma mulher como a Astrid, e não o dizia por maldade, nem pensar. Era mesmo uma rapariga maravilhosa. Pelo contrário, rezeira que eu um dia a magoasse. Desde criança trazia em mim uma sombra interior que escondia dos outros, um buraco que assim se tornara cada vez mais denso e impenetrável, não só para os outros como para mim próprio. Parecia uma réplica das peças de teatro na televisão, que eu desligava mal ela aparecia no ecrã. Antigamente julgara ser culpa sua, ter-me refugiado nessa sombra onde me escondera tanto tempo que já nem a mim próprio enxergava. Mas concluíra aos poucos que era tão culpada pelo meu feitio reservado e enigmático como o seria por eu ter herdado o seu nariz e os seus olhos. Que lhe desculpasse, mas já há muito não se sentia culpada de ter deixado o meu pai. Se agora me entendia, era só pelo facto da decisão que eu hesitava tomar ser a mesma que ela tomara outrora. E que não contasse que essa Elisabeth me facilitaria a vida. Talvez que para ela se tratasse apenas de uma história, enquanto eu tirara umas férias da minha rotina matrimonial. Conhecia-me, sabia muito bem que eu levava sempre tudo muito mais a sério do que os outros.

Ela não deixara o meu pai por se haver apaixonado por outro, mas por não conseguir continuar a fazer de conta. Essa Elisabeth tão espontânea, tão intelectual, tão ascética e sensual, essa Elisabeth não era mais do que um pretexto, tal como o haviam sido os homens que ela mesma tivera, e eu que metesse isso bem na cabeça, antes de mais. Sabia bem do que se tratava, tinha o mesmo problema que eu, a mesma sombra dentro dela. Que eu não acreditava pela certa, sabia muito bem que a desprezava por causa da sua atitude e ares de prima-dona, mas era a sua maneira de sobreviver. Que conhecia muito bem o escuro por onde eu andava às apalpadelas como um cego. Conhecia bem essa espera impaciente por alguém, por uma pessoa completamente estranha que lhe abrisse a porta do escuro à luz do dia, descobrindo no fundo quem ela era. Mas já esperara muitos anos e descobrira por fim que essa pessoa não existe. Temos nós mesmos de sair do buraco, uma vez por outra pelo menos, se o escuro lá dentro se faz ainda mais denso e impenetrável. Fôra exactamente o que fizera, ao pisgar-se do camelo jeremias do meu pai, escolhendo a liberdade *à tout prix*. E era o que eu estava em termos de fazer, se conseguisse arranjar coragem para deixar a minha admirável mulher e os meus belos filhos, a vida cómoda e agradável que me sufocava. Mas a decisão era minha, e não se falava mais no assunto.

Nunca estive assim com a minha mãe, nem antes nem depois. Mesmo a sós, nunca voltámos ao “assunto”. E foi como ela disse, e como o Conde de Monte Cristo dizia no capítulo que li ao Simon e à Rosa nessa noite: “Há dois remédios infalíveis contra todos os males – o tempo e o silêncio”. Ao chegarmos a casa, a Astrid tinha já o almoço pronto, e a minha mãe exaltava-se de novo como de costume. Os arenques fritos eram um manjar dos deuses, a Astrid nunca estivera tão “magnífica” e havia de todo em todo montes de coisas que “nunca” haviam sido tão fascinantes, horríveis, fantasticamente espantosas, e assim por diante, rumo a novos e

vertiginosos cúmulos. Estávamos exaustos, quando ela uns dias mais tarde foi obrigada a regressar aos seus ensaios, como se os realizadores e restantes actores apenas perdurassem na expectativa de serem humildes e agradecidas testemunhas do seu divino talento. Quando mais tarde recordei a nossa conversa desse Verão na praia e pelo bosque, admirei-me de tudo o que ela captara, e do pouco que compreendera. As suas palavras haviam-me atingido em cheio, mas não podia abstrair o facto de ser ela quem mas dissera. Tentara aliviar a má consciência fazendo-me seu cúmplice, sublinhando que nos parecíamos um com o outro? Ou contara absolver-se a meus olhos, se eu lhe repetisse o velho agravo? Por que era tão imperativo que eu deixasse a Astrid e os miúdos? Gabara-se de ter apenas seguido o seu caminho, sem o ter feito por causa de homem nenhum; mas por causa deles todos certamente, sendo de facto verdade ter agido de acordo com o seu próprio desassossego. Desde que deixara o meu pai, nunca passara mais de quinze dias sem, no mínimo, ter pelo beicinho um adorador que alternadamente acolhia ou expulsava. Só quando a idade lhe começara a pesar a sério aprendera a estar só, e talvez fosse à sua recente solidão involuntária que durante o nosso passeio tentara incutir um certo heroísmo *a posteriori*, falando de si como de uma Nora¹⁵ que deixara o seu Helmer por pura necessidade. Só que neste caso fôra Helmer a dar o fora, e Nora que ficara com a casa de bonecas, de que fizera um bordel. Se tivéssemos falado outra vez do que acontecera em Nova York nessa Primavera, ter-me-ia com certeza criticado por não haver deixado a Astrid, desprezando-me pelo que certamente considerava cobardia da minha parte. Mas escolheu como eu entregar o meu pequeno problema ao tempo e ao silêncio, e com os anos até suponho que se esquecera do que faláramos e até de termos dado uma volta pela praia e pelo carreiro dos pinheiros mirrados.

Passou o Verão, e fui escondendo cada vez melhor o meu desassossego. Estava tudo aparentemente como de costume. A

Astrid parecia convencida de que era apenas a minha “crise de escrita” que me atribulava e acabrunhava de vez em quando. Até me perguntou quando tencionava ir a Nova York acabar o livro, e respondi que Setembro seria boa altura, já que em Agosto fazia calor demais. Aprendi a viver com a minha infidelidade, e a neutralizar o insidioso desprezo por ela que continuamente me tentava e se facultava como uma alternativa à minha má consciência. Esse secreto e repugnante desprezo pela confiança que ela tinha em mim, que me fazia indiferente às suas carícias. Combatia-o, tentando pelo menos reencontrar uma ternura neutra e fresca, por causa de “tudo o que tínhamos vivido juntos”. E tentava proteger essa ternura contra o meu desejo culposamente fazendo amor com violência, brutalidade mesmo, como que afugentando a ferro e fogo a memória da Elisabeth, durante meia hora pelo menos. Conseguira assim aos poucos cindir-me em mundos diferentes, e evitar curto-circuitos. Talvez seja verdade o que se diz, que a gente se habitua a tudo. Talvez também ajudasse pensar na hipocrisia da minha mãe falando da “leveza de espírito” da Astrid, de como eu era complicado demais para uma mulher como ela, elevando-a aos píncaros um quarto de hora mais tarde com os seus exaltados e falsos cumprimentos do costume. A maneira como falara da Astrid pelas costas solidarizava-me com a mulher que havia traído, e nas semanas seguintes fui especialmente atencioso, por vezes mesmo carinhoso, como se ela estivesse doente sem o saber. Levantava-me cedo, deixava-a ficar a dormir, ia nadar ou brincar com os miúdos enquanto ela tomava banhos de sol, e se o tempo estava encoberto dávamos todos uma volta de bicicleta pelo bosque. Havia alturas em que me dava conta de nem sequer ter pensado na Elisabeth, e era especialmente ao fim do dia, quando tudo se acalmava à minha volta e me sentava nos degraus entre as rosas bravas olhando para o mar no crepúsculo infindo das noites de Verão, que a casa de novo me parecia estranha e me sentia estrangeiro ali.

A mesma sensação esperava-me ao abrir a porta do nosso apartamento, quando tive de ir à cidade tratar de uns assuntos. Estava vazio há mais de um mês, e ao sentir o ar abafado e poeirento pensei que não o deixara só pelo Verão. Já parecia um sítio que eu deixara de vez. Marquei o número da Elisabeth, lendo os títulos do jornal amarelecido do dia em que partíramos para o norte. Desta vez não atendera o automático, e já ia desistir quando ela finalmente respondeu. Parecia esfalfada, vinha a subir as escadas quando o telefone tocara. Era bom ouvir a minha voz, recebera esquecê-la. Há uma semana que regressara do México, onde estivera de férias na península do Yucatán, sozinha, fôra horrível. Apanhara uma diarreia e ficara de cama num hotel imundo cheio de baratas do tamanho de tatús desejando que eu lá estivesse, pensando se jamais teria notícias minhas. Ri-me para comigo das minhas fantasias ciumentas ao imaginá-la atravessando de mota o deserto de Mojave, agarrada a outro. Disse que estava tanto calor e tão húmido em Nova York como no México, não se podia estar em parte nenhuma, não conseguia fazer nada, aparte deitar-se nua debaixo da ventoinha eléctrica do tecto, a bufar. Eu estava mesmo a vê-la, o seu cabelo enorme espalhado no lençol, as vértebras salientes sob os seus pequenos seios, as suas pálidas pernas compridas, os seus pálidos e intrépidos olhos cinzentos. Ficara de novo presente, não só em pensamento, como uma ideia, mas tal como era, de carne e osso. Disse-lhe que em breve nos veríamos. Então ia a Nova York? Pareceu-me contente, mas surpresa também, talvez julgasse que eu tivesse outra razão de lá ir, que convenientemente nos desse ocasião de nos vermos. Eu disse que não podia passar sem ela, que pensara muito no que acontecera. Após uma pausa, disse-me que também pensara muito nisso, e parecia mesmo pensativa. Quando ia? Em Setembro, disse eu, em Setembro. Não mencionei sequer o apartamento que tinha visto. Uma coisa de cada vez. Talvez receasse assustá-la, talvez já me apercebesse que era um castelo no ar, esse

castelo de azulejos castanhos na casa de banho. Não sabia ainda se a Elisabeth seria apenas o pretexto de que a minha mãe falara, uma desconhecida ao acaso que inadvertidamente me abriu a porta do quarto escuro, e a luz me inundara e ofuscara. Tinha de a ver outra vez para saber, pensei, murmurando-lhe umas meiguices à despedida. Como se fosse algo que se visse...

Numa tarde de Setembro aterrei de novo no aeroporto John F. Kennedy. No átrio de chegadas não via a Elisabeth em parte nenhuma, e fiquei preocupado, se ela ouvira o recado que lhe deixara no atendedor automático antes de embarcar. Estaquei na torrente de passageiros aos empurrões impacientes, olhando em volta desconsolado, quando uma mulher sorridente veio ao meu encontro. Foi o sorriso que reconheci primeiro. Cortara o cabelo ondulado e loiro, que agora só lhe chegava a meio do pescoço, estava de saia e casaco preto cintado, e com sapatos de tacão que a faziam meia cabeça mais alta do que eu. Nunca a vira de saia, nem tão bem vestida, e enquanto nos abraçávamos lembrei-me de repente da elegante mulher de preto que eu uma tarde observara à socapa no jardim de esculturas do Museum of Modern Art. Seria por minha causa que se vestira assim, para neutralizar o contraste entre a maltrapilha boémia e o seu amante burguês bem vestido? Para me provar que também se orientava no meu mundo, que estava pronta a seguir comigo fosse para onde fosse? Ou fôra outro que lhe ensinara a vestir-se? Para agradar a outros olhos confiantes? Ficámos assim imóveis num longo abraço, no meio da confusão de gente e bagagens, e cheirei o estranho e inesperado perfume do seu pescoço. No táxi riu-se da minha surpresa enquanto lhe acariciava a nuca delgada e nua, e ela me perguntava pelo meu livro e falava da exposição que fizera e da viagem ao Yucatán, que agora soava como uma longa aventura exótica sem qualquer incómodo intestinal. Era de repente tudo muito concreto, ao atravessar Brooklyn de táxi, falando de tudo um pouco, concreto

demais. Estava quase assustadoramente bela na sua nova e distinta elegância, que me inquietava como uma advertência de que não seria talvez o que eu esperava que fosse, se bem que se chegasse a mim, encostando a cabeça à minha. E houve ao princípio uma certa euforia, como se nos vingássemos de todos e de tudo o que nos últimos meses nos impedira de estar juntos, quase nem podíamos esperar que o táxi parasse frente à sua porta. Não nos largámos até lá para a noite, suados e esfalfados. Ela foi para a casa de banho e eu fiquei deitado, exausto da viagem e do nosso febril reencontro. O gato andava silencioso pelo enorme soalho nu, cheirando circunspecto as nossas roupas espalhadas. Ouvia a água correr lá dentro, primeiro dura e metálica, depois mole e borbulhenta, à medida que a banheira se enchia. As torneiras enferrujadas chiaram e fez-se silêncio. Agora eram as sirenes da polícia ao longe, o alarido espanhol da rua e os carros que passavam lá em baixo latejando música *tecno* por trás de janelas fechadas. Estava uma noite quente. Por uma janela aberta do prédio em frente via-se um homem fazendo a barba às três da manhã, por outra chegava-me um tango lento, e reconheci o bandoneon apaixonado de Astor Piazzolla. A última vez que o ouvira fôra já há muitos anos. Quando entrei na casa de banho a Elisabeth estava deitada na banheira com o rosto coberto por uma pequena toalha de felpo. A água esverdeada deformava-lhe um pouco o corpo, fazendo-o plano como uma fotografia, e o felpo húmido colava-se-lhe ao nariz e aos olhos como uma máscara. Sentei-me na borda da banheira. Disse-lhe que pensara no que me dissera algumas vezes. Quanto a mudar-se para Copenhaga. A torneira pingava, e as gotas mediam o silêncio ao bater na água. Os pequenos círculos abalavam a superfície apagando a imagem do seu corpo esguio e quieto. Disse que a amava, que era com ela que queria estar, e que decidira a deixar a Astrid, mas as gotas continuavam apenas contanto os segundos, *ploc, ploc*, um segundo de cada vez, como é costume com

os segundos. Puxei cuidadosamente pelo canto da toalha debaixo do queixo, pondo-lhe o rosto à vista. Estava de pálpebras fechadas e assim ficou um bom bocado, até que as abriu fitando-me com os seus pálicos olhos cinzentos.

As nossas horas juntos, mesmo as mais preciosas, não tinham afinal tido consequências de maior. A percepção inesperada, a intimidade espontânea nos momentos isolados não tinha afinal sido nenhum pacto nem promessa de momentos futuros. Não se haviam de ligar entre si, esses instantes, não formariam qualquer história senão daquelas que estão sempre a acabar e a recomeçar de novo, até quebrarem a meio de uma frase, tão inesperadamente como eu lhe pegara na mão cinco meses atrás, olhando para o Hudson. Sete anos mais tarde, estava eu absorto frente às suas impassíveis abstrações monocromáticas numa galeria do Soho, quando um homem da minha idade veio ao meu encontro e me perguntou se já conhecia o trabalho dela. Respondi-lhe que era um velho amigo, mas que havíamos perdido o contacto. Ele apresentou-se como seu agente, e ficámos na conversa. Vivia agora numa casa de campo em Vermont, com o marido e o filho. Ele era escultor, de grande talento. Acenei interessado. O agente mostrou-me então uma fotografia que tinha na parede atrás da secretária, no escritório das traseiras. Era tirada ao fim da tarde, com flash, logo após o pôr do sol, frente a uma casa de madeira pintada de branco. Havia um contraste estranho entre a luz do flash e a claridade sulfúrica do céu à esquina da casa. Fez-me lembrar as solitárias casas americanas de Hopper ao entardecer. Tinham todos olhos vermelhos, o miúdo de cabelo preto com uma luva de baseball e braços morenos, o homem barbudo de tês escura com as mãos nos ombros do rapaz, e a Elisabeth a seu lado, num vestido de Verão fora de moda com florzinhas, inclinando a cara que tocava a do homem. Ainda de cabelo curto, e só um nada mais velha. Sorria, olhando para a máquina com as suas pupilas vermelhas.

Não mudara grande coisa, a mulher sorridente, mas não era a mesma que numa noite de Setembro sete anos atrás, deitada na sua banheira me fitara com olhos vidrados, cinzentos. Admirava-me ter estado prestes a dismantelar a minha vida para viver com ela, mal nos conhecendo, e tendo apenas passado umas semanas juntos na Primavera. Não fôra preciso mais do que isso para abalar o débil conceito que eu tinha de mim próprio e da minha inerência, conceitos sem peso, como imagens e palavras.

Doeu é claro, mas nem tanto como contara, quando ela com deferência me explicou não ser bem a sua ideia; não por causa de outro com quem preferisse estar, mas simplesmente por se sentir bem como estava. Decidira de resto ficar em Nova York. Até deixou cair uma lágrima em honra da bela história que eu inventara para nós. Beijei-lhe a cara e compus-me. Teria o conservador afinal razão? Seria eu apenas mais um na série de homens que se empurravam impacientes numa bicha que chegava dali à First Avenue? Nunca o soube, e já não tinha importância. No dia seguinte instalei-me num hotel barato em Little Italy, mas ainda nos vimos umas vezes, jantando fora e falando como dantes da escola de Nova York e de tudo o que nos vinha à cabeça, exactamente no mesmo comprimento de ondas. E não fôra eu ter desequilibrado a balança com os meus drásticos e inoportunos planos de futuro, ainda tínhamos dado umas voltas no seu futon durante o resto da semana, contemplados pelo seu gato indiferente, pois até gostava de mim, havia mesmo contacto, quando estávamos juntos. Era apenas o que era, e nada mais, nunca mais. Não me sentira especialmente infeliz ao despedirmo-nos, mas paralizado e de certo modo aliviado também. No dia da minha partida almoçámos em Spring Street, onde nos encontrámos pela primeira vez. Depois ficámos um pouco face a face à esquina de West Broadway, antes de eu mandar parar um táxi. Se nesse momento ela tivesse mudado de ideias, tudo teria sido muito diferente, mas bateu-me apenas

cordialmente no peito da camisa dizendo que me portasse bem. Tive vontade de lhe dizer a mesma coisa, mas limitei-me a sorrir e beijá-la sensatamente na testa, antes de me sentar no táxi e pedir que me levasse ao aeroporto. “Nice lady, but very slim”, disse o motorista com um amável sotaque paquistanês, subindo West Broadway. “Yeah, very nice”, respondi, voltando-me no assento para apanhar um último relance da sua vulto esguio pelo vidro de trás, desaparecendo a passos largos e ligeiros por entre os peões, já impossível de distinguir das outras silhuetas de gente em no movimento.

9

A Astrid passou só uma noite no Porto, antes de continuar para o sul. Segundo o extracto do banco, usou de novo o seu MasterCard numa estação de serviço perto de Aveiro, e almoçou depois em Coimbra. Ao fim da tarde instalou-se num hotel em Lisboa onde passámos uma semana, na Graça, com vista sobre a cidade e o rio, nesse Outono de há sete anos, quando regresssei de Nova York pela segunda vez, como se nada tivesse acontecido. Antes de sair do Porto, talvez tenha ido a Matosinhos, à praia deserta frente aos depósitos de petróleo e aos barracos e cafés fechados. Talvez tenha ido até onde fomos naquela nortada, no cheiro a sal e algas da ressaca estrondosa que chegava ao cimo da praia. Talvez estivesse nevoeiro e não conseguisse ver o horizonte, apenas o brilho mate e buliçoso do mar a luzir como cobre ao longe, onde se confunde com a neblina. Quando me foi buscar ao aeroporto de Kastrup, propus-lhe logo no carro que fôssemos a Portugal, só os dois. Não sei por que razão tinha de ser Portugal, talvez por nunca lá termos ido. Viera-me à ideia no avião, lendo a revista de bordo, estudando o atlas com o globo recortado e desdobrado como asas de borboleta, mundos separados ligados apenas pelas rotas da companhia, linhas vermelhas que se cruzam e convergem nas grandes cidades. Pusera o dedo em Nova York, Coney Island, e traçara um paralelo no Atlântico entre 41° e 42° Norte, dando à costa cerca do Porto. Fôra um ano difícil, disse-lhe eu, com o meu livro e tudo o mais. Precisávamos de estar um bocadinho a sós. Talvez a minha mãe pudesse ficar entretanto em nossa casa, e à noite, quando ela fosse para o teatro, o Simon já tinha idade para tomar conta da Rosa. A Astrid sorriu surpresa, seguindo o trânsito. Por que não?

No avião, enquanto o céu escurecia sobre o deserto acidentado das núvens, a paralisia aliviara aos poucos, e eu pasmava comigo mesmo. Como chegara a esse ponto? Como pudera depor

a minha vida nas mãos esguias de uma mulher praticamente desconhecida, à sua disposição? Fôra a Elisabeth apenas uma oportunidade, um pretexto? Andava a separar-me da Astrid há anos, sem o saber? Lembrei-me outra vez da conversa com a minha mãe, na praia e por entre os pinheiros retorcidos e derreados. Talvez ela tivesse razão, talvez eu devesse repensar uma ou duas interrogações sem resposta num sofá de couro cor de conhaque, num apartamento subalugado com mosaico castanho na casa de banho. Mas nem eu nem a Astrid ficaríamos mais felizes por isso. Seria o mosaico castanho que me assustava, a perspectiva de dar num triste solitário aquecendo congelados num micro-ondas subalugado, fitando desanimado a chuva lá fora? A solidão vagabunda desse tipo à mercê das correntes e rodopios das horas vagas? Seríamos mais felizes continuando juntos? Ocorreu-me de novo a pergunta que a Inês me fizera uns anos atrás, num café da Place de l'Alma. O tempo passara e a pergunta ficara no ar desde então, como uma lua atrás das árvores da estrada, quando viajámos de carro à noite. Fôra essa brutal e indiscreta questão de felicidade que me levava a crer ser mais que tempo de escapar. Mas quem pusera a questão? Já agora, que estava a virar a minha vida inteira do avesso: não fôra a Elisabeth, no fundo, apenas uma suplente da Inês? Uma vingança retardada da mais antiga, bolorenta e malcheirosa derrota da minha juventude? Ou na realidade da Astrid, que eu pusera no papel da Inês, para ter de quem me vingar? Seria o infeliz jovem à janela o meu ser mais profundo e incorrupto, vendo a Inês desaparecer entre flocos de neve, num Inverno de há muito tempo? Ou seria isso exactamente a minha maior ilusão? E nesse caso seria eu mais do que a soma das efémeras sombras desfiguradas que eu mesmo projectara na retina de várias mulheres, por trás dos seus olhares impenetráveis? Seria eu mais do que essa mutação permanente? Talvez fosse o cansaço, talvez fosse a turbulência sobre o Atlântico que me dera vertigens e a sensação

de que os meus pensamentos eram outras tantas máscaras caindo em espiral uma a seguir à outra, no escuro da baía do Labrador, sem jamais ter avaliado todas as hipóteses de interpretação e de engano.

A Astrid deve ter chegado a Lisboa ao fim da tarde. Se conseguiu um quarto para a rua, deve ter ficado na varanda a olhar para os telhados entre a muralha do Castelo e o rio tão largo que a outra margem se apercebe apenas como uma orla difusa e azulada, quando chove. Imagino que tenha ficado ali um bocado de olhos fechados contra a claridade do céu, enquanto a chuva lhe cai no cabelo, lhe pica a testa e a cara e lhe trespassa a blusa como leves dedos frios tocando-lhe nos ombros. Talvez tenha inalado assim o cheiro da poeira quente molhada. Talvez tenha estado assim uma vez mais, antes de voltar para dentro e se deitar na cama sem se despir. Deixei a porta da varanda aberta, se bem que já estivesse fresco, e tirei-lhe os sapatos antes de me deitar a seu lado. Ainda não tínhamos aberto as malas. Passei-lhe um braço em volta, com a cara escondida na sombra entre nós. Tínhamos chegado, Lisboa era a nossa meta, a última cidade da Europa, como ela dissera com um sorriso exausto quando a auto-estrada se entranhou finalmente pela periferia dos escalavrados bairros de betão. Deitara-se de costas para o ar e eu pusera-lhe a coberta da cama por cima. Acariciou-me o cabelo com dedos calmos e vagarosos, e senti o ar quente das suas narinas, tal como um ligeiro cheiro a suor, o cheiro dela. E ficámos assim quietos os dois, eu com uma mão nas suas costas, sentindo-lhe a respiração contra a palma como um leve movimento lento dos rins sob a pele quente entre a blusa e o *collant*. Não sabia se ela adormecera. Ter-se-ia afinal apercebido de algo no meu silêncio, ter-se-ia aberto uma pequena brecha nos seus pensamentos, por onde entrava uma ponta de frio? Ar de um mundo diferente, que só à tona se parecia com o mundo em que vivia a meu lado, havia um bom bocado. O seu mundo podia estar no meu, mas o

meu não cabia no dela, estabelecera-se essa diferença ao deixarmos de estar a par das mesmas coisas. Como evitar diminuí-la? Não a deveria deixar, agora que vivíamos cada qual em seu mundo? Não lhe desperdiçara já demasiado tempo com a minha melancolia egoísta? Podia pelo menos ter-lhe contado o que acontecera, dando-lhe a possibilidade de decidir por si própria, se poderia ou não respirar no mundo donde eu lhe observava os olhos fechados, como se dormisse, tão perto dos meus. Podia-lho ter contado nessa tarde de Outubro em Lisboa, enquanto se ouvia a chuva na varanda, o correr das cortinas metálicas encerrando as lojas e as motorizadas trepando a rua Senhora do Monte. Mas não disse nada, e foi a minha maior cobardia. Não por ter estado prestes a deixá-la para viver com outra, mas por de facto ter voltado e feito com ela aqueles quilómetros todos até Lisboa. Por ter voltado de gatas com a minha derrota estrangulada num segredo, como se apenas tivesse havido um curto circuito, um mero incidente técnico. E por ficar ali calado como se não houvesse nada a dizer. Por que diabo não a deixara? Por que voltara tão cobardemente para a sua beira quando a minha pequena aventura abortara, levada pela corrente como todas as oportunidades que se perdem ou nos roubam no decorrer dos anos? Por comodismo? Com medo da velha e pesarosa solidão, de que me lembrava tão bem? Certamente, mas não só por isso.

Nessa tarde chuvosa em Lisboa, passando pelas brasas ao lado da Astrid na penumbra do quarto de hotel, estafado da grande tirada, não tinha a certeza se acordara de um sonho ou se adormecera de novo, após ter estado uns meses acordado. Quando a encontrei, fôra como se acordasse do meu jovem sonho com a Inês. Ao encontrar a Inês, fôra como se acordasse da minha mocidade sonhadora. Com a Elisabeth, fôra como se tivesse estado a dormir há anos. E quando voltara para a Astrid, reconheceu que o meu sonho de uma vida diferente apenas se devia a um par de olhos cinzentos pálidos, que nunca me tinham visto senão como

eu era: um homem casado, que porventura se lhe atirara por aborrecimento, quiçá por desespero, provavelmente por ela simplesmente estar lá. Talvez tivesse passado toda a minha vida a sonhar, talvez seja assim que todos passamos a vida, até ao momento em que, mais dia menos dia, acordamos mesmo para nada. Talvez não possa ser doutra forma, talvez respiremos pelos sonhos, em mundos diferentes, aconchegando-nos no sono uns aos outros. Pensava assim deitado ao lado da Astrid numa tarde em Lisboa sete anos atrás. Parara de chover, a penumbra azul alastrava-se à nossa volta e sentia o calor do seu corpo contra o meu no fresco da noite. Ela adormecera. Franziu a testa, resmungou algo que eu não percebi, e o rosto acalmou-se outra vez. Não fazia ideia nenhuma do que sonhava. A minha mão ficara dormente e insensível de estar pousada há tanto nos seus rins. Tirei-a com cuidado e pus-me a pé. Não lhe via bem a cara meio apagada pelo escuro, quase irreconhecível. Fui para a varanda, acendi um cigarro e fiquei a olhar para as luzes dos candeeiros públicos que se ramificavam em inúmeras constelações, e para os faróis de automóveis que subiam e desciam no escuro. Já não se via o rio, imaginava-o onde a rede de luzes se extinguía num negrume impenetrável, alastrando-se até aparecerem outras luzes ligeiramente palpitantes, na outra margem.

Devo ter ficado um bom bocado a olhar para a fotografia da Elisabeth, do marido e do filho sorrindo com olhos encarnados pelo flash, frente à casa de madeira pintada de branco, em Vermont. Talvez demais, pois lembro-me do agente tossir e perguntar se eu queria a direcção deles. Disse que não, muito obrigado, e sai da galeria em Wooster Street. Fui ao cinema, só para estar num sítio com outras pessoas sem ter de falar com ninguém, comi num restaurante japonês e mais para a noite tomei um táxi para o hotel em Lexington Avenue. Quem sabe, talvez o pequeno instantâneo da vida da Elisabeth me tivesse perturbado mais se a Astrid

esperasse por mim em Copenhaga, se lhe pudesse ter telefonado do hotel, se pudesse contar que ela atendesse o telefone por estar de costume em casa a essa hora. Mas era apenas uma fotografia de família de uma mulher que conhecera outrora, agora quase tão estranha como o homem desconhecido com quem se casara. Talvez a verdade seja tão indecorosamente banal como a aparente inconsistência do significado que, por uns tempos, se atribui a uma cara, aos traços que tão casualmente acolhem a prazo as nossas delicadas esperanças. Ver de novo a Elisabeth fôra tão indolor como deparar com a Inês na multidão há uns anos, quando eu saía de um cinema com a Astrid. Se no entanto ficara um pouco triste confrontado com as minhas velhas chamadas, não era só porque entretanto tivessem ficado em cinzas, mas também por se terem apagado tão depressa. Queimara-me não obstante, e se bem que não me lembrasse da dor, lembrava-me pelo menos de ter doído. Agora eram as minhas recordações da Astrid que me queimavam. Levantei o auscultador e marquei o número de casa. Nunca se sabe. Enquanto o telefone tocava vi-me reflectido no ecrã do televisor apagado, um vulto pardo encurvado, sentado na beira da cama do anónimo quarto de hotel. Apanhei o telecomando e liguei o aparelho, só para me livrar do solitário anónimo no vidro abaulado do ecrã. Desliguei o som e segui alheio as rudes imagens da reportagem. A cheia de um rio, não sei bem onde. Árvores, sinais de trânsito e telhados emergiam ermos da água lamacenta. Por que não desistir da chamada? Imaginava o apartamento vazio, as nossas janelas que davam para os *Søerne* apagadas e as janelas iluminadas nas fachadas da outra margem. E se a Astrid voltara? Um helicóptero militar pairava quieto no ar, o rotor encrespava a superfície em pequenas ondas concêntricas que se propagavam em todas as direcções à volta de um pequeno barco a remos que atracara ao primeiro andar de uma casa de onde se içava agora um corpo numa maca, enfaixado como uma múmia, girando em torno

de si próprio. A Rosa atendeu o telefone. Acordara-a, eram seis da manhã lá em casa. Senti que ficara contente com a minha chamada. Perguntei-lhe se mudara para casa outra vez; ela riu, que estava cansada de namorados. Tinha mais do que um? Riu outra vez. Era isso mesmo que eu queria saber? Perguntei se tinha notícias da Astrid. O repórter encarava gravemente a câmara falando para o seu microfone, sem uma palavra. Ela tentara telefonar à Gunilla em Estocolmo para saber quando a mãe pensava voltar, mas ninguém respondera, deviam estar ainda na *Skargaard*. Achava bestial, que a gente se entendesse a viajar assim cada qual por seu lado, deixando o outro em paz. O repórter estava de oleado, mexendo os lábios entre as casas da cidade submersa. Mas o Simon telefonara de Bolonha, onde encontrara uma miúda por quem estava malquinho, e que não contássemos vê-lo tão cedo. Disse que me ia buscar ao aeroporto, e fui buscar o bilhete para lhe dar o número do voo e hora de chegada.

Fiquei sentado frente à torrente ininterrupta das pessoas que falavam na televisão, saltando de um para outro sítio do mundo em apanhados amputados e excertos incoerentes. Era tarde, estava cansado, mas sabia que não adiantava deitar-me. Lembrei-me da velha ideia do tempo como um rio, aparentemente imutável, mas nunca o mesmo. Tentei recordar os sete anos que haviam passado desde que a Astrid e eu fomos de carro a Lisboa e andámos por lá juntos ao acaso, pelos becos do Bairro Alto e de Alfama, entre velhos eléctricos desengonçados e os azulejos geométricos ou *belle époque* das fachadas enferrujadas. Não se passara nada de especial, o tempo estava ainda a nosso favor, os miúdos haviam crescido e envelhecêramos um pouco enquanto a Astrid montara os seus filmes e eu escrevera sobre os meus pintores. Não conseguia distinguir-nos, os meses e os anos fundiam-se numa espuma informe e instável, só nos via em tiras de dias ou de horas desligadas que se retorciam e volteavam como folhas mortas nos

redemoinhos da corrente, antes de desaparecerem. Recordar o episódio com a Elisabeth fôra como pensar numa história incrível que tivesse ouvido, primeiro abanando a cabeça de espanto, depois com um encolher de ombros. Como se com o tempo não haja grande diferença entre o que vivemos, e o que ouvimos falar ou vemos na televisão. Fôra mesmo eu, ou estivera apenas um pouco fora de mim, abalado por um breve ataque de seis meses, um último testemunho revolucionário e indomável antes de por fim dar em adulto? Passados uns meses ficara aliviado de ter poupado à Astrid a confissão da minha escapada. Por que razão haveria de a ferir desnecessariamente, agora que eu próprio superara as minhas fantasias de uma vida nova e diferente? Assim consolava a minha pobre consciência. Ainda me embaraçavam os seus olhos pequenos ao encontro do meu olhar. Não só por vergonha da minha traição, mas também por ter realmente considerado a hipótese de poder escapar de mim próprio e transformar-me num outro diferente daquele em que me tornara durante os anos passados com ela e com os miúdos. E quem seria eu então? Se o meu lugar não fosse ao lado da Astrid no apartamento dos *Søerne*, onde haveria então de ser? Quando os miúdos aliviaram a dependência de nós, começando a viver a vida deles, os dias também cresceram, já não eram tão apertados como dantes, e quando nos víamos à noite no apartamento sossegado, ficávamos às vezes quase embaraçados, quase varados pelo tempo de facto ter passado. Havíamos encontrado um ritmo mais solto e calmo de separações e encontros, agora que de repente tínhamos a possibilidade de nos concentrar cada qual nas suas coisas, fazendo mais ou menos o que nos apetecia, por já não ter tanta importância a que horas exactamente chegávamos a casa.

Deixara por fim de me pôr a questão de ser feliz ou não, perdera o interesse, mas também já não adiantava. Nem se podia andar sempre feliz todo o dia, babados num único e longo espasmo

trémulo de felicidade, desde a manhã até finalmente adormecermos com um sorriso idiota nos lábios húmidos. Pensava na minha mãe, que constantemente tentava dar a impressão de estar em êxtase, “viver num vulcão” como ela diz. Talvez, mas nesse caso vulcões extintos, crateras estéreis de lava ressequida. Se era feliz? Atirara-me à Elisabeth por pensar que me faria feliz? Antes pelo contrário, para me safar da minha felicidade num ataque de claustrofobia. Desde criança que a descrição bíblica do paraíso me punha irascível, devia ser uma chatice, tanta cantoria e luxo, e talvez fosse esse mesmo sabor insípido a eternidade que me pusera nervoso e me dera ideias de planos rebeldes com a Elisabeth. A sensação de conhecer o meu próprio futuro com a Astrid e os miúdos, ou a sós com ela, quando um dia deixássemos de ter o Simon e a Rosa como um assunto entre nós. As vitórias e as derrotas do trabalho, o aborrecimento matrimonial e os esporádicos ataques de desejo, os passeios de domingo, jantares com amigos, conversas profundas ou fúteis sobre isto ou aquilo, viagens de férias, visitas a museus, idas ao cinema e o que se faz para passar o tempo. O catálogo completo mas estranhamente desenxabido de “actividades interessantes” que os pobres solitários livres, vigorosos e financeiramente desafogados enumeram nos anúncios de casamento, tentando parecer sedutoramente normais. Uma perspectiva de repetições como num café parisiense forrado de espelhos, em que o interior se reproduz num corredor infinito de imagens onde levantamos de novo o mesmo copo de vinho com um cigarro entre os dedos, de novo, de novo, continuando os mesmos, extenuantemente os mesmos, até ao ponto de fuga da perspectiva. Felizmente fôra apenas mais uma alegórica ilusão de óptica, não era bem o mesmo dia para que acordava todas as manhãs ao lado da Astrid, se bem que por vezes parecesse sê-lo. Nem éramos exactamente os mesmos, ano após ano. A novidade deixara de ser uma questão de distâncias que se superam, de mundos novos

ou de outras vidas a explorar, agora que voltara para a Astrid após a minha fuga mal sucedida.

A novidade não residia no facto de nos orientarmos numa ou noutra direcção, residia em nós próprios, brotando lenta e imperceptivelmente da repetição de espirais monótonas. Só de longe a longe, com meses de intervalo, reparava que o corpo esguio da Rosa ganhava formas, que se acentuava uma ligeira sombra no lábio superior do Simon, que aparecera mais uma madeixa branca no cabelo castanho da Astrid ou, ao fazer a barba uma manhã, que os meus traços entre o nariz e o canto da boca me pareciam de repente mais vincados. Não sentíamos o tempo passar connosco, talvez por vivermos em vários tempos paralelos. A Astrid continuava a ser a jovem que numa tarde de Inverno confortara o seu filho no banco traseiro do meu táxi. Eu era ainda o jovem que numa noite de Verão se sentara entre as rosas bravas frente ao mar repetindo o seu mantra exorcista, “aguenta, aguenta”. Ela era simultaneamente a mulher que eu queria ter deixado, e a mulher para quem voltara, e eu era o homem que alternadamente a vira como a minha salvadora e a minha guardiã, como o inesperado alívio libertador da minha vida e como o peso que me acorrentava ao eterno ramerrão dos dias. Quando se sentava ao telefone tagarelado com a Gunilla em Estocolmo, pasmava-me porque se tornara a mulher da minha vida. E quando entrava na sala para pôr no peitoril da janela um vaso de tulipas brancas cujos caules chiavam ligeiramente uns nos outros, ficando ainda de casaco a olhar para a água crispada dos *Søerne*, espantava-me como jamais encarara a hipótese de a deixar. Quando entrava no quarto e a via nua na cama fitando-me com um olhar óbvio, tinha por vezes mais vontade de me aconchegar a ela de costas e dormir. Mas se combinávamos encontrar-nos num café da baixa e eu a avistava lá fora à chuva, atravessando a rua e afastando distraída o cabelo molhado da testa, um segundo antes de me ver, podia-me dar um desejo tão forte

dela, que tinha de dobrar o jornal e pô-lo no colo. Não era a tagarelice ou as tulipas, a sua nudez, o olhar óbvio ou a mão no seu cabelo molhado, que em si tinham importância; nem era apenas algo em mim mesmo. Era o contínuo intercâmbio entre o que acontecia à minha volta e o que se passava comigo, entre um presente que nunca se repetia, onde repetidamente nos encontrávamos, e as minhas recordações movediças que se manifestavam à vez, sempre noutra luz e com um sentido ligeiramente diferente.

Mas como fui de uma para a outra? Como pude meter-me num avião rumo a oeste, atravessando o Atlântico convencido de que tinha de deixar a Astrid para me livrar da repugnante perspectiva de repetições intermináveis, e nem sequer uma semana depois, num avião idêntico, rumo a leste, lembrar-me de irmos juntos a Portugal? Após ter perdido de vista a Elisabeth entre os outros peões como uma silhueta entre outras silhuetas no contraluz de West Broadway, restava-me aquela ternura silenciosa e tacteante que sentira pela Astrid umas semanas mais tarde em Lisboa, quando me deitara ao fim da tarde com o braço em torno dela, escutando a chuva na varanda. A ternura com que os seus lábios e a sua pele invocavam por si mesmos as minhas mãos e os meus lábios, a velha intimidade de respirar lado a lado, enquanto escurecia lá fora. Uma ternura que se impunha independentemente do que eu pensasse dela ou de nós. As palmas das minhas mãos conheciam cada recôndito, cada relevo do seu corpo, como se o seu corpo e as minhas mãos, as suas mãos e o meu corpo se houvessem formado reciprocamente. As minhas carícias tinham mais o carácter de imponderáveis factos consumados do que perguntas à espera de respostas. Não tinha importância por que amávamos, quando fazíamos amor. Não podia saber quanto ou quão pouco ela sabia, nem eu próprio sabia mais que pensar de tudo o que acontecera e do que se passara comigo ao longo dos anos, no meu alucinante hesitar de sempre entre dúvidas e esconjuros, entre perguntas sem

resposta e esperanças esmorecidas. Talvez como eu se tenha apercebido de que o percurso e os rostos não têm importância em si mesmos, os caminhos que se ramificam pelo desconhecido, os rostos que vêm ao nosso encontro com olhares estranhos, em que podemos ser seja quem for. Talvez também tenha reconhecido que ao princípio não importa o rumo que tomamos, nem com quem o seguimos, por o nosso amor não se importar com quem amamos, desde que lhe dêmos vazão pelo caminho, pela senda que trilhamos, através dos olhos que entretanto prendemos aos nossos. Talvez também tenha descoberto que a nossa história tem um preço, que temos de a contar nós mesmos, só a conhecendo tendo-a contado. Que nunca podemos de antemão saber o que significa. Que tem de ser contada a par e passo, dia após dia, quer a contemos hesitantes ou decididos, confiantes ou desesperados. E deve também ter hesitado, e parado a averiguar se andava perdida, levada pelas acidentais ramificações dos anos a braços com o homem errado, arrebatada pela urgência cega do seu amor em se derramar por onde pacientemente lhe abriera caminho. E por fim uma manhã fizera a mala, ficando à porta do nosso quarto já de casaco, à espera que eu acordasse.

Ter-se-ia a certa altura sentido diminuída a meus olhos, onde se instalara como se lá morasse? Tivera de me deixar e de ficar sozinha, por ter ficado tão pequena no meu olhar distante, que quase desaparecera, ela que há vinte e cinco anos não estava sozinha? Ou sentira acanhado o espaço que o meu olhar outrora lhe abriera, onde pela primeira vez se sentira à vontade, e pensara poder correr como quisesse sem desaparecer? Reconhecera que também eu a formara, até não ser mais do que aquela que vivia a meu lado? Quando se apercebera que uma mulher estranha tentava respirar pelo seu nariz e pela sua boca, uma mulher de quem eu nunca me apercebera, por detrás dos seus traços? Quando vira os olhos da desconhecida pelas frinchas estreitas do seu rosto ao

espelho, onde normalmente encontrava o seu olhar bem conhecido? Olhos que a olhavam espantados de como a sua vida se tornara, como se tal tivesse acontecido enquanto dormira. Talvez os tenha encontrado pelo caminho nos espelhos dos quartos de hotel, esses olhos desconhecidos e contidamente pasmados, esperando por ela em San Sebastian, Santiago de Compostela, no Porto e em Lisboa. Talvez entretanto me tivesse olhado com o pasmo deles, pondo-se a questão se esse homem de facto era quem ela amara, e se o amava ainda. Mas por que esperara tanto tempo? Por que não me deixara nessa altura, para se encontrar com a desconhecida atrás dos espelhos? Duvidara que a outra pudesse respirar por si própria, sem a máscara protectora do seu rosto habitual? Esperara que eu lhe contasse o que ela há muito presumira pelo meu silêncio, até que entendeu ter esperado demais? Esperara que lhe confessasse também não ser eu bem quem eu pretendia? Ou já tomara a sua decisão nessa altura? Ficara comigo por causa dos miúdos, até serem tão crescidos que já não tivesse tanta importância? Não posso saber o que leu no meu rosto, o que entreviu no meu olhar, enquanto andávamos pelas ruas íngremes do Bairro Alto, indecisos e perplexos, como costumam andar os turistas numa cidade estrangeira, por no fundo não terem nada a fazer ali. Deve ter parado, olhado e escutado mais do que eu julgara. A cidade estava sempre de permeio entre nós com os seus eléctricos e os seus azulejos fuliginosos, o rio reluzente e o fumo dos vendedores de castanhas, a cidade em que eu esperara encontrá-la de novo. Não tínhamos ali nada a que nos atermos, tão longe da nossa terra, só as palavras do outro, que se esgotavam depressa no estranho e insaciável silêncio. Só tínhamos o corpo do outro no anónimo quarto de hotel, onde após a nossa chegada eu me agarrara a ela como um náufrago, escutando a chuva na penumbra, sentindo o ar fresco da tarde.

Fôra ela feliz? Fôra feliz comigo? Penso que sim, no princípio,

quando eu lhe respondera à inquietante novidade da sua gravidez com o meu jovem e leviano “por que não?” Quando com o meu impensado, arriscado e intrépido “por que não?” apostara e dera o salto para o desconhecido, descobrindo para meu espanto ter aterrado de pé, após andar em órbita durante meses no meu táxi, como um astronauta solitário à volta da terra. Acho que fora feliz comigo, nos anos que se seguiram a essa noite de Verão à beira-mar, em que me sentara ao cimo das escadas entre as rosas bravas conjurando-a com o meu mantra: “aguenta, aguenta”. Houve uns anos, enquanto a Rosa era pequena, em que estive presente de corpo e alma. Talvez por isso mesmo os recorde tão mal. Enquanto ela aprendera a andar e a falar fui apenas um homem feliz e cansado que se votara às horas e aos dias, ao sabor da sua deriva descuidada. Estava então a meio da minha vida, nunca estive tão próximo desse centro, e íamos passando, a Astrid e eu, de um dia para outro, sem pensar bem em que direcção. Suponho que ela também vira assim esses anos, mais tarde, quando começou a sentir o ar frio do desconhecido insinuar-se por uma frincha na sua noção de nós dois. Quando eu comecei a ficar alheio, quando ela começou a notar incerteza no meu silêncio embaraçado, no meu olhar hesitante, um embaraço súbito quando me deitava a seu lado.

Devo ter adormecido. Já era noite, quando acordei no quarto de hotel na rua Senhora do Monte. O lençol estava frio, onde sentira o calor da sua anca na minha mão. Chamei por ela, mas não estava. Fiquei sentado na borda da cama a olhar para as luzes cintilante de Lisboa. Podiam ser luzes doutra cidade qualquer. Calcei os sapatos e descí à recepção, onde me disseram que ela saíra há meia hora. O hotel ficava num bairro calmo de ruas estreitas e íngremes. Pensei poder encontrá-la se desse uma pequena volta pelas redondezas. Não devia ter ido longe. Havia pouca gente na rua. Duas mulheres de meia-idade e avental conversavam baixinho numa entrada. Um par passava numa Vespa, ela de cara colada às costas do rapaz.

Senti de repente cair-me água no cabelo, e correr-me fria pelo pescoço. Olhei para cima e deparei com um velho a regar plantas numa varanda. Ergueu a mão num gesto de saudação e de desculpa, dizendo qualquer coisa que não percebi. Uns rapazes jogavam à bola no terreiro entre os plátanos do pequeno largo. A terra tinha um ar irreal devido à luz amarela da iluminação pública e às sombras cruzadas dos caules e dos ramos. As fachadas escalavradas pareciam bastidores de teatro sob a luz crua. Através das persianas ouvia-se a voz enérgica de um locutor da televisão assim como outras mais suaves e dispersas, à mistura o tinir de porcelana. Sentei-me num dos bancos sob os plátanos, acendi um cigarro e fiquei a ouvir os gritos dos rapazes, o barulho surdo da bola contra a terra assim como os sons simultaneamente alheios e familiares que me chegavam das varandas abertas. Fôra naturalmente dar apenas uma volta, tal como eu, mas já tinha saudades dela como quando estava de viagem numa cidade estrangeira e a deixava em casa com os miúdos.

Tentei imaginar como teria sido, se a tivesse deixado. Que em lugar de lhe ter sugerido esta viagem, lhe tivesse contado o que acontecera em Nova York, quando me fôra buscar ao aeroporto como de costume. Podia-lho ter dito logo no carro, ou mais tarde no nosso quarto, quando os miúdos tivessem ido para a cama. Não sei como ela teria reagido. Se teria rompido em choro e desespero, ou se apenas me escutaria fitando-me do mesmo modo que à porta do quarto, na manhã em que partiu. Imaginei como contaria aos miúdos, como a Rosa choraria e como o Simon se calaria embaraçado. Como eu hesitaria um pouco com a Rosa nos braços antes de nos separarmos e eu ir-me embora. Teria então alugado um apartamento, talvez aquele em que pensara instalar-me com a Elisabeth, mobilando um quarto para a Rosa onde imaginara o *atelier*. E teria ido buscá-la ao apartamento dos *Soerne*, tal como o grisalho realizador de cinema ia buscar o Simon nos

fim-de-semana tentando simular por uns dias o que costumava ser. Ela estaria pronta à minha espera com uma pequena mala e uma boneca, e haveria um momento em que ficaria entre nós, antes de beijar a Astrid e descer-mos as escadas, um breve instante em que a Astrid e eu seríamos forçados a olhar um para o outro. Que pensaríamos então? Que a Rosa era tudo o que nos ficara? A única prova de outrora nos termos amado e julgado haver atingido o centro da vida, de onde tudo se divisava e tudo se podia contar? Ter-me-ia de facto instalado num apartamento subalugado com sofás de couro cor de conhaque e mesa de vidro fumado, lendo histórias à Rosa e pensando que ela fôra o resultado de um mal entendido, um erro de cálculo, uma momentânea falta de juízo? Nos sete anos que passaram desde que me sentara no pequeno largo da Graça a olhar para os rapazes jogar à bola, pusera-me várias vezes a questão, se no fundo ficara com a Astrid só por causa dos miúdos. Se fosse verdade, então deveria ter ficado aliviado quando eles saíram de casa e a Astrid uma manhã fizera a mala deixando-me entregue ao silêncio em que os miúdos nos haviam abandonado. Mas quando me deixara, já eu começara a crer que a vertigem e a dúvida se haviam entretanto equilibrado com o peso dos anos nos nossos corpos, e com a misteriosa ternura dos instantes imprevistos, quando de repente nos encarávamos de novo.

Se tivesse deixado a Astrid, teria talvez ido até Lisboa, a sós pela primeira vez em dez anos, numa cidade onde nunca estivera. E teria ficado a ver os rapazes jogar à bola no terreiro, seguindo as suas esguias silhuetas aos gritos na luz cor de laranja da iluminação pública, escutando os sons dispersos das casas em volta do largo, televisores, pratos e talheres tinindo, risos de pessoas desconhecidas. E não teria importância a cidade que fosse, absolutamente nenhuma. Não sei quanto tempo fiquei ali sentado no banco sob os plátanos, cinco minutos, talvez dez. Ouvia atrás de mim a voz electrónica e os sons estridentes e sincopados de uma máquina de

jogos. Voltei-me. Um rapaz da idade do Simon debruçava-se sobre o ecrã intermitente atrás do reposteiro de bambu à entrada de um pequeno bar. Ao balcão do bar, estava a Astrid. Acenou-me. Fui ter com ela. Tinha estado a olhar para mim lá fora. Aonde tinha ido? Encolheu os ombros e deu-me o seu sorriso enigmático. Ali! Afastei-lhe o cabelo da testa, reconhecendo logo a sensação da sua cara na minha mão, o mesmo gesto de outrora na minha cozinha, num Inverno de há muitos anos, da primeira vez que nos tocámos. Deve também ter reconhecido a carícia, pois sorriu outra vez, inclinando lentamente a cabeça, pondo a maçã do rosto na minha mão, que fechei em torno da sua nuca, apertando-a contra mim. Sentia a sua voz baixa como um leve bafo no pescoço. E tu?, perguntou ela. Onde estiveste *tu*? Aqui, respondi. Fitou-me com um olhar perscrutador e sorriu de novo, mais absorta desta vez, como se houvesse esquecido o sorriso nos lábios enquanto pensava no que via.

A Rosa riu quando lhe disse boa-noite; já que a acordara, ia comprar pão para o pequeno almoço. E sorri para comigo ao pensar no tempo que havia entre nós, ela no apartamento dos *Søerne*, eu no meu quarto de hotel em Lexington Avenue. Folheei um pouco o catálogo da exposição de Edward Hopper no Whitney Museum, e detive-me no quadro da jovem mulher recostada na cama, nua ao sol que entrava pela janela, olhando absorta para os telhados com um ar distante, talvez admirada pela ideia evidente de que o mundo é o que é, daqui até ali, sob o céu opaco e sem fundo. Que não é mais do que isso, nem mais nem menos. Deitei-me, apaguei a luz e fiquei a ver o contorno vago das coisas na instável claridade do ecrã e das janelas do prédio em frente. Na penumbra, era mais fácil recordar a Astrid, as reminiscentes imagens de instantes isolados que se esvaíam à medida que os tentava fixar, por a luz ser a luz de dias há muito sumidos. Pensei nas imagens do helicóptero sobre o rio que se alastrara entre casas e árvores, por campos e

bosques. Pensei que o tempo é não só um rio, mas um rio que constantemente sai das suas margens, obrigando-nos a fugir enquanto inunda tudo atrás de nós, fugir para o futuro de mãos vazias, sem levar nada connosco, enquanto apaga as nossas pegadas por cada passo que damos, por cada segundo que passamos. Só a nossa infeliz falta de contemporaneidade, a inércia dos sentidos, o poder ilusório da memória e do hábito é que nos poupam encarar o incógnito ao abrirmos os olhos pela manhã, dando à costa estranha de mais um dia, atravessando mais um lugar desconhecido, tendo apenas as recordações vagas e inconsistentes como aval de quem provavelmente somos. As gastas e desconexas recordações que já não distinguem entre o mundo por onde andámos, e as sombras que este entretanto projectou em nós durante a nossa constante fuga para a frente. Por vezes superamos o receio de tropeçar e voltámo-nos mais uma vez, e outra derradeira, pois não entendemos o que vem ao nosso encontro, nem as palavras chegam para o descrever, e assim fugimos às arrecuas das calamidades do tempo, até não sermos mais do que a história de tudo o que perdemos.

Julguei que ao escrever a minha história me aproximaria do ponto em que a perdi, mas todas as minhas frases foram apenas uma maneira de me distanciar, enquanto ela se afastava no sentido oposto. Julguei escrever sobre a Astrid, sobre a Inês ou mesmo sobre a Elisabeth, enquanto na verdade escrevia apenas sobre mim próprio; e quando pelo contrário tentei recordar o que pensei e senti durante esses anos, interpretei apenas as sombras efémeras e impalpáveis que uma Elisabeth, uma Astrid e uma Inês alternadamente projectaram no planetário do meu crânio, no meu murmúrio solitário. Julguei conhecer a Astrid, mas talvez ela já começasse a desaparecer nessa noite de Inverno da minha mocidade em que eu me levantara e fôra ter com a jovem mulher lavando a loiça na minha cozinha, parada com um prato molhado na mão,

olhando para o escuro através da sua imagem reflectida na janela. Essa desconhecida de olhos pequenos e sorriso enigmático que entrara no meu táxi, e a quem eu dera abrigo no meu apartamento por nenhum de nós saber que fazer dela. Talvez tenha ficado ainda mais desconhecida quando se virou para mim e eu lhe acariciei a cara como um primeiro sinal de querer conhecê-la. Talvez eu me tenha atravessado frente ao meu próprio olhar, talvez as minhas palavras tenham abafado a respiração sustida, o silêncio vivo que mais do que as palavras é a voz de uma pessoa. Talvez ela própria as tenha contido quando nos dias e anos seguintes me contara enxertos seleccionados da sua história, aos bocados casualmente resumidos e inacabados, como toda a gente, enquanto a vida continua e tudo já se tornou numa história completamente diferente. Porque as suas palavras já me eram dirigidas antes de serem pronunciadas, já estavam ditas e incorporadas na história que contávamos juntos ao falar de nós, falando do outro, e daqueles em que nos estávamos a tornar. Tal como há coisas que nunca lhe disse, deve haver outras tantas que nunca me contou, e tal como eu arranjei um segredo para guardar, deve haver gentes e coisas que ela escondeu de mim. Quando me libertou do meu sonho da Inês, muito antes de eu sonhar que a Elisabeth me libertasse de novo, houve um tempo em que a supus saber tudo o que havia a saber sobre mim, até mais do que eu. Julguei que ela me via como eu era, tal como senti conhecê-la acordando a seu lado e sussurrando o seu nome. Mas talvez nunca estivéssemos tão cegos como quando nos fitávamos nos olhos para nos darmos a conhecer um ao outro. Fizemos uma história juntos, e a nossa história acabou por abarcar as histórias anteriores, tornando-as digressões supérfluas e retrógradas no discurso contínuo da nossa vida comum. Mas deve haver em cada um mais do que se conta, do que ao fim e ao cabo se possa contar. A maior parte desaparece por entre as palavras, revela-se apenas como uma hesitação antes de abrirmos a boca,

no silêncio em que olhamos para o chão ou pela janela, sem saber bem o que dizer. Quando alguém desaparece definitivamente ficamos só a história, mas quando a Astrid partiu, deixou-me também o silêncio e o vazio que enchi com palavras, se bem que talvez tivesse sido preferível manter o vazio desobstruído, calando-me. Mas só tenho as palavras, sem as quais não conseguiria escutar o silêncio dela nos seus intervalos, nas frinchas e buracos da minha história por onde ela se retirou, tal como aparecera do nada numa tarde de Inverno com um pequeno rapaz pela mão.

Quando regresssei de Nova York a Rosa estava como prometera no aeroporto à minha espera. Eu dirigia-me para os táxis ao sair do átrio das chegadas, mas ela riu-se de mim abanando as chaves do carro entre os dedos. Tirara a carta de condução entretanto. Era agora definitivamente adulta. Guiava resoluta e insegura, arranhando a caixa ao mudar de velocidade, mas não fiz comentários. Perguntou se não me importava de lhe emprestar o carro por quinze dias, já que não me servia tanto dele. Combinara ir a Berlim com o namorado. Actualmente anda toda a gente por fora. Já arranjava outro? Sorrii abanando a cabeça; era o mesmo, decidira fazer mais uma tentativa. Pensei no artista instalador de cabeça rapada que na semana anterior estivera desesperado na minha cozinha vendo-me passar camisas a ferro. Mas emprestava-lhe o carro? A Astrid dissera que sim. Olhei para ela. A Astrid? Sorrii enquanto ultrapassava um autocarro, chegando logo à direita para evitar um carro em sentido contrário.. Ainda não recuperara do susto, tanto por ter momentaneamente encarado a morte direito a nós, como por causa da sua réplica casual. A Astrid telefonara? Sorrii paciente, como se considerasse que eu devia estar muito cansado. Sim, telefonara na véspera. Julgara que eu já estaria de volta. E de onde telefonara? Não sabia, de Estocolmo certamente, donde havia de ser? Tinha-lhe dito quando eu voltava? Franziu a testa a pensar. Não, nem ela perguntara, tinham falado de outra

coisa qualquer. Dissera quando contava estar de volta? Hesitou um pouco. Esquecera-se completamente de lhe perguntar. Deixou-me frente a casa, tinha pressa, o artista instalador estava à espera. Deu-me um beijo e fiquei ali apreensivo, vendo-a retomar o trânsito. Ouvia-se ao longe, a meter a mudança. A Astrid telefonara, telefonaria decerto outra vez. Talvez a última palavra ainda não estivesse dita.

Peguei no monte de cartas na mesinha da entrada e levei-as para o meu quarto de trabalho. Li repetidamente os extractos do banco de cima a baixo com as datas e os sítios onde a Astrid usara o seu MasterCard, uma narrativa lacónica de nomes e números sobre os seus movimentos. Deixara este rasto para me levar de novo a Lisboa, pela nossa rota de outrora. E ali me deixava agora, entregue às minhas recordações. Enquanto me sento, ainda de casaco, frente à minha vista sobre os *Søerne*, acaba talvez de acordar no hotel da Rua Senhora do Monte. Talvez se sente um pouco na borda da cama repousando o olhar na parte da cidade e do rio que por acaso é o seu panorama. Talvez espere ainda um bocadinho, antes de se vestir e sair do quadro. Imagino-a recostada numa nesga de sol, olhando nua para os telhados de Lisboa, para o rio amplo e para a outra margem, onde os pára-brisas de carros invisíveis numa fracção de segundo captam o sol, cujos reflexos atravessam o rio para a sombra desse quarto como rápidos e desconexos sinais de Morse. Talvez se admire de tudo ter dado nisto, como não pudesse ter sido doutra forma e nada estivesse no entanto decidido. Quando me recordo da Astrid em Lisboa sete anos atrás, ela anda só, não me vejo com ela em parte nenhuma. Sozinha, de olhos semicerrados contra o sol claro de Outono que faz brilhar os trilhos dos eléctricos nas ruas íngremes à sua frente. Fazia sol na manhã seguinte, e demos uma volta pela Graça, pelo mercado onde já desmontavam as tendas. Fomos indo sem saber bem aonde, descendo simplesmente rumo ao rio azul que estava sempre a aparecer entre os

telhados, quando as ruas se abriam a pique pelas casas. Não estou em nenhuma das fotografias de Lisboa, é só a Astrid, como se eu nem lá tivesse estado. Sentada na esplanada dum café do Rossio, perto do qual os eléctricos guincham ao dar a curva e o sol bate no fumo leve dos vendedores de castanhas, enquanto ela inclina a cabeça olhando para a chávena de café à sua frente, alheia num pensamento. De costas para mim, numa vereda do Jardim Botânico erguendo a cara de perfil num olhar atento às asas de um pássaro que esvoaça contra a folhagem densa das plantas sob a abóbada das árvores que coam o sol cujas manchas amarelas pejam o saibro e o seu casaco claro. Na amurada do pequeno cacilheiro que nos levou à outra margem, de óculos escuros e alvo sorriso frente à cidade branca. Tirou-me apenas uma fotografia, nas ruínas do convento do Carmo. Sem telhado, os pardais voam ao ar livre entre os muros nus e cheios de musgo. Estou de pé, na relva, sob as ogivas que se desenham contra o céu como costelas descarnadas. Sorrio ao fotógrafo invisível, mas demorou o disparo e o sorriso parou. Já não é de facto sorriso nenhum, apenas um esgar forçado e idiota ao encontro do meu próprio olhar, como se me visse por seu intermédio. Como se ao encarar-me a mim próprio abrisse um vazio onde ela já desaparecera.

UDDRAG FRA KATALOGET

Agustina Bessa-Luís

DE BLANKE FELTER, *roman*

7 KORTE, *noveller*

- *Rotten*
- *Dominga*
- *En kold vinter*
- *Skt. Petersborg*
- *Kameliadamen*
- *Brudevals og fuga*
- *Flodens moder*

NATTEVAGTEN, *roman*

KVINTESENSSEN, *roman*

EN HUND DER DRØMMER, *roman*

ABRAHAM'S DAL, *roman*

KIERKEGAARDS UMMIDELBARE

EROTISKE STADIER, *skuespil*

Almada Negreiros

ET DÆKNAVN, *roman*

KVINDE ØNSKES, *skuespil*

Almeida Faria

VANITAS, *essay om Gulbenkian*

SEBASTIAN EROBREREN, *roman*

Bjarne Mouridsen

MIT ANDET HJEMLAND

Rejser i Portugals kultur, essays

J.E. Agualusa

SLØREDE GRÆNSER, *essays*

Catherine Deneuve

I MIN EGEN SKYGGE, *dagbøger*

Emil Dalhoff

A LIFE AT WORK,

J.B.Dalhoffs bibliografi på engelsk

Jens Riise Kristensen

BARBARIET TUR RETUR, *essay*

PITCAIRN -

En sang fra de varme lande, essay

I TYKT & TÖLT, *tegneserie*

Britta Nielsen

ALFRED HANSENSs BREVE FRA
AUSTRALIEN & NEW ZEALAND

brevesamling

Jorge Braga's fotobøger:

PARIS BILLEDER

LONDON BILLEDER

KØBENHAVN BILLEDER

PORTO BILLEDER

NORDNORDVEST BILLEDER

HOLLAND BILLEDER &

NATTEVAGTENS DOURO

ØRBY-bøgerne kan fås hos enhver boghandel
ikke mindst hos

RÆVEN & PINDSVINET

på

Vesterbrogade 176

FREDERIKSBERG C

men også ved direkte henvendelse til OERBY.DK



A Astrid na amurada, de costas para a cidade. O vento levanta-lhe o cabelo castanho como uma bandeira esfiapada. Está de óculos escuros e sorri. Há uma afinidade perfeita entre a cidade e o branco dos dentes dela nesta fotografia que tirei há sete anos, pela tarde, num dos pequenos cacilheiros do Tejo. Só à distância se percebe por que se chama 'cidade branca' a Lisboa, quando as cores se misturam e as fachadas de azulejo se fundem em reflexos de sol; a luz baixa incide horizontalmente nas casas ao longe, que se erguem atrás umas das outras sobre o Terreiro do Paço, nas colinas do Bairro Alto e de Alfama, no outro lado do rio. Há um mês que partiu. Ainda não tive notícias dela.